UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

THIAGO DE ALMEIDA

O conceito de amor:

um estudo exploratório com uma amostra brasileira

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Aprendizagem.

Orientador: Prof. Dr. José Fernando Bitencourt Lomônaco

São Paulo, SP

2017

THIAGO DE ALMEIDA

O CONCEITO DE AMOR:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM UMA AMOSTRA BRASILEIRA

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e Aprendizagem.

Orientador: Prof. Dr. José Fernando Bitencourt Lomônaco

São Paulo, SP
2017

AUTORIZO A DIVULGAÇÃO PARCIAL DESSE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE. A REPRODUÇÃO COMERCIAL, EM TODO OU EM PARTE, POR QUALQUER MEIO, SOMENTE É PERMITIDA COM A EXPRESSA AUTORIZAÇÃO ESCRITA DO AUTOR DESTE TRABALHO.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo autor

Almeida, Thiago de
O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira / Thiago de Almeida; orientador José Fernando Bitencourt Lomônaco. -- São Paulo, 2017.
261 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Amor. 2. Formação de conceito. 3. Conceito. I. Lomônaco, José Fernando Bitencourt, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Thiago de Almeida.

Título: O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovado em: 05 / 05 / 2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Assinatura: _____

APRESENTAÇÃO

Por que minha decisão em estudar o amor? Lembro-me que desde criança e da minha forma, eu me interessava em conhecer mais e mais o tema amor. Recordo-me de ter montado uma pasta de recortes de jornais e de revistas, cujo conteúdo tematizava algum aspecto interessante, a meu ver, acerca dos relacionamentos amorosos. Assim, desde criança, o amor era um tema que me fascinava a ponto de eu querer estudar como as pessoas se unem, o (s) porquê (s) delas se separarem e fatores que promovem a manutenção para os mais diversos casais. Em suma, sempre pensei em me tornar um "cientista do amor".

Com o passar do tempo, dei-me conta de que a melhor maneira de estudar mais profundamente o fenômeno amoroso seria a partir dos conhecimentos que a ciência psicológica poderia me fornecer. Na verdade, nunca não concebi outra disciplina que pudesse conceituar tão bem o tema do amor quanto à Psicologia. Então, em 1998, prestei o vestibular para ingressar no curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde fui admitido em 1999.

Uma vez admitido no curso de Psicologia, tive uma grande decepção. No decurso da minha graduação pude constatar que muitos de meus professores, independentemente de suas excelentes formações acadêmicas, não tinham familiaridade com o tema. Isto instigou ainda mais meu interesse em estudar o amor. Na época, nenhum dos meus professores tratava, em suas linhas de pesquisa, nada próximo ao tema dos relacionamentos amorosos. Foi, então, que tive contato com uma professora do Departamento de Psicologia, de nome Fátima Elisabeth Denari, cuja linha de pesquisa estudava a adolescência. Então, pensei em começar por este caminho, os meus estudos sobre o relacionamento amoroso. A Profa. Dra. Fátima que, posteriormente, viria a se tornar uma grande amiga, aceitou prontamente me orientar. Juntos pesquisamos o universo amoroso dos adolescentes e, em 2003, produzi a monografia: *O perfil da escolha do objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões*, um texto do qual se

originou, pelo menos, outros seis trabalhos entre capítulos de livros, artigos científicos, trabalhos em congressos, publicados em coautoria com a minha orientadora e amiga. Esta pesquisa teve por objetivo investigar a maneira de pensar de 52 adolescentes (26 garotos e 26 garotas) acerca do tema relacionamentos amorosos, as características e valores a ele atribuídos, os processos de seleção de parceiros e seus planos para o futuro. A partir das respostas obtidas, foi possível detectar algumas tendências de comportamento dos jovens pesquisados. Paralelamente a esse primeiro trabalho científico, tive a oportunidade de encaminhar um manuscrito intitulado: *A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes* para a Revista de Psicologia (Fortaleza), que foi aceito, publicado e marca o início das minhas produções acadêmicas.

Então, em busca de adquirir maiores conhecimentos sobre o amor e temas correlatos, concomitantemente à minha graduação, encaminhei-me para a Universidade de São Paulo, onde conheci o professor Ailton Amélio da Silva Ele me autorizou a participar, na qualidade de aluno ouvinte, da disciplina de Pós-Graduação que ministrava, intitulada "Ligações Amorosas: Relacionamento, Sexo e Amor". Cursar essa disciplina foi um dos pré-requisitos para se pleitear, por ocasião da época, uma vaga na seleção de Pós-Graduação de acordo com as regras do Departamento de Psicologia Experimental dessa época. Além das aulas, as leituras sugeridas pelo professor Ailton foram fundamentais para eu começar a desbravar esta área de conhecimento. Indubitavelmente, este foi um grande exercício prévio ao mestrado e o fato de ter tido um resultado satisfatório em todo este percurso, sinalizou a possibilidade real de eu assumir o compromisso de vincular-me a um programa de Pós-Graduação.

Ao final do ano de 2003, fui aprovado no exame de seleção e iniciei o curso de Pós-graduação pelo Departamento de Psicologia Experimental. Ulteriormente, fui contemplado com uma bolsa de estudos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para investir nos meus estudos.

Investi muitos recursos em minha formação acadêmica, visando entender cada vez mais e melhor o fenômeno do relacionamento amoroso. Realizei muitos atendimentos clínicos e, por meio deles, pude obter uma visão não somente teórica do fenômeno amoroso e de seus desdobramentos, mas também uma visão da práxis clínica. Por meio de cursos, leituras e atendimentos fui me aprimorando e conhecendo mais o tema que havia abraçado. Durante o tempo em que estava cumprindo os créditos para contemplar as exigências do Programa de

Pós-Graduação em Psicologia Experimental, tive a oportunidade de cursar, em 2005, como optativas, as disciplinas História da Psiquiatria no Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina (Universidade de São Paulo), ministrada pelo Prof. Dr. Francisco Baptista Assumpção Jr. e, na área de concentração em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (Universidade de São Paulo), a disciplina 'Conceitos: Visões Psicológicas' oferecida no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, ministrada pelo Prof. Dr. José Fernando Bitencourt Lomônaco. Por que eu destaco essas duas disciplinas? Porque elas foram a porta de entrada para conhecer essas duas pessoas que respeito muito, com as quais muito aprendi e que sempre quero estar por perto para poder aprimorar mais e mais as minhas práticas acadêmicas, enquanto um pesquisador, magisteriais e clínicas, para me espelhar na erudição, no respeito ao ser humano e na ética que lhes são característicos.

No ano de 2007, defendi minha dissertação de mestrado intitulada: *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. Este estudo permitiu identificar e correlacionar alguns fatores que promovem a infidelidade amorosa entre as pessoas, em uma amostra de 45 casais heterossexuais, assunto que era muito pouco tratado pela literatura acadêmica até então. Paralelamente a esse evento, publiquei um livro intitulado: *Ciúme e suas consequências para os relacionamentos amorosos* e, alguns artigos derivados dessa empreitada, tal como: *O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos*, pelo periódico Estudos de Psicologia (UFRN) e *O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa?* pelo periódico Estudos de Psicologia (PUCCAMP. Impresso) e, mais recentemente, em 2016, os artigos os quais intitulei: *Relacionamentos amorosos e pós-modernidade: contribuições psicodramáticas* e *O poder do ex em minha vida: sobre a influência das relações cíclicas no cotidiano das relações amorosas* pelos periódicos *Revista Brasileira de Psicodrama* e *Pensando Famílias*, respectivamente.

Após a minha titulação como Mestre, participei do exame de seleção para o doutorado, em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia da USP. Tive como orientador o Prof. Dr. Francisco Assumpção Jr. que, recentemente, havia se incorporado a este departamento e já estava devidamente credenciado para orientar seus alunos, em nível de Pós-Graduação. Juntos começamos a desenvolver o projeto de doutoramento que objetivava apresentar e caracterizar as diferentes concepções de amor

encontrados em três amostras de pessoas: autistas, deficientes mentais e pessoas não autistas e não deficientes mentais, a partir de uma perspectiva humanista, reflexiva e crítica, desprovida de preconceitos e contaminações por estereótipos. Buscamos identificar os pontos de ruptura e de intersecção entre as populações pesquisadas. Fui novamente contemplado por uma bolsa de estudos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para investir nos meus estudos de doutorado. Durante a minha permanência no Departamento de Psicologia Clínica produzi alguns trabalhos, dentre os quais destaco a organização em coautoria com o Prof. Dr. Francisco Assumpção Jr. do livro *Sexualidade, cinema e deficiência* lançado, pela editora LMP, duas participações em congressos com os trabalhos: *O amor e o Transtorno de Asperger* e *Loucos de amor: o amor e a sexualidade para sindrômicos de Asperger* e a organização conjunta do *I Ciclo de Palestras em Sexualidade e Deficiência: Aspectos Biológicos, Psicológicos e Sociais*, a publicação pela editora Letras do Brasil do livro *A arte da paquera: inspirações à realização afetiva*, em coautoria com Daniel Madeira, no qual o Prof. Francisco participou como prefacista.

Todavia, por razões de foro íntimo que prefiro não comentar, não pude concluir os créditos do doutorado em Psicologia Clínica e, em 2010, fui desligado do Programa, mas continuei a clinicar pacientes e comecei a ministrar aulas em universidades e faculdades privadas que tinham cursos de graduação em Psicologia.

Mas, não me sentia completo por não haver terminado o meu doutorado. Anos depois e já revigorado, procurei o Prof. Dr. José Fernando Bitencourt Lomônaco, na expectativa de viabilizar a minha volta ao doutorado. O Prof. Fernando tem um especial interesse, como docente e pesquisador, pelo processo de aprendizagem e, mais especificamente, pela aprendizagem de conceitos. Solicitei que ele fosse o meu orientador e ele me sugeriu que eu estudasse o conceito de amor. E foi assim que mudei de área e de departamento, além de orientador, mas não deixei de me focar no estudo do comportamento amoroso como tema de pesquisa.

Prestei novamente o processo seletivo para ingressar na Pós-Graduação, em nível de doutorado e, em 2013, migrei para a área de concentração do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade (PSA). Em meu projeto de doutorado, não pretendia definir o amor, mas verificar quais as características lhe são mais frequentemente atribuídas pelos participantes da amostra.

Durante esses anos tenho trabalhado como professor universitário e psicoterapeuta na linha cognitivo-comportamental (em meus dois consultórios nas cidades de São Carlos e São Paulo), tive também a oportunidade de publicado alguns trabalhos, dos quais destaco os mais recentes livros publicados: *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois* (volume 1), em 2013, lançado pela Compacta Gráfica e Editora, o qual conta com um capítulo da Profa. Dra. Fátima Denari intitulado: *Sexualidade, afetividade, deficiência e inclusão: novos (?) olhares*; e também publiquei os livros *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois* (volume 2), em 2014, lançado pela PoloBooks, o qual conta com o Prof. Vicente Cassep-Borges como prefacista, e *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois* (volume 3), em 2015, também lançado pela PoloBooks, o qual conta com o prefacista, o filósofo, Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt.

Enfim, nesta apresentação procurei mostrar meu interesse e minha familiaridade com o tema do amor, ao longo dos anos, visto que há muito pouca produção que se ocupe desse tema, sobretudo em âmbito nacional. Assim, considero justificável a realização desse estudo, que espero venha a contribuir para mitigar essa defasagem e, concomitantemente, fomentar outras pesquisas acerca do amor e de temas correlatos.

Thiago de Almeida

DEDICATÓRIA

Ao querido amigo, Dr. José Almir Siqueira Aidar, que me lembrou constantemente, ao longo desses anos todos, que a luz que eu sempre tive, nunca deveria arrefecer a fim de que eu sempre pudesse contemplar o meu objetivo principal de vida: elevar o Amor na face da Terra. O meu muito obrigado por tudo!

AGRADECIMENTOS

Para realizar um trabalho como esse não poderia eu deixar de citar algumas pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para a realização do mesmo. Consequentemente quero agradecer:

Em primeiro lugar a Deus, afinal Senhor temos interesses semelhantes sobre a Terra: elevar o nível do amor no coração e na mente dos seres humanos, não é mesmo? Ao Senhor, que sempre me concedeu bem mais do que eu pedi e/ou mereci, sobe hoje, em forma de oração, o meu muito obrigado e o meu conte comigo;

A minha mãe, Cleide Ana Mangino de Almeida, que me ensinou muito do que eu sei na vida e na prática sobre o dom do Amor;

Ao meu querido orientador, o Prof. Dr. José Fernando Bitencourt Lomônaco, que, por amor, esteve sempre disposto a se doar mais pelos seus alunos, do que a receber deles. Ao senhor, que viabilizou a continuidade dos meus estudos na USP e abriu portas para que eu concebesse a minha tese de doutoramento. Ao senhor, que sempre teve o perfeito equilíbrio e discernimento para saber ouvir e falar na hora certa. Ao senhor, que muitas vezes se colocou na delicada posição de condição de compreender mais do que ser compreendido. Ao senhor, que apesar das minhas limitações, sempre acreditou que o ser humano é capaz de superar suas próprias dificuldades. Ao senhor, que acreditou no potencial para a minha transformação e, em cada momento estava convencido de que todos possuem um grande potencial para aprender, para que eu pudesse desabrochar em criatividade, bom senso e equilíbrio com ética, rigores acadêmicos e responsabilidade que são exigidos para um doutor, a minha eterna gratidão;

Ao Padre João Carlos Deschamps de Almeida pelo apoio inicial que me concedeu na minha chegada à São Paulo. Diz o ditado que sempre encontramos um anjo em cada bom amigo que fazemos, obrigado Pe. João por ser esse anjo em meu caminho;

Ao Prof. Rafael dos Santos Marques, por me ajudar a organizar todos os dados da minha coleta e me ajudar a categorizá-los;

Ao Prof. Dr. Anderson Ara por todo o empenho em analisar minuciosamente os dados dessa tese e de todos os meus manuscritos e trabalhos científicos por meio de (pelo menos para mim) seus sofisticados pacotes estatísticos;

A bibliotecária Maria Luiza Lourenço por todo o auxílio, amor e respeito ao longo de todos esses anos. A você que pacientemente corrigiu e normalizou, por todo esse tempo, todas as minhas referências seja em ABNT ou em APA, gostaria de dividir esse título que hoje recebo;

Aos componentes da minha banca examinadora: às professoras Profa. Dra. Ana Paula Martins Cazeiro e Profa. Dra. Profa. Dra. Luciana Maria Caetano e aos professores Prof. Dr. Francisco Baptista Assumpção Junior e ao Prof. Dr. Renato Nunes-Bittencourt, seja por aceitarem fazer parte desse processo, seja por todas as preciosas contribuições ao meu trabalho para que chegasse a esse produto final;

Especialmente às secretárias Sonia Maria Caetano De Souza, Sandra Dias dos Santos Pereira, Maria Olívia Martins Rosa e Cláudia Lima Rodrigues da Rocha, e aos demais funcionários do IPUSP, pelo profissionalismo, carinho e dedicação conferido a todos os meus pedidos durante os meus anos enquanto estudante de Pós-Graduação da USP;

À minha ex e futura orientadora e sempre amiga Profa. Dra. Fátima Elisabeth Denari, sempre presente do lado mais importante da minha vida: o lado interno do meu coração, nunca deixou de me orientar com seu carinho e com seu amor conteúdos imanentes à sua pessoa.

A todos os participantes desse estudo, que generosamente, compartilharam alguns dados de suas vidas comigo, para que muitas outras pessoas pudessem se beneficiar dos conhecimentos que, a partir de agora, podem ser aqui encontrados. Espero que vocês, ao entrarem em contato com esse estudo, tenham se tornado mais amorosos, pelo menos, ao refletirem sobre esse tema tão importante ao qual abracei um dia.

De forma especial, gostaria de fazer um agradecimento final a algumas pessoas que não poderia deixar de lembrar em um momento tão especial como esse. A vocês, que, por um motivo ou outro, me consideram um desafeto e são resistentes à minha pessoa. Estou aqui para lhes agradecer, de coração, por tudo o que já me fizeram nessa jornada. Vocês

movimentaram bastante a minha vida, me livraram da monotonia e, de várias formas, me ensinaram a não ser acomodado, antiético, hipócrita, fraco. Quero sempre ter um olhar de amor para com todos aqueles que quiseram tornar meu caminho mais difícil, mas que me tornaram uma pessoa mais forte, resiliente e vencedora. Então, digo a vocês que eu não tenho inimigos. Meus únicos inimigos estão dentro de mim. Esses sim, eu preciso vencer. Mas, obrigado a todos vocês por me tornarem uma pessoa melhor.

A todos vocês, registro aqui o meu muito obrigado,

Ao Amor... Sempre!!

EPÍGRAFE

Quem quiser estudar o amor, nunca deixará de ser estudante.

RESUMO

Almeida, Thiago de (2017). *O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Estudar cientificamente o amor é uma árdua tarefa em razão de dificuldades metodológicas e impropriedades conceituais intrinsecamente relacionadas a este tipo de investigação. Pelo fato de ser um conceito tão familiar, muitos supõem que os pesquisadores da área estão de acordo sobre o que constitui o amor e como se pode mensurá-lo. Mas, isto não é o que de fato ocorre. Afinal, o que é o amor? O amor, enquanto um fenômeno psicológico tem condições de ser cientificamente estudado pela psicologia? O presente estudo se propôs a estudar o amor de uma forma menos subjetiva e teve como objetivos: (1) identificar as características mais comumente atribuídas e/ou associadas à palavra amor por sujeitos brasileiros de diferentes idades e condições sociais e (2) verificar se há diferenças estatisticamente significantes em função das variáveis: gênero, faixa etária e grau de escolaridade. Participaram desse estudo 600 sujeitos (390 mulheres – 65%; 209 homens – 34,83%), com média de idade de 23,82 anos, distribuídos em sete grupos de acordo com a cidade de origem da coleta e o grau de escolaridade dos participantes. Na etapa de coleta, realizada de forma coletiva, aos participantes foi solicitado que fizessem livres associações acerca do estímulo 'AMOR', em 90 segundos. De posse do material coletado, todas as respostas dos participantes foram digitadas, separadas e tabuladas. Posteriormente, foram criadas 14 categorias, que foram avaliadas independentemente por cinco juízes escolhidos pelo proponente desse estudo. Para este estudo, a confiabilidade das respostas entre os juízes foi de 92,5 %, indicando uma alta concordância entre os conteúdos das categorias. Os dados foram estatisticamente analisados pelo Teste Kruskal-Wallis e pelo Coeficiente de Correlação de Spearman. A análise dos resultados permitiu verificar que: (1) com o passar do tempo, as pessoas vão associando mais o amor a representações positivas e menos a aspectos românticos, familiares e às amizades; (2) as mulheres associam mais do que homens o amor, relacionado à amizade, à família, aos animais e como uma fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos; (3) quanto maior o grau de escolaridade dos participantes, mais eles vão associando o amor a aspectos positivos. Os resultados foram analisados e discutidos de acordo com a teoria de conceitos denominada visão teórica.

Palavras-chave: amor; conceito; formação de conceito.

ABSTRACT

Almeida, Thiago de (2017). *The concept of love: an exploratory study through a brazilian sample.* Thesis (PhD in Psychology). Psychology Institute of the University of São Paulo, São Paulo.

Study love scientifically is a hard task because of methodological difficulties and conceptual improperties intrinsically related to this type of investigation. Because it can be considered such a familiar concept, many researchers agree about what is love and how it can be measured. But, this is not what actually occurs. After all, what is love? Is it, as a psychological phenomenon, capable of being scientifically studied by psychology? The present study aims to study love empirically and had as objectives: (1) to identify the characteristics most commonly attributed and / or associated to the word love by Brazilian people of different ages and social conditions, and (2) to check if there are differences statistically significant according to the variables: gender, age group and school level. A total of 600 people (390 women - 65%, 209 men - 34.83%) participated in this study, with the mean age of 23.82 years, distributed in seven groups according to the city of origin of the collection and the school level of the participants.

At the collection stage, held collectively, participants were asked to make free associations about 'LOVE' in 90 seconds. With the collected material, all participants' answers were typed, separated and tabulated. Subsequently, 14 categories were created, later independently evaluated by five judges chosen by the proponent of this study. For this study, the reliability of the answers among the judges was 92.5%, indicating a high agreement between the contents of the categories. The data were statistically analyzed by the Kruskal-Wallis test and the Spearman Correlation Coefficient. The results were discussed according to the theory of concepts called theoretical vision. The analysis of the results shows that: (1) as time goes by, people associate love more with positive representations and less with romantic ones, family and friendship aspects; (2) women associate, more than men, love related with friendship, family, animals, as a source of positive emotions, attitudes and behaviors; (3) the higher level of education of the participants, make them associate love with positive aspects.

Keywords: love; concept; Concept formation.

RESUMEN

Almeida, Thiago de. *El concepto de amor: un estudio exploratorio con una muestra brasileña*. (Tesis de doctorado). Instituto de Psicología, Universidad de Sao Paulo, SP.

Estudiar científicamente amor es una tarea ardua debido a las dificultades metodológicas y conceptuales irregularidades intrínsecamente relacionados con este tipo de investigación. Debido a que es un concepto tan familiar, muchos asumen que los investigadores en el campo están de acuerdo en lo que constituye el amor y cómo medirlo. Pero esto no es lo que realmente sucede. Después de todo, ¿qué es el amor? ¿El amor, como un fenómeno psicológico es capaz de ser estudiado científicamente por la psicología? Este estudio tuvo como objetivo estudiar menos subjetivamente el amor y dirigido a: (1) identificar las características más comúnmente atribuidos y / o asociada con la palabra amor por temas brasileños de diferentes edades y condiciones sociales y (2) para comparar las diferencias estadísticamente significantes debido a las variables: sexo, edad y nivel de estudios. Participaron del estudio 600 personas (390 mujeres - 65%; 209 hombres - 34.83%) con una edad media de 23,82 años, divididos en siete grupos de acuerdo a la ciudad de origen de la recogida y el nivel educativo de participantes.

En la etapa de recolección, realizan colectivamente, se pidió a los participantes a hacer asociaciones libres sobre el estímulo 'AMOR' en 90 segundos. La posesión del material recogido, todas las respuestas se tipificaron, se separó y tabulados. Posteriormente, 14 categorías fueron creados posteriormente evaluados independientemente por cinco jueces elegidos por el solicitante en este estudio. Para este estudio, la fiabilidad de las respuestas de los jueces fue de 92,5%, lo que indica una alta correlación entre el contenido de las categorías. Los datos fueron analizados estadísticamente mediante la prueba de Kruskal-Wallis y el coeficiente de correlación de Spearman. El análisis ha demostrado que: (1) el paso del tiempo, la gente va a asociar más amor por las representaciones positivas y aspectos menos románticas, familiares y amistades; (2) las mujeres asociados más que los hombres aman, relacionados con la amistad, la familia, los animales y como fuente de emociones, actitudes y comportamientos positivos; (3) cuanto mayor sea el nivel educativo de los participantes, más amará asociar los aspectos positivos. Los resultados se discuten de acuerdo con la teoría de los conceptos llamada teórica.

Palabras clave: amor; concepto; la formación de conceptos.

RÉSUMÉ

Almeida, T. (2017). Le concept de l'amour: une étude exploratoire avec un échantillon brésilien. (Thèse de doctorat). Institut de Psychologie, Université de São Paulo, SP.

L'étude scientifique de l'amour est une tâche difficile en raison des difficultés méthodologiques et des inconvénients conceptuels intrinsèquement liées à ce type de recherche. Parce qu'il peut être considéré comme un concept si familier, de nombreux chercheurs s'accordent sur ce qu'est l'amour et comment il peut être mesuré. Mais ce n'est pas ce qui se passe réellement. Après tout, qu'est-ce que l'amour? Est-ce, comme phénomène psychologique, capable d'être scientifiquement étudié par la psychologie? La présente étude vise à étudier moins subjectivement l'amour et a pour objectifs: (1) identifier les caractéristiques les plus fréquemment attribués et / ou associés à l'amour de mot pour les sujets brésiliens de différents âges et conditions sociales et (2) pour comparer les différences statistiquement significatif selon les variables: le sexe, l'âge et le niveau d'éducation. Participé à cette étude 600 sujets (390 femmes - 65%, 209 hommes - 34,83%) avec un âge moyen de 23,82 ans, répartis en sept groupes selon la ville d'origine de la collection et le niveau d'instruction participants.

Dans la phase de collecte, réalisée collectivement, les participants ont été invités à faire des associations libres sur le stimulus « LOVE » en 90 secondes. La possession du matériel recueilli, toutes les réponses ont été dactylographiées, séparées et tabulées. Par la suite, 14 catégories ont été créées par la suite évaluées indépendamment par cinq juges choisis par le demandeur dans cette étude. Pour cette étude, la fiabilité des réponses des juges était de 92,5%, ce qui indique une forte corrélation entre le contenu des catégories. Les données ont été analysées statistiquement par le test de Kruskal-Wallis et le coefficient de corrélation de Spearman. L'analyse a montré que: (1) avec le temps, les gens associent plus l'amour aux représentations positives et moins aux aspects romantiques, familiaux et amicaux; (2) les femmes associent, plus que les hommes, l'amour lié à l'amitié, la famille, les animaux, comme source d'émotions positives, d'attitudes et de comportements; (3) plus le niveau d'éducation des participants, plus ils vont adorer associer les points positifs. Les résultats ont été discutés selon la théorie des concepts appelés vue théorique.

Mots-clés: l'amour; concept; formation de concept.

LISTA DE FIGURAS

Figura	Conteúdo	Página
1	Expectativa de vida global.....	31
2	Caracteres chineses utilizados por Hull (1920) em sua tese de doutorado sobre aprendizagem de conceitos.....	121
3	Porcentagem de respostas em cada uma das categorias.....	163
4	Histogramas para cada uma das categorias de amor.....	163
5	Distribuição por grupos das frequências de amor CAT5.....	173
6	Distribuição por grupos das frequências de amor CAT6.....	174
7	Distribuição por grupos das frequências de amor CAT7.....	175
8	Distribuição por grupos das frequências de amor CAT10.....	176
9	Distribuição por grupos das frequências de amor CAT12.....	177
10	Distribuição por grupos das frequências de amor CAT13.....	178
11	Gráfico de dispersão entre as categorias de amor e a idade.....	191

LISTA DE TABELAS

Tabela	Conteúdo	Página
1	Descrição geral da amostra para os sete grupos analisados.....	146
2	Idade dos entrevistados: mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	146
3	Escolaridade dos entrevistados: frequência absoluta e porcentagem dos níveis de escolaridade.....	147
4	Categorias de amor para toda a amostra (TOTAL): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	164
5	Categorias de amor para o Grupo 1 (ADULTOS/SÃO CARLOS): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	165
6	Categorias de amor para o Grupo 2 (ADULTOS/SÃO PAULO): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	166
7	Categorias de amor para o Grupo 3 (ESCOLA PARTICULAR/COLEGIAL/SÃO PAULO): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	167
8	Categorias de amor para o Grupo 4 (ESCOLA PÚBLICA/COLEGIAL/SÃO PAULO): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	167
9	Categorias de amor para o Grupo 5 (ESCOLA PÚBLICA/SÃO CARLOS/COLEGIAL): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	168
10	Categorias de amor para o Grupo 6 (UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PARTICULAR/SÃO CARLOS): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	169
11	Categorias de amor para o Grupo 7 (UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PÚLICA/SÃO PAULO): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.....	171
12	Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre os sete grupos analisados.....	171
13	Média e desvio-padrão, por grupo, das categorias de 1 a 7.....	172
14	Média e desvio-padrão, por grupo, das categorias de 8 a 14.....	172
15	Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferença significante entre os sexos.....	179
16	Média e desvio-padrão, por sexo, da contagem das categorias de amor para as categorias de 1 a 7.....	179
17	Média e desvio-padrão, por sexo, da contagem das categorias de amor para as categorias de 8 a 14.....	180
18	Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre as faixas etárias.....	182
19	Média e desvio-padrão, em função da faixa etária, para as categorias de amor 1 a 7.....	183
20	Média e desvio-padrão, em função da faixa etária, para as categorias de amor 8 a 14.....	183
21	Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre níveis de escolaridade.....	186

22	Média e desvio-padrão, por escolaridade, da contagem das categorias de amor 1 a 7.....	187
23	Média e desvio-padrão, por escolaridade, da contagem das categorias de amor 8 a 14.....	187
24	Coeficiente de Correlação Linear de Spearman para verificação de tendência linear significante entre as categorias de amor e a idade.....	190
25	Correlação de Spearman entre as categorias de amor.....	192

SUMÁRIO

Apresentação 5
Dedicatória..... 10
Agradecimentos..... 11
Epígrafe..... 14
Resumo..... 15
Abstract..... 17
Resumen..... 18
Résumé..... 19
Lista de figuras..... 20
Lista de tabelas..... 21

1 CAPÍTULO 1 - O amor através dos tempos..... 27
1.1 Considerações iniciais..... 27
1.2 Uma breve historiografia do amor..... 28
1.2.1 Pré-História (aproximadamente 1.600.000 a.C. a 4000 a.C.)..... 30
1.2.2 Idade Antiga (4000 a.C.-- 476 d. C.) 33
1.2.3 Idade Média (476 d. C. – 1453 d. C.)..... 38
1.2.4 Renascimento e Idade Moderna (1453 – 1789)..... 51
1.2.5 Idade Contemporânea (1789 – até os dias atuais)..... 56
1.3 Mudanças histórico-sociais nos relacionamentos amorosos ao longo dos séculos: uma proposta de síntese..... 84
1.3.1 Da irrelevância à importância crucial do amor nos relacionamentos interpessoais..... 84
1.3.2 Da repressão à liberação dos impulsos afetivo-sexuais..... 86
1.3.3 Da profundidade à superficialidade nos relacionamentos afetivo-sexuais..... 91
1.3.4 Das concepções intuitivas, não empíricas e especulativas acerca do amor, para um entendimento empiricamente fundamentado..... 92
1.3.5 De concepções mais etnocêntricas a posições mais culturalmente relativizadas acerca das diversas expressões amorosas..... 94

2 CAPÍTULO 2 - O amor como objeto de estudo da psicologia: teorias e pesquisas..... 99

2.1 O advento do interesse pelo amor na Psicologia..... 99

2.2 Teorias do amor..... 106

2.2.1 John Allan Lee e a teoria estilos de amor…….. 107

2.2.2 John Bolwby: a teoria do apego..... 108

2.2.3 John Money: o mapa amoroso……..…… 110

2.2.4 Robert Sternberg: a teoria triangular do amor..... 111

2.3 O estudo da psicologia do amor no Brasil..... 112

3 CAPÍTULO 3 - O conceito de conceito..... 116

3.1 Teorias sobre a formação de conceitos..... 121

3.3.1 A visão clássica..... 122

3.3.2 A visão prototípica, probabilística ou natural..... 128

3.3.3 A visão dos exemplares..... 135

3.3.4 A visão teórica..... 138

3.2 Justificativa e objetivos do estudo..... 142

4 CAPÍTULO 4 – Método..... 144

4.1 Sujeitos..... 144

4.2 Material..... 148

4.3 Procedimento de coleta de dados..... 149

4.3.1 Seleção dos alunos participantes da rede pública e privada do Ensino Médio..... 150

4.3.2 Seleção dos alunos participantes de universidades públicas e privadas..... 151

4.3.3 Seleção dos outros participantes..... 152

4.3.4 Coleta de dados..... 153

5 CAPÍTULO 5 – Resultados..... 153

5.1 Procedimento de análise dos resultados..... 153

5.2 Criação das Categorias..... 153

5.2.1 O amor como uma relação entre pessoas específicas, não necessariamente romântica..... 154
5.2.2 O amor como algo essencial/fundamental ao ser humano e/ou à humanidade..... 154
5.2.3 O amor como algo indefinível, inefável, etéreo..... 155
5.2.4 O amor como algo ligado a componentes sexuais..... 155
5.2.5 O amor como uma relação romântica entre duas pessoas..... 155
5.2.6 O amor voltado para pessoas da família..... 156
5.2.7 O amor voltado para amigos..... 156
5.2.8 O amor voltado para entidades divinas e/ou sobrenaturais..... 156
5.2.9 O amor voltado para animais irracionais..... 157
5.2.10 O amor voltado para seres inanimados..... 157
5.2.11 O amor dirigido a si mesmo..... 157
5.2.12 O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos..... 158
5.2.13 O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos..... 158
5.2.14 Outras respostas..... 159
5.3 Juízes..... 159
5.4 Análise estatística dos resultados..... 160
5.4.1 O Teste de Kruskal-Wallis..... 160
5.4.2 O Coeficiente de Correlação de Spearman..... 161
5.4.3 Análise descritiva dos resultados..... 162

6 CAPÍTULO 6 – Discussão..... 194
6.1 Contribuições da visão teórica para a análise e discussão dos dados..... 194
6.2 Entendimentos do amor relacionados ao sexo dos participantes..... 198
6.3 Entendimentos do amor no decorrer do desenvolvimento humano e a questão da idade dos participantes..... 202
6.4 Entendimentos do amor no decorrer do tempo e a questão do grau de instrução dos participantes..... 205
6.5 Propinquidade..... 206
6.6 Considerações finais..... 209
7 Referências..... 211
7.1 Referências complementares..... 237

8 Anexos…….. 248
8.1 Anexo 1 - Parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) emitido pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP)..... 250
8.2 Anexo 2 - Carta de apresentação dirigida aos pais e responsáveis dos alunos participantes da coleta (rede pública e privada)..... 252
8.3 Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento do participante da pesquisa (menor de 18 anos)..... 255
8.4 Anexo 4 - Termo de Assentimento do participante da pesquisa (maior de 18 anos)..... 258
8.5 Anexo 5 - Instrumento de pesquisa para a coleta de dados..... 261

CAPÍTULO 1

O AMOR ATRAVÉS DOS TEMPOS

1.1 Considerações iniciais.

De maneira geral, o conceito popular de amor alude ao estabelecimento de um vínculo emocional com alguém, ou com determinado objeto de predileção que possui certas características propiciadoras para receber este comportamento amoroso e enviar os estímulos sensoriais e psicológicos necessários para seu início, motivação e manutenção. É considerado para muitas pessoas como uma das grandes, senão a maior, de todas as conquistas do ser humano. Ou ainda, uma experiência ética de alteridade, pois, pressupõe a capacidade de respeitarmos rigorosamente as diferenças do outro, afirmando-se como se essas fossem nossas próprias qualidades (Bittencourt, 2014). Nesta acepção, o amor possibilitar que um casal venha a se comprometer mutuamente, ao encetar a criação de um profundo vínculo entre eles (Hintz, 2008). Nesse sentido, o amor entre parceiros, doravante, para os nossos interesses, chamado apenas de amor, pode ser entendido como um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos relacionados, muitas vezes, à felicidade do ser humano (Almeida & Mayor, 2006). Dessa forma, o termo amor é utilizado muito livremente no cotidiano. Mas, que extraordinário fenômeno é esse que possibilita a pessoas, até então desconhecidas uma da outra, aproximarem-se e expressarem o desejo de construir uma vida em conjunto?

O amor, de acordo com o autor Schoepflin (2004), constituiu-se como tema de reflexão em todos os períodos da filosofia Ocidental. Esse autor ressalta que o ato de amar foi pensado, ao longo da História da Filosofia, como princípio fundamental para o entendimento da natureza humana. Dessa forma, há muitos séculos, diferentes concepções de amor têm sido

propostas por poetas, filósofos e romancistas, mas não há ainda um consenso (e, talvez, nunca haja) sobre uma definição do fenômeno amoroso capaz de identificar sua essência, dada sua diversidade e subjetividade. Logo, o amor enquanto um fenômeno passível de ser estudado, não se permite esquadrinhar facilmente por todos aqueles que tentam compreendê-lo em sua totalidade. Dessa forma, muitos pensadores manifestaram suas ideias a respeito do amor ora ressaltando seu valor positivo e exclusivamente humano, identificando nele a expressão inefável da transcendência, ora tratando-o como uma meta inalcançável e, até mesmo, como algo a ser evitado pelas suas consequências danosas.

Mas, embora pairem muitas dúvidas a respeito do que seja o amor, nunca se deixou de falar dele. Atualmente, nos mais diferentes contextos, são feitas muitas perguntas a seu respeito. Essas perguntas intrigam não somente os indivíduos que as formulam, mas também muitos psicólogos, mesmo aqueles profissionais cujo enfoque não é aparentemente a questão dos relacionamentos interpessoais amorosos.

Na tentativa de entender o amor, muitas pessoas procuraram formular definições a fim de identificar seus atributos essenciais. A dificuldade da tarefa é muito bem expressa nesta citação de Hunt (1974): “Amor é, sem dúvida, palavra mercurial; embora vejamos claramente onde ele se encontra, basta encostar o dedo nele para descobrir que não se encontra ali, mas noutro lugar qualquer” (p. XI).

Não obstante tal constatação sobre a dificuldade em conceituá-lo, alguns psicólogos insistem em perguntar: o que é, de fato, o amor? Como podemos concebê-lo de forma a abranger todas as suas variadas expressões? O amor, enquanto um fenômeno psicológico, tem condições de ser cientificamente estudado pela psicologia? É possível defini-lo precisamente? Essas são algumas das questões de interesse deste trabalho.

Uma maneira de procurarmos entender melhor o fenômeno amoroso é remontarmos ao passado e verificarmos como artistas, filósofos, religiosos e, mesmo pessoas comuns, entendiam o amor. É o que se verá a seguir, por meio de uma breve historiografia do amor.

1.2 Uma breve historiografia do amor.

O campo de estudo acerca do amor desafia a possibilidade de uma revisão simples, pois como veremos muitas correntes, tendências, diferentes abordagens e perspectivas afloraram e conviveram em períodos históricos, simultaneamente. A evolução das abordagens, metodologias e teorias tampouco é linear, o que impede uma descrição simples da história deste campo tão profícuo. No entanto, de acordo com May (2011), Menandro, Rölke e Bertollo (2005) e Doucet-Bon (1975) a importância das ações e das reflexões dos seres humanos sobre os temas do amor e do casamento, no conjunto das relações sociais, é facilmente constatável, mesmo consideradas culturas ou épocas distintas. Ainda para esses autores, tais ações e reflexões impregnam fortemente as diversas modalidades de produções culturais, como valores, princípios religiosos, normas, manifestações artísticas, linguagens e estereótipos.

Segundo Canevaro (2002), durante séculos muito se escreveu sobre a convivência de casais e a relação amorosa. Adicionalmente, Bittencourt (2013) expõe que:

> Por ser talvez o afeto motriz de grande parte de nossas ações cotidianas, o silêncio discursivo sobre o amor se revela para o intelectual um sinal de carência criadora. As palavras são sempre imprecisas para que versemos sobre o fenômeno transfigurador do amor, que se situa na experiência do inefável, mas o esforço para se analisar essa questão é inevitável para o pensador que se preocupa com as questões éticas, sociais e valorativas de sua época. (p. 3)

Compreender a experiência amorosa como um acontecimento dinâmico influenciado pelos diferentes contextos históricos leva à consideração de diferentes concepções de amor. É por isso que se faz oportuna, ao menos, introduzirmos uma historiografia do amor, ainda que breve, para entendermos o perfil e as concepções amorosas de cada época na qual o fenômeno amoroso ocorreu. E, entra-se em contato com o perfil amoroso de cada época por meio do que é produzido em cada período: suas músicas, artes plásticas, literaturas, peças de teatros dentre outras fontes orais e escritas (Murstein, 1988). Essas produções refletem as visões do amor de cada época, retratando suas peculiaridades e corporificando seus ideais (Grimal, 1991). Vejamos, então, seu percurso ao longo da história da civilização, procurando traçar um panorama de como o amor, a paixão e o casamento foram retratados ao longo do tempo até os dias atuais.

1.2.1 Pré-História (aproximadamente 1.600.000 a.C. a 4000 a.C.).

A chamada Pré-história inicia-se com o surgimento do homem na Terra e dura até cerca de 4000 a.C. com o surgimento da escrita no Crescente Fértil, mais precisamente na Mesopotâmia. Caracteriza-se, grosso modo, pelo nomadismo e atividades de caça e de pesca. Neste período, surge a agricultura, a pecuária e os vínculos afetivo-sexuais os quais levaram os homens pré-históricos ao sedentarismo e à criação das primeiras cidades.

O que se convencionou considerar como Pré-História compõe 98% da evolução do ser humano. Os outros 2% restantes constituem a história propriamente dita. Há que se evidenciar que essa divisão é meramente convencional e tem caráter didático, pois as mudanças ocorridas de um período para outro se estenderam por um largo período de tempo de forma gradual, sem rompimentos abruptos. No entanto, podemos afirmar que as raízes do que se concebe por amor remontam aos povos das cavernas, que o retratavam em pinturas rupestres, parecendo indicar intuitivamente que o amor é um conceito universal, presente desde sempre em todas as culturas que se conhece (Malinowski, 1955; 1970; 1983). No entanto, cientificamente os antropólogos Jankowiak e Fischer (1992) examinaram 166 culturas diferentes e encontraram evidências da existência do amor apaixonado e seus emaranhamentos em 147 delas a partir de discursos, do folclore ou de estudos etnográficos. Para as culturas restantes (19), os autores concluíram que não podiam determinar se o amor apaixonado, de fato, não existia ou, se por não haver dados suficientes para se fazer tal presunção, acabaram por levar a tal conclusão. Em somente uma cultura estudada foi observado que o amor romântico parecia não existir. Assim, os autores concluíram que o amor romântico ou apaixonado constitui um aspecto humano universal, ou quase universal. Outros autores (*e.g.* Aron et al., 2005) já puderam demonstram empiricamente que o amor romântico é um fenômeno universal transcultural. Wright (2006) contribui para a compreensão dessa ideia, quando afirma que o amor é um recurso evolutivo refinado. Nesse sentido, dirigir amor a alguém teria a finalidade de garantir a sobrevivência e a preservação da espécie humana, visando estabelecer a perpetuação dos genes (Vincent, 2005). Nessa concepção etológica, o amor seria uma espécie de contrato biológico entre um homem e uma mulher, que visa aumentar as taxas de sobrevivência e de reprodução afim de perpetuar a humanidade como causa última de sua existência e funcionalidade. Para a etologia, ciência que estuda as origens dos comportamentos dos seres humanos e animais, esse contrato determinaria que, em troca dos recursos trazidos por um homem para garantir a alimentação,

o abrigo e a proteção da mulher e dos filhos dele, esta, em contrapartida, disponibilizaria a ele seu útero, com exclusividade.

Para uma melhor compreensão do (s) porquê (s) o amor se tornou uma ferramenta evolutiva a serviço da sobrevivência e da reprodução é necessário traçar um panorama daquela época. Há aproximadamente 200 mil anos surgiram os ancestrais do Homo *sapiens*. Esses ancestrais viviam em condições adversas. Tinham que caçar, pescar, coletar frutas e raízes para sua alimentação, e eram expostos cotidianamente às mais variadas doenças e riscos como, por exemplo, ser atacado por animais ferozes. A expectativa de vida desse hominídeo, flutuava entre 20 a 35 anos de idade (Goklanky, 2003; Kaplan, Hill, Lancaster & Hurtado, 2000; Demeny & McNicoll, 2003; Robson & Kaplan, 2003).

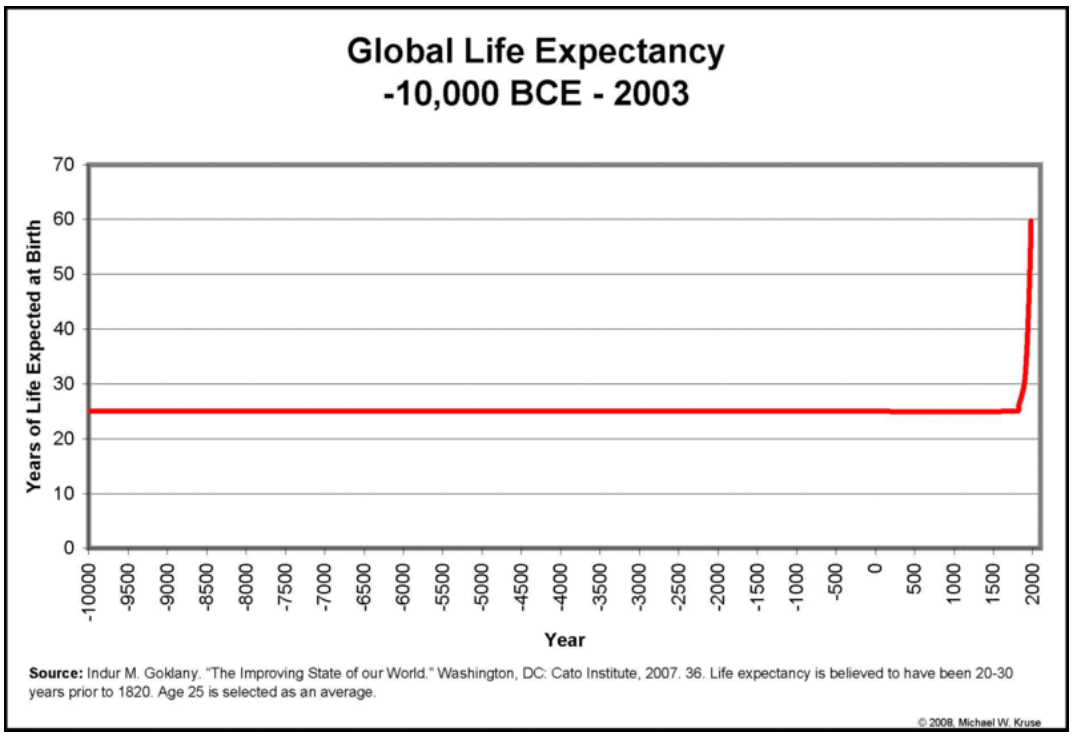

Figura 1. Expectativa de vida global.

Um ferimento não cuidado era capaz de causar uma hemorragia incontida e levar à morte. A mortalidade infantil era alta; poucos filhos sobreviviam e chegavam aos 20 anos em condições razoáveis de saúde. Consequentemente, muitas de nossas características atuais foram moldadas por milhares de anos de privações, de condições aversivas para a sobrevivência dos nossos ancestrais, de doenças infecciosas e de predadores humanos e não humanos.

De acordo com Varella (2014), a mais importante característica adquirida foi a maturidade sexual precoce. Vivia-se tão pouco que levavam vantagem na competição pela sobrevivência as meninas que menstruavam antes e os meninos que produziam espermatozoides mais cedo. E, quanto mais rapidamente homens e mulheres escolhessem uma parceria qualificada (que evidenciassem mais simetria, mais traços de maturidade sexual reprodutiva e manifestassem que fossem bons provedores/cuidadores para futuros filhos) e mais depressa concebessem filhos, maior a probabilidade que transmitissem seus genes às gerações futuras e garantir a perpetuação de sua linhagem.

Nessas condições desfavoráveis, caraterizada pela baixa expectativa de vida e pela precocidade da fase reprodutiva, puderam se beneficiar os seres humanos que, por algum motivo, desenvolveram a capacidade de se apegar uns aos outros e de se vincular a parceiras e a sua prole por tempo suficiente para proporcionar os primeiros cuidados e investimentos parentais (Marlowe, 2000; Trivers, 1972).

Uma discussão atual é se a evolução, por algum motivo, não ocorreu no sentido do surgimento de um tipo de amor não-associado à procriação (Fisher, 2006). Em outras palavras, a seleção natural teria transformado o cálculo do custo-benefício em uma emoção, “principalmente no sentimento do amor”? (Wright, 2006, p. 47). Segundo Fisher (2006) **c**alcula-se que isso possa ter ocorrido há aproximadamente 10.000 anos e que tenhamos herdado este legado amoroso. Dessa forma, os homens passaram realmente a amar as mulheres não como meras reprodutoras, e estas passaram a olhar os homens como algo mais além de provedores do sustento de si mesmas e de suas proles. Sob esta perspectiva etológica, vincular-se afetivo-sexualmente a alguém poderia ser considerado funcional do ponto de vista evolutivo. Ou seja, se alguns de nossos antepassados tivessem fracassado em escolher, cortejar e manter um parceiro, a cadeia evolutiva teria sido rompida e não estaríamos vivos para contar, ou mesmo estudar, a história dos que nos precederam. Portanto, cada um de nós deve sua própria existência a milhares de gerações de ancestrais bem-sucedidas nas quais a natureza operou sutilmente os cálculos de custo-benefício para a preservação dos bem adaptados (Buss, 1988).

1.2.2 Idade Antiga (4000 a.C.-- 476 d. C.).

Este período histórico está estreitamente ligado ao Oriente. Lá surgiram as primeiras civilizações, sobretudo no chamado Crescente Fértil, uma área de terra própria para a agricultura situada entre o vale dos rios Tigre e Eufrates. Por convenção, a Antiguidade é um período compreendido entre 4000 a.C. até 476 d.C., quando ocorre a queda do Império Romano do Ocidente. Essa época viu surgirem e desaparecerem várias civilizações tais como a do Egito, da Palestina, do Irã, da Fenícia, além das nossas bem conhecidas e estudadas, civilizações grega e romana.

Tanto nas primeiras civilizações letradas, como o Egito, a China, a Grécia e Roma, quanto em sociedades pré-letradas e semiletradas, como as sociedades indígenas americanas, australianas, da Índia, da Indonésia e das ilhas do Oceano Pacífico, existem diversos relatos e registros explícitos de manifestações culturais que expressam as vicissitudes do amor e da paixão (Westermarck, 1934).

Usualmente, o amor manifesto entre um homem e uma mulher era expresso por meio de rituais sociais, sobretudo o casamento. Não é conhecido nenhum agrupamento humano no qual não vigorem os laços duradouros do casamento, ainda que com delineamentos diferentes do que conhecemos contemporaneamente. Grupos promíscuos diminutos surgiram ocasionalmente, como proposta alternativa para o matrimônio convencional, mas, em nenhum dos grupos humanos, a promiscuidade foi assumida como norma.

Do Egito, há aproximadamente 1500 anos a.C., temos retratado em papiros (como o Papiro de Chester Beatty I, o Papiro Harris 500, o Papiro Turim 1996 e o Óstraco do Cairo) remotos cânticos amorosos (Montet, 1989). A base que temos para a compreensão de toda uma cultura é apenas um pedaço daquilo que sobreviveu ao tempo. Os textos *Poemas de Amor no Antigo Egipto* e *Escritos para Eternidade* são exemplos desses vestígios (Araújo, 2000). Os poemas de amor encontrados nesses escritos antigos relatam a sensualidade e o romantismo de um pensamento sexual ligado à religião, à natureza e aos seus prazeres (Araújo, 1995; Manniche, 1987). Não é por acaso que, em muitos escritos, aparecem referências ao panteão egípcio, como é o caso da deusa Hator, deusa da alegria, da beleza e do amor (Trauncker, 1995). O ato sexual para os antigos egípcios não era um momento isolado de prazer em seu cotidiano, mas representava uma ação criadora, ou a origem a vida, pois a

sexualidade estava ligada à religião desde suas origens e mitos da criação do mundo e do homem, como é o caso do Deus Atum e Osíris (Mysliwiec, 2004). Dessa forma, o erotismo no Egito Antigo tinha um caráter sagrado devido a sua ligação com a origem da vida (Antelme & Rossin, 1999). Tanto é que a infertilidade no cotidiano egípcio era algo bastante temido, tanto para os homens, quanto para as mulheres (Tyldesley, 1995). De acordo com Silva (2012), não ser fértil no Egito poderia levar a um divórcio ou anulação da união do casal.

A vida sexual dos egípcios era ligada a muita vaidade, beleza, perfumes, adornos que, por vezes, apareciam em forma de objetos visivelmente associados à sexualidade, como é o caso das figuras do deus Min, que empunha na sua mão esquerda o falo ereto; dos pilares osíricos, dos amuletos de djed e dos Anões Itifálicos, peças com muita carga simbólica feitas muitas vezes de lápis-lazúli, ouro, pedra, cobre (El-Qhamid & Toledano, 2006). Perucas, perfumes, óleos, pinturas, roupas, todos esses acessórios estavam ligados a uma esfera sensual que ativava as damas aos prazeres da vida (Noblecourt, 1994). A importância desses adornos torna-se cada vez mais presente na cultura do Império Novo. Araújo (1995) ressalta o processo de aperfeiçoamento dessa esfera sensual ligado às vestes e como essas estavam intimamente ligadas ao período do Império Novo:

> Entre as damas da alta sociedade, a túnica comprida e justa do Império Antigo que marcava as formas do corpo viria a transformar-se, na época de maior exaltação dos valores individuais que foi o Império Novo Médio, tornando-se mais curta e deixando os seios a descoberto. Depois, com o refinamento do Império Novo, as damas cobriam-se de fino linho, deixando por vezes um dos seios à mostra. (p. 106)

O estudo do erotismo no Egito antigo é viabilizado por fontes escritas, representações de imagens e de objetos encontrados nos túmulos dos grandes senhores e dos funcionários egípcios. A representação da vida sexual dessa civilização tem como caráter principal sua cultura religiosa “pós-morte”. As pinturas, desenhos e escritos nos túmulos que tematizavam a sexualidade tinham como principal objetivo que aqueles momentos de prazer fossem levados para a eternidade. No Egito do ano 1000 a.C., o amor já era retratado como um esmagamento do eu e, portanto, semelhante a uma espécie de doença que deveria ser erradicada (Montet, 1989). Além disso, também encontra-se no Egito Antigo referências ao incesto, à homossexualidade e à prostituição. Registros de pinturas mostram orgias, desenhos pornográficos e pictografias de pessoas nuas. A relação sexual entre irmão e irmã era comum, especialmente na linhagem da nobreza; para esses, casar-se com o irmão ou irmã, significava

ter cada vez mais pureza no sangue. O incesto para os egípcios era normal por ter como referência sua religião: o deus Osíris casou-se com a deusa Isis (sua irmã), união que resultou no nascimento de Hórus que, no futuro, se casaria com a deusa Hathor (em algumas traduções, Hator), deusa que personifica os princípios do amor, da beleza, da maternidade e dos prazeres.

Enquanto isso, na China, segundo Joppert (1979) e Watson (1969), na época da Primeira Dinastia Shang (séculos XVIII-XII a.C., ou seja, pré-Confúcio), que governou soberana por 500 anos, os primeiros poemas de amor foram compostos. Existem duas tradições na literatura da China: a literária e a popular ou coloquial. Esta última, remonta a mais de mil anos antes da era cristã e permanece até os dias contemporâneos. No princípio consistia em poesia. Mais tarde em teatro e romance, e depois foi incorporando obras históricas, relatos populares e contos. NO entanto, os intelectuais da classe oficial que ditavam os gostos literários, não a creditavam digna de estudos por a considerarem inferior, sendo que, até o século XX, este tipo de literatura não obteve o reconhecimento da classe intelectual.

Na Grécia e em Roma, com uma produção mais expoente, temos inúmeras crônicas amorosas, como a lendária devoção de Penélope e a paixão de Dido por Eneias, descrita na Eneida (Aenis, em latim). A Eneida é um poema épico latino escrito por Virgílio no século I a.C. que conta a saga de Enéias, um troiano que é salvo dos gregos em Troia e viaja, errantemente, pelo Mediterrâneo até chegar à península Itálica. Eneias seria o ancestral de todo o povo romano.

Paralelamente, nesta época foi escrita *A Arte de Amar* do poeta romano Públio Ovídio Naso, mais conhecido como Ovídio. Também conhecida como *Ars Amatoria* (em latim), esta obra de Ovídio é uma série de três livros, escrita de forma didática em versos, e tem como tema a arte da sedução e o universo feminino como pano de fundo, na qual são apresentados conselhos amorosos aos homens e mulheres que viviam na Roma Imperial. Há de se evidenciar que manuais como *A Arte de Amar* consideram a sexualidade enviezadamente "do ponto de vista masculino e para o consumo masculino" (Parker, 1992, p. 104) e, de acordo com o prefácio de Heuzé (1994), "na história das idéias sobre a psicologia feminina *A Arte de Amar* é uma referência" (p. XII), haja visto o interesse de Ovídio pelo conhecimento da vida feminina, das relações humanas, enfim, pelo outro ser humano, como nos aponta Ramboux (1985). Em *A Arte de Amar*, a mulher adquire suficiente autonomia para manifestar suas

aspirações sexuais, situação que lhe seria negada durante os séculos seguintes. Os primeiros dois volumes da série, escritos entre 1 a.C. e 1 d.C., falam “sobre conquistar os corações das mulheres” e “sobre como manter a amada”, respectivamente. O terceiro livro, dirigido às mulheres, ensina-as a atrair os homens e foi escrito posteriormente.

Muitas discussões, por exemplo, como o modo pelo qual o amor “nasce” entre as pessoas, remontam desde a Antiguidade Clássica (Ingenieros, 1910/1968). Mas, ao contrário do que se observa atualmente, os homens gregos geralmente não nutriam amor afetivo-sexual pelas mulheres (Grimal, 1991; Hendrick & Hendrick, 1992). Não obstante, o amor para eles era uma temática muito importante em sua filosofia (Philippe, 1999). Eles ideavam o amor como uma força unitiva e harmonizadora e o compreendiam como o fundamento do amor sexual, da concórdia política e da amizade (Abbagnano, 1970). Hesíodo (VIII a. C. - VII a. C.), em sua Teogonia, e Parmênides de Eléia (século V a.C.), foram os pioneiros a sugerir que o amor é a força que impulsiona as coisas, que as conduz e as mantém juntas. Segundo os pitagóricos, a reflexão filosófica pressupõe o amor e lhe confere sua última significação (Philippe, 1999).

Empédocles (século V a.C.) reconheceu no amor a força que conserva unidos os quatro elementos e, na discórdia, a força que os separa. Essas duas forças cósmicas estariam encarregadas de constituir o universo, o Cosmos, dentro do qual o homem busca estabelecer o seu lugar. E, sob este prisma dual, estabelece que todo o universo é regido pelo amor e pelo ódio, que designava respectivamente por Philotes e Neikos (Assoun, 1978). Na mitologia grega Philotes é uma deusa menor, filha da noite e corresponderia à personificação do afeto e da paixão, enquanto os Neikea, segundo a mesma mitologia, eram espíritos que personificavam as disputas, as pelejas e as ofensas (também podiam ser chamadas no singular Neikos), de tal forma que: “Em certos momentos, o universo se unifica e se ordena: é então o amor que o governa” (Philippe, 1999, p. 17).

Mas, será Platão (427-347 a. C.) que contribuirá para a historiografia do amor com o primeiro tratado filosófico sobre o amor. Há um certo acordo entre os estudiosos em admitir que *O Banquete* é a matriz de todos os discursos sobre o amor no Ocidente (Guttman, 2009). Nesta obra assumem-se e conservam-se os caracteres do Amor-Eros e, concomitantemente, tais caracteres são generalizados e sublimados. Há de se ressaltar que, ainda atualmente convive-se com a noção equivocada de amor platônico, uma expressão costumeiramente usada para designar um amor ideal, alheio a interesses ou aos prazeres carnais. Nesse sentido popular, o amor platônico costuma denotar a vivência de um amor impossível de se realizar,

um amor perfeito, ideal, puro, casto. Contudo, trata-se de uma má interpretação da filosofia de Platão, quando se vincula o atributo "platônico" ao sentido de algo existente apenas no plano das ideias. Porque ‘ideia’ em Platão não é uma cogitação da razão ou da fantasia humana. É a realidade essencial. O mundo da matéria seria apenas uma sombra que lembraria a luz da verdade essencial. Logo, a expressão amor platônico é uma interpretação equivocada do conceito de amor na filosofia de Platão. O amor em Platão é falta. Ou seja, o amante busca no amado a Ideia - verdade essencial - que não possui. Nisto supre a falta e se torna pleno, de modo dialético, recíproco.

Outras filosofias gregas não menos importantes para a filosofia do amor são a contribuição de Aristóteles (384-322 a.C.), que direciona seu olhar sobre o amor não do ponto de vista erótico, mas como *philia*, o amor de amizade e a contribuição de Epicuro (341-270 a.C.), que se encarregará de desenvolver uma moral do prazer que, segundo ele, é uma propriedade imanente do amor. Há que se ter em mente que, em momento algum de sua obra, este filósofo prioriza o prazer imediato, sensível e sensual. O prazer epicurista é aquele que emerge da contemplação do ser amado. Por isso, faz se necessário evitar equiparar o amor e o prazer, mas também é necessário evitar separá-los, já que não são domínios separados, mas aspectos integrados de um mesmo e único processo. E, diante da moral epicurista, situam-se os estoicos e sua concepção da moral. Para estes, o prazer não é a essência da felicidade do homem, mas a *apatheia*, isto é, a indiferença que o homem é capaz de adquirir graças ao domínio voluntário sobre si mesmo (Philippe, 1999). E será Plotino (203-269 a.C.), com o legado das filosofias platônica, aristotélica e estoica, aquele que analisará o amor como silêncio último que une o absoluto, ao bem, ao uno.

Dessa forma, observa-se que para as pessoas que compartilhavam de similares referenciais na Idade Antiga, o amor e a paixão, consagrados ou não através dos casamentos, ora eram vistos como algo que é benéfico até para a ascese humana, ora como uma ameaça para a sobrevivência do próprio clã, tribo, pólis ou mesmo, em um nível mais pessoal, para o próprio ser humano.

Mas, essas formas de encarar o amor na Antiguidade Clássica vão sofrer profundas transformações com a contribuição do pensamento dos primeiros padres da Igreja, mormente na Idade Média.

1.2.3 Idade Média (476 d. C. – 1453 d. C.).

Com o advento do Cristianismo, a noção de amor é acentuadamente influenciada por dois fatores. Por um lado, era entendido como uma relação ou um tipo de relação que se deveria se estender a todas as pessoas entendidas como "próximos" ("charitas", em latim para designar caridade); por outro lado, o amor foi aceito como um mandamento divino (ágape, em latim). Essas formas de se relacionar deveriar levar as pessoas a criar uma comunidade que ainda não existia, mas que deveria tornar irmãos todos os homens para conseguir se lograr um lugar no Reino dos Céus. Outras visões e concepções amorosas foram negadas e até reprimidas. De acordo com Evangelista (2010), a partir do Estoicismo, movimento filosófico que tinha no ascetismo uma de marcas mais fortes, e com o advento do cristianismo, paixão e razão tornam-se opostas. Ainda de acordo com este autor, a Escolástica (pensamento cristão da Idade Média, fundamentado na tentativa de conciliação entre um ideal de racionalidade, corporificado especialmente na tradição grega do platonismo e do aristotelismo, e a experiência de contato direto com a verdade revelada, tal como a concebe a fé cristã) vai opor ágape (amor a Deus) e charitas (amor ao próximo) a Eros (desejo impulsivo). De acordo com Lins (2012 a):

> Os primeiros cristãos passavam o tempo todo preocupados em reprimir seus impulsos biológicos. Como, por mais esforço que fizessem, os impulsos sempre retornavam, eles colocaram a responsabilidade de visões e tentações sexuais no demônio. Quando os sonhos sexuais vinham durante o sono, transformavam as noites em algo muito difícil de suportar. Freiras e outras mulheres cristãs muitas vezes protestavam raivosamente, dizendo que o íncubo, um anjo caído, as visitara e as obrigara a cometer atos indecentes. (p. 119)

Em outras palavras, o amor carnal e o exercício da sexualidade acabam sendo abafados, não estimulados e restringidos pela concepção medieval, e a dominação do cristianismo influenciará preponderantemente o pensamento social. Brown (1990) aponta que isso aconteceu porque a elite romana era sensível aos apelos de moderação e de contenção sexuais e a opinião popular estava cheia de histórias de castigos que afligiam o mundo por culpa dos maus indivíduos que não amavam o seu próximo.

Embora na filosofia grega Deus fosse concebido como a bondade, como o "bem em si" (Platão), ou como o "primeiro amável" (Aristóteles), não se fazia ainda a equivalência entre Ele e o Amor, tal como se concebe até hoje (Almeida, 2008). E há que se levar em

consideração que, entre afirmar que Deus é bondade e que Deus é amor, há uma distância muito grande. Pois bem, a teologia cristã desenvolverá a concepção grega e fará uma reflexão pautada no mistério do amor agápico. Alguns expoentes como Santo Agostinho (354-430 d.C.), São Boaventura (1218-1274 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.), são de capital importância nessas reflexões.

Santo Agostinho, bispo da cidade de Hipona (hoje Annaba, na Argélia), foi um dos principais responsáveis pela síntese entre o pensamento filosófico clássico e o cristianismo e exerceu influência decisiva para a formação e para o desenvolvimento da filosofia cristã. Segundo o pensamento agostiniano, o amor constitui uma lei existencial e o motor da ética. Agostinho dizia que a força que iria libertar o homem de todas as suas amarras e limitações era o amor (Santo Agostinho, 1999). Se assim não fosse, o ser humano viveria imerso na solidão e no egoísmo e, consequentemente, ter-se-ia o fim da epopeia humana sobre a Terra, pois as pessoas não se uniriam às outras, garantindo, desse modo, a procriação e a sobrevivência da própria espécie. Para Agostinho, influenciado pelas ideias Platão, de Plotino e também de São Paulo, o amor é uma lei existencial porque existe e habita o ser humano: "Ninguém poderá existir sem amar..." (Arendt, 1978, p. 94). Não é uma existência jogada simplesmente no mundo, porque o amor dá significado ao próprio ser e ao existir. A escolha do objeto do amor é o ser, que é o todo, aquilo que o abrange e envolve, constituindo uma relação de reciprocidade entre o amor e o ser. O ser é a totalidade que envolve e abrange o amor. O amor, por sua vez, tem a capacidade de envolver o ser e tornar-se a ser com ele.

São Boaventura nasceu em Bagnorea (atualmente Bagnoregio, em Viterbo), no ano de 1218 e foi batizado com o nome de João de Fidanza. Aos vinte anos de idade, ingressou na Ordem fundada por São Francisco (onde vestiu o hábito e tomou o nome de Boaventura dois anos depois), que, à semelhança dos dominicanos, já tinham se estabelecido em Paris, Oxford, Cambridge, Estrasburgo e em outras universidades europeias. Estudou filosofia e teologia na Universidade de Paris, na qual, em 1253, foi designado catedrático. Também foi contemporâneo de Tomás de Aquino, outro santo e doutor da Igreja, de quem era amigo e companheiro. São Tomás de Aquino e São Boaventura foram convidados pelo Papa Gregório X a prepararem o segundo Concílio de Lion, mas São Tomás de Aquino faleceu alguns meses antes da abertura do Concílio, que aconteceu em 7 de maio de 1274. Alicerçado nas teses de Santo Agostinho e na filosofia de Platão, escreveu onze volumes teológicos, procurando dar fundamento racional às verdades regidas pela fé. A caridade é o fundamento da doutrina teológica que o Frei Boaventura ensinou com sua palavra e escritos. O texto *Itinerário da*

mente para Deus está entre os seus livros mais conhecidos (De Boni, 1983), obra na qual explicita que o fim de toda a busca intelectiva humana é o amor. Este mestre medieval foi canonizado em 1482 e recebeu o honroso título de doutor da Igreja.

Tomás de Aquino nasceu Roccasecca (atualmente na região do Lácio, na Itália), Reino da Sicília, no ano de 1225. Foi membro da pequena aristocracia – seu pai e um de seus irmãos eram da corte de Frederico II – dedicaram-se à pregação e aos estudos filosóficos e teológicos. Ingressou na Ordem dos Dominicanos sob forte oposição da família e nela foi mestre em várias cidades, como Paris e Roma (Torrel, 2004). Contudo, foi em Paris que realizou suas reflexões mais importantes. Reconhecido como o principal teórico da Escolástica, sua compreensão de homem nos é particularmente importante. De acordo com Lauand (1999), este mestre do século XIII concebeu o ser humano como uma totalidade composta de corpo e alma (ideia incorporada da obra de Aristóteles), diferentemente dos pensadores que se inspiravam principalmente no neoplatonismo para afirmar a separação entre a matéria e o espírito. Ele definia o amor como desejar o bem do outro. São Tomás também vai se remeter à filosofia platônica, resgatar o amor-paixão (Eros) e desenvolver uma teologia sobre as paixões. Alguns autores como Nunes (1979), Gilson (1995) e Le Goff (1995), consideram a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino a mais importante produção intelectual medieval. As questões que discorrem a respeito do amor estão presentes na primeira seção da segunda parte de sua *Suma Teológica* (questões 26 a 28). As questões 26 (O amor), 27 (A causa do amor) e 28 (Os efeitos do amor) da primeira e da segunda parte da *Suma Teológica* são dedicadas à investigação sobre a natureza, as causas e os efeitos do amor como paixão da alma. Existem, também, questões em outras partes dessa mesma obra que remetem à discussão do amor, como as questões sobre a caridade (questão 23) e a amizade (questão 114), presente na segunda seção da segunda parte.

De acordo com Philippe (1999), Tomás de Aquino (2003) buscou, por meio do estudo das paixões, estudar a pessoa de Cristo da maneira mais adequada possível e, assim, vai estudá-las profundamente. Uma das maiores contribuições dos escritos de Tomás de Aquino é a necessidade de formar o homem para que este reflita sobre sua ação no mundo, tendo em vista o “bem-comum” (Kreeft, 1990). E, o amor, o bem-comum e a formação humana estão inerentemente associados ao pensamento deste mestre do século XIII. Tomás de Aquino (2003) acreditava que o amor como um fenômeno que englobava o medo, a alegria, a concupiscência e a tristeza, nem sempre, mas casualmente. Os que buscam verdadeiramente entender e ver Deus irão necessariamente amar o que Ele ama, um amor que requer

moralidade e aparece nas escolhas cotidianas dos homens. E, ao criar uma tipologia de onze diferentes tipos de paixões (a saber: amor e ódio, desejo e aversão, alegria e tristeza, esperança e desespero, temor e audácia e, por último, a ira), São Tomás advogava que as paixões, em si, não são boas e nem más, mas uma fonte ontológica de riquezas para a vida humana. O que deve ser encarado como mau é o excesso nas paixões, pois elas, em si, são como uma espécie de apetite natural sensível.

Antes de o cristianismo se expandir, o conjunto de valores estóicos pos-se a defender a procriação como intenção e justificativa para as pessoas se casarem. Os cristãos se arrogaram da moral estóica. Para os estóicos, um homem sábio deveria amar sua mulher com discernimento e moderação, não com paixão ou excessos, a fim de procriar (Levi & Schimitt, 1996). Isto é, os homens deviam interagir com as próprias esposas com comedimento, não como amantes (Araújo, 2002). A regra básica do código moral estóico defendia o amor comedido reservado para o casamento e o amor-paixão fora dos ditames matrimoniais. São Tomás exerceu preponderante influência sobre a concepção do amor, pois foi o primeiro a elaborar um grande tratado sobre as paixões na filosofia ocidental. O autor reconhecia o amor como um apetite vital, implicando o conhecimento. Uma grande contribuição autor é que, em sua obra o ciúme é considerado uma consequência do amor. Para São Tomás, qualquer que seja o sentido do ciúme, provém da intensidade do amor que se sente pelo ser amado.

Em suma, de acordo com Costa (1998), o amor-agápico, sobretudo influenciado pelo pensamento de santos e doutores da Igreja, dominará a mentalidade amorosa da alta Idade Média e toda a mentalidade ocidental até a revolução cultural ocorrida entre 1500-1700. E, fundamentadas nessas e em outras concepções correlatas, “a Idade Média certamente conhece o peso do pecado e com frequência vive entre o temor e tremor” (Gandillac, 1990, p.198).

E, ao falar-se de amor, um pensamento acorre à mente: e o casamento? Na Idade Média, o casamento tinha uma diretriz diferente da que se tem hoje por referência. Tudo o que desse vazão aos sentimentos, como o amor, era considerado impróprio para o casamento (Batten, 1995). De acordo com Araújo (2002), até o século V, a união dos casais e a celebração das núpcias não tinha interferência clerical. Era um ato privado que ocorria entre os nobres, tendo como função a transmissão da herança, dos títulos e a formação de alianças políticas. Escolha e paixão sequer pesavam nessas decisões.

Nesta época não havia incentivo, mas repressão dos sentimentos considerados como voluptuosos e corruptores da alma, portanto, a relação matrimonial não deveria sediar ou promover o amor carnal ou a paixão. Os fundamentos dessa diretriz cristã casta e celibatária

situavam-se nas recomendações do apóstolo Paulo aos coríntios, ao exortar que os homens deveriam permanecer celibatários, às viúvas que se mantivessem castas e às solteiras que ficassem virgens.

No entanto, esses ideais de condenação absoluta do desejo e do prazer não se sustentaram por muito tempo. A Igreja acabou aceitando o casamento como uma maneira de conter os "libertinos". De fato, o casamento era uma instituição que visava à estabilidade de toda uma sociedade desempenhando as funções de procriação de filhos (que futuramente trabalhariam granjeando mais recursos), promoção e manutenção de riquezas. No entanto, esse arranjo pragmático não é exclusividade somente desse período. Trabalhos realizados por Lèvi-Strauss (1976) evidenciam que, nas sociedades mais antigas, a aliança (perspectivando a maximização de recursos familiares) também era um fator determinante no casamento. A união se justificava muito mais pela necessidade de reciprocidade, imposta pela divisão sexual do trabalho, do que pelo fator satisfação amorosa (Araújo, 2002). A aliança era uma forma necessária de intervenção da família sobre os bens considerados escassos e essenciais para a sobrevivência, e fundamentava-se em um sistema de trocas, cujas regras demarcam a origem do casamento. Dessa forma, estava garantida a continuidade da estrutura social e estamental da época. Ocorre que, a partir do momento em que o amor começa a fazer parte do casamento, esses sustentáculos, como a reprodução e união de riquezas, seriam relegados a um plano inferior de preocupação, ameaçando toda essa forma de organização social (Almeida, 2008). Afinal, quando um casamento acontece simplesmente por amor, não há mais interesse ou pelo menos arrefece-se a intenção da perpetuação ou na união de riquezas. Contudo, apesar das diversas proibições da Igreja, a afeição, a ternura, o amor e a felicidade entre os cônjuges não eram desconsiderados na vida íntima dos casais (Philippe, 1999). De acordo com Duby (1990 a), os casais tomavam como exemplo a relação entre São José e a Virgem Maria que, mesmo sem terem relações carnais, foram felizes e estavam satisfeitos um com o outro, apenas amando-se, cooperando e sendo fiéis um ao outro. O amor verdadeiro, na opinião de monges e clérigos menos extremistas, é aquele em que consideraria o sexo em uma posição de subordinado e não constituiria a prioridade da vida conjugal, pois esta é o amor que se aproxima da caridade, portanto, de Deus. Assim, o amor, a afeição, eram muito mais uma consequência do casamento do que uma causa (Duby, 1990 a; Gandillac, 1990; Lê Goff, 1984). De acordo com Araujo (2002), expulso do casamento, o amor grassava-se nas relações ilícitas, estilizado pelos cavaleiros, poetas e trovadores, fruído intensamente por homens e mulheres em toda a parte.

De acordo com Casey (1992), nos séculos IX e X, as uniões matrimoniais eram constantemente combinadas sem o consentimento da mulher que, na maioria das vezes, era muito jovem. O fato de se casarem muito jovens era um dos motivos atribuídos para a falta de importância que os pais davam à sua opinião. O pai alegava que estava preocupado com o futuro da filha e, portanto, providenciando o melhor para ela. Essa falta de importância em relação à opinião da mulher resultava, muitas vezes, em raptos, às vezes, facilitados ou instigados pela jovem infeliz (Duby, 1990a). O modelo leigo de casamento arranjado priorizava o acúmulo de bens e preocupações com a questão da herança e levava em consideração os bens dos cônjuges para não enfrentarem futuramente a pobreza. De acordo com Ariès (1986), observa-se um grande número de casamentos entre primos, situação essa que visava a não dispersão das riquezas de uma mesma família. Esse modelo de casamento exigia também, por parte das famílias, não ter muitos filhos, pelo mesmo motivo: concentrar a riqueza. Quando houvesse mais de um filho, somente o primogênito tinha parte na herança, enquanto que os demais eram incentivados ao celibato transformando-se em monges ou cavaleiros.

Ainda de acordo com Ariès (1986), as etapas de um casamento normal, nesta época eram as seguintes: (1) *Petitio* - pedido da noiva pelos pais do noivo; (2) *Desponsatio* - o consentimento das famílias sobre a união de seus filhos; (3) *Dotatio* – entendimento familiar sobre o dote; (4) *Traditio* - entrega da jovem ao noivo pelos pais; (5) *Publicae nuptiae* - cerimônia do casamento; e (6) *Copula carnalis* - união carnal. Essas etapas eram combinadas entre os pais. O *desponsatio* pode ser entendido como um noivado, mas sempre sem consentimento algum dos nubentes, pois, nessa época, os filhos eram ainda crianças, com cerca de sete anos, sem idade para a tomada de decisões. Os acertos sobre o dote eram feitos no *dotatio* e também ficava estipulado que, após as crianças crescerem e atingirem a idade de tomar suas próprias decisões, se o casamento não se realizasse por rebeldia de algum deles, haveria uma espécie de multa paga pela família da pessoa que desistisse do casamento (Bloch, 1995). Essa norma constituía mais uma pressão sobre os futuros noivos para a realização do casamento. Portanto, casamento era uma questão resolvida entre os pais homens, sem a participação das mães, tampouco da futura noiva. A entrega da jovem (*traditio*) acontecia anos após as três primeiras etapas, quando as crianças já tivessem atingido a idade de aproximadamente doze ou quatorze anos. De acordo com Vainfas (1986) o rito nupcial, propriamente dito, ocorria numa solenidade na casa do noivo e o ápice dessa celebração acontecia no quarto dos nubentes. Ao redor do leito, estavam reunidas numerosas

testemunhas, e o pai do noivo presidia a união. Todos os presentes testemunhavam a intenção da união carnal e da procriação. Então, a cerimônia era realizada e, após ela, acontecia a união carnal. De acordo com Araújo (2002), a fecundidade era um elemento indispensável ao casamento, assim como a fidelidade absoluta da mulher, de maneira que o adultério feminino implicava o abandono ou mesmo a morte da esposa que transgrisse tais princípios. Por sua vez, a esterilidade era uma situação que poderia fazer com que a mulher fosse repudiada pelo seu marido, algo muito comum entre os nobres medievais. Havia também a possibilidade de o casamento ser arranjado entre o pai da noiva e um cavaleiro, que seria o futuro noivo. Todas essas situações eram obstáculos para o surgimento do amor no casamento, tanto pela ausência do consentimento quanto da opinião da noiva.

Até essa época a Igreja ainda não participava efetivamente dos casamentos. Com a queda do Império Romano, gradualmente o cristianismo, anteriormente perseguido, começa a se expandir e, a partir do século V, a Igreja vai abrir caminho e, paulatinamente, começará a estender sua influência sobre o casamento, ao mesmo tempo que tentava submeter reis e cavaleiros a sua hegemonia. Vainfas (1986) relata que na região da Gália, em torno do século VI, a benção do casal à porta do quarto nupcial era feita por um sacerdote cristão. Mais tarde, essa prática vai se difundir e se aperfeiçoar com a presença de um clérigo diante do leito, a fim de incensá-lo e aspergi-lo com água benta, o que poderia ser interpretado como uma intervenção, ainda que modesta, da Igreja Católica.

Séculos depois, como veremos, a Igreja legitimar o casamento como o único espaço adequado para usufruir o sexo, com o objetivo exclusivo da procriação. Nesse ínterim, longo foi o caminho trilhado, desde o início do cristianismo, quando havia grupos eclesiásticos divididos entre a aceitação e a condenação para as pessoas contraírem o casamento. Caracterizados pelos ideais propagados pelo ascetismo, os cristãos pregavam a virgindade, a castidade e a continência de emoções voluptuosas como a paixão. De tal forma que, a renúncia aos prazeres da carne era uma condição única para alcançar o Reino dos Céus. Devido a essa falta de regulamentação eclesiástica, teólogos e pastores carolíngios davam maior importância ao ato sexual, isto é, à última etapa do casamento, a *copula carnalis*. A sacralização do casamento pela Igreja veio a ocorrer somente por volta do século XII. No entanto, é apenas no século XIII que a normatização da moral cristã se assentou, ao reconhecer o sacramento do matrimônio, tornando-o monogâmico e indissolúvel (Araújo, 2002).

A Reforma Gregoriana, ocorrida entre os anos de 1050 – 1215, trouxe como consequência a modificação do entendimento da Igreja frente a vários aspectos e os casamentos não foram uma exceção. Muitas foram as discussões para decidir as concepções que a Igreja teria acerca de certos assuntos. Sobre o casamento houve, entre outros, o debate entre os clérigos Pedro Lombardo e Graciano. Lombardo defendia a ideia de que o casamento deveria ser um contrato e as palavras ditas à frente de testemunhas na hora do casamento seriam condição suficiente para unir o casal. As promessas e palavras ditas anteriormente ao dia do casamento não efetivavam a união entre os cônjuges. Por outro lado, Graciano dizia que a intenção é a condição necessária e, portanto, mais importante que as palavras. Acreditava, assim, que a união poderia realizar-se mesmo antes do casamento. A promessa de um casamento e a relação sexual já equivaleriam ao matrimônio. Finalmente, em 1215, no Concílio de Latrão, foi decidido que o casamento seria um contrato público, ideia defendida por Pedro Lombardo. Porém, a intenção foi um aspecto valorizado para a consolidação do matrimônio, contribuição de Graciano. A partir de então, o ritual eclesiástico transferiu o ato matrimonial da casa, ou seja, do seu local tradicional, para a Igreja, e a cerimônia passou a ser conduzida por um padre (Araújo, 2002).

Outra contribuição importante da Igreja é que ela estabeleceu proibições ao casamento entre parentes, que visava para o modelo laico de casamento arranjado a não dissipação dos patrimônios acumulados, o que dificultava ainda mais a escolha do cônjuge. A partir da imposição eclesial dessa regra, ocorreram muitos casamentos nos primeiros graus de consanguinidade permitidos, o que revela que o costume de se casar com os parentes mais próximos possíveis não desapareceu. Na verdade, não se sabe bem até onde essas proibições foram realmente levadas a sério. A Igreja atribuia outra importância para o casamento: reprimir o mal. Ela condenava o prazer nas relações sexuais e, portanto, considerava o casamento um mal menor: afinal, nele poderiam acontecer relações sexuais, sem prazer, visando apenas a procriação. Era uma forma de controle da devassidão dos leigos. Outra imposição da Igreja era a proibição das relações sexuais nos dias sagrados. Para conseguir essa proibição a instituição utilizava-se do medo das pessoas alegando que as crianças com anomalias eram concebidas em tais dias (Duby, 1990a).

As mulheres que não queriam contrair matrimônio e escaparem do casamento arranjado tinham a alternativa de seguirem a vida religiosa, um meio eficaz de fugirem deste destino: negavam o casamento por amor a Deus. De acordo com Duby (1990 a), esse tipo de negação do casamento era motivo de louvor, por ser considerado um chamado divino, pois a

vocacionada desejava a castidade ao exercício da genitalidade da vida matrimonial, algo de muita importância para a Igreja. Mas, mesmo alegando o amor a Deus, muitas dessas mulheres também acabavam se casando, pois, quando os pais da noiva desejavam a realização do casamento, não havia como escapar da imposição paterna. Nem por vontade própria, dizendo que amavam outro, nem através da religião, alegando amor a Deus. Pode-se, assim, perceber a permanência da falta de importância dada ao amor, seja entre cônjuges, seja entre uma mulher e Deus.

Data dessa época o amor cortês ou "l'amour courtois"? De acordo com Newman (1968), o amor cortês é um conceito europeu medieval caracterizado por atitudes, mitos e etiquetas para enaltecer o amor, e gerou vários gêneros de literatura, incluindo o romance medieval. O amor cortês surgiu nas cortes ducais e principescas das regiões onde hoje se situa a França meridional, em fins do século XI, e se propagou pelas várias regiões que enalteciam o "ideal cavalheiresco". O amor cortês, cantado pelos trovadores, era diferenciado do amor cavalheiresco (Vainfas, 1986).

Em sua essência, o amor cortês era uma experiência contraditória entre o desejo erótico e a realização espiritual, um amor ao mesmo tempo ilícito e moralmente elevado, passional e autodisciplinado, humilhante e exaltante, humano e transcendente. Nas palavras de Araújo (2002):

> O amor cavalheiresco era quase sempre ligado a um adultério carnal ou a uma proeza que resultava no casamento. O amor cortês era um amor adúltero espiritual que nunca implicava no casamento dos amantes. O amante dessas histórias era sempre socialmente inferior à dama cortejada e se dispunha a qualquer sacrifício para provar o seu amor. Era um herói disposto ao sacrifício, mas não buscava o encontro carnal com sua amada. Fazia simplesmente uma declaração, uma confissão de amor, fosse pelo gesto, pela amável conversa ou pelo simples olhar. A retribuição esperada era um ato de carinho, um reconhecimento do amor, nunca a entrega do corpo. Enquanto o amor cortês exaltava a mulher e a colocava num plano superior ao homem, o amor cavalheiresco a colocava numa atitude passiva, inferior ao homem e dependente de sua iniciativa. (p. 73)

A expressão "amour courtois" ("amor cortês"), originalmente foi dada pelo escritor Gaston Paris em um artigo escrito em 1883, *Études sur les romans de la Table Ronde: Lancelot du Lac, II: Le conte de la charrette*, um tratado no qual ele analisa a obra *Lancelote, o Cavaleiro da Carreta*, do autor Chrétien de Troyes (Paris, 1883). De acordo com Melo (1992), o amor cortês não resulta de afinidades psicológicas ou de um reconhecimento afetivo mais aprofundado. Segundo Hendrick e Hendrick (1992), o amor cortês vigorou mais

fortemente no século XII, embora tenham sido semeadas suas primeiras manifestações alguns séculos antes.

De acordo com Heer (1976), a transmissão da herança na Europa da Idade Média deixava sem dinheiro, poder e propriedades todos os filhos mais jovens dos senhores feudais. O legado da herança tinha como base o parentesco lateral (irmãos, irmãs) e não vertical (filhos, filhas). Assim, os "desabonados" jovens nobres só tinham a oportunidade de ascenderem socialmente e de enriquecerem ao se casarem com noivas ricas. É desta massa econômica desvalida que surgirão os cavaleiros que se servirão do amor cortês e da poesia trovadoresca rumo à sua escalada aristocrática feudal. Assim, o amor cortês é essencialmente aristocrático. Era reservado às elites que frequentavam as cortes. Considerado uma ocupação de ociosos, libertos de qualquer preocupação material (Almeida, 2008). Nem a burguesia, nem ao menos a figura da mulher popular, merecem as atenções devotadas à dama, que só poderia ser uma castelã. Neste sentido, este feudalismo amoroso no plano afetivo e sexual traduz a mentalidade de toda uma classe (Bonnassie, 1985). E será Guilherme IX, duque de Aquitânia e conde de Poitou, nascido em 1071, o primeiro dos trovadores. Ao que parece, suas líricas de amor em novo estilo difundiram-se por toda a Provença, onde mantinha a sua corte e, posteriormente, acabaram conquistando toda a Europa.

Existem muitas representações ficcionais e poéticas que discorrem sobre o amor na corte, mas, felizmente para os historiadores, um homem que viveu no Castelo de Leonor, em Poitiers, observou tais acontecimentos em funcionamento e, posteriormente, relatou à maneira de reportagem tudo o que vira, retratando assim com fidedignidade o amor cortesão. Foi um clérigo chamado André, que mais tarde tornou-se capelão na corte da condessa Maria, em Troyes, e se autodeclarou Andreas Capellanus, ou seja, André, o capelão. Dentre outras coisas, codificou trinta e uma normas básicas do amor cortesão, em um livro intitulado *Tratado do amor cortês*. Em suma, o *Tratado do amor cortês* se configura como uma doutrina que delimitava os dizeres e os lugares sociais a partir da ideologia cristã, conduzindo os sujeitos a desejarem a conjunção com o amor divino. O conteúdo dessa obra constituiu o fundamento da "lei" que regia os casos que eram submetidos a juízo nos tribunais, e da qual todas as outras regras, formas e maneiras promoviam a mesura e cortesia, fundamentando-as. Algumas destas dinâmicas espelham o conflito do adultério com o sistema de casamento. Por exemplo, quando enuncia que o casamento não é uma desculpa real para não amar, ele estava defendendo o romance, ainda que não ocorresse entre maridos e mulheres. A sugestão do autor, em outras palavras, era amar a esposa ou o esposo do amigo ou do vizinho, uma vez

que você não conseguia amar seu (sua) próprio (a) esposo ou esposa. A tradição que André Capelão inspirou pode encorajar membros da nobreza europeia entabularem casos emocionalmente intensos, embora emocionalmente castos, com lordes e ladies para experimentarem a paixão que inexistia em seus casamentos. De acordo com Iyengar (2015), em outros lugares do mundo, acreditava-se que o amor, enquanto sinônimo de paixão, poderia ser um obstáculo ao casamento. De tal forma, na China, por exemplo, eram bastante conhecidas situações nas quais os pais interviam, dissolvendo à força, o matrimônio dos recém-casados, quando se suspeitava que algum sentimento romântico começava a interferir com as obrigações familiares dos componentes desse enlace.

De acordo com alguns autores, o "amor cortês", funcionalmente, foi um meio de educar os cavaleiros, civilizá-los, ou seja, foi apenas uma estratégia (Costa, 1998; Heer, 1976). Tais jovens estavam dispostos a rebelar-se contra a ordem social dos mais velhos e, mesmo contra seus principais aliados como o clero e o papado romano. Neste jogo, a mulher servia simplesmente de engodo. Mas, os senhores feudais começaram a perceber os benefícios imediatos de tal situação, utilizando-se de suas mulheres para conduzir o jogo, oferecendo-as como o prêmio ao vencedor. Predicativos como a fidelidade ao senhor são exaltados nessas histórias. Como um senhor muitas vezes tinha muitas mulheres, este era extremamente favorecido devido ao grande número de cavaleiros que ficavam às suas ordens. Assim, as histórias do "amor cortês" tinham como objetivo principal estabelecer a conduta moral dos cavaleiros, sobremaneira perante o senhor feudal.

Outra visão complementa esta dinâmica feudal apontada por Heer (1976). Segundo Batten (1995), a tradição do amor cortês surgiu na época em que algumas mulheres da aristocracia começavam a granjear poder econômico. A ausência dos maridos que empreendiam lutas nas Cruzadas rendeu às mulheres, sobretudo às francesas, o ensejo de administrarem as terras, da mesma forma que a ausência dos homens durante a Segunda Guerra Mundial deu às mulheres americanas a chance de ingressarem na sociedade como força de trabalho. Por volta do século X, as mulheres eram responsáveis por alguns feudos na região do sul da França conhecida como Provença. Com as mulheres administrando a propriedade de terras, os valores militaristas da sociedade feudal estavam abertos ao desafio. Então, diante deste considerável crescimento econômico, a partir do século XI, ocorreu uma patente e sensível melhoria de vida das mulheres (Bonnassie, 1985). Os jovens nobres franceses reconheceram nesta situação uma forma de conseguirem trabalho como cavaleiros a serviço de um senhor abastado e conquistar a simpatia das mulheres destes senhores feudais.

Sua estratégia foi ardilosa e, assim, foi criada a poesia trovadoresca, que pode ser considerada a versão medieval do romance contemporâneo (Batten, 1995). Os trovadores tornaram-se cavaleiros do amor, empenhando sua lealdade, obediência e serviços à esposa de seu senhor. Ainda segundo Batten (1995), em concordância com Heer (1976), este “feudalismo do amor” continha as sementes da mudança social pois, por meio da poesia trovadoresca e do amor cortês, a dama era elevada ao mesmo status dos homens, embora esta não fosse a mensagem implícita mais subversiva. Cantavam os trovadores que o amor equiparava as pessoas, fossem estas ricas ou pobres e, assim, contestava-se a ordem social vigente e a rígida estrutura feudal estratificada. Como seria de se esperar, para a sociedade feudal, a ideia de que o amor poderia superar barreiras entre classes sociais e riquezas era subversiva. Contudo, o argumento era funcional aos que dele se serviam, trovadores e ‘senhoras feudais’. Ou seja, era conveniente aos seus interesses propagar a imagem do amor como uma forma democratizante. Nas palavras de Heer (1976): “O amor cortês era uma maneira aceitável de rebeldia contra os costumes sociais dominantes e era conscientemente adotado para servir a este fim” (p. 172).

E, paulatinamente, o amor começou a ser uma condição para o casamento. O século XII é marcado por uma grande mudança em vários aspectos da Idade Média. O casamento e o amor não são exceções. Já se podem observar mudanças nas concepções sobre o amor no casamento como as do o monge Bernardo de Clairvaux: "O amor não requer nenhum outro motivo, além de si mesmo, e não busca frutos. Seu fruto é o gozo de si próprio" (Casey, 1992, p. 95).

Romance é um termo derivado do francês antigo “romans”, que se refere a uma linguagem utilizada na Idade Média, a língua românica, derivada da língua utilizada no norte da França, pois, na Idade Média, o uso do latim era limitado à escrita, enquanto a comunicação oral está nos textos da linguagem românica. As histórias românticas do denominado amor cortês propagaram o amor carnal, material e reforçaram a imagem do amor proibido que não deveria existir no casamento, considerado sagrado pela Igreja. Dessa forma, o ideal do amor romântico irrompeu na sociedade ocidental durante a Idade Média e, surgiu pela primeira vez na literatura no mito de Tristão e Isolda, depois nos poemas e nas canções de amor dos trovadores (Jonhson, 1987). Ainda, de acordo com o autor, o amor cortês tinha por modelo o intrépido cavaleiro que honrava uma bela dama e fazia dela a sua musa inspiradora, o símbolo de toda a beleza e perfeição, a aspiração que o incentivava a ser nobre,

espiritualizado, refinado e voltado para assuntos etéreos. Assim, de acordo com Le Goff: "O amor cortês foi antimatrimonial" (Le Goff, 1984, p. 117).

Há de se evidenciar que a vida entre os casais não propiciava satisfação (Vainfas, 1986). A principal função social da mulher era o da reprodução: esta deveria evitar que o marido se tornasse seu amante. Caso não obtivesse êxito na fecundação, ela poderia ser devolvida à família pelo marido. Há de se evidenciar que as mulheres não deveriam demonstrar nenhum sentimento durante o ato sexual; deveriam ficar deitadas de costas para que assim não pudessem ver nada e não estimulassem o homem. As demais posições sexuais deveriam ser evitadas para que não se sentisse prazer durante o ato – algo que a Igreja proibia e condenava. De acordo com Amaral (s.d.): “A intenção do matrimônio deverá ser engendrar filhos, para que estes amem a Deus”. (p. 8). Duby tem uma ideia complementar sobre esse aspecto (1990 a): “O amor do marido por sua mulher se chama estima, o da mulher por seu marido se chama reverência” (p. 58).

De acordo com Lázaro (1996) as hagiografias, ou seja, o estudo biográfico da vida dos santos insistia nas virtudes resignadas das mulheres santas. A partir da intervenção da Igreja no matrimônio, cada vez mais a mulher bonita, bem arrumada, não era bem vista, pois a imagem da beleza é sinal de luxúria, de pecado e de tentação. Em outras palavras, as jovens recém-casadas saíam de casa com pouca idade para viverem com um homem que sequer conheciam e, muitas vezes, tinham de sujeitarem-se às mais variadas violências e humilhações, eram repudiadas e abandonadas, situação essa devido à inexperiência e ao desconhecimento completo das mulheres que não sabiam até que ponto deviam sujeitar-se aos maridos (Macedo, 2002). E é dessa forma que esposas infelizes, desprezadas, cada vez mais, começam a buscar consolação fora de casa, com outros homens.

O mundo foi se tornando mais liberal, mesmo que contra a vontade da Igreja. Adultérios, pecados entre cônjuges, contracepções, aconteciam com maior frequência. Isso mostra uma emancipação dos valores vigentes por meio da exaltação dos sentimentos do indivíduo que, para satisfazer-se, corre atrás dos seus objetivos, mesmo indo contra a Igreja ou contra o comportamento social padrão.

Outra mudança importante no século XII é a "invenção" do casal. Entre seus dois constituintes deveria haver a cooperação, a amizade e "uma harmoniosa associação para gerir o negócio comum" (Duby & Ariès, 1990, p. 152), isto é, para gerir a casa, o espaço privado em que os sentimentos ganhavam espaço. Desta forma, começava a nascer um sentimento entre os cônjuges. Tornava-se comum ver pessoas tristes pela morte do seu companheiro. "Há

uma aproximação no seio do casal" (Duby & Ariès, 1990, p. 152). E, muito embora, a seleção de um marido não tenha deixado de levar em consideração o dote, o meio social do pretendente, a profissão, a qualidade de sua casa, a sua linhagem, a opinião da futura esposa começava a ser levada em conta para a realização ou não do casamento.

E, aproximadamente no século XV (fins da Idade Média), a literatura, retrata casais que, apesar de usufruírem do prazer carnal no casamento, seguiam as normas da vida cristã e respeitavam suas regras (Macfarlane, 1990). Esse tipo de atitude era aceitável, ainda que não fosse a ideal para a Igreja. Apesar de algumas modificações nos padrões de comportamento desde o século XII e de uma maior tolerância por parte da Igreja, nos finais da Idade Média, o amor carnal continuou sendo condenado, visto como algo proibido, mesmo dentro do casamento (Copplestone, 1997).

Assim, a concepção do amor interdito ainda permanecia influente mesmo no final da Idade Média. E, até a Época Moderna, o amor continuou a ser encarado como algo não virtuoso ou saudável e não chegou a ser fundamental para a realização de um casamento, apesar do consentimento da mulher ganhar cada vez mais espaço até tornar-se a principal condição para a união de um casal.

1.2.4 Renascimento e Idade Moderna (1453 – 1789).

Constituem aspectos fundamentais do Renascimento e da Idade Moderna os processos de formação dos Estados Nacionais (ou propriamente dito países) e do absolutismo real; o Renascimento Cultural e as reformas religiosas, sobretudo a Reforma Protestante; a expansão do comércio e das manufaturas e a formação de impérios coloniais europeus com a Expansão Marítima. A Reforma Protestante foi uma das inúmeras reformas cristãs que aconteceram após a Idade Média, quando o povo começou a questionar o que era imposto pela Igreja Católica – que tomava atitudes consideradas autoritaristas e insatisfatórias e que se desviavam dos seus princípios iniciais, fazendo-a entrar em grande contradição. Por exemplo, a teoria empirista de Francis Bacon, o heliocentrismo defendido por Nicolau Copérnico e a física newtoniana, serviram para descentralizar o monopólio intelectual da Igreja. O conhecimento produzido por essas e outras pessoas promulgava a ideia de que o homem não necessitava da chancela de uma instituição que concedesse a elas o direito de conhecer a Deus ou o mundo. A Reforma Protestante foi iniciada no começo do século XVI por Martinho Lutero, que

publicou suas 95 teses, em 31 de outubro de 1517. Ele protestou em frente à igreja do Castelo de Wittenberg, contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica Romana, como:

- A Igreja Católica, inicialmente, condenava o acúmulo de capitais, mas ela mesma enriquecia mais e mais, seja por ajuntar altas somas de dinheiro (geralmente dos fiéis), seja por possuir terras;
- A Igreja Católica começou a vender indulgências, pregando que qualquer cristão, poderia (e deveria) comprar o perdão para os seus pecados e, dessa forma, conseguir entrar no Reino dos Céus. Há de se enfatizar que Lutero discordou publicamente dessa prática realizada pelo Papa Leão X;
- A Igreja Católica dispunha de muito poder político, o que naquela época não deveria acontecer (pois, o período estava em fase de transição do sistema feudal para monarquias nacionais).

No decurso dos séculos, ocorreu o enriquecimento da nobreza e, esta, tornou-se mais liberal perante os filhos. O medo de dissipar a fortuna devido ao grande número de filhos foi desaparecendo e as famílias começaram a permitir o casamento dos filhos que não quiseram seguir a carreira eclesiástica (Duby, 1990b).

Os costumes medievais recatados ainda continuaram na Idade Moderna, mas a Reforma Protestante ajudou a tornar alguns deles menos rígidos. O divórcio, por exemplo, que era proibido pelo catolicismo, passou a ser aceito na Igreja Anglicana. Outra contribuição importante é que Lutero estabelece como lei a abolição do casamento sem consentimento dos pais — indo assim ao encontro dos interesses seculares e políticos. Nesse período, a Europa viu o monopólio da Igreja Católica ruir, mas as igrejas protestantes que surgiram na Alemanha, Inglaterra e Holanda continuaram muito rigorosas no que se refere às práticas sexuais. Houve, todavia, uma mudança nos padrões de beleza - mulheres com cinturas finas e seios fartos passaram a ser as mais desejadas. Assim, no século XVI, surgiu o espartilho, peça de roupa que projetava os seios das mulheres para cima e afinava suas cinturas.

Na Idade Moderna, começaram a serem mais comuns os casamentos por amor, e não apenas por interesse (Lins, 2012 b; May, 2011; Rougemont, 1988/1972). Uma das primeiras evidências de que o casamento migrou de um dever com a família para um compromisso de amor foi a inserção e a utilização de uma fala comumente utilizada até hoje, o famoso, 'até que a morte nos separe'. De acordo com Iyengar (2015), essa frase origina-se de uma obra chamada *Livro de oração comum* (em inglês, *Book of Common Prayer*), cuja primeira versão

foi publicada em 1549 pela Igreja da Inglaterra, produto da reforma Anglicana. Esses votos, na íntegra, escritos em inglês (o que representava a quebra com a Igreja Católica Romana) eram: “Para ter-te e conservar-te deste dia em diante, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar-te e estimar-te até que a morte nos separe” (Iyengar, 2015).

De 1545 a 1563, o Concilio de Trento tornou a Igreja responsável pelo casamento - antes, os casamentos eram apenas civis e aconteciam na própria casa. A partir daí, passaram a ser realizados diante de um membro da Igreja. Com a Reforma Protestante, o rei Henrique VIII, da Inglaterra, rompeu com a Igreja Católica e fundou a Igreja Anglicana, em 1534, para poder se divorciar e se casar com outra mulher. E os anabastistas, uma denominação protestante surgida na época, defendiam a poligamia.

Era uma época de maior liberação sexual. De acordo com Blanc (2010), em 1495, pela primeira vez, soldados franceses em Nápoles dão sinais de tumores genitais. É o início da sífilis na Europa. Em 1527 foi empregada pela primeira vez a expressão "doença venérea", por Jacques Bethercourt, embora a existência das mesmas já fosse conhecida desde o século II d.C. pelos romanos e tenham sido descritas por Galeno. Mas, foi somente em 1550 que foi inventada a camisinha moderna, creditada ao anatomista e cirurgião italiano Gabriele Falloppio (1523 – 1562), que recomendava o uso de um envoltório de linho sobre a glande para evitar a disseminação da sífilis.

Grandes artistas e pensadores dessa época trataram da temática amorosa em suas obras, como os filósofos Espinosa, Descartes e o dramaturgo William Shakespeare.

William Shakespeare, nascido em 1564, na cidade de Stratford-upon-Avon (Inglaterra) foi um poeta e dramaturgo inglês, tido ainda hoje como o maior escritor do idioma inglês e, segundo muitos autores (*e.g*. Greenblatt, 2005), como o mais influente dramaturgo do mundo. Em *Romeu e Julieta*, por exemplo, tematiza os conflitos familiares decorrentes dos arranjos de casamento. A fala de Julieta, à Cena II de *Romeu e Julieta*: “Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume” (Shakeaspeare, 1998, p. 38) remonta a uma visão de mundo no qual o importante é a essência das coisas e não sua nomeação. O verso reafirma que o amor é o que importa entre casais apaixonados, e não as nomeações de quem são as pessoas apaixonadas. Ou seja, não importa os sobrenomes das pessoas que buscam o casamento, mas a paixão entre elas. O autor contribui também para valorizar os obstáculos anteriores à efetivação do relacionamento, os quais, antes de arrefecer

os sentimentos, unem ainda mais os amantes, uma característica do romantismo que influenciará em grande parte o mundo ocidental contemporâneo.

René Descartes nasceu na cidade de La Haye (França), em 31 de março de 1596. Descartes foi um importante filósofo, matemático e físico francês do século XVII. Também fez estudos nas áreas da Epistemologia e Metafísica. É considerado o pioneiro do pensamento filosófico moderno. Defendia que a razão era o único guia infalível para se chegar ao conhecimento e à sabedoria. Por isso é considerado o "pai do racionalismo". Em seu texto *As Paixões da Alma*, última obra publicada pelo autor, em 1649, sugere que o amor seria um conceito multifacetado e plural. Este texto é o único em que trata diretamente dos problemas da vida moral. O livro foi escrito para a princesa Elisabeth e também é conhecido pelo título de *Tratado das Paixões*. Nele, o autor pretende esclarecer as relações entre a alma e o corpo. O livro é dividido em três partes: na primeira, Descartes mostra como a alma é o agente ativo em suas volições que terminam ou na própria alma ou no corpo, além de apontar os efeitos da percepção sobre o ser humano. Logo na primeira parte de *As Paixões da Alma*, evidencia-se a intenção de explicar o dualismo corpo–mente em face do conhecimento científico do organismo humano que se tinha até então. Para tal, o autor serve-se de toda uma descrição fisiológica do funcionamento dos nervos, músculos, cérebro e coração com o intuito de mostrar como as paixões são produzidas pelos "espíritos animais" e como a alma pode influir no controle do corpo sem confundir-se com este. Na segunda parte são examinadas as paixões. Descartes (1983) define cada uma das paixões estudando-as do interior: a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria, a tristeza. A terceira parte de seu Tratado examina as diferentes paixões classificadas em espécies segundo as seis paixões primitivas estudadas na segunda parte.

Outro autor importantíssimo dessa época foi Baruch de Espinosa (também grafado como Spinoza), nascido em 1632, em Amsterdã. Juntamente com Descartes e Leibnitz forma o trio dos grandes racionalistas do século XVII. Era um profundo estudioso da Bíblia (tanto que é considerado o fundador do criticismo bíblico moderno), do Talmude e de obras de judeus como Maimônides, Ben Gherson, Ibn Ezra, Hasdai Crescas, Ibn Gabirol, Moisés de Córdoba e outros (Damásio, 2003). Também se dedicou ao estudo da filosofia de Sócrates, Platão, Aristóteles, Demócrito, Epicuro, Lucrécio e também de Giordano Bruno. Em sua obra, Espinoza reflete sobre a ética da alegria (Macherey, 1994). Para ele, somente é boa a alegria que nos leva ao amor (que ele define como a ideia de alegria associada a uma causa exterior) no cotidiano e na convivência com os outros, enquanto a tristeza sempre é má,

intrinsecamente relacionada ao ódio (que ele define como a ideia de tristeza associada a uma causa exterior), a tristeza sempre é destrutiva para nós e para os outros (Gleizer, 2005). Em sua obra *Tratado sobre a correção do intelecto* aponta que nossa suprema felicidade ou infelicidade depende da qualidade do ser com o qual nos unimos através do amor (Spinoza, 1954).

Em sua ética, Espinosa explicita que, quanto mais causas estão envolvidas na produção de um determinado fenômeno, mais esse fenômeno existe, e menos ele pode ser perecível ou destruído (Lloyd, 1996; Souza, 2013). Em outras palavras, a pluralidade torna forte a realidade que dela nasce; a multiplicidade fortalece a vida da singularidade que lhe permanece ligada: a singularidade lhe permanece ligada não de fora, mas por dentro, intimamente, ou como Espinosa preferia chamar na sua obra, de imanentemente (Chauí, 1995; 1999; Ezcurdia, 2008). Um exemplo bem simples: o amor. Se o amor que sentimos por alguém tem por causa apenas um atributo ou aspecto desse alguém, mais facilmente esse amor poderá ser destruído: basta que desapareça esse atributo ou aspecto que causou o amor (Kaminsky, 1990). No entendimento do filósofo, os amores prejudicados pelo o ciúme, os amores infelizes, os amores inconstantes, os amores que fazem sofrer, todos esses amores têm poucas causas que acabam por reificar o ser amado, isto é, são poucos os aspectos do ser amado que realmente amamos (Souza, 2012). Então, frequentemente um parceiro tenta querer modificar os outros aspectos que não ama no outro parceiro, situação essa que, não raramente, conduz à incompreensão, às decepções e às mútuas acusações de desamor. De acordo com seu entendimento, quando alguém ama outro alguém devido à aparência de uma parte do seu corpo, este amor poderá estar comprometido e morrer se esta parte mudar de aparência, o que sempre acaba ocorrendo com o tempo ou por um acidente. Mais grave: quando se ama alguém por algo que lhe seja externo, como bens, propriedades ou poder, basta haver a diminuição ou perda dessas coisas para que o amor assim nascido também desapareça ou se perca (Souza, 2012). Assim, diz Espinosa, o amor por alguém, seja este alguém um par ou um amigo, será mais potente se esse amor tiver por causa vários aspectos desse alguém, e não apenas os aspectos físicos que o tempo pode mudar; o amor existe mais quando se amam também os aspectos invisíveis de um ser, aspectos estes que se sentem, mas não se pode tocar ou ver.

Não menos importante também foi a contribuição de Rousseau, o qual muitos autores (como podem ser citados Bloom, 1993; Soares, 1997; Lejarraga, 2002; 2005, dentre outros), consideram responsável pelo o modelo de amor romântico. O filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau nascido em 1712, em Genebra. Em 1742, estabeleceu-se em Paris, onde fez

amizade com os filósofos iluministas (os chamados "*philosophes*"), entre os quais estavam Diderot e Condillac. Em consequência do que ele mesmo considerou uma iluminação, Rousseau escreveu o *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*, tratando já da maioria dos temas importantes em sua filosofia e respondendo negativamente àquela pergunta. Com a publicação dessa obra, Rousseau conquistou reconhecimento. Seguiram-se anos de grande atividade reflexiva. Em 1755, publicou-se o *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens*. Em 1761, veio à luz *A Nova Heloísa*, romance epistolar que obteve grande sucesso. No ano seguinte, saíram duas de suas obras mais importantes: o ensaio *Do Contrato Social* e o tratado pedagógico *Emílio, ou da Educação*. Suas obras consistiam em um projeto amoroso que era também uma proposta filosófica e política para a sociedade burguesa em ascensão. Na visão rousseauniana, o amor apaixonado devia ser a base da construção da família, pilar da sociedade. Os literatos herdeiros de Rousseau exploraram as contradições e os impasses de seu projeto amoroso.

Uma vez estabilizado o amor romântico como forma de conduta na Europa, foram atendidos os anseios de autonomia e felicidade pessoais para a classe burguesa, legitimando-a no poder. “Sua íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com ideais coletivos” (Costa, 1998, p.19).

E a especulação teológica sobre o amor retorna no platonismo renascentista, e desta vez, acentua a reciprocidade do amor entre Deus e o homem, conforme a tendência própria do Renascimento de insistir na dignidade do homem como tal (Abbagnano, 1970).

1.2.5 Idade Contemporânea (1789 – até os dias atuais).

Como se pode observar até aqui a concepção do amor sofreu muitas mudanças ao longo da História. E, a partir desse apanhado de ideias anteriores, veremos como se chegou a uma concepção contemporânea do amor. Como pode ser observada a união que associa amor, sexualidade e casamento é o resultado de uma gama muito ampla de fatores que estão continuamente sendo reinventados pelas configurações de relacionamento afetivo-sexual de cada momento histórico. O amor-sexual e o amor-paixão, como fundamento para o casamento, surgiram a partir da Idade Moderna e, com elas, adquiriu-se um elemento revolucionário, pois enunciavam uma nova ordem aos afetos e às relações de que os mesmos seriam participantes. Nesse cenário, o amor vai percorrer uma longa trajetória até chegar à

condição de uma força praticamente arrebatadora, sempre pronta a desembocar no casamento, como capturaram os filmes de Hollywood, que influenciaram e continuam a influenciar constantemente o ideário social.

Observe-se a influência do cinema americano. Depois da Primeira Guerra Mundial, com o colapso da indústria cinematográfica europeia, Hollywood passou ser o carro-chefe das novas produções e dos lançamentos de filmes que destacavam o relacionamento afetivo como eixo principal, a maioria das personagens femininas era apresentada em situação de triângulo. Casais secundários personificavam, por vezes, a normalidade (Del Priore, 2006). Ainda de acordo com a autora:

> As tramas ficcionais eram semelhantes: duas personagens se batem pelo amor de uma terceira. Depois do triângulo esclarecido, os maus eram punidos e os bons pares, felizes para sempre. Outro traço comum? O casamento como solução para qualquer problema. É por meio dele que personagens de grupos sociais diferentes se encontram. (Del Priore, 2006, p. 291-292)

Em um cenário aparentemente tão caótico, os relacionamentos amorosos adquirem um novo vigor e um duplo sentido. Para os abonados economicamente, os relacionamentos amorosos seriam um ponto a mais no sentido da autorrealização; para os menos afortunados, um consolo para os revezes que encontravam em seus caminhos. De acordo com Lins (2012 a e b), o amor romântico foi conservado como o mais ardoroso ideal, capaz de proporcionar as mais doces alegrias e as mais profundas dores emocionais. E, então, o amor como um tema, ocupará um lugar central na nossa vida social em todos os níveis culturais, da poesia aos romances, que tendem a retratá-lo como uma mistura de paraíso e de catástrofe, aos finais felizes dos musicais da Broadway e dos filmes de Hollywood e até as excitações oferecidas pelas revistas populares.

Segundo Lins (2012), cada vez mais, as produções que tematizavam o amor, incutiam no ideário das pessoas referenciais tais como: (1) a convicção de que, para cada indivíduo, existe “um (a) companheiro (a) certo (a), predestinado (a) e único (a) no mundo, à espera de ser encontrado (a). De tal forma que seria a tarefa de todas as pessoas solteiras esperar ou sair à procura, até que esse ser único seja localizado; (2) o significado do “ato de se apaixonar”. Em geral, presume-se que as pessoas se encontram distraídas e não preparadas para perceber a abordagem do amor, que acontece subitamente, seja à primeira vista, seja após os primeiros momentos com o ser amado; e então, a vítima ao que se supõe cai, sem possibilidade de

defesa, nas garras de uma vontade superior ou de uma Providência divina; (3) A ideia de que o amor é cego, e que a pessoa que ama pouco observa as imperfeições da pessoa amada, seja de caráter, seja de beleza, nem as admite quando lhe são apontadas; (4) O amor tudo conquista e que ele é uma poderosa força que consegue derrubar todos os obstáculos que estejam em nossos caminhos; e (5) atribuir beleza e qualidades extraordinárias a alguma pessoa perfeitamente comum (Hunt, 1963).

Aliás, o cinema foi o grande referencial de disseminação dos novos costumes. Hollywood, através de suas estrelas, como Katharine Hepburn e Marlene Dietrich, e de estilistas, como Edith Head e Gilbert Adrian, influenciaram milhares de pessoas. De acordo com Tannahill (1983) os filmes produzidos por Hollywood esforçavam-se a condicionar as mulheres à crença de que o lugar e o destino delas estavam fadados ao lar. Não porque, como no passado, inexistissem opções para ela, mas porque essa mulher estava voluntariamente destinada a esse objetivo de vida, pelo mágico poder e influência do amor e do romantismo. A sociedade ocidental é a única cultura da História que tem a experiência do amor romântico como um fenômeno de massa. Somos os únicos a cultivar o ideal do amor romântico e a fazer do romance a base de casamentos e relacionamentos amorosos. É inegável a participação hollywoodiana para a difusão dessa maneira de se conceber a vida e de se pensar os relacionamentos, principalmente, a partir de 1940.

Outras mídias influenciavam o comportamento e os costumes humanos levando-se em consideração que, no início do século XX, não era tão difundida a psicoterapia para lidar com questões afetivas, tampouco uma farmacopeia específica para tratar as dificuldades dos relacionamentos amorosos, o suporte da época ficava por conta das revistas e dos manuais com conselhos matrimoniais passavam a falar da harmonia da vida sexual do casal, e recomendava-se muita serenidade na vivência à dois (Almeida, Del Vecchio & Lourenço, 2015). Publicações da época como as revistas “Jornal das Moças” “Vida doméstica”, “Você”, “Capricho”, “Querida”, além de a seção feminina de “*O Cruzeiro*” e “compartilhavam de uma mesma mentalidade da época que tiranizava as mulheres. Nesses textos, família, Igreja e Lei são praticamente incontestáveis. Os artigos contidos nessas publicações tratavam de questões como: Como deveria se comportar uma boa esposa?; O que seria moralmente aceito ou de se esperar de uma mulher?; Como e por que refrear os impulsos e as paixões?; O que significa ser uma boa mãe, esposa ou boa filha?; Como entender, conquistar e manter os homens?

Outros pontos e questões buscavam legitimar as aventuras extraconjugais dos maridos e procuravam definir o futuro das mulheres como esposas, mães e rainhas do lar. Por exemplo, uma das edições do Jornal das Moças dessa época aconselhava para as leitoras que uma “boa esposa” deveria proporcionar, sem questionamentos, sossego e liberdade ao seu marido, a fim de preservar com suas atitudes obedientes e submissas à “felicidade conjugal”. Para isso, a esposa não deveria incomodá-lo com suspeitas, quaisquer que essas fossem sobre sua conduta. Não deveria duvidar de suas explicações sobre os atrasos. Não deveria demonstrar ciúme. Deveria também saber esquecer as aventuras de seu marido com outras. Os homens têm direito à liberdade. Outro exemplo é o da revista “O Cruzeiro”, que, em sua seção feminina, recomendava às moças que se mantivessem virgens até o altar, para que não estragassem a felicidade do casal, como uma maneira de coibir as manifestações presentes nos filmes de Hollywood que agrediam a decência e o decoro da época (Del Priore, 2006)

Ao final da década de 30, movimentos totalitários por toda a Europa começam a eclodir, com Mussolini na Itália, Salazar em Portugal, Francisco Franco na Espanha e Stálin na União Soviética, além de Hitler na Alemanha. A década seguinte, ou seja, 1940, fora um período marcado pela explosão das bombas em Hiroshima e Nagasaki, matando milhares de civis no Japão, e supostamente precipitando o fim da guerra.

De acordo com Lins (2012) a guerra forjou muitos casais incompatíveis. O número de casamentos aumentou 50% depois de Pearl Harbor; os homens queriam ter alguém para quem voltar. Enquanto a guerra prosseguia, a média de idade dos recém-casados diminui sensivelmente. Como uma das diversas noivas que se casaram em 1942 lembrou, cinquenta anos depois: ao declarar que provavelmente não teria se casado tão rapidamente se não fossem aqueles tempos de guerra. Por volta de 1944, havia 2,5 milhões de mulheres casadas a mais do que em 1940.

Consequentemente, a guerra gerou muitos bebês: na despedida e na chegada dos maridos. Os EUA e outros países envolvidos no conflito conheceram o baby boom, fenômeno causado pela taxa de nascimentos, que aumentou. A taxa de natalidade pulou de 2.466 milhões nascimentos, em 1939, para 2.703 milhões em 1941 e 3.104 milhões em 1943. Duas vezes mais famílias com três filhos e três vezes mais com quatro (Lins, 2012). Ainda, de acordo com Lins (2012) situação a guerra deixou muitas mães solteiras, mas o maior número de mães solteiras não estava entre as adolescentes e sim entre as mulheres de 30 a 35 anos.

Um relatório de 1944 lamenta o comportamento “predador” de algumas mulheres que se envolvem com três ou quatro soldados americanos para se garantirem com pelo menos um para o sustento do futuro filho.

Se durante a Depressão o trabalho da esposa tinha sido objeto de imensa discórdia por “ter tirado o emprego dos homens”, agora ela era convidada e abençoada por trabalhar (Lins, 2012). Depois da Segunda Guerra Mundial, as conquistas femininas permitiram que as jovens namorassem no portão, mas com horário predeterminado, por pais e irmãos, pensando-se que desta forma o encanto entre os dois pudesse acabar. Nesta época também houve a popularização das novelas transmitidas pelo rádio e o comportamento amoroso dos amados geralmente não ia além de um leve toque de mãos. A prática dos beijos era proibida. Nesta década observa-se outro comportamento: os pais não criavam empecilhos ou dificuldades para o namoro da filha se o moço fora “de futuro”, ou seja, se fosse de família rica e posição social próspera. Complementarmente Lins (2012) aponta que:

> Depois da guerra, as mulheres americanas começaram a ficar ansiosas para arranjar marido. Dezesseis milhões de jovens soldados foram enviados ao outro lado do mar; 250 mil foram mortos; 100 mil se casaram com mulheres inglesas, francesas e de outras nacionalidades. “Elas perceberam que já não havia homens em número suficiente e, mais grave ainda, que os veteranos estavam exigindo mulheres maduras, sofisticadas, iguais às que tinham conhecido na Europa, e não tinham tempo a perder com moças de cabeça oca. Surgem então as ‘caçadoras’, ‘ladras de homens’, admiradas em lugar das outras. Frequentar o colégio tornou-se uma forma de pegar marido, ‘ser diplomada como madame’ — e se, em outubro, a moça ainda não tivesse parceiro, então era mesmo um fracasso.” (p. 193-194)

A moda feminina dessa década é considerada uma das mais lindas e sensuais do século XX. Foi também nos anos 40 que Marilyn Monroe surgiu pela primeira vez nas telas. Seguindo esta linha de beleza forte da “*femme fatale*” e alegre da “*pin-up*” tentava-se compensar a tristeza da guerra. A maquiagem ficou carregada, com muito batom vermelho, lábios cheios e delineados e sobrancelhas bem desenhadas.

De acordo com Lins (2012) o advento do cinema, no final do século XIX, multiplicou as possibilidades do erotismo artístico, antes limitado à pintura, às gravuras e das imagens produzidas pelos daguerreótipos. A imagem em ação e movimento trouxe um realismo impensável ao sexo representado. E também surgiram alguns ícones do cinema, tais como: Rodolfo Valentino. Entre as atrizes podemos destacar algumas, tais como Rita Hayworth,

Theda Bara, Eleonor Glyn, Greta Garbo, Lana Turner e Marlene Dietrich. De acordo com Lins (2012):

> O exotismo do Oriente compôs o primeiro mito cinematográfico masculino: O Sheik, misterioso personagem vivido por Rodolfo Alfonso Raffaelo Pierre Filibert Guglielmi di Valentina d'Antonguolla ou apenas Rodolfo Valentino (1895-1926), como ficou conhecido por uma geração inteira de mulheres, que suspiravam por ele em uníssono. O filme rendeu 4,5 milhões de dólares e provocou uma paixão pelo tango.
>
> O Sheik fez de Rodolfo o símbolo sexual da década. Seu olhar parecia dizer: "te amo, te desejo". Os homens americanos se julgavam sheiks e beijavam a mão de suas namoradas, a quem chamavam shebas. Em contrapartida evitavam levar suas mulheres ao cinema nos filmes de Valentino. Elas rejeitavam suas bolinações durante as cenas quentes. (p. 177)

Como em períodos anteriores, aos maridos, as relações extraconjugais eram consentidas e/ou toleradas. Não eram criticados os infiéis desde que fossem discretos e continuam como provedores da família. E, quanto mais mulheres eles conquistavam, mais eram considerados viris e valorizados. Em contrapartida, as mulheres deveriam manter contida a sua própria sexualidade para serem vistas como esposas respeitáveis. Afinal, a honra do marido dependia muito da conduta da esposa. Descoberta uma relação extraconjugal, ela era atacada e, em caso de separação, corria o risco de perder a guarda dos filhos, pois a mentalidade dessa época determinava que um homem que fosse incapaz de tratar com violência a mulher que lhe fora infiel ou de se separar dela perderia o respeito de seus iguais e passa a ser visto como 'corno manso', um insulto considerado gravíssimo para a época (Del Priore, 2006; Lins, 2012).

Findada a Segunda Guerra Mundial apesar de as mulheres terem provado o gosto da igualdade e da liberdade econômica, cedem à supremacia masculina e desistem de trabalhar fora de casa para que os homens recuperem seus empregos (Yalom, 2001). Assim, se voltam para o trabalho doméstico e reassumiam o cuidado com a família, como donas de casas e esposas e criavam filhos e filhas com essa mentalidade de que formarem na cabeça das filhas a ideia de que uma parceria boa, deveria ser uma excelente dona de casa. Aliás, continuava-se a acreditar que ser mãe e dona-de- casa era o destino natural das mulheres de boa forma. Agora que os homens estavam de volta da guerra, já não havia nenhuma necessidade de as mulheres trabalharem. As mulheres concordaram em desempenhar, no pós-guerra, o papel de

esposas dedicadas exclusivamente ao lar e submissas ao marido. No entanto, essa situação não duraria muito tempo; era uma questão de tempo para ocorrer o movimento de emancipação feminina prosseguia.

Os fabricantes do pós-guerra produziram aspiradores de pó, torradeiras, liquidificadores, máquinas de lavar roupas e pratos mais potentes e mais baratos para substituir os modelos ineficientes criados antes da guerra, além de outros aparelhos para economizar tempo.

Os anos 50, ou anos dourados são considerados como uma época de transição entre os períodos de guerra da primeira metade do século XX e o período das revoluções comportamentais e tecnológicas da segunda metade, tendo assim a chegada da televisão em Portugal e no Brasil. O padrão de beleza, a arte de ser bela, ter a pele perfeita simbolizava sucesso. Neste período pós-guerra, retornaram os valores conservadores e nos relacionamentos homem-mulher, observava ainda o flerte ou o namorico (jogo de gentilezas, olhadelas, gestos, sorrisos). O jovem casal apaixonado deste período ganhou o direito de atravessar o portão e se instalar na sala de estar da família, mas ainda sob os olhares atentos de bastiões da moral e dos bons costumes.

Na primeira metade do século XX a mulher consegue igualdade com o homem em diversos aspectos da vida cotidiana, mas vive em conflito entre sua capacidade e o medo de não corresponder às expectativas masculinas. Ela teme que isso lhe custe a oportunidade de viver um relacionamento amoroso, de que suas escolhas e atitudes a releguem à situação de solteirona (Lins, 2012; Hunt, 1963). Para que tal situação não viesse a acontecer, as mães aconselham as moças sobre o risco de se tornarem “perdidas”, ou seja, de perderem a virgindade antes do casamento. O desenvolvimento do uso de maquiagem, de tintura de cabelos nos anos 1920, do culto ao corpo e da juventude são sinais de um desejo de amar e de ser amada que se acentuava cada vez mais. De acordo com Bassanezi (2006) a reputação das moças se apoiava em sua capacidade de resistir aos avanços sexuais dos rapazes. A ideia era a de que se ela não resistisse ao namorado, não resistiria a outros homens depois de casada.

Regras mínimas para os encontros eram bastante conhecidas. Primeiramente, o rapaz interessado devia ir buscar a moça em casa e depois levá-la de volta — mas, se ela morasse sozinha, ele não poderia sequer entrar; o homem sempre pagava a conta; as chamadas “moças de família” não abusavam de bebida alcoólica e, de preferência, não bebiam; conversas ou

piadas picantes eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha de impor respeito (Bassanezi, 2006). Independentemente deste corolário de regras, os homens insistiam por mais intimidade, mas os que alcançavam seus intentos se desencantavam.

Casar, para a mulher, era a principal meta a ser alcançada na vida. E para isso era necessário impor respeito. Então, a mulher "fácil", aquela que permitia certas liberdades, ficava mal falada, diminuindo assim suas chances de encontrar um marido. Ainda, segundo Bassanezi (2006), era importante que as mulheres soubessem distinguir o certo do errado e encontrar o chamado "bom partido" de forma a conservar suas virtudes e a conter sua sexualidade, dando-se ao respeito. Ficava mal para a reputação de uma jovem usar roupas sensuais, sair com muitos rapazes diferentes ou ser vista em situações que sugerissem intimidade com um homem. Seria prejudicial a seus planos de casamento ter fama de leviana, namoradeira, enfim, de ser uma garota fácil, que se permite beijos ousados, abraços intensos e outras formas de manifestar a sexualidade (Bassanezi, 2006; Lins, 2012; Del Priore, 2006).

De acordo com Del Priore (2006) o tempo de namoro também seguia alguns padrões, e não poderia — como no início do século — durar muito, e levantar suspeitas sobre as verdadeiras intenções do rapaz, nem tão pouco que catalisasse e precipitasse decisões sérias e definitivas. Além disso, o namoro muito longo comprometia a reputação da moça que se tornava alvo de fofocas maldosas.

As mulheres deveriam cuidar-se para não ter sua "reputação maculada". Esse medo das mulheres não infundamentado. De acordo com Hunt (1963) o padre francês Grimaud Charles Abbe, em seu livro *Aux grands jeunes gens - futurs époux* (Aos grandes jovens – futuros esposos), que havia sido lançado em 1920, era um dos pilares do pensamento que reforçava a mentalidade até essa época ao aconselhar aos homens que evitem as intelectuais e as mulheres que trabalham fora tanto quanto as prostitutas. Essas e outras obras, de acordo com Azevedo (1986), validavam os valores morais da primeira metade do século XX quanto à escolha de parceiras possíveis, bem como quanto a forma de se relacionar no namoro, ou mesmo, quanto regras para o noivado e também em relação aos papéis de cada um no casamento. Esses suportes literários visavam também aprimorar o caráter, fortalecer a vontade, orientar a jovem leitora para os valores consagrados da pureza, honra e beleza moral segundo o modelo apontado pela ética e pela hagiografia católicas, que tinham a preservação

da virgindade como supremo objetivo, condição última da tranquilidade de consciência e atributo insubstituível para o casamento e a dignidade da mulher. Hollywood, a mídia e o ideário comum anunciavam o quanto interesses culinários e aparelhos eletrodomésticos como eram “o sonho de toda a mulher”.

E toda a iniciativa da conquista era atribuída única e exclusivamente ao homem. O casamento para as mulheres era considerado ascensão social, pois se ficassem solteiras seriam consideras fracassadas socialmente falando. Para atrair os pretendentes as moças utilizavam de estratégias. Estavam sempre bem vestidas, demonstravam bom humor e apresentavam-se amáveis. Consequentemente, a mulher dessa época se sente confusa. Por um lado, tem o desejo de fazer uso dos seus direitos tão duramente conquistados, desenvolvendo-se tanto quanto o homem, mas por outro lado, ela deseja ser protegida pelo homem e de ser dependente dele.

Enfim, a moral sexual dominante nos anos 1950 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundidas com ignorância sexual e sempre relacionadas à contenção sexual e à virgindade (Bassanezi, 2006). De acordo com Perrot (2006), quando a moça se casava lhe era imposta uma mudança na maneira de vestir — uma mulher casada deveria usar roupas de acordo com sua nova condição, e quanto mais importante fosse a posição do seu marido, maior seria essa imposição, pois estava sob a mira do julgamento social. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir são objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa o seu sexo, vulcão da terra. A estratégia da época, segundo a autora Perrot (2006)foi:

> Enclausurá-las seria a melhor solução: em um espaço fechado, controlado, ou no mínimo sob um véu que mascara sua chama incendiária. Toda a mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe acontece, ela está recebendo apenas aquilo que merece (p. 447).

Em suma, é mulher estava reservado o maior quinhão de responsabilidade para com a felicidade no lar. A mulher caberia estar à disposição de seu marido e da família a qualquer momento. Deveria ser prendada, recatada, e ao mesmo tempo, esmerada em sua aparência, para que o homem não se sentisse atraído pelas mulheres da rua (Del Priore, 2006).

Ao contrário, os homens eram valorizados se tivessem relações sexuais com várias mulheres. Geralmente, eram prostitutas ou garotas com quem não casariam, como as que eram chamadas de fáceis, galinhas, bandidas, biscates. Essas lhes permitiam contatos sexuais proibidos às moças para casar (Bassanezi, 2006). De acordo com Lins (2012) a moral sexual ainda estava vinculada à procriação, pois não havia ainda pílula anticoncepcional, mas por conta de todos os preconceitos, as mães solteiras eram repudiadas. Afinal, a mulher que tinha relações sexuais antes do casamento era considerada indecente, sem-vergonha, indigna. E, depois de casada, na ausência do marido, deveria restringir a sua vida social.

Com tanta repressão, o sexo não era considerado prazeroso para a maioria de seus praticantes, sobretudo, para as mulheres. *O segundo sexo*, originalmente publicado em 1949, da autora Simone de Beauvoir, torna-se a bíblia das moças que se vangloriavam de estarem desgostosas de viver, aproveitando para compensá-la com os mais diversos prazeres. Paulatinamente, as mulheres nutriam uma insatisfação em relação às suas vidas e em relação a vida que os respectivos maridos levavam. De acordo com Lins (2012) frequentemente as mulheres, quando se casavam, perdiam a maioria das amigas. Estas passavam pelo crivo de aceitação do marido, que procurava afastar a "má influência' das amigas mais liberadas ou as mais independentes, situação essa que poderia ameaçar a sua hegemonia familiar. Complementarmente Bassanezi (1996, 2006) aponta que, a "boa esposa" da época, deveria fazer tudo para agradar o marido, mesmo em detrimento do seu próprio bem-estar. Além disso, não deveria discutir com ele nem se queixar de algo que a insatisfizesse.

O homem chegava à vida adulta com muito pouca experiência e aqueles que tiveram alguma lida com o assunto foi por meio de relações com prostitutas, o que reforçava a ideia de o sexo ser algo pecaminoso e pouco digno (Del Priore, 2006; Lins, 2012).

Na década de 1960, segundo Del Priore (2006): "As músicas de Bob Dylan, Joan Baez exportavam, mundo afora, a ideia de paz, sexo livre, drogas como libertação da mente e, mais uma vez, do amor. Os países onde boa parte da população adotava o protestantismo — Estados Unidos, Inglaterra e Holanda — consolidavam uma desenvoltura erótica antes desconhecida" (p. 321). Ainda, segundo esta autora, a moral sexual brasileira flexibilizava-se cada vez mais e casais não casados eram cada vez mais aceitos, e já podiam circular socialmente. A sexualidade ainda era vivida como um pecado, aos olhos da Igreja, mas um número crescente de católicos — e, em 1950, 93,5% da população brasileira declarava-se

apostólica romana — começava a acreditar que amor e prazer podiam andar juntos (Del Priore, 2006). No entanto, os crianças e adolescentes ainda eram “protegidos”, pelos adultos, de informações mais diretas que utilizavam com eles de subterfúgios como evitar falar sobre aspectos da vida sexual, ou quando falavam sobre isso utilizavam de eufemismos como, por exemplo, dizer que por meio de uma sementinha colocada na barriga da mãe nasciam os bebês.

Se antes dessa época, por exemplo, entre a década de 1940 a 1950, o beijo dos enamorados se limitava a um mero colar de lábios, na década seguinte, as carícias generalizavam-se e o beijo tornou-se mais profundo — o beijo de língua ou beijo francês — antes escandaloso, e mesmo considerado um atentado ao pudor, passava a ser sinônimo de paixão. Na intimidade sexual, a sexualidade bucal, graças aos avanços da higiene íntima, estende-se a outras partes do corpo. Esse fica inteiro à mercê de ser explorado pelos lábios. As preliminares tornam-se mais longas. As sucções mais profundas. A limpeza do corpo e certo hedonismo alimentam carinhos antes inexistentes (Del Priore, 2006).

Além da participação da música, do cinema e da televisão que invadira 4,61% dos domicílios brasileiros em 1960 continuava martelando o ideal do amor romântico, as novelas diárias como a telenovela “Ocupado”, transmitida pela antiga Rede Excelsior, que começaram a ser exibidas pela televisão brasileira a partir de 09 de setembro de 1963. Esta foi a primeira produção a mostrar o casal romântico Glória Menezes e Tarcísio Meira, como protagonistas desta novela.

Nos anos sessenta e setenta, no Brasil, São Paulo era uma cidade muito musical. Se na tevê a efervescência da música se podia notar nos festivais de Música Popular Brasileira, na Jovem Guarda e em outros programas, nas ruas e garagens dos bairros de classe média, a meninada caprichava em suas tentativas de tirar as músicas dos Beatles, Animals, Rolling Stones. Há de se evidenciar que a banda de rock britânica “Os Beatles” começou a aparecer no final de 1962, com "*Love Me Do*", mas só fariam sucesse mesmo no Brasil, dois anos depois. Começava o tempo das “domingueiras”, em que os conjuntos reinavam absolutos nos clubes de São Paulo. Nas pistas improvisadas quase sempre na quadra de esportes dos clubes, os jovens dançavam, paqueravam, namoravam ou simplesmente ficavam de olhos vidrados naqueles deuses que tiravam um som idêntico aos conjuntos de seus ídolos lá de fora. Dessa forma, uma tarde de domingo no clube era um programa imperdível para garotos e garotas.

Ao som de músicas como "*You Really Got Me*" e de "*Well AlI Right*" e entre um refrigerante e um sanduíche, os jovens se socializavam. Quem não aparecesse na domingueira, certamente, ia passar uma semana por fora das novidades: por exemplo, estava namorando quem, que grupo tinha comprado guitarra nova, qual o comprimento (ou a falta de) da minissaia da fulana ou de sicrana, qual a nova música do momento que era um hit de sucesso.

Com toda essa liberação sexual da década de 60 e suas consequentemente insatisfações, a década seguinte, sofre consequências.

No início dos anos 70, os jovens estavam norteados pelo lema "sexo, drogas e *rock n roll*". A busca por situações de êxtase por métodos físicos e, principalmente, químicos é incansável. Janis Joplin, Jim Morrison, vocalista do grupo *The Doors*, e Jimmy Hendrix tornam-se mitos, grandes expoentes e modelos da época. Os três tiveram uma morte prematura por causa do excesso de drogas e viraram ícones do movimento hippie.

Na década de 1970, a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis inserem-se nos cenários dos jovens, e então, a camisinha torna-se um item obrigatório para quem pretendia levar uma vida sexualmente ativa. Os jovens ainda impedidos de ter suas relações sexuais em casa recorriam a motéis, ou mesmo, lugares com pouco movimento. Surgiram também, nesse período, os antibióticos e a pílula anticoncepcional, que, segundo ele, tornaram possível a revolução sexual nas décadas de 1960 e 1970 no Ocidente. O primeiro eliminou os riscos da promiscuidade, uma vez que tornou as doenças venéreas facilmente curáveis (Hobsbawm, 2003).

Nos anos 70 os jovens estavam buscando sua “liberdade”, era a época dos hips, época de “paz e amor”. Esta paz e amor meramente humanos acabou com o início da Guerra do Vietnã e Estados Unidos. Consequentemente, o final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX promoverão a chamada “revolução sexual”, com conquistas até então nunca vistas devido à descoberta da pílula anticoncepcional, que desvinculou a mulher do sexo ligado à procriação, promovendo uniões fortuitas. Então, as relações sexuais passaram a ser vividas sem o temor da gravidez indesejada (Rocha-Coutinho, 1994). Com a dissociação do sexo da gravidez, as mulheres passaram a questionar seus papéis e lugares na sociedade. Assim, de acordo com Duarte (2012): “a tecnologia anticoncepcional torna-se o grande aliada do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, amor e compromisso” (p. 165).

O movimento feminista também questionava a sexualidade feminina. Quando a mulher fez uso de anticoncepcionais, ela adquiriu controle do seu corpo, da sua sexualidade, da possibilidade de ser (ou não) mãe. Logo, a pílula trouxe muitos benefícios em relação à liberdade das mulheres, uma das quais era experimentar os prazeres do sexo desvinculados da procriação. O sexo passou a ser visto com menos pecaminoso e a gravidez tornou-se mais facilmente controlada, assim houve um aumento do sexo pré-matrimonial, ao mesmo tempo não foi tão simples deixar algumas ideias já preconcebidas para trás. De acordo com Kehl (2006):

> Beneficiou-nos, mas não deixou de cobrar seu preço. Foi muito bom para as moças da minha geração perder a virgindade sem culpa, fora do casamento. Foi bom poder diversificar a experiência sexual, ter parceiros diferentes, aprender, perder preconceitos, perder o medo e, para as mulheres, saber que o primeiro homem não tem de ser necessariamente o definitivo. Mas tentamos abolir a posse e o ciúme das relações amorosas e com certeza não conseguimos...” (p. 36).

Entretanto, a Igreja ainda exercia forte coerção contra essas manifestações. Mesmo com todas as mudanças que aconteceram a partir das décadas de 60 e 70, com as mudanças de comportamento e valores morais e sociais e as pessoas tenham deixado de ver o sexo e o prazer sexual como algo extremamente pecaminoso, aconteceu “uma diminuição da religiosidade” e a religião de fato perdeu um pouco de sua influência sobre as pessoas como tinha nas décadas passadas (Ramalho, 2005), mas ainda exercia sua força sobre a sociedade. De acordo com Lins (2012):

> A partir dos anos 1960, grandes transformações — ligadas principalmente ao advento da pílula anticoncepcional e ao movimento feminista, que contribuiu para o aumento do nível de instrução feminina e para o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho — afetaram a situação das mulheres na sociedade e na família: sua autonomia pessoal e financeira foi consideravelmente ampliada em relação aos homens. (p. 250)

Com a eclosão dos movimentos feministas, as mulheres passaram a lutar por uma igualdade maior entre os sexos e a questionar a limitação de seus papéis como esposa, como dona de casa, como educadora e como mãe. Elas procuravam desenvolver atividades laborais que não estivessem atreladas ao serviço doméstico que até então eram funções de uma mulher casada. Levando-se em consideração esses e outros acontecimentos, houve muitas mudanças. Até os anos 1970, as mulheres que se separavam do marido eram bastante hostilizadas. Como

o casamento era a sua principal fonte de segurança financeira, sem um parceiro-provedor, elas poderiam perecer certamente. Além disso, ela e os filhos eram discriminados, em caso de tornarem-se mães solteiras.

Conforme aponta Hobsbawm (2003), a partir da década de 1970 e, principalmente na década de 1980, tornou-se muito comum que as mulheres (tradicionalmente fiéis nos países católicos romanos) lutassem por direitos abominados pelas doutrinas da Igreja, tais como a liberação do divórcio e uma flexibilização das leis do aborto. Nesse período houve, também, um considerável aumento da porcentagem de mulheres que ingressavam nas universidades, de onde podemos perceber que as mulheres começavam a se preparar melhor para a entrada no mercado laboral e em áreas que, até então, eram exclusivas dos homens. Durante esse período, as mulheres começaram a exigir também seus direitos enquanto cidadãs. Começaram a se engajar em questões políticas e sociais, o que era, até então, privilégio dos homens.

No entanto, apesar de as mulheres terem conseguido aos poucos ingressar no mercado de trabalho, não raramente, seus salários eram muito inferiores aos salários dos homens. Ademais, a entrada da mulher no mercado laboral não garantiu o abandono de suas velhas responsabilidades domésticas que eram exercidas até então. Consequentemente, as mulheres acabaram acumulando seus velhos e novos papéis, caracterizando o que é conhecido atualmente como dupla jornada de trabalho feminina.

Na década de 80, com a repercussão da AIDS, busca ativa da liberdade sexual, controle de natalidade e busca da independência dos valores passados pelos pais. Nos anos 80 também tivemos a eclosão da chamada “Geração Coca-Cola”, pois vivia às margens do imperialismo americano, consumindo seus produtos, dentro os quais o maior símbolo era o refrigerante “Coca-Cola”.

No Brasil, um fato interessante também sobre o desenvolvimento dos relacionamentos amorosos por ocasião dessa época é o fenômeno dos “bailinhos de garagem”. Bailinhos de garagem eram assim chamadas as festas privadas que reuniam adolescentes, homens e mulheres, por volta dos 13 anos de idade e que aconteciam na garagem, quintal ou terraço de alguma casa quintal de casa (Almeida, Del Vecchio & Lourenço, 2015). Para fazer um bailinho não precisava muito: bastava apenas deixar espaço suficiente para dançar, reorganizando o mobiliário do local, determinar quem levava o quê (geralmente as meninas levavam as comidas e os meninos os refrigerantes), convidar o mesmo número de meninas e

de meninos para que todos tivessem um par e ninguém ficasse sozinho, colocar a vitrola portátil num lugar estratégico e, o mais importante, selecionar as músicas. Esses encontros sociais eram caracterizados por ter com músicas ao estilo *Love Songs*, luz negra ou estroboscópica e cuba libre. Com DJs contratados ou com pessoas que se aventuravam como Djs e ao som de Bee Gees, Donna Summer, Elton John, e seguindo os passos de Jonh Travolta, em *Os embalos de sábado à noite*, os adolescentes que delas participavam dançavam sozinhos ou conjuntamente uns com os outros de rostinho colado. Nessas festas, havia pouca bebida, nenhuma droga. As roupas e o visual eram copiados de filmes e de seriados que faziam sucesso, como *As Panteras*, e da última novela das oito, tinham muito estampado, muita maquiagem. Eram festas de família, com a família lá presente, em algum lugar da casa. Um beijo na boca, por ocasião dessas reuniões entre jovens era sinal de namoro iniciado. Essas situações promoviam encontros entre pessoas desconhecidas e entre os jovens que se paqueravam há tempos e que não tinham outra oportunidade para se aproximar e se declararem. Na mesma época dos bailinhos de garagem aconteciam nos clubes da cidade as chamadas "Domingueiras". Nestas, podia-se dançar, ouvir e ver, ao vivo e a cores, as bandas que estavam na moda e que faziam sucesso.

E, em torno do novo ideal de romance e de conjugalidade instaurados, criaram-se muitas expectativas e idealizações, entre elas a ideia de que o casamento deveria ser um lugar de felicidade no qual o amor e a sexualidade são fundamentais (Araújo, 2002). Ainda, de acordo com a autora:

> O amor e o casamento, tal como o conhecemos hoje, surgiu com a ordem burguesa, mas só ganhou feição a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ocupar um lugar importante dentro do casamento. O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério, e a sexualidade não era vivida como lugar de prazer, sua função específica, era a reprodução. Da Antiguidade à Idade Média, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos. O casamento não consagrava um relacionamento amoroso. Era um negócio de família, um contrato que dois indivíduos faziam não para o prazer, mas a conselho de suas famílias e para o bem delas. O principal papel do casamento era servir de base a alianças cuja importância se sobrepunha ao amor e à sexualidade. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões, e a sexualidade para a reprodução era parte da aliança firmada. (p. 70)

A partir do século XVIII, quando o amor romântico se torna o modelo ideal que viabilizava o casamento, o erotismo expulsa a reserva tradicional, mas introduz outro aspecto importante: coloca à prova a duração do casamento (Araújo, 2002). Como o amor-paixão, em geral não durava, o amor conjugal ligado a ele também não perduraria. O divórcio, então, coloca-se como uma possibilidade, não como forma de reparar o erro, mas como a sanção normal de um sentimento que não pode nem deve permanecer. Essa é uma das principais características do casamento contemporâneo, segundo Ariès (1987).

Alguns filósofos contribuíram para compor o que se entende sobre amor e relacionamentos afetivo-sexuais até hoje. Destacar-se-á, para este estudo, as obras de Hursserl, Scheler, Sarte e Lévinas.

Edmund Gustav Albrecht Hursserl (1859 - 1938) foi um matemático e filósofo alemão que estabeleceu uma nova forma de pensar os fenômenos psicológicos: a Fenomenologia. Ele buscou romper com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época, elaborando críticas sobre o historicismo e o psicologismo no campo da lógica. Não se limitou aos delineamentos do empirismo de sua época, embora acreditasse que a experiência vivida é a fonte de todo o conhecimento (Hursserl, 2012). Ele trabalhou na construção de um método de redução fenomenológica, pelo qual um assunto pode vir a ser conhecido diretamente em sua essência.

No início do século XX, a Fenomenologia foi considerada um movimento reformista da filosofia, com origem na Alemanha, dedicando-se ao estudo das grandes questões da vida (Introna & Ilharco, 2004; Introna, Ilharco, & Faÿ, 2008; Messas, 2014), tais quais o ser, a existência, a consciência, o homem, o conhecimento, a ética, a imaginação, a alteridade, dentre outras. Foi denominada por Hursserl como a “ciência da ciência” (*Wissenschaft von der Wissenschaft*, ou, em outra expressão, *Wissenschaftslehre*, a "doutrina da ciência") (Kockelmans & Kisiel, 1970, p. 5), na medida em que se apresentava como uma teorização da própria ciência, ao desenvolver a constituição essencial do conhecimento científico. Uma “ciência da ciência” é, necessariamente, uma ciência do espírito (*Geistwissenschaft*).

Um dos temas universais, os quais o autor vai discorrer em sua obra, encontraremos o tema amor. Em um manuscrito inédito da série E, procedente dos anos 1920-1921, Hursserl (1920/1921, citado por Crespo, 2012) escreve:

> O amor, em seu sentido verdadeiro, é um dos problemas fundamentais da fenomenologia, e isso não só na particularidade e individualidade abstratas, mas um problema universal. É um problema em suas fontes intencionais elementares, bem como as suas formas de intencionalidade revelaram que se manifesta nas profundezas, nas alturas e em extensões universais, afetando a intencionalidade. (p. 16)

Levando-se em consideração o que foi anteriormente citado, alguns autores, como Crespo (2012), consideram que o amor constitui um motivo ético fundamental na fenomenologia de Edmund Hursserl. Em primeiro lugar, o amor está implicado de uma característica reveladora e desenvolvedora da individualidade (tanto para o ser amado, quanto para a pessoa que ama) e, em segundo, tem-se seu caráter fundamental de comunidade. No caso de amor interpessoal, ele tem o potencial para destacar o caráter individual da pessoa amada. Ele é definido da seguinte forma: "um prazer ativo na individualidade pessoal do amado, no seu comportar-se, ativo e passivo, com o seu entorno, na expressão corporal da sua individualidade, na corporeidade transposta pelo espírito de um modo geral " (Hursserl, 1920/1921, citado por Crespo, 2012, p. 21).

Nesse sentido, o amor, em Hursserl, revelaria a alteridade do outro amado, o que faz dele um elemento e meio único para atingir esse objetivo, de tal forma que o conhecimento puro não poderia fazê-lo. Assim, segundo o próprio autor, as leis do coração lutariam contra as leis racionais (Hursserl, 2012).

Max Scheler (1874-1928) foi um filósofo alemão que aprimorou o método do criador da fenomenologia, Edmund Hursserl. Scheler ficou conhecido por suas contribuições acerca dos temas da fenomenologia, ética e antropologia filosófica. Em sua obra, podemos identificar um paradoxo, porque, ao mesmo tempo em que a ética scheleriana é pautada em princípios universais, o filósofo elege o Amor e os Afetos humanos como sentimentos integrantes de sua filosofia e, em sua teoria, defende que ser virtuoso ou ser amoroso não atendia a nenhuma finalidade a não ser à consciência de seu próprio valor (Scheler, 1994).

Max Scheler observa que, no ato do amor, um ser se abandona, para compartilhar e participar em outro ser como *ens intentionale*. Dentro e por intermédio do ato de amor, um ser se encontra com o outro objeto ao afirmar sua tendência em direção à sua própria perfeição, que ele ativamente ajuda, promove e abençoa. Para Scheler, esta lógica do amor será a chave para a sua ética filosófica, porque, de alguma forma, a essência do homem é dada pelo que ele chama de *ordo amoris* (Scheler, 1996). Scheler entende o amor como a abertura para a

realidade valiosa das situações que nos cercam. O amor, na ótica de Scheler, seria um explorador ou um guia na busca de valores, sendo capaz de ampliar cada vez mais a esfera de valores acessíveis ao homem. O amar, em Scheler, é um fenômeno presente na camada superior nossa vida emocional intencional, e, concomitantemente é um movimento que descobre valores novos e ainda maiores.

Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905 -1980) foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do Existencialismo. Em Sartre, em especial em *O Ser e o Nada* (Sartre, 1997), o amor é visto como uma possiblidade de escolha amorosa e intencional da consciência, e não como um valor pré-estabelecido.

Amar, para Sartre, pressupõe não apenas a capacidade de acolher e satisfazer o outro, mas, sobretudo, vivenciar a angústia da incerteza da satisfação e a certeza de que nunca se consegue preencher convenientemente o vazio da existência (Sartre, 1997). A comunicação do/no amor é sempre, assim, imprecisa. Mas, desta limitação, o ser humano afirma a sua paulatina capacidade de transcendência sobre suas dificuldades expressivas, pois situa-se no plano de contingência, do acaso, que exige o exercício da liberdade de criação e reinvenção da relação (Almeida, 2014). Como o ser humano não é autocentrado, mas direcionado ontologicamente para o outro, inevitavelmente o encontro com o outro ocorrerá, promovendo usualmente o choque das subjetividades, nem sempre afetivamente convergentes (Sartre, 1997).

Também, para Sartre, o propósito daquele que ama é ser amado, porque só aquele (a) que ama resgata a contingência do seu ser no mundo, onde não encontra razão para a existência, dando-lhe um sentido, tornando-o único, necessário, absoluto. Em suas próprias palavras Sartre (1976):

> O homem que quer ser amado não deseja realmente a escravização da amada… A total escravização da amada mata o amor do amante. Se a amada se transforma num autómato, o amante reencontra-se a si mesmo sozinho. Por isso, o amante não deseja possuir a amada como se possui um carro. Ele exige um tipo especial de apropriação. Ele quer possuir uma liberdade, enquanto liberdade, ele quer ser amado por uma liberdade, mas exige que esta liberdade deixe de ser livre. (p. 394).

Dessa forma, a fenomenologia de Sartre propõe apontar questões do "ser-um-com-o-outro" do homem. O filósofo francês, em sua teoria fenomenológica, nos diz que todo o modo

de consciência representa algo, revela algo, apresenta algo, está voltado e direcionado para algo fora dela mesma. A visão existencialista consiste em negar por completo o determinismo do indivíduo, destacando suas ações e decisões e defendendo - uma vez que ela não pressupõe nenhum providencialismo que tutela a existência humana rumo ao estado de progresso moral ou espiritual - que cabe ao próprio homem tomar as rédeas da sua existência e afirmar, assim, sua inevitável liberdade. Mas tal situação revela-se aterradora para quem é incapaz de atuar autonomamente em sua existência, dependendo sempre da chancela de outrem na condução de sua própria vida, e despersonalizando-se até o cume da alienação. Para Sartre (1997), a sociedade, a natureza e mesmo a pretensa existência de Deus e de seus imperativos normativos não podem impor suas escolhas diante dos outros. Em sua obra, Sartre assume que qualquer homem pode se tornar o que quiser ser, o que escolher ser, de tal forma que sempre poderá mudar, e os valores morais não são limitantes para as escolhas e projetos do que possa vir a tornar-se. O autor também afirma que a sociedade não pode impor a cada pessoa sua forma de amar, tampouco com quem essa ou aquela pessoa deve se relacionar. De acordo com Soares (2010):

> O amor é conflito, entende-se que o ser está em conexão direta com a liberdade do outro, e dessa inevitável contradição o indivíduo adquire consciência de que o outro jamais poderá ser plenamente absorvido em sua vida, pois amar é afirmar a contingência da relação, é afirmar a liberdade de ser do outro. Por conseguinte, o projeto de um amor para sempre se torna quimérico, pois diversas circunstâncias podem afetar a conjugação da relação. Isso não significa uma resignação derrotista para a tolerância das inevitáveis crises conjugais, mas uma espécie de sabedoria prática que nos torna mais plenos em nossas vidas, pois nossa felicidade amorosa, ainda que construída na relação com o outro, encontra-se sempre em estado de flutuação, mesmo com o advento da maturidade existencial. Em suma, o amor em Sartre é um processo que decorre do exercício da vontade livre de um sujeito pelo o outro.

Em suma, pode-se pensar que o exercício do livre arbítrio em Sartre, no que concerne ao fenômeno amoroso, se dá de tal forma que o encontro amoroso pressupõe, justamente, essa lógica, à medida que o tu-amado interage com o eu-que-ama, e ambos se tornam um ser-junto em essência, a despeito dos conflitos que surgem nessa inter-relação. Consequentemente, não se observa, assim, facticidade nessa interação/encontro amoroso, mas sim uma subjetividade oriunda do vínculo amoroso que torna a existência do ser amado mais profunda para o parceiro (Almeida, 2014).

Emmanuel Lévinas (1906-1995) foi um filósofo francês nascido numa família judaica na Lituânia. Este autor foi prisioneiro em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, tendo vivenciado os horrores da violência fascista. Dedicou-se, após a guerra, à escrita sobre a alteridade, na qual conduziu uma reflexão acerca da dificuldade do ser humano em aceitar aquele que difere de si mesmo, que compreende com desdém e que julga como inferior a si próprio. Este autor foi bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Hursserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger e Franz Rosenzweig. O pensamento de Lévinas parte da ideia de que a Ética, e não a Ontologia é a filosofia primeira. Para Lévinas (2007):

> Amar é existir, como se o amante e o amado estivessem sós no mundo. A relação intersubjetiva do amor não é o início, mas a negação da sociedade. E existe aí, certamente, uma indicação sobre sua essência. O amor é o eu satisfeito pelo tu, captando em outrem a justificação do seu ser. A presença de outrem exaure o conteúdo de tal sociedade. O calor afetivo do amor realiza a consciência desta satisfação, deste contentamento, desta plenitude encontrada fora de si, excêntricos. A sociedade do amor é uma sociedade a dois, sociedade de solidões, refratária à universalidade. (p. 43)

Complementarmente a esse fragmento, Susin, Fabri, Pivatto e Souza (2003) afirmam:

> Na proximidade do outro, a suposta soberania do sujeito é questionada. A significação que nasce da proximidade não é a mesma relação entre termos que se encontram mediados por uma linguagem comum. Tal significação é um abalo da consciência tematizante e uma subversão da temporalidade ontológica. (p. 90)

Logo, ao se analisar a temática amorosa em Lévinas, questiona-se: quem é o outro? De acordo com Costa e Diez (2012), “na visão de totalidade o outro pode ser reflexo da idéia de um modelo de ser humano ideal e de obliteração da possibilidade de outra subjetividade” (p. 2). Posteriormente, podemos nos perguntar sobre a função do amor ao outro no processo da subjetivação amorosa. Para nos debruçarmos um pouco mais nessa reflexão, pode-se recorrer a Kierkegaard (2007), que entende o amor como um evento,

> o maior de todos, mas também o mais feliz de todos; o amor é uma alteração, a mais estranha de todas, mas também a mais desejável – dizemos, afinal, no melhor sentido da palavra, que uma pessoa tomada pelo amor está alterada, ou fica mudada; o amor é uma revolução, a mais profunda de todas, porém a mais feliz! Ele traz uma confusão, e nesta bendita confusão não há para os amantes nenhuma distinção entre Meu e Teu! Coisa estranha, há de fato um Tu e um Eu, e não há um

> Meu nem um Teu! Pois sem Tu e Eu não há amor, e com Meu e Teu não há amor... (p. 300).

Por essa perspectiva, o amor é apresentado como uma grande revolução, uma grande transformação, que implica a relação, mas uma relação que não permite que haja a perda dos envolvidos, como em uma simbiose. É sempre um "Eu" e um "Tu" que estão unidos, sem perder a singularidade de cada um (Sousa, Batista, & Taumaturgo, 2010). Não obstante e concomitantemente, sem esvair-se na disputa do que é "meu" e do que é "teu". Nesse sentido, está na assimetria, na deposição do eu, como diria Lévinas (2007), na realidade mesma do amor.

Outros fatores como o movimento literário romântico, a era vitoriana, a gênese da Psicologia como ciência, sobretudo a freudiana com seus questionamentos a respeito da sexualidade, propagação do amor romântico pelo cinema (sobretudo, os produzidos em Hollywood) contribuíram para a configuração do estado da arte de como se entende o conceito de amor atualmente (Lystra, 1989). De acordo com Araújo (2002), no século XX, o pluralismo sexual, ao se desviar do paradigma cartesiano (mentalidade mecanicista, categorização normal/anormal), reinventa o corpo como uma forma de organismo social que abre caminho para a aceitação da diversidade como norma exequível para a vida em sociedade. Complementarmente, Highwater (1992) afirma que "Se a natureza humana é histórica, cada indivíduo tem uma história diferente e, portanto, necessidades diferentes" (p. 155).

Atualmente, o amor é um dos principais requisitos para o casamento nos países ocidentais, para percepção de satisfação entre o par constituído e para a manutenção desse enlace, traduzida em bem-estar para os componentes e durabilidade para a relação (Silva et al., 2005; Hernandez & Oliveira, 2003; Wachelke & Andrade, 2012 b). Paulatinamente, o amor está se tornando cada vez mais uma condição *sine qua non* para uma vida satisfatória e plenamente realizada, ao menos na concepção dos que o buscam. Nas palavras de Batten: "O casamento por amor é um fenômeno relativamente recente e que também ocorre predominantemente no Ocidente" (Batten, 1995, p. 208). O que implica dizer, segundo a autora, que a maioria dos casamentos em todo o mundo foi e continua a ser arranjada pelos pais por razões exclusivamente econômicas e sociais.

Nesse processo de mudanças, a chamada revolução sexual e a emancipação feminina tiveram um papel fundamental (Araújo, 2002; Del Priore, 2006). Esse tema é objeto de análise para o sociólogo Anthony Giddens em *A Transformação da Intimidade*. Segundo este autor, as novas formas de relacionamento provenientes dessas mudanças têm como suporte principal a igualdade e os princípios democráticos. Para explanar acerca dessa dinâmica atual, Giddens (1993) utiliza de três categorias, a saber: o *amor confluente*, *sexualidade plástica* e o *relacionamento puro*. Segundo este mesmo autor, o *amor confluente* é mais realista que o amor romântico, porque não se regula por meio de identificações projetivas, tampouco, em idealizações românticas, representações acerca de como uma parceria em potencial deveria interagir ou em fantasias de completude. Por identificação projetiva, na teoria de Giddens (1993), entenda-se que se trata da dinâmica relacional onde determinado parceiro vai ao encontro e se sente atraído por alguma característica que projeta no outro. De acordo com Araújo (2002), o amor confluente, então, presume equanimidade nas interações afetivas e no envolvimento emocional. Em outras palavras, o amor confluente introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e elege a satisfação do prazer sexual recíproco como um elemento-chave na manutenção ou para a dissolução do relacionamento. Desenvolve-se como um ideal em uma sociedade onde quase todos têm a oportunidade de se tornarem sexualmente realizados. Ainda, segundo Araújo (2002), ao contrário do amor romântico, o amor confluente não é necessariamente monogâmico nem heterossexual.

Para Giddens (1993) a *sexualidade plástica* é uma sexualidade descentralizada, emancipada dos encargos das necessidades reprodutivas. Tem sua origem na tendência à redução da família, iniciada no final do século XVIII, e desenvolve-se mais tarde com a difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. Assim, a eclosão da *sexualidade plástica* é fundamental tanto para a autonomia implícita no "relacionamento puro", quanto para a reivindicação da mulher ao prazer sexual (Araújo, 2002).

O relacionamento puro é um relacionamento focado no compromisso, na confiança e na intimidade (Giddens, 1993). Nas palavras de Araújo (2002):

> Implica em desenvolver uma história compartilhada em que cada um deve proporcionar ao outro, por palavras e atos, algum tipo de garantia de que o relacionamento deve ser mantido por um período indefinido. É um relacionamento diferente da idéia de casamento como uma condição natural, cuja durabilidade pode ser assumida como certa, exceto em algumas circunstâncias extremas. Uma característica do relacionamento puro é que ele pode ser terminado, mais ou menos

> à vontade, em qualquer época e por qualquer um dos parceiros. O compromisso é necessário para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, mas não evita que qualquer um que se comprometa sem reservas corra o risco de sofrer muito no futuro, no caso de o relacionamento vir a dissolver-se. Nesse tipo de relacionamento, o que conta é a própria relação, e a sua continuidade depende do nível de satisfação que cada uma das partes pode extrair da mesma. (p. 75)

De acordo com Giddens (1990), a gênese do que ele entende como "relacionamento puro", pode ser identificada na ascensão do amor romântico, que engendrou a possibilidade de estabelecer um vínculo emocional que se traduziria termos de qualidade da união e em durabilidade da parceria. Complementarmente, acerca da questão do idealismo romântico, Araújo (2002) aponta que:

> A diferença é que, embora o amor romântico suponha uma igualdade de envolvimento emocional entre duas pessoas, durante muito tempo as mulheres foram mais afetadas pelos seus ideais. Os sonhos do amor romântico conduziram muitas mulheres a uma severa sujeição doméstica. O ethos do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres: além de ajudar a colocar as mulheres "em seu lugar" - o lar -, reforçou o compromisso com o "machismo" ativo e radical da sociedade moderna. Os ideais do amor romântico começaram a se fragmentar com a emancipação sexual e a autonomia femininas. O declínio do controle sexual dos homens sobre as mulheres colocou possibilidades reais de transformação da intimidade. Embora a intimidade possa ser opressiva se for encarada como uma exigência de relação emocional, ela pode, no entanto, surgir sob uma luz completamente diferente se considerada como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais. (p. 76)

E aqui se observa um anacronismo, tal como se pode depreender da fala de Bittencourt (2012):

> As histórias clássicas de amor demonstram sua superficialidade ao transmitirem a ideia do "viveram felizes para sempre", como se a efetivação matrimonial da relação amorosa culminasse na supressão de todas as adversidades existenciais; talvez seja justamente a partir desse momento que todos os percalços surjam, pois, a convivência cotidiana com o outro é a prova maior de sua suportabilidade e a condição indispensável para que possamos desenvolver uma genuína experiência ética com o mesmo. A noção cristã do casamento como uma instituição para a vida toda se revela leviana para com a própria afetividade humana e suas inerentes falhas. A chama do amor pode se apagar e nada mais plausível do que se vislumbrar uma nova oportunidade de se realizar amorosamente com outra pessoa. Contudo, as mudanças nos costumes tornaram o casamento moderno uma experiência cuja expectativa se pauta na pequena durabilidade, decorrendo daí uma gama de frustrações pela incapacidade humana de conquistar índices plausíveis de felicidade e companheirismo. (p. 12 e 13)

Outro fator que afetou o entendimento das relações amorosas foi o surgimento das neurociências. O termo neurociências surgiu recentemente, em 1970, mas os estudos do cérebro humano datam de muitos anos atrás, desde a filosofia grega, antes de Cristo, até os dias de hoje. O papel das neurociências foi fundamental para o estudo científico das emoções, do amor e dos processos a ele relacionados. Em resumo, neurociência (termo amplo que congrega uma gama de disciplinas) é a ciência que estuda o cérebro humano e visa desvendar o funcionamento cerebral e suas centenas de funções.

Os neurocientistas são profissionais de diversos segmentos, como médicos, psicólogos, engenheiros, biomédicos etc. A formação é realizada como Pós-graduação. Eles estudam desde os temas mais simples, como por exemplo, nossos sentidos: visão, olfato, tato, paladar e audição, até os mais complexos, tentando descobrir as milhares de funcionalidades do nosso cérebro.

Por meio de recursos fornecido pelas técnicas de imageamento cerebral, como a tomografia computadorizada, a ressonância magnética e, mais contemporaneamente, a ressonância magnética funcional (RMf), a tomografia por emissão de pósitrons (PET), a tomografia computadorizada por emissão de fóton único (SPECT) e, alguns psicofármacos, permitiu-se a visualização do fluxo sanguíneo cerebral através de medição das variações do consumo de oxigênio e da utilização de glicose, por exemplo. Dessa forma, no século XXI tornou-se possível mapear a geografia do cérebro que sente e pensa. Para Damásio (2003), uma emoção propriamente dita seria um conjunto de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto e têm um papel regulador em relação à vida. O resultado imediato dessas respostas é uma alteração temporária do estado do corpo e das estruturas cerebrais que mapeiam o corpo e dão suporte ao pensamento. O resultado final desse processo é colocar o indivíduo em circunstâncias que, direta ou indiretamente, levam à sobrevivência e ao bem-estar do mesmo.

As neurociências têm sido fundamentais para entendermos melhor como se processam os relacionamentos amorosos e os fenômenos a ele relacionados como o amor e a paixão, desvelando-se assim uma aparente mística (Fischer, Aron, & Brown, 2005; Marazziti & Canale, 2004). Por exemplo, há muito pouco tempo, os cientistas associaram a feniletilamina (um dos mais simples neurotransmissores conhecidos) com a paixão, pois a mesma já havia sido identificada há aproximadamente um século (Klein & Lebowitz, 1983). A feniletilamina

(PEA, Phenethylamine), cujo nome sistemático é feniletan-2-amina e cuja fórmula molecular é C8H11N, é um alcalóide natural pertencente ao grupo das monoaminas e é o composto orgânico percursor de muitos outros compostos psicoactivos e estimulantes. Funciona como um neuro modulador, ou neurotransmissor, no centro nervoso central dos mamíferos. A feniletilamina é sintetizada pelos seres vivos a partir do aminoácido fenilalanina por descarboxilação enzimática. A feniletilamina é uma molécula produzida pelo o organismo humano semelhante à anfetamina e suspeita-se que sua produção no cérebro possa ser desencadeada por eventos tão simples nas situações de flerte (trocas de olhares, por exemplo) e nos momentos de toque e carícias com outro ser humano. O aumento da concentração desta no sistema nervoso central leva à libertação de noradrenalina e dopamina, responsáveis pela motivação e pela excitação. Dessa forma, normalmente o cérebro de uma pessoa apaixonada contém grandes quantidades de feniletilamina, e esta substância pode responder, em grande parte, pelas sensações e modificações fisiológicas que as pessoas experimentam quando estão apaixonadas, em uma contínua estimulação (Klein & Lebowitz, 1983).

No início do relacionamento, e aqui faz-se referência fase inicial da paixão (presente em muitos enlaces afetivo-sexuais), há sensação que emerge é a de um perfeito bem-estar. O casal sente necessidade de permanecer junto grande parte do tempo, todo o tempo, afinal, precisam ficar juntos para se conhecerem aprofundadamente. Nesse período, pouco importa a personalidade de cada um, ficam arrefecidas as defesas e o raciocínio fica temporariamente suprimido para muitas análises críticas. No que se refere ao outro, a percepção se torna oblíqua e viesada, hiperdimensionando suas qualidades e subestimando suas falhas. Não raramente, a sensação que as pessoas descrevem sentir quando se encontram nesse estado passional é amor à primeira vista. As associações primevas entre a feniletilamina com a paixão tiveram início com uma teoria proposta pelos médicos Donald F. Klein e Michael Lebowitz, do Instituto Psiquiátrico Estadual de Nova Iorque. Há outros neurotransmissores que podem estar envolvidos nos estados relacionados à paixão e seus efeitos. Por exemplo, a Dra. Donatella Marazziti, psiquiatra da Universidade de Pisa, e seus colaboradores, sugerem que pessoas apaixonadas exibem, quando apaixonadas, um quadro semelhante a um Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) (Marazziti, Akiskal, Ross, & Cassano, 1999).

O que significa isso? Provavelmente, a ação neuroquímica da serotonina está relacionada tanto aos pensamentos obsessivos que ocorrem no TOC, quanto nos mecanismos psico-fisiológicos da paixão. Inegavelmente, a paixão e o Transtorno Obsessivo-Compulsivo

compartilham diversos aspectos comuns. Do ponto de vista físico e biológico, enquanto a paixão está intimamente relacionada ao sistema dopaminérgico, ou seja, às produções de dopamina e de noradrenalina, no amor há o predomínio da ocitocina (associada ao aumento do apego e bem-estar geral) e da vasopressina (ADH), associada à regulação cardiovascular, atuando no controle da pressão sanguínea. Do ponto de vista psicológico, TOC e paixão se assemelham, levando-se em consideração a necessidade de controle e de verificação do outro que são patentes em um e em outro caso.

Porém, a evolução da espécie também propiciou alterações fisiológicas e hormonais que contribuíram para o fortalecimento dos vínculos mais permanentes entre os indivíduos. Segundo Odent (2000), a ocitocina, hormônio secretado pelo o hipotálamo, também chamada por médicos de hormônio do amor, pois está envolvida em todos os seus tipos de manifestações, é liberada durante a excitação sexual, no orgasmo, na amamentação e no parto. Ela é o responsável pela promoção da agradável sensação de prazer e realização nesses momentos de vinculação e promove vínculos mais duradouros entre os parceiros.

Pararelamente às contribuições das neurociências, algumas contribuições culturais também influenciaram o padrão de se relacionar amorosamente e a forma que as pessoas concebem o amor. Uma delas bastante conhecida e que surge, em nossos dias, é o ficar. O ficar é uma forma de relacionamento até então inexistente e bastante típica da Idade Contemporânea. Sobre essa forma de relacionamento amoroso, Chaves (1994) comenta:

> O estabelecimento de relações sociais mais temporárias, de comunidades abertas e mais frouxamente ligadas pode fazer com que o indivíduo se sinta mais só e desamparado, e se veja obrigado a uma constante negociação com o outro e com ele mesmo visando à continuidade ou quebra do vínculo forjado. Entretanto, a fluidez dessas relações possibilita a constituição de redes, a vivência de novas e diversas formas relacionais que pode, paradoxalmente, minimizar essa solidão e lhe dar segurança e apoio. Isto acontece, por exemplo, no estar-junto; ao mesmo tempo em que ele é marcado por uma certa superficialidade e fugacidade, também propicia o compartilhamento espontâneo de experiências vividas, sentimentos, desejos e interesses. Além disso, por se caracterizar como um ajuntamento efêmero, no qual os indivíduos não cobram, por exemplo, fidelidade, profundidade de sentimento ou investimento afetivo, o estar-junto facilita o trânsito e o vínculo com outras pessoas e grupos. (p. 87-88)

Também muito característico dos dias atuais é a participação da rede *internet* no cotidiano, sobretudo, no que diz respeito aos relacionamentos amorosos. A rede social que antes dependia da presença e proximidade física para se manter, hoje surge mediada por ferramentas que potencializam o poder de conexão entre as pessoas. Facebook, Twitter e Instagram, somente para citarmos alguns, são termos frequentemente presentes quando se estudam as dinâmicas da comunicação na contemporaneidade.

Em nossa era contemporâneo-tecnológica, as formas de firmar novos laços afetivo-sexuais não são raramente mediadas pela internet e, consequentemente, pelas redes sociais. Nessa toada, observa-se alguns impactos da evolução tecnológica sobre os relacionamentos amorosos. A *internet* tornou-se uma variável que atinge diretamente a complexidade afetivo-sexual e, possivelmente, as influências desse processo tendem a se tornar inevitavelmente mais e mais abrangentes futuramente e se estenderem e/ou se relacionarem a situações como o casamento, a coabitação, as práticas românticas correntes relacionadas à sedução, ao sexo casual, aos namoros e à noção de exclusividade romântica. Dessa forma, pode-se pensar que, o romantismo que foi considerado por tanto tempo como uma das molas-mestras para muitos que conceberam o amor, na contemporaneidade esteja circunscrito a abordagens *on-line* e entremeadas com símbolos digitais. Essa forma de comunicação, nem de longe, consegue captar a intensidade das emoções experenciadas entre os casais, além de, talvez, se constituir como um elemento reducionista da capacidade de expressão humana, e também por não conseguir aferir o grau de aceitação e de empatia do outro.

Diferentemente de outras épocas, hoje se convive com tendências correntes de terceirização da escolha de parceiros para *softwares* habilitados com algoritmos para sugerirem e aproximarem parceiros em potencial. Vários aplicativos para celular e tablets dão suporte às redes sociais como Tinder, Grindr, dentre outros.

Em 2012, um grupo de amigos norte-americanos, liderados por Justin Mateen, criou um aplicativo que mudou a forma das pessoas em se relacionar “Tinder” é o nome que se deu a esse aplicativo de relacionamento virtual que, ao selecionar fotos e alguns dados extraídos de sua conta no Facebook, permite que o usuário fique disponível a um eventual relacionamento a ser avaliado por parte das pessoas interessadas em conversar virtualmente, podendo até se conhecerem pessoalmente, para além da interface pessoa-teclado. Por meio da ativação e da utilização dos dados da posição dos utilizadores via satélite permite localizar parcerias em

potencial (homens e mulheres heterossexuais, homossexuais e bissexuais) que estejam geograficamente próximos. O usuário desse aplicativo ainda pode usufruir do conforto de fazer seu processo de escolha e seleção desde sua casa ou da privacidade de seu ambiente, o que lhe transmite, obviamente, uma maior sensação de controle. Em suma, os usuários desse serviço sequer precisam mais dos ambientes físicos, caso desejem conhecer alguém. Basta se conectarem ao aplicativo e começarem sua seleção de parceiros. Quase como um jogo, entram em contato com diversos perfis de pessoas, e aquelas que forem de seu agrado, serão contactadas, até que, no caso de existir uma correspondência de interesse da outra parte e a esta pessoa tiver interesse afetivo-sexual por aquela, a conversa poder se iniciar. Embora o aplicativo Tinder tenha sido lançado em janeiro de 2013, rapidamente, atingiu a marca de um milhão de usuários, em dezembro de 2013, já contabilizava 500 milhões de perfis, crescendo na ordem de 15% a cada semana. Segundo a companhia Tinder, o aplicativo tem 100 milhões de usuários no mundo todo. Os cinco países com maior número de usuários no Tinder são Estados Unidos, Reino Unido, Brasil, Canadá e Austrália. O terceiro colocado, Brasil, com cerca de 10 milhões de pessoas que utilizam. De acordo com a Comscore, empresa americana de análise da internet, 2,7 milhões de celulares no mundo possuem o aplicativo instalado. Esse número cresce diariamente. No Brasil, por exemplo, a base de usuários aumenta de 5% a 10% por dia no país. O tempo de uso também surpreende. Em média, os usuários brasileiros fazem login 11 vezes, totalizando 7 minutos de navegação por dia.

“Grindr” é outro aplicativo, que pode ser usado no Android, iPhone, iPod touch, iPad, Blackberry OS, e que funciona como rede social, reunindo homossexuais, bissexuais e possíveis interessados em encontros afetivo-sexuais, de várias partes do mundo. Grindr foi criado por Joel Simkhai, com o intuito de localizar e identificar parceiros homossexuais para estabelecer relacionamento e, tal como o Tinder, serve-se da localização via GPS dos aparelhos que tem o aplicativo instalado. O primeiro passo é criar um perfil com foto e algumas informações básicas como idade, altura, etnia e uma pequena descrição. A partir de sua localização, o usuário poderá visualizar o perfil de até 100 pessoas que estiverem à sua volta, fazendo contato com quem lhe interessar. Além da versão gratuita, há a opção de pagar determinados valores para se adquirir o upgrade Grindr Xtra, que possibilita mais recursos e exibe mais perfis. De acordo com os números do próprio criador desse aplicativo, em 2012, o

Grindr[1] atingiu a marca de 4 milhões de usuários e atualmente são criados 10 mil novos perfis todos os dias.

1.3 Mudanças histórico-sociais nos relacionamentos amorosos ao longo dos séculos: uma proposta de síntese.

Como visto nesta breve historiografia, os relacionamentos amorosos passaram por grandes e substanciais mudanças ao longo dos séculos na civilização ocidental. À guisa de síntese, o autor desse trabalho acredita que tais mudanças podem ser agrupadas em cinco categorias, a seguir consideradas. É importante ressaltar, todavia, que esta classificação ou agrupamento reflete uma maneira idiossincrática de considerar tais mudanças. Fosse outro o autor, certamente outros tipos de categorização, mais ou menos, próximos do sugerido neste trabalho, seriam perfeitamente possíveis. Então, de acordo com o autor desse trabalho, cinco mudanças podem ser identificadas:

1.3.1 *Da irrelevância à importância crucial do amor nos relacionamentos interpessoais.*

Se em algumas sociedades como no Egito Antigo, os arroubos amorosos e os rompantes da paixão eram mal vistos e, na Idade Média, os casamentos aconteciam sem que os noivos sequer se conhecessem previamente, em nossos dias e em nossa sociedade ocidental, o amor e a paixão constituem um fator *sine qua non* para o engajamento e a manutenção dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Embora atualmente continuem a pairar muitas dúvidas a respeito do que seja o amor, nunca dele se falou tanto. Tido como algo que se deveria aprender, cada qual aspira ao amor, a tal ponto que ele se tornou praticamente um elemento obrigatório no cotidiano das pessoas (Almeida & Mayor, 2006). Fromm (1956/2002) via o amor como a resposta amadurecida para o problema da existência e considerava a união entre dois seres humanos a vivência do amor amadurecido, capaz de preservar a própria individualidade. Complementarmente Braz (2006) declara que o amor é a condição fundamental para o nascimento ontogenético da pessoa. Segndo este autor o amor participou e continua a participar ativamente da evolução e estruturação da personalidade, dado que é capaz de aproximar a pessoa de sua essência e propiciar o desenvolvimento de relações sociais, dentre outras possibilidades.

---

[1] (http://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html).

Em geral, pode-se dizer que as pessoas buscam o amor como sustentáculo para um relacionamento mais duradouro. O amor ainda é considerado um dos principais requisitos para o casamento nos países ocidentais (Silva et al., 2005). Uma pesquisa realizada por Levine (1988), em onze países (inclusive no Brasil), apresentou evidências a respeito da importância do amor como requisito para a escolha de um cônjuge. Esse autor solicitou para pessoas desses países que respondessem à seguinte questão: "Se um homem/mulher tivesse todas as qualidades que você deseja, você se casaria com ele (a) mesmo se não o (a) amasse?" Havia três opções de resposta: sim, não e indeciso. Homens e mulheres responderam a essa questão de uma forma semelhante. De acordo com os resultados dessa pesquisa, os países participantes podiam ser classificados em dois grupos: aqueles onde a resposta "sim" foi a mais frequente (na Índia e no Paquistão), e aqueles onde a resposta "não" foi a mais frequente (em todos os outros países pesquisados). Em nenhum dos países, a resposta "indeciso" foi a mais frequente. Os EUA e o Brasil foram os países que mais rejeitaram o casamento sem amor. No Brasil, apenas 4,3 % das pessoas disseram que se casariam sem amor, 10% ficaram indecisas e 85,7% disseram que não se casariam sem amor. Os países coletivistas e/ou mais atrasados economicamente são aqueles nos quais as percentagens de indecisos foram muito grandes. Uma grande percentagem de indecisão parece indicar que esses países estão em uma fase de transição quanto ao papel que esse sentimento deve desempenhar na escolha do cônjuge: o casamento arranjado está sendo substituído pelo casamento no qual os parceiros é que se escolhem e, nesse caso, o amor é um dos principais critérios de escolha.

Na verdade, na sociedade atual a área dos relacionamentos amorosos tem sido uma das mais importantes (e geralmente problemáticas) da vida das pessoas, uma vez que as interações, os afetos e os compromissos que resultam deles dão sentido as nossas vidas. Infelizmente, tal importância é mais bem percebida quando as relações não estão satisfatórias ou são ameaçadas, por exemplo, pela possibilidade de um rompimento ou da infidelidade amorosa. De maneira poética, Chapman (1997) resume a importância do amor: "sem amor, montanhas tornam-se insuperáveis, mares intransponíveis, desertos insuportáveis e dificuldades avolumam-se pela vida afora" (p. 9). Pelo visto, paulatinamente o amor tornou-se preponderantemente presente em nossas vidas e veio a constituir o tema central de diversas manifestações artístico-culturais, tais como músicas, filmes, poemas e romances, dentre outros.

1.3.2 Da repressão à liberação dos impulsos afetivo-sexuais.

Se o sexo no mundo Antigo era algo sagrado, considerado como um elo entre o homem e os deuses, haja vista os casos narrados na mitologia entre deuses e homens, como nos narra a mitologia acerca do nascimento de Hércules, filho de Zeus, deus supremo Grego, e da mortal Alcmena. Na mitologia egípcia, o sexo era uma forma dos deuses davam continuidade à vida. Em uma das mitologias egípcias, o deus criador Atum se masturbou para originar o mundo. Na concepção egípcia o próprio ato de se masturbar era uma forma de se comunicar com o divino. No festival de Min (deus que representava a potência sexual do faraó), os homens masturbavam-se publicamente. Podemos pensar assim, de acordo com esse ideário da Idade Antiga, o sexo não era algo imoral e vergonhoso e, muitas vezes, refletia o comportamento dos deuses, o qual o ser humano tentava, a sua forma, celebrar os prazeres que o amor sexual poderia lhe conferir. O próprio livro bíblico *Cântico dos Cânticos* exalta o prazer do amor sexual, tal como faziam as antigas religiões pagãs. Mas, posteriormente, com o surgimento do cristianismo essa situação iria ser modificada a ponto de que a repressão afetivo-sexual seria contida, em uma escala mundial abrangente. No entanto, como é que a nossa sociedade que engendrou os mais sofisticados mecanismos de continência e de repressão sexual, voltou a estar rodeada dos mais diversificados estímulos sexuais?

Paradoxalmente à importância do amor no cotidiano, consolidamos em nosso cotidiano algumas percepções contraditórias, como o de Costa (1998), em referência aos relacionamentos amorosos: “Quando é bom não dura e quando dura já não entusiasma” (Costa, 1998, p. 11).

De acordo com Almeida e Oliveira (2007) um fato histórico fundamental para a mudança do que se concebe acerca do amor foi a emancipação feminina, pós-Revolução Sexual, e a consequente entrada da mulher no mercado de trabalho. O fenômeno da Revolução Sexual foi um movimento ocorrido em todo o mundo ocidental dos anos 1960 até os anos 1970. Muitas das mudanças ocorridas a partir desse movimento implicaram no desenvolvimento de novos códigos de comportamento, tais como podem ser citados uma maior aceitação da liberdade sexual, a conquista de um maior grau de independência em relação aos valores familiares (por exemplo, se antes uma mulher desquitada ou na condição de mãe solteira, poderia ser uma pecha com a qual deveria conviver, a partir desse movimento, houve uma maior relativização e emancipação do peso do olhar da sociedade

sobre ela), maior autonomia econômica, maior empoderamento sobre o seu corpo e conquista de poder político para decidir rumos na vida delas. Com o reconhecimento dos direitos e dos deveres das mulheres, estas passaram a estudar e a ter um acesso a um conhecimento mais amplo. Com o passar do tempo, tornam-se economicamente independentes do homem, criando um novo paradigma de paridade com o homem no que se referem aos seus desejos, necessidades, maneiras próprias de pensar, sentir e agir (Almeida & Oliveira, 2007). Concomitantemente, ambos passaram a se relacionar de forma diferente, levando-se em consideração que homens e mulheres não teriam mais de ser o que a educação anteriormente prescrevia para suas vidas.

Dessa forma, por não atender mais às necessidades de cada um, o antigo modelo de casamento entrou em um processo de aparente decadência. As pessoas passam a casar-se por amor e não mais submeter-se ou amoldar-se ao desejo do outro. E as que não se encontravam nesse modelo de interação afetiva matrimonial partiram para testarem novas formas de relacionamento como os chamados “relacionamentos abertos”. Todavia, ao que parece as pessoas ainda não estavam preparadas para enfrentar tais mudanças. Então, surgiram dinâmicas amorosas plurais com as quais convivemos atualmente. A título de ilustração será considerada uma delas: o poliamor.

Etimologicamente, a palavra poliamor resulta da aglutinação do termo grego “poli”, com o termo amor, e tem o sentido de múltiplas relações, muitos amores, simultaneamente vividos em relação a um relacionamento já estabelecido. Segundo Weitzman, Davidson e Phillips (2010), o poliamor é um modo alternativo de relação na qual os indivíduos têm o direito de ter mais do que um relacionamento amoroso com o consentimento de ambas as partes. Então, essa modalidade de relacionamento abre campo para que homens e mulheres passem a vivenciar uma maior liberdade no que diz respeito à monogamia tão pregada em nossa cultura ocidental contemporânea (Lima & Almeida, 2013). Pilão & Goldenberg (2012) esclarecem que essa prática seria uma recusa à monogamia como princípio fundamental e a necessidade de formar parcerias simultâneas, o que possibilita aos seus adeptos diferentes experiências e vários amores de forma profunda e duradoura.

Para Almeida e Vanni (2013), o poliamor tem sua origem na nossa capacidade de sentirmos afeto, atração sexual e atração romântica por várias pessoas. Aqueles que permitem que esta capacidade seja expressa por meio dos seus comportamentos acabam desenvolvendo

vários tipos de relacionamentos, com vários parceiros. Outros termos já foram usados para descrever este tipo de relacionamento: “relacionamento aberto”, “amizade colorida”, “amizade com benefícios”, “amizade com privilégios”. Estes autores ainda apontam que para o poliamorista:

- Não existe idealização do parceiro: um poliamorista não aceita a ideia de que o parceiro possa completá-la de todas as maneiras e nem mesmo a ilusão de que os dois vão se transformar numa só pessoa. Por isso, não exige exclusividade nas relações;

- O poliamor pressupõe honestidade: os poliamoristas argumentam que não se trata de procurar obsessivamente novas relações pelo fato de ter essa possibilidade sempre em aberto, mas de viver naturalmente tendo essa liberdade em mente. Para quem é poliamorista, esta prática pressupõe uma total honestidade dentro da relação. Não se trata de enganar nem magoar ninguém. O poliamor tem como princípio que todas as pessoas envolvidas estão a par da situação e se sentem confortáveis com ela;

- O poliamor vai além da relação sexual: a ideia principal do poliamor é admitir uma variedade de sentimentos que se desenvolvem em relação a várias pessoas e que vão além da mera relação sexual. Para os poliamoristas o sexo é visto apenas como complemento secundário e o relacionamento amoroso como o fator primordial para que a pessoa se sinta muito mais feliz e completa;

- Poliamor é diferente de poligamia: poligamia é o casamento de uma pessoa com várias outras simultaneamente. Poliamor é você amar e ser amado por mais de uma pessoa ao mesmo tempo;

- O poliamor requer controle do ciúme: para os poliamoristas, o amor não precisa ser monopolizado na monogamia. É um exercício diário para aprender a lidar com o ciúme e saber dividir o relacionamento com várias pessoas ao mesmo tempo. Realmente não existe o fenômeno da infidelidade quando ambas as partes estão de acordo nos rumos de seus engajamentos afetivo sexuais;

- Poliamoristas prezam a lealdade da relação. É uma questão de transparência, sinceridade e de expor a situação. Não tem relação com fidelidade. Ser leal e ser fiel são comportamentos bem diferentes;

- No poliamor não existe o conceito de traição: traição, na opinião dos praticantes do poliamor, é sinônimo de posse, e amor verdadeiro não requer possessessividade, e sim, liberdade. O fato de o parceiro vir a se sentir atraído ou até mesmo amar outra pessoa não significa que esteja deixando de amar seu primeiro companheiro, mas que encontrou em outra pessoa uma característica que lhe agrada e que o complementa.

Dentro do universo poliamoroso podem existir práticas como o "casamento em grupo" e o "relacionamento em grupo" onde é normal a troca de parceiros amorosos, onde todos se relacionam com todos. Poderia se pensar que uma pessoa poliamorista por manter relacionamentos simultâneos, estaria agindo de má fé, já que a exclusividade amorosa do (a) parceiro (a) com a qual se relaciona não estaria sendo respeitada. Engana-se quem pensa assim, pois o poliamor acontece de forma consentida e o diálogo aberto é uma das chaves da vivência dessa dinâmica.

Atualmente também o amor não implica apenas o relacionamento entre um homem e uma mulher, ainda que em algumas épocas pregressas, essa ligação heterossexual tenha sido relativizada como na Grécia ou na Roma Antiga. Em outras palavras, a expressão do amor homossexual tem conquistado uma aceitação cada vez maior, relativizando o modelo heteronormativo ocidental contemporâneo que ainda alicerça majoritariamente as práticas amorosas nos relacionamentos interpessoais, ao ponto de hoje podermos assistir cada vez mais a celebração de casamentos entre pessoas homossexuais. Ainda que, o casamento formal, heterossexual com fins de constituição da família, continue sendo uma referência e um valor importante, mas ele convive atualmente com outras formas relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos e/ou sem coabitação e as uniões homossexuais. Nesse processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas.

Observa-se, também, uma mudança no comportamento sexual e no componente erótico-genital do amor. Se antes o amor sexual entre dois parceiros era abafado e não foi estimulado pela concepção religiosa cristã, hoje observamos uma busca pelo hedonismo. Paulatinamente, com o passar do tempo, as pessoas foram se libertando mais de liames sociais e psicológicos que restringiam cada vez mais as manifestações no que concerne o encontro afetivo-sexual.

Atualmente, convivemos com uma pluralidade de manifestações sexuais, refletindo um enfraquecimento considerável da pudicícia medieval ocidental.

Há de se evidenciar também que antes inexistiam os mecanismos da tecnologia da informação e a adesão às redes sociais virtuais (Facebook, Twitter, aplicativos para celular e tablets) tal como hodiernamente temos contato. Esses recursos têm o propósito de deixar nossa vida mais conectada e, em vários níveis, muito mais facilitada. Mas os efeitos colaterais disso são refletidos em um departamento um tanto sensível de nossas vidas: os relacionamentos amorosos. De fato, as redes sociais, em diferentes graus, estão causando uma série de transformações nos relacionamentos amorosos. A maior parte das pessoas, ou pelo menos um membro do casal, possui um ou mais perfis em alguma rede social. Com isso, a preocupação com o que acontece nos dois mundos (real e virtual) torna-se cada vez maior, ou seja, com quem o parceiro conversa, quem curte ou comenta suas postagens, e assim por diante. A rapidez e a precisão com que as informações são postadas, atualizadas e visualizadas é enorme, e muitas vezes, fogem do controle do que antigamente demorava uma semana para virar notícia.

Como os relacionamentos on-line irão modificar o sentido da "traição" nas relações off-line? Por exemplo, o "ciberadultério" e a "ciberinfidelidade" são mais fáceis de realizar e colocam o internauta em uma posição menos vulnerável, já que as chances de ser atraído por uma parceria em potencial ou mesmo de sair ferido são consideravelmente reduzidas. Eles também abarcam um grau menor de traição, na medida em que envolvem mais elementos imaginativos; o grau de negligência em relação aos interesses do parceiro também pode ser menor. A prevalência de tais relacionamentos virtuais provavelmente tornará as relações extraconjugais mais comuns e, por causa disso, mais aceitáveis. O relaxamento das normas morais será particularmente evidente em questões que dizem respeito à exclusividade romântica. Será difícil evitar inteiramente a vasta quantidade de alternativas atraentes disponíveis. A noção forte e muito negativa de "traição" se tornará menos comum em conexão com os affaires românticos; entretanto outras noções, como "pular a cerca", serão mais comuns.

1.3.3 Da profundidade à superficialidade nos relacionamentos afetivo-sexuais.

Dada esta grande fragilidade que paira sobre os relacionamentos contemporâneos, a pluralidade das formas de se engajar em relacionamentos amorosos e a grande autonomia, sobretudo a feminina conquistada ao longo do tempo, os pretendentes a uma união amorosa são cada vez mais reticentes em se engajar e estabelecer relacionamentos afetivo-sexuais, bem como em permanecer em relacionamentos caracterizados por uma maior duração e que exigem mais investimentos. Não raramente, os relacionamentos amorosos atuais são caracterizados pela falta de fidelidade/exclusividade e se fundamentam em crenças de custo-benefício, ou seja, os relacionamentos só se mantêm enquanto os parceiros forem mais fatores de satisfação um para o outro do que de insatisfação. Por exemplo, até poucas décadas atrás, divórcio e separação entre os pares era um acontecimento raro. Hoje, observa-se quase uma banalização das uniões amorosas fundamentada na premissa: “Se não der certo, a gente se separa”.

Nem sempre (ou, talvez, muito raramente) fica claro para os parceiros que os relacionamentos amorosos são construídos cotidianamente por meio de renúncias e de algum distanciamento do individualismo e do ensimesmamento, de expectativas frustradas, de respeito à singularidade do outro, de conflitos de interesses conhecidos popularmente como “discutir a relação” e uma grande dose de paciência e de tolerância à frustração. Amor também implica envolvimento e compromisso com o (a) parceiro (a) que gera um conjunto de ações em prol do bem do outro. Quando se ama alguém, costuma-se ter em mente queos parceiros são responsáveis pelo bem-estar de cada um, pela realização pessoal do outro (Silva & Pereira, 2005). Segundo Fromm (1956/2002) amar é preocupar-se ativamente com a vida e o crescimento de quem amamos, é atender às demandas do ser amado. Consequentemente, a procura de um parceiro para construir uma relação de amor, harmonia e boa convivência nunca é fácil e pode se transformar numa fonte de decepções.

O ficar, inicialmente considerado como um código de conduta para orelacionamento afetivo-sexual entre os adolescentes estendeu-se para outros segmentos etários. O fenômeno “ficar com”, é destacado no estudo pioneiro de Chaves (1994), que considera os princípios que compõem o termo: falta de compromisso entre os membros do casal estabelecido, busca do prazer, distanciamento, que tem como objetivo a busca do prazer, a partir do exercício da sedução. Assim, o termo implica trocas de carinhos (que compreendem beijos, abraços,

carícias e toques físicos) por períodos curtos, ou seja, não apresentam um compromisso real como se espera do namoro. O grau de desenvolvimento deste fenômeno pode ir de uma simples troca de beijos e abraços até uma relação sexual completa com intercurso e gozo. Em outras palavras, no ficar não há intenção *a priori* de se preocupar com o que se estabelecerá posteriormente, ou seja, o "ficar com" é um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer, "ficar com" é a maneira mais fácil de chegar perto de outro sem se comprometer. É um exercício da sedução (Chaves, 1994). Considerado como um fenômeno novo, contemporâneo, o "ficar com" reflete a influência, do utilitarismo decorrente da influência da atual sociedade de consumo nas relações socioafetivas, caracterizada pelo momentâneo, pelo não compromisso, pelo descartável e pelo utilitarismo.

1.3.4 Das concepções intuitivas, não empíricas e especulativas acerca do amor, para um entendimento empiricamente fundamentado.

Como foi visto, filósofos como Espinosa tentaram intuitivamente encontrar uma resposta convincente para o que seriam as emoções e até hoje cientistas também buscam em suas pesquisas uma resposta para tal questionamento, sem chegarem a um consenso geral. Alguns aspectos que podem justificar esta dificuldade conceitual são: as formas de expressão das emoções modificam-se no decorrer da vida, ou seja, determinados estados emocionais tornam-se mais sofisticados à medida que o indivíduo avança no seu processo de desenvolvimento; a existência de diferentes contextos socioculturais e do momento histórico no qual o sujeito está inserido (Roazzi, Federicci, & Wilson, 2001). Como também vimos, ainda que, por muito tempo, se buscasse compreender a estrutura do amor com definições do tipo 'amar é...', a própria ciência da Psicologia, muitas vezes, mostrou-se refratária em aceitar o amor como objeto de suas pesquisas, talvez por entender o amor como algo extremamente subjetivo e abstrato, domínio de poetas e romancistas. É interessante observar que, antes da Psicologia considerar o amor como objeto de estudo, outras áreas do conhecimento, tais como a Biologia, contribuíram para um melhor entendimento do amor e dos vínculos, ainda que os primeiros estudos fossem realizados com modelos não humanos.

De fato, o amor ou, pelo menos a capacidade de se apegar ao outro está profundamente enraizada na arquitetura e na química cerebral humana. Biologicamente, o vínculo afetivo é vital para os mamíferos, conforme vários experimentos têm demonstrado. Entre os mais

conhecidos, está o estudo de Harlow e Harlow (1965) com chimpanzés. Esses pesquisadores e seus colaboradores separaram os filhotes de suas mães após o nascimento. Em seu experimento, cada filhote teve acesso a duas mães artificiais, uma delas sendo uma armação de arame com rosto de madeira e uma mamadeira à altura do peito, e a outra semelhante, mas revestida de um tecido felpudo. Então, os filhotes ficavam com ambas as mães, mas, à medida que cresciam, mostravam uma forte ligação com a mãe de pano. Quando deparavam com um intruso (por exemplo, um urso mecânico de pelúcia), fugiam para junto da mãe de pano, agarravam-se a ela e, então, confortados e sem medo, examinavam o urso. De forma similar, quando colocados numa sala estranha, procuravam imediatamente a mãe de pano e se agarravam a ela em busca de consolo, antes de iniciarem a exploração. Segundo os estudiosos que correlacionam esses tipos de achados com humanos em termos de estruturas cerebrais, comportamento social e resposta ao estresse, esse vínculo teria garantido a evolução do Homo *sapiens* e a preservação da espécie.

Com o advento das neurociências e com o avanço da síntese e da administração de psicofármacos, pode-se identificar e, até mesmo mensurar, o que ocorre no interior das pessoas apaixonadas ou que se comportam amorosamente, tais como aumentos da frequência cardíaca, da pressão arterial sistólica, da capacidade muscular, da produção de glóbulos vermelhos para melhorar o transporte de oxigênio (Bradbury & Karney, 2010; Carvalho & Nobre, 2011a; Valiente, Varona & Orozco, 2011), alterações essas que antes podiam ser até conhecidas, mas não descritas ou relacionadas como consequências psicobiológicas das relações afetivo-sexuais.

Sobretudo, com o advento das neurociências, é desvelado mais e mais os meandros do fenômeno amoroso e a sua funcionalidade para o gênero humano. Em um estudo, Fisher (2006) utiliza a tecnologia de escâner cerebral da imagem por ressonância magnética funcional (IMRf), com a finalidade de registrar a atividade cerebral de homens e mulheres que acabavam de se enamorar. Para isso, a pesquisadora contou com numerosa equipe multiprofissional de colaboradores que trabalharam durante seis anos, escaneando cérebros de mais de quarenta homens e mulheres manifestadamente enamorados, recolhendo aproximadamente cento e quarenta e quatro imagens da atividade cerebral de cada um. A metade dos participantes era composta de homens e de mulheres cujo amor era correspondido; a outra metade havia sido rechaçada pela outra pessoa do par romântico. Para assegurar-se de que a correspondência no amor é uma característica da paixão romântica universal, a autora

utilizou um questionário com 54 questões específicas sobre o amor romântico. Com a colaboração de outros pesquisadores, distribuiu esses questionários entre homens e mulheres da Universidade de Nova Jersey e da Universidade de Tókio.

Os resultados foram surpreendentes. Foram encontradas diferenças de gênero que poderiam explicar por que os homens respondem tão apaixonadamente aos estímulos visuais e por que as mulheres podem recordar os detalhes de uma relação. Outros resultados puderam demonstrar que a paixão é um impulso humano fundamental. Assim como necessitamos de alimento e água, apaixonar-se é inerente à natureza humana, trata-se de uma necessidade fisiológica, um impulso profundo, um instinto que insiste em cortejar e conseguir um determinado companheiro para acasalar-se. Esse impulso inspirou inúmeras obras de teatro, novelas, óperas, músicas, poemas, esculturas, quadros, mitos e lendas nas mais diversas culturas e épocas. As adversidades, com frequência, alimentam a chama da paixão: barreiras sociais e políticas (ex: efeito Romeu e Julieta) ou físicas (os amantes vivendo em lugares diferentes) são capazes de estimular ainda mais os mecanismos do enamoramento. Esse foi certamente o aspecto mais surpreendente da pesquisa da autora referenciada: a adversidade como mola propulsora do relacionamento!

1.3.5 De concepções mais etnocêntricas a posições mais culturalmente relativizadas acerca das diversas expressões amorosas.

No dicionário, a palavra etnocentrismo é definida como a “tendência do pensamento a considerar as categorias, normas e valores da própria sociedade ou cultura como parâmetro aplicável a todas as demais” (Ferreira, 1999, p. 849), ou ainda como a, “disposição habitual de julgar povos ou grupos estrangeiros pelos padrões e práticas de sua própria cultura ou grupo étnico” (DIC prático Michaelis, 1998). Dion e Dion (1988) o definem como “a tendência para usar o próprio grupo e seus valores como o padrão de comparação e avaliação para si mesmo e para os outros” (Dion & Dion, 1988, p. 281). Portanto, etnocentrismo consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo único e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas "diferentes". Em outras palavras, corresponde a uma percepção da vida e da sociedade do ponto de vista do observador, que faz de sua cultura a norma ou a referência na análise de outras realidades sociais que engendra. Ou ainda, implica numa visão de mundo que considera o próprio grupo étnico, nação ou nacionalidade mais importante do que as demais e, dessa forma, os outros são pensados e sentidos por meio

desses valores adotados, dos modelos que se pensam ser hegemônicos, das definições idiossincráticas do que se pensa ser a existência (Cabecinhas, 2002; Carvalho, 1997; Rocha, 1994). No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, de medo, de hostilidade, dentre outras possibilidades. Daí a expectativa de normalizar a todos segundo os nossos próprios referenciais e o sonho de eliminar essas diferenças. Por conseguinte, arbitrariamente declaram-se como "outras" as culturas diferentes com orientações incompatíveis com o referencial escolhido; procura-se reduzi-las nas suas especificidades e diferenças tornando-as mais diferentes do que são e, a seguir, são exorcizadas, por meio de várias estratégias sendo a educação e as organizações educativas os principais instrumentos culturais desse colonialismo cognitivo. Nas palavras de Meneses (2000):

> Mas rejeição do Outro, combinada com a dominação, assume também outra forma: não tirar a vida do Outro, mas apenas a diferença, ou seja, extirpar-lhe a alteridade que o constitui como Outro, assimilando-o e reduzindo-o à imagem e semelhança do Mesmo. /.../ E ainda há uma forma mais sutil e oportunista de lidar com a Outro: conservar-lhe a alteridade, mas então, fazendo dela pretexto para oprimi-lo. A diferença torna-se título que legitima a dominação e a exploração, já que demonstra uma degradação da condição humana; e por isso, merece um estatuto de inferioridade e de discriminação. Por exemplo, maior esforço na produção, menor fatia na distribuição, privação do poder decisório; não ter a plenitude dos direitos do cidadão; ser considerado como objeto e não como sujeito da história. (p. 246).

Esse esquema é a matriz básica das diversas formas de opressão ou dominação entre gênero, etnias, nações e segmentos de determinada sociedade. O preconceito etnocêntrico, chegado a tal ponto, produz ideologias que justificam essa "negação do Outro". No entanto, o fenômeno do etnocentrismo não é exclusivo de uma determinada época nem de uma única sociedade. Apesar de que, a nossa sociedade ocidental contemporânea revestiu-se de um caráter ativista e colonizador com os mais diferentes empreendimentos de conquista e, por vezes, aniquilação de outros povos. Nesse sentido, talvez o etnocentrismo seja, dentre os fatos humanos, um daqueles de maior unanimidade (Rocha, 1994). Consequentemente isto provoca uma indevida sensação de segurança e de conforto, o que dissemina uma tendência a tomar por natural, o que como aponta MacFarlane (1989), é cultural. Tal tendência faz olhar para a história do lado errado do telescópio, como na metáfora proposta por Casey (1992). Lázaro (1996) discorre a respeito desta falsa zona de conforto, especificamente a amorosa:

> A ideia de que o amor como o conhecemos é uma experiência universal e atemporal decorre, fundamentalmente, de nossa certeza de, no amor, encontrar a expressão mais completa de nossa possibilidade de entrega, doação e, na mesma medida, nossa maior capacidade de receber, compreender, aceitar e desejar outra pessoa escolhida por nós e que, por sua vez nos escolheu (Lázaro, 1996, p. 199).

Então, como uma espécie de pano de fundo da questão etnocêntrica temos a experiência de um choque cultural. Por um lado, conhecemos um grupo no qual pertencemos, que come igual, veste igual, tem gostos parecidos, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses, se engaja em relacionamentos afetivos sexuais de forma semelhante, casa igual, mora no mesmo estilo que o nosso, distribui o poder da mesma forma empresta à vida significados em comum e procede, por muitas maneiras, semelhantemente. E, de repente, por outro lado, constatamos as diferenças ao nos depararmos com outro grupo "diferente" que, às vezes, nem sequer realiza atividades como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis. E, mais grave ainda, este “outro” também sobrevive à sua maneira, gosta dela, também está no mundo e, ainda que diferente, também existe. Consequentemente, a diferença encontrada é de tal forma ameaçadora que pode ferir a nossa própria identidade cultural no que concerne aos mais diversos assuntos a ela relacionados.

Neste ponto, levanta-se um problema para muitos teóricos que se enveredam pelas sendas do estudo do amor, pois como pode haver uma afirmação veemente de validade universal no que diz respeito ao amor romântico levando-se em consideração a pluralidade de idiossincrasias, muitas destas, provavelmente contaminadas pelo etnocentrismo que tentam estabelecer uma soberania na definição do que viria ou não a ser concebido como amor.

A questão é tão insidiosa que deixa as pessoas alheias ao (s) princípio (s) orientador (es) que subjazem às suas concepções amorosas, em objeção a quaisquer princípios relativistas, de tal forma que o etnocentrismo, sobretudo no que diz respeito à análise das dinâmicas amorosas, está arraigado e é confundido como parte inerente da evolução sócio histórica. Consequentemente, o que se produz é um conjunto de conceitos fragilizados que, quer por estar deformado, quer por estar mutilado em sua essência, torna-se amostras não representativas da realidade, porque optaram preferencialmente por salvaguardar a medida prévia, ou seja, um padrão pré-concebido de comportamentos ao invés de serem flexíveis e

receptivos às diferenças encontradas. Desta maneira, ao se utilizar os próprios referenciais para entender as diversas culturas e as outras épocas, perde-se a visão histórica dos fenômenos, prejudicando a compreensão dos mesmos, ao não reconhecer como possíveis algumas situações. E o amor é um destes exemplos que deve ser entendido em cada contexto que estiver inserido, ou seja, no seu modelo próprio, ou ainda, no estilo em que se manifestar.

De acordo com Lee (1988), o etnocentrismo é um problema fundamental na pesquisa sobre as experiências amorosas e que deve ser evitado a todo o custo. Como qualquer estudo científico, o estudo do amor deve habilitar cada respondente a reportar relações que não sejam previamente definidas como uma espécie de 'amor verdadeiro', isto é, uma forma mais correta de se amar em contraposição às demais. O próprio fato de preliminarmente se ter ideologias sobre o que seria um modelo considerado adequado para o amor romântico pode sujeitar as pessoas a respostas e interpretações ambíguas e tendenciosas. Ainda de acordo com Lee (1988), um método válido para se estudar o amor deve ser neutro, à medida que encoraje os respondentes a ignorarem as modas etnocêntricas e descreverem quaisquer que sejam as suas crenças e experiências amorosas vivenciadas.

Ilustrar como o etnocentrismo pode comprometer a análise do amor em uma civilização é, por exemplo, por meio dos referenciais amorosos contemporâneos afirmar/aceitar que o casamento romano era indevido ou mesmo imoral, por ser considerado um dever cívico, e concomitantemente, uma vantagem patrimonial, como nos apontam Duby e Ariès (1990), sendo que tudo o que se exigia do mesmo era uma tarefa definida: ter filhos e cuidar da casa. E uma vez adotada tal concepção, passa-se a marginalizar tal dinâmica afetiva. Por conseguinte, o amor de cada época não deve ser julgado valorativamente, tendo se em vista que os desdobramentos amorosos como tal não são atinentes à égide de uma única moral reducionista. De tal sorte, tem o mesmo valor o medieval amor cortês, bem como, os romances palacianos ingleses do renascimento e os amores orientais contemporâneos, muito embora variem suas estruturas sociais e contextos históricos.

Sem a diretriz de tal observação, fica difícil tentar compreender, por exemplo, porque os amores entre os pares masculinos eram tolerados pela moral romana, desde que o erastes encaminhasse tal sentimento ao seu erastos, pois "sobre a união dos corpos em si não recaia qualquer maldição" (Grimal, 1988/1991, p. 6).

Felizmente, existem ideias que se contrapõem ao etnocentrismo. Uma das mais importantes, proposta por Rocha (1994), é a relativização. Enquanto o etnocentrismo é um preconceito, e suas derivações doutrinárias (racismo, evolucionismo cultural, etc.) são ideologias (consciência falsa e falsa ciência), o relativismo cultural pertence à esfera da ciência (Meneses, 2000). Quando se apercebe que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição está-se relativizando algo. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta, mas no contexto em que acontece, está-se considerando, portanto, como de importância ou valor relativo. Isto também ocorre quando há o esforço na tentativa de compreender o "outro" nos seus próprios valores e não apenas nos que são referenciais para a análise. E a partir desse momento, surge a passagem do etnocentrismo para a relativização.

Como se pode observar, a Psicologia não foi a primeira disciplina a se interessar pelo estudo do amor. Porém, ainda que tardiamente, rendeu-se ao encanto do tema. No próximo capítulo será visto como o amor passou a ser objeto de interesse da ciência psicológica.

CAPÍTULO 2

O AMOR COMO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA: TEORIAS E PESQUISAS

Morton M. Hunt, em seu livro *The Natural History of Love* retratou o século passado como a "Idade do Amor". Este autor justificou sua caracterização ao afirmar que nunca, em nenhuma outra fase da História da Civilização, houve uma proporção tão vasta da humanidade que tenha dedicado tão elevada consideração ao amor nas suas mais diversas formas (Hunt, 1959). E, ao que parece esta é uma tendência que tende a permanecer, a perdurar e não se restringir a uma fase ou a alguns poucos anos como um dos muitos modismos que de tempos em tempos vicejam na sociedade contemporânea. Assim sendo, parece ter chegado o momento de encarar seriamente as manifestações de amor e afeto, ou seja, de estudar o fenômeno amoroso empiricamente de uma perspectiva científica. E que disciplina científica estaria mais apta a estudar o amor do que a Psicologia?

2.1 O advento do interesse pelo amor na Psicologia.

Embora alguns esforços para entender as atitudes românticas das pessoas, como a do sociólogo Llewellyn Gross, em 1944, com a construção de uma da primeira escala de 80 itens para identificar atitudes românticas ou uma visão realista dos relacionamentos amorosos tenham sido elaborados, só mais recentemente, as emoções e os sentimentos positivos deixaram de ser considerados uma área marginal da pesquisa científica em psicologia. A ciência da psicologia relutou muito em estudar o amor por entendê-lo como algo tão abstrato e subjetivo que desafiava qualquer tentativa de mensurá-lo. Na verdade, há dezenas de anos a psicologia tem se preocupado sobremaneira com os aspectos psicopatológicos do ser humano,

muito mais sobre os transtornos mentais do que sobre o entendimento ou o desenvolvimento da saúde mental positiva. De acordo com Seligman (2002, 2009) "durante a segunda metade do século XX, a psicologia foi consumida com um único tópico – doença mental – e tudo caminhou razoavelmente bem. Atualmente, os psicólogos conseguem medir conceitos antes confusos como depressão, esquizofrenia e alcoolismo, com precisão considerável*".* (p. 11).

Seligman (1998) considera o contexto histórico que levou a psicologia a se ater apenas ao estudo das patologias e comenta sobre as missões que a psicologia deixou de cumprir. Segundo ele a psicologia se propôs três missões: (1) curar doenças mentais; (2) tornar a vida das pessoas mais produtiva e feliz; e (3) identificar e criar talentos. Entretanto, com a Segunda Guerra Mundial, o foco dos cientistas concentrou-se sobremaneira no tratamento e desenvolvimento de terapias a fim de cuidar dos ex-combatentes, negligenciando as outras duas missões, principalmente a terceira.

A dinâmica da relação interpessoal entre um homem e uma mulher só começou a ser estudada de um modo mais sistemático há menos de seis décadas. Após um conjunto de investigações em sexologia, posteriores à Segunda Guerra Mundial, começou-se a investir no estudo científico dos fenômenos relacionados ao amor romântico, em seu sentido mais estrito. Dentre os trabalhos que precederam tais estudos contam-se as pesquisas de A. C. Kinsey, W. B. Pomeroy e C. E. Martin, que resultaram no famoso Relatório Kinsey a respeito da sexualidade masculina (*Sexual behavior in the human male*, 1948) e feminina (*Sexual behavior in the human female*, 1953); os trabalhos de William H. Masters e Virgínia E. Johnson (*Human sexual response*, 1966, e *Human sexual inadequacy*, 1970); e o Relatório Hite (*The Hite report: a nation wide study of female sexuality*) de Shere Hite (anos 1980 e 1990).

As publicações científicas em psicologia, até a década de 1950, eram incipientes, poucas e muitas vezes relacionadas com o amor entre mãe e filhos. O que até então se divulgava eram publicações mais voltadas para a autoajuda. Não obstante as dificuldades conceituais para o entendimento do fenômeno amoroso, alguns estudiosos propuseram-se a trabalhar nesta área e a conceituar o amor por meio da ciência psicológica. Alguns exemplos de autores que consideraram o amor em suas obras e teorias podem ser lembrados: Erich Fromm (1900 – 1980), Carl Rogers (1902- 1987), Ericc Erikson (1902-1994), Abraham Maslow (1908 – 1970) e, mais recentemente, Martin Seligman, professor de psicologia da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, criador da chamada Psicologia Positiva.

Rogers, psicólogo norte-americano, é considerado um precursor da psicologia humanista e criador da linha teórica conhecida como Abordagem Centrada na Pessoa (Rogers, 1951). De acordo com o autor, a existência de um contexto de relações interpessoais na qual a criança se sinta aceita e amada de forma incondicional, é o fator crucial na evolução de uma personalidade que possibilite a máxima expressão da tendência natural do que ele chamou de tendência atualizante.

Fromm (1956/2002) retoma o pensamento agostiniano que indicava ser o amor a força que libertaria o ser humano de suas amarras e limitações, e o aponta como a única resposta e saída satisfatória para o problema da existência humana. Segundo Fromm, existem seis tipos de amor, a saber: (1) Amor filial: é o vínculo que unifica o núcleo familiar mediante relações frutíferas entre pais e filhos; (2) Amor materno: é o vínculo de aceitação incondicional na qual a mãe ama o seu filho sem depender de nenhum mérito nem qualidade que influa na sua determinação em acolher e cuidar de seus filhos; (3) Amor paterno: fundamenta-se na condição dentro da qual o filho cumpre ou obedece às normas de comportamento estabelecidas pela autoridade do pai, que o protege e o motiva a pôr em prática sua capacidade de lealdade, respeito e responsabilidade necessários na vida adulta; (4) Amor a si mesmo: consiste numa adequada valoração da própria pessoa sem a qual é impossível estabelecer qualquer tipo de apreço pelas pessoas do nosso entorno; (5) Amor romântico: é a atração física e mental que produz uma compatibilidade de sentimentos entre duas pessoas do sexo oposto, o que gera uma relação de reciprocidade entre o casal que os liga num compromisso que, mais tarde, poderá derivar num lar compartilhado; (6) Amor neurótico: é a obsessão por uma pessoa em particular, em uma espécie de idolatria que reduz nosso suposto amor a uma simples dependência psicológica que gera uma profunda frustração e desilusão.

Maslow (1954), em sua Teoria Motivacional, arrola um conjunto de cinco necessidades vitais, dentre as quais salientava o amor como uma das necessidades sociais mais importantes e da qual o ser humano não poderia estar privado ao longo de sua vida a fim de realizar as suas potencialidades. Embora este autor ressalte a dificuldade de, para uma pessoa faminta, pensar em conceitos e sentimentos como liberdade, amor, justiça, respeito e etc., pois tais conceitos e sentimentos “não enchem o estômago” (Maslow, 1975, p. 343), se nossas necessidades de amor, de afeto e de pertencimento não forem atendidas, nos sentiremos solitários e inúteis.

Em sua teoria, Maslow acreditava que o ser humano deveria estudar e cultivar as experiências que ele chamou de “experiências culminantes da consciência” (por exemplo, o

amor), como um caminho para alcançar o crescimento pessoal, a integração e a realização. Segundo Maslow (1999), as experiências culminantes são unificadoras e ego-transcendentes e se assemelham à experiência da criação bíblica, que o autor descreve como um perder-se de si mesmo ou um transcender-se a si mesmo em função de uma fusão com a realidade observada e como uma espécie de integração de si mesmo com o outro, quer dizer, uma experiência não dual. Exemplos de experiências culminantes são a fascinação por uma ocupação, o perder-se de amores, o desvincular-se do momento ou do lugar, quando as pessoas estão apaixonadas. Maslow (1976) deixa muito claro que as experiências culminantes ocorrem sempre que alguma coisa seja suficientemente interessante para manter-nos fascinados, que capte por completo nossa atenção. Maslow descobriu que as pessoas que se auto atualizavam percebiam a realidade com precisão. Essas pessoas eram extremamente independentes e criativas, agiam de forma espontânea e natural com as demais, viam seu trabalho mais como uma carreira ou vocação, do que como um emprego, possuíam um forte código moral e, ocasionalmente, tinham momentos de satisfação ou fruição intensas, aos quais denominou experiências culminantes. Elas trazem um senso de propósito e um sentido de integração para a pessoa. Indivíduos mais susceptíveis de ter experiências culminantes, como as amorosas, são autorrealizados, mais amadurecidos e saudáveis. Todos os indivíduos são susceptíveis de experiências de culminantes, constatação essa apontada tanto por Maslow (1976, 1999) como por James (1991).

Erick Homburger Erikson nasceu na Alemanha em 1902, mudou-se para os Estados Unidos em 1933 por causa da ameaça do Nazismo e veio a falecer em 1994. Filho de pais dinamarqueses, mas abandonado desde seu nascimento pelo pai, foi educado por Theodor Homburger, um pediatra judaico-alemão, que pensava ser o seu verdadeiro pai. Seu interesse pelo desenvolvimento humano começou a partir de suas experiências infantis, ao sofrer na escola por ser diferente dos colegas (Erikson era alto e de olhos azuis pela ascendência nórdica) e por ser judeu. Na opinião de Erikson, a personalidade forma-se à medida que as pessoas passam pelas fases psicossociais. Em cada fase há um conflito a enfrentar e resolver, de uma forma positiva ou negativa. A solução positiva resulta em saúde mental; a negativa leva ao desajustamento. Os conflitos estão todos presentes no nascimento, mas predominam em épocas específicas. Erickson identifica oito estágios do desenvolvimento da personalidade, denominados como estádios psicossociais. Citar-se-ão os oito estádios de desenvolvimento psicossociais e pretende-se deter mais pormenorizadamente no estádio relacionado ao amor, foco dessa tese.

Os estádios psicossexuais segundo Erickson são: confiança versus desconfiança; autonomia versus dúvida e vergonha; iniciativa versus culpa; esforço versus inferioridade; clarificação de identidade versus confusão de papéis; intimidade versus isolamento; produtividade adulta versus estagnação; integridade versus desespero.

A partir da década de 60 do século passado, psicólogos como Byrne, London e Reeves (1968) propuseram-se a estudar o fenômeno da atração interpessoal. Este estudo englobou uma variedade de experiências sociais como a admiração, o amor, a amizade, a intimidade, a luxúria e o prazer. Foram identificados três fatores principais que interagiriam no âmbito das relações interpessoais, a saber: atração física, proximidade e semelhança (Huffman, Vernoy & Vernoy, 2003). E, dessa forma, a dinâmica da relação interpessoal entre um homem e uma mulher começou a ser estudada de um modo mais sistemático há menos de cinco décadas.

Na teoria ericksoniana as necessidades romântico-afiliativas estão relacionadas ao sexto estágio, proposto em sua teoria que corresponde à fase jovem-adulta que, segundo o autor, ocorreria entre os dezoito e os trinta anos. O objetivo dessa etapa é atingir a intimidade, em contraposição ao isolamento. Essa meta se refere ao indivíduo que, tendo ultrapassado as questões básicas do seu problema de identidade (estágio anterior do desenvolvimento ericksoniano), pode mover-se em direção a questões de relacionamento com os outros, como relacionamentos íntimos, de amizade, amor, intimidade sexual e, até mesmo intimidade consigo próprio. De acordo com Erickson, intimidade é realmente a habilidade de fundir a sua identidade com a do outro, sem temor de estar perdendo alguma coisa de si mesmo. A virtude desenvolvida nessa fase é o amor. Amor, para este contexto teórico, é estar apto a deixar os antagonismos de lado, em nome de uma boa convivência. Não se restringiria somente à manifestação do amor como aquele encontrado em situações de parcerias românticas, mas também englobaria o amor pelos amigos, ou pelo vizinho, ou pelo colega de trabalho, entre outros.

A tarefa essencial deste estágio é o estabelecimento de relações íntimas (amorosas, e de amizade) duráveis com outras pessoas. A vertente negativa é o isolamento, pela parte dos que não conseguem estabelecer compromissos nem troca de afetos com intimidade. No estabelecimento de uma identidade definida, a pessoa estará preparada para se unir à identidade de outrem. Essa fase é caracterizada por esse momento da união, o que sugere à associação de um ego ao outro. Para que haja uma associação positiva é necessário que o indivíduo tenha construído um ego forte e autônomo, para assim aceitar o convívio com o outro ego, numa perspectiva mais íntima. Quando isso não acontece, isto é, o sujeito não

construiu um ego seguro, a pessoa irá preferir o isolamento, numa tentativa de preservar esse ego.

Apesar das técnicas de amostragem probabilística terem sido desenvolvidas e incorporadas aos inquéritos populacionais desde as décadas de 30 e 40 do século XX, até a década de 60 acreditava-se ser impossível adotá-las em pesquisas cujo enfoque fosse a sexualidade ou, mesmo, a investigação de fenômenos tais como os sentimentos e as emoções, dadas sua subjetividade e ao caráter íntimo e privado das respostas, o que poderia ocasionar um alto percentual de recusas e/ou falsas respostas. No entanto, Cronbach (1996) já alertava "se uma coisa existe, ela existe em certa quantidade. Se uma coisa existe em certa quantidade, ela pode ser medida" (p. 53).

Em 1973, Miller Kirsten (citado por Berks, 2009) levantou um dado muito significativo do estado da arte: o tópico amor não havia sido resenhado em qualquer um dos 23 volumes da *Annual Review of Psychology*. Este periódico, publicado desde 1950, cobre os desenvolvimentos recentes no campo da psicologia, incluindo: bases biológicas do comportamento, sensação e percepção, processos cognitivos, aprendizagem, comportamento animal, desenvolvimento humano, psicopatologia, psicologia clínica e aconselhamento, psicologia social, personalidade, psicologia ambiental, psicologia da comunidade, dentre outros.

Na década de 70 do século passado, houve um debate acalorado nos Estados Unidos, tendo como pauta principal o financiamento de pesquisas sobre o amor, o que provavelmente aumentou o interesse sobre o tema. Se fizermos uma busca computadorizada do termo "*love*", utilizando a base de dados PsycINFO, entre 1950 a 1973, esta resultará em 149 artigos. Mas, se realizarmos a mesma busca, no intervalo de tempo de 1974 a 1996, ou seja, 23 anos depois, a busca, resultará em 1459 artigos. Em outras palavras, quase 10 vezes a mais de referências.

Zick Rubin, em 1970, cria uma escala para mensurar psicometricamente o fenômeno amoroso. Por meio de suas pesquisas, Rubin (1970) demonstra que conceitos tão intimamente atrelados como "gostar" e "amar" são independentes, diferindo na essência e intensidade do afeto e, assim, não devem ser vistos como partes de um único contínuo como anteriormente entendido. De acordo com este autor, o amor pode ser definido como sendo "uma atitude que uma pessoa direciona a outra em particular, envolvendo predisposições a pensar, sentir e se comportar de certas formas em relação a esta outra pessoa" (Rubin, 1970, p. 265). Logo para

Rubin, amar refere-se à atração física, à predisposição para ajudar, ao desejo de compartilhar emoções e experiências e ao sentimento de exclusividade e absorção. O gostar diz respeito às relações interpessoais e inclui sentimentos como o respeito, a confiança e a percepção de que a pessoa de quem se gosta tem objetivos semelhantes aos seus próprios. Como consequência, este autor desenvolveu uma escala de amar e outra de gostar, as quais aplicou em 158 casais da Universidade de Michigan. Ambas as escalas mostraram ter consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,84$ para homens e $\alpha = 0,82$ para mulheres na escala de amor e $\alpha = 0,83$ para homens e $\alpha = 0,81$ para mulheres na escala de gostar). Os sentimentos de gostar e amar apresentaram uma correlação mais alta na amostra masculina ($r = 0,60$) do que na feminina ($r = 0,39$), sendo tais diferenças significantes ($p < 0,05$), o que sugere que as mulheres possuem uma capacidade mais acurada de diferenciar entre estes dois sentimentos (Rubin 1970; 1973).

Então, a partir dos anos 80, vários estudos foram realizados com amostras probabilísticas e instrumentos psicométricos, comprovando a viabilidade de pesquisas que tematizam o amor e seus desdobramentos. O que levou a psicologia, cada vez mais, a estudar aspectos positivos da natureza humana e a estudar fatores de personalidade humana que não enfatizavam tanto a redução da ansiedade ao longo da vida, tal como proposto na teoria matriz freudiana. Essas ideias e as de outros autores sobre o amor originaram publicações como o livro *The Psychology of Love*, lançado em 1988, pelos editores Robert Sternberg e Michael L. Barnes, que suscitou novas pesquisas na área. Este livro apresenta estudos contemporâneos de pesquisadores cuja área de atuação é o estudo do amor e dos relacionamentos íntimos. Publicações como estas representaram uma notável mudança de paradigma, levando-se em consideração que, ao longo de praticamente todo o século XX, o foco dos estudos manteve-se nos estados afetivos patológicos. Essa modificação se deu, sobretudo, pela influência da Psicologia Positiva.

A Psicologia Positiva é um movimento científico e aplicado que visa identificar as qualidades das pessoas e promover o seu funcionamento positivo (Snyder & Lopez, 2009), contribuindo para o florescimento e o funcionamento saudável de pessoas, grupos e organizações por meio do fortalecimento das competências, ao invés da correção de deficiências (Paludo & Koller, 2005). Seligman (2002; 2009) conceitua-a como o estudo científico do funcionamento humano ideal que visa descobrir e promover os fatores que permitem que indivíduos e comunidades prosperem. Seu surgimento ocorreu no final do último milênio, quando Martin Seligman publicou uma série de artigos sobre a necessidade de

mudar o foco da psicologia para o estudo dos aspectos saudáveis do ser humano e não apenas dos patológicos (Paludo & Koller, 2007). De acordo com Seligman (2009), embora as descobertas acerca dos aspectos genéticos, da bioquímica, da dinâmica psicológica e das causas das psicopatologias, tenham levado a um considerável alívio para as pessoas por elas afetadas, isto ocorreu em detrimento da preocupação com situações adaptativas e sentimentos positivos, tais como o amor.

Seligman e Csikszentmihalyi (2000) enfatizam que a psicologia não é só o estudo da patologia e da fraqueza, mas também o da força e da virtude. De acordo com Cloninger (2006), aspectos como morbidade e mortalidade estão mais fortemente relacionadas com à ausência de emoções positivas do que à presença de emoções negativas. Dessa forma, observa-se que alguns aspectos que, provavelmente, estariam relacionados a um melhor tratamento e/ou à cura de alguns sintomas patológicos foram majoritariamente negligenciados.

Yunes (2003) defende que postular uma ciência que focalize as potencialidades e qualidades humanas exige tanta seriedade conceitual, teórica e metodológica quanto a presente nos estudos das desordens humanas. Paludo e Koller (2007) comentam sobre a importância do estudo dos aspectos positivos sem que se atribua relevância ora aos aspectos positivos ora aos negativos, pois cabe à ciência o estudo de ambos, sem a predominância de um sobre o outro.

Por fim, cabe lembrar que a psicologia positiva não pretende promover uma cisão no corpo teórico da psicologia. Pelo contrário, este movimento não nega a existência do sofrimento humano e da qualidade e efetividade dos tratamentos para os problemas psíquicos, mas visa estabelecer um equilíbrio entre a compreensão dos problemas e das potencialidades humanas por meio de estudos científicos que investiguem os aspectos positivos do desenvolvimento humano (Graziano, 2005; Paludo & Koller, 2007).

2.2 Teorias do amor.

Como anteriormente considerado, nas últimas décadas houve uma mudança de interesse e começaram a ser realizadas pesquisas e elaboradas propostas teóricas que contemplam emoções positivas como o amor e o estudo dos relacionamentos amorosos de uma forma mais consistente. Pesquisadores como Robert Sternberg, John Money, John Bowlby e Jonh Alan Lee, entre outros, engajaram-se intensamente no estudo desses temas, buscando padrões que

expliquem a dinâmica da atração, dedicando-se a entender o fenômeno do apaixonar-se, questionando se o amor é uma entidade única ou composta de partes diferentes, pesquisando o estabelecimento e a manutenção dos relacionamentos amorosos e procurando compreender cientificamente o papel do amor na satisfação conjugal. Há de se evidenciar que a tentativa de identificar e de analisar cientificamente o significado do amor suscitou, e ainda suscita, uma série de controvérsias.

Considerando ser grande o número de teorias que tomam o amor como tema de suas pesquisas, como as apresentadas no livro *The Psychology of Love*, e, a título de ilustração, quatro teorias que são costumeiramente citadas em pesquisas que discorrem acerca dos relacionamentos amorosos, serão apresentadas a seguir.

2.2.1 John Allan Lee e a teoria estilos de amor.

O antropólogo canadense John Allan Lee dedicou-se analisar a capacidade de amar do ser humano, em sua obra *Love Styles*. Primeiramente, este autor realizou um levantamento como o amor era retratado em fontes como livros de romance, filmes e em livros do campo de conhecimento da Filosofia e da Psicologia. Posteriormente, em 1977, o autor categorizou os dados levantados, usando a análise fatorial de 1500 itens relacionados ao amor o que resultou em uma tipologia de seis expressões para o fenômeno amoroso, os quais intitulou de estilos amorosos. Para verificação da aplicabilidade desses estilos, foram conduzidas entrevistas com pessoas heterossexuais e homossexuais, as quais confirmaram os tipos propostos em sua teoria (Lee, 1988). Assim, de acordo com Lee (1977; 1988), existem três estilos primários de amor: Eros, Ludos e Estorge.

De acordo com o criador dessa tipologia, as pessoas que apresentam o estilo de amor Eros seriam aquelas que possuem expectativas/exigências muito específicas a respeito da aparência que o parceiro deve ter e manifestam forte atração física vivenciando uma repentina sensação de reconhecimento do parceiro. Acreditam no chamado “amor à primeira vista”. Os representantes do estilo Ludus seriam aqueles pluralistas nos relacionamentos amorosos. Possuem parceiros simultâneos e estão sempre em busca do prazer. O estilo Estorge seria caracterizado por pessoas que acreditam que o amor surge da familiaridade e das semelhanças como resultado do conhecimento prévio do parceiro. A partir da combinação dos estilos primários, seriam formados os estilos secundários de amor: Mania: (composto de Eros e Ludos), Pragma (composto de Ludos e Estorge) e Ágape (composto de Estorge e Eros).

As principais características dos parceiros em que a forma predominante de amar é Mania são a insegurança, a possessividade e o ciúme. A emoção gerada é quase obsessiva a ponto de a pessoa querer ficar o tempo todo com o outro e estar sempre exigindo uma prova de amor. Está sempre tentando atrair a atenção do outro em busca de afirmação. No amor caracterizado como Pragma o planejamento e a avaliação são características que se evidenciam. Antes de começar o relacionamento, leva-se em conta na escolha aspectos como compatibilidade e satisfação mútua das necessidades. As pessoas desse estilo examinam os pretendentes para ver se atendem a uma série de expectativas antes de se envolver com eles. Por último, as principais características dos amantes em que sobressaem o estilo de amor Ágape são: ausência de egoísmo, cuidado e preocupação em primeira instância com o outro. O impulso natural de quem sente esse tipo de amor, é priorizar o parceiro ao invés de si mesmo e de suas próprias necessidades.

2.2.2. John Bolwby: a teoria do apego.

Outra contribuição adicional para o estudo do amor foi a do psiquiatra e psicanalista britânico John Bowlby (1907-1990) que, a partir de extensa pesquisa, propôs a Teoria do Apego. Esta teoria foi desenvolvida a partir da tradição psicanalítica das relações objetais. Porém, ele fundamentou-se também em conceitos da teoria evolutiva e da etologia. Segundo a Teoria do Apego as características do comportamento amoroso humano começam a ser construídas na primeira infância, ocorrendo uma evolução dessas características até a idade adulta, vinculado à maneira pela qual são experienciadas as primeiras experiências com seu (sua) cuidador (a), geralmente a mãe. Em outras palavras, Bowlby não estudou somente as experiências de gratificação e de frustração, mas foi fundo na análise dos pormenores do processo de vinculação entre os cuidadores e as pessoas por eles cuidadas por meio do olhar, da voz, do toque, entre outros. Bowlby (1979) acreditava que os padrões de apego humano observados na interação entre o bebê e o seu cuidador desempenhariam um papel fundamental no desenvolvimento humano “desde o berço até o túmulo” (p. 129). Em sua obra *The making and breaking of affectional bonds* (A construção e a quebra de laços afetivos) discute se as diferenças individuais no funcionamento do sistema de apego estariam relacionadas às idiossincrasias no contexto dos relacionamentos românticos e conjugais. Shaver, Hazan e Bradshaw (1988) foram adiante e propuseram empiricamente que os vínculos de apego

romântico na fase adulta teriam uma forte associação com os primeiros vínculos entre a díade bebê-cuidador.

A Teoria do Apego descreve como, a partir do relacionamento com figuras significativas ao longo do desenvolvimento, é construído um modelo de apego no qual Bowlby (1989) salienta:

> (a) o status primário e a função biológica dos laços emocionais íntimos entre indivíduos, cuja formação e manutenção são postulados como controlados por um sistema cibernético, situado no sistema nervoso central, que utiliza modelos funcionais do si-mesmo e da figura de apego, um em relação ao outro.
>
> (b) a poderosa influência, no desenvolvimento de uma criança, da maneira como é tratada por seus pais, especialmente pela figura materna,
>
> (c) que o conhecimento atual do desenvolvimento de uma criança requer uma teoria do desenvolvimento que possa tomar o lugar de teorias que invocam fases específicas de desenvolvimento, nas quais – sustenta-se – uma pessoa pode tornar-se fixada e/ou pode retornar. (p. 118)

Bowlby (1989) descreve três padrões básicos dos modelos de apego, a saber. Primeiro, o modelo de apego de base segura, que se caracteriza por um sentimento de extrema confiança do bebê na disponibilidade do cuidador em suprir suas necessidades, ao receber respostas amáveis, protetoras e encorajadoras frente às suas solicitações. Este contexto de intimidade com o cuidador acaba por desenvolver na criança segurança para explorar o mundo ao seu redor e está relacionado com a elaboração de respostas mais confiantes e favoráveis perante o outro.

O segundo padrão descrito por Bowlby (1989) é o do apego ansioso-ambivalente, caracterizado por insegurança e dificuldade em relação à disponibilidade do cuidador em estabelecer vínculos seguros. Esta forma de apego, portanto, é caracterizada por sentimentos de ansiedade em relação ao vínculo com figuras de apego e comportamento ambivalente, frequentemente marcado por raiva e culpa. Esta incerteza tenderia a desencadear na criança frequentes sensações de abandono, que desenvolveria uma forte ansiedade frente à ambiguidade do afeto manifestado pelo cuidador.

O terceiro modelo de apego é o evitativo. Neste estilo, a criança apresentaria uma total falta de confiança em relação à presença e à proteção familiar do cuidador e, por ser

frequentemente rejeitada por este, desenvolveria padrões evitativos extremos nas relações de apego, que são vividas paradoxalmente como extremamente aversivas, mas, ao mesmo tempo, desejáveis. Este estilo tenderia a contribuir para o desenvolvimento de crianças socialmente isoladas, que se sentem frequentemente inadequadas em relação ao seu meio familiar e social.

Em suma, a Teoria do Apego considera a propensão para estabelecer laços emocionais íntimos com indivíduos especiais como um componente básico da natureza humana, presente no neonato em forma germinal e que continua na vida adulta e na velhice. O modelo de apego não é visto como pronto e acabado, mas em constante processo de elaboração, tanto para melhor quanto para pior, dependendo dos padrões de relação experimentados.

2.2.3 John Money: o mapa amoroso.

Outra teoria do amor bastante interessante é a do psicólogo e sexólogo neozelandês John Money. Money (1986) postulou que as pessoas desenvolvem o que ele chamou de mapa amoroso. Ele denomina mapa amoroso o mecanismo pelo qual as pessoas são atraídas por alguém em particular. Ele acredita que as crianças desenvolvem esses mapas amorosos entre os cinco e oito anos de idade (às vezes antes) e, mais tarde, eles vão determinar o que desperta nosso interesse afetivo sexual e por que nos apaixonamos por uma pessoa e não por outra.

Este mapa amoroso representaria a imagem idealizada acerca de como deveria ser o (a) parceiro (a), imagem essa construída na infância (mais precisamente dos 5 aos 8 anos) a partir de associações feitas com parentes, vizinhos e com os demais elementos do entorno infantil. Trata-se de um roteiro amoroso que descreve o que gostamos e o que não gostamos; nossas preferências em termos de raça, cor de cabelo e de olhos, tom de voz, cheiro e tipo de corpo. Ele também codifica o tipo de personalidade que nos agrada e é bastante específico quanto aos detalhes da fisionomia (avaliação da personalidade ou caráter de uma pessoa a partir de sua aparência exterior, especialmente o rosto), bem como o temperamento ideal, o jeito e trejeitos, e outros traços físicos e de personalidade.

Ainda, de acordo com o criador dessa teoria busca-se e nos apaixonamos por pessoas que mais se encaixem em nosso mapa de amor que seria consultado milhares de vezes durante a vida, ao longo dos futuros relacionamentos amorosos, e projetaria no (a) parceiro (a) aquilo que esta pessoa considera como ideal. Consequentemente, quando crescemos, esses mapas influenciam nossas escolhas amorosas porque temos prontos alguns elementos básicos do que

desejamos num parceiro. Assim, quando conhecemos uma pessoa, sua voz, sua maneira de falar, seu senso de humor, seus interesses, suas aspirações, atualizariam nas pessoas essas imagens prototípicas primordiais e tornariam essa pessoa mais atraente do que outras. Para Fisher (1995): "Quando realmente encontramos alguém que se encaixe dentro desses parâmetros, nós nos apaixonamos por ele, e nele projetamos nosso mapa amoroso" (p. 48). Logo, a busca por essa imagem idealizada pode justificar uma série de escolhas amorosas, favorecendo uma melhor compreensão dos mecanismos da atração e do apaixonar-se.

Este mapa inconsciente vai gradualmente se revelando de acordo com o desenvolvimento humano, e será ativado pelas diferentes pessoas com as quais o ser humano irá interagir. Em geral, as experiências sexuais adultas não vão fazer outra coisa senão reforçá-lo. Este modelo fornece uma singular imagem do amor e com suas particularidades específicas tais mapas são tão únicos quanto nossas impressões digitais.

2.2.4 Robert Sternberg: a teoria triangular do amor.

Em 1986, Robert J. Sternberg, em uma abordagem fundamentada na psicologia cognitiva, propôs que diferentes formas de amor envolvem a combinação de três componentes: intimidade, paixão e compromisso. A esta teoria denominou Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986; 1988), sugerindo que esses três componentes formam os vértices de um triângulo. Sternberg define intimidade como a presença de felicidade, respeito, entendimento mútuo, capacidade de se entregar, de dar e receber apoio emocional, de comunicação e de valorização. Interações baseadas isoladamente nesse componente caracterizam relações semelhantes à amizade. A paixão diz respeito à atração física e sexual, à vontade de estar junto e ao romance, indicando uma união com grande excitação emocional. Decisão/compromisso, por sua vez, está relacionado à decisão de amar e à vontade de que a relação se mantenha no longo prazo. Quando isolado, revela um relacionamento que tende a durar, mas principalmente pela influência de fatores externos, pois a paixão e a intimidade não estão presentes. Esse tipo de união também é chamado de amor vazio (Sternberg, 1986, 1997).

A presença dos três componentes estabeleceria o amor pleno, enquanto a junção de dois deles indicaria outras formas de amar. A combinação entre intimidade e paixão, chamado de amor romântico, significa que, mesmo próximo e desejando estar junto, o casal não tem a certeza de que isso será possível. Intimidade e decisão/compromisso (companheirismo) fazem

com que os parceiros permaneçam unidos mesmo após o término do desejo sexual. Por fim, a paixão com decisão/compromisso (amor factual) é como o amor à primeira vista, no qual existe a atração física e a vontade de permanecer juntos, mas o casal ainda não desenvolveu intimidade (Sternberg, 1986, 1997).

2.3 O estudo da Psicologia do amor no Brasil.

O amor, apesar de usufruir contemporaneamente de tanta promoção, somente passou a ser estudado cientificamente há pouco tempo em nosso meio. No território nacional e em ambiente acadêmico o estudo do amor e das relações amorosas começou por volta do ano 2000, com o oferecimento por parte do Prof. Dr. Ailton Amélio da Silva, em nível de Pós-graduação, das disciplinas "Ligações amorosas: relacionamento, sexo e amor" e "Seleção de parceiros, flerte, namoro e casamento: uma abordagem observacional/experimental" e, em nível de graduação, da disciplina: "Relacionamento amoroso: teoria e pesquisa", todas essas vinculadas ao Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP de São Paulo. O professor Ailton graduou-se em psicologia durante os anos de 1969 – 1974 e, em 1976, ingressou no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP de São Paulo. Orientado pelo o Prof. Dr. Arno Engelmann obteve o título de Mestre, em 1982, com a dissertação intitulada: "Julgamento de pessoas desconhecidas". Posteriormente, neste mesmo ano, no mesmo departamento e com o mesmo orientador, prosseguiu seus estudos, agora em nível de doutorado e obteve o título de Doutor com a tese intitulada: *Julgamento de expressões faciais de emoções*.

Com graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela USP, Ailton Amélio começou a ministrar aulas na universidade em 1985. No entanto, somente depois de quase duas décadas, o Prof. Ailton se interessou pelo estudo do comportamento amoroso e passou a publicar artigos *Timidez para Iniciar um relacionamento amoroso*, em 1998, *Therapie cognitive de l'inhibition amoureuse*, em 1998, *Estilos de Amor X estilos de apego: uma relação possível*, em 2003; *Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver*, em 2005; *O conteúdo da vida amorosa de estudantes universitários*, em 2006; *O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos*, em 2008; e livros como *O mapa*

do amor, em 2001; *Para Viver um Grande Amor*, em 2005 e, *Relacionamento amoroso*, em 2009, além de capítulos de livros e participações em congressos que tematizavam o amor como *Pequenos motivos, grandes romances*, em 2002, e *Simulação de flerte e amizade: uma análise perceptivo-auditiva de emissões vocais*, em 2009, capítulos integrantes dos livros *Da sedução ao casamento* e *Laringologia e voz hoje*, respectivamente. Até então, seu principal objeto de estudo era a comunicação não verbal, pesquisa que ampliou para a análise do flerte e, depois, para o amor. De acordo com as próprias palavras do Professor Ailton[2]:

> *No início, eu me interessei por comunicação não verbal e, enquanto dava aula de mestrado e doutorado nessa área, percebi que havia pesquisas sobre o estudo do flerte. Resolvi, então, estudar o flerte em novelas e gravações ao vivo. Nessas aulas, os alunos demonstravam muito interesse e eu acabei ampliando o assunto. De duas, fomos para três aulas e, de repente, já estava abordando e pesquisando toda a área de relacionamento amoroso.*

Muito possivelmente em face da recenticidade do estudo científico do amor em nosso meio, a produção acadêmica de textos que tem o amor como tema é escassa comparativamente ao que se publica, por exemplo, nos EUA. Numa busca computadorizada da literatura que trata do amor romântico, realizada pelo autor do presente trabalho nas bases de dados PSICODOC, PEP- Psychoanalytic Electronic Publishing, Web of Science, Scopus, PePSIC, Scielo, Redalyc, DOAJ, Medline (PubMed), Lilacs e PsycINFO, sem limite de tempo, com os termos “romantic” e “love” e “romantic love”, respectivamente, com o filtro Brasil, para restringir a pesquisa, verificou-se que o primeiro estudo publicado em periódicos científicos e que tinha o amor como foco foi *Sobre a ternura, noção esquecida* no periódico Interações, em 2005. A autora desse artigo, Profa. Dra. Ana Lila Lejarraga, graduou-se em Psicologia pela Universidad Nacional de La Plata (1976), Especialização em Terapia de adolescentes pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (1982), Mestrado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1999) e Pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2011). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Departamento de Psicologia Clínica e Divisão de Psicologia Aplicada). Neste artigo, a autora discorre sobre a noção de ternura com o intuito de refletir sobre as relações amorosas contemporâneas. A os impasses da concepção freudiana da

[2](http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2011/10/entrevista-amor-e-o-tema-de-pesquisa-de-ailton-amelio-da-silva.html)

ternura como pulsão sexual de alvo inibido, o estudo resgata a faceta mais originária da ternura, apontada por Freud em 1912. Neste artigo, levanta-se a hipótese de a ternura ser uma forma de identificação, que pode ser chamada de identificação terna, em que uma parte da pessoa se identifica com a condição desvalida e dependente do outro. Finalmente, articula-se a necessidade infantil de ternura com o estado de desamparo, interpretando-se a necessidade do homem de ser amado, devido a sua condição desamparada, como necessidade de ternura, ou seja, de ser reconhecido e considerado por um outro. Esse trabalho originou-se a partir de uma publicação da autora intitulada *Paixão e ternura, um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana*, publicada em 2002 pela editora Relume-Dumará e de sua tese de doutorado intitulada *Paixão e ternura, um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana*, defendida em 1999, tendo como orientador o Prof. Dr. Jurandir Sebastião Freire Costa. Até então. o que se tinha aqui no Brasil eram os esforços de alguns profissionais (*e.g.* Flávio Gikovate, Maria Helena Matarazzo, Roberto Shinyashiki), geralmente relacionados com a área de autoajuda, que escreveram sobre ciúme, timidez, infidelidade.

Mais recentemente outros pesquisadores, vinculados a diversas instituições, se interessaram a estudar o amor romântico. Um dos pioneiros na área a se doutorar tendo o amor como tema foi o Prof. Vicente Cassepp-Borges com a tese intitulada: *Amor e construtos relacionados: evidências da validade de instrumentos de medida no Brasil*, sob a orientação do psicometrista Prof. Dr Luiz Pasquale, da Universidade de Brasília (UNB), em 2010. Posteriormente, o Prof. Dr. Vicente Cassepp-Borges publicou, na área dos relacionamentos amorosos, outros trabalhos como autor e coautor, *Características psicométricas da relationship assessment scale Sternberg´s triangular love scales national study of psychometric attributes* (e, em sua versão nacional *Estudo nacional dos atributos psicométricos da Escala triangular do amor de Sternberg*), em 2012; *Evidências de validade da Escala Triangular do Amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R)*, em 2013, *A redução de itens como uma alternativa para a Escala Triangular do Amor*, em 2014; além de sua participação com trabalhos em congressos científicos e com outros capítulos de livros publicados que discorrem a respeito do amor como *Amor: múltiplas perspectivas* e *Considerações teóricas e práticas sobre a qualidade em relacionamentos amorosos*, capítulos integrante do livro *Atualização em avaliação e tratamento das emoções*, publicado em 2013. Há de se evidenciar que, anteriormente, o Prof. Vicente Cassepp-Borges já havia começado a se interessar pelo o estudo do comportamento amoroso e, em 2006, defendeu, pela a

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), a sua monografia de conclusão de curso intitulada: *Escala triangular do amor de Sternberg no Brasil: tradução, validação de conteúdo e propriedades psicométricas*.

Também nessa época, o Prof. Alexsandro Luiz de Andrade, sob a orientação do Prof. Dr. Agnaldo Garcia, em 2011, concluiu o seu doutorado com a tese, defendida em 2011: *Relacionamentos românticos: modelos de qualidade e satisfação em relacionamentos de casal*. Posteriormente a essa obra acadêmica, teve a oportunidade de publicar, na área dos relacionamentos amorosos, outros trabalhos como *The association of structural configurations of romantic relationships with beliefs about couple relationships: a social representations study*, em 2011; *Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação da qualidade em relacionamentos românticos - Aquarela-R*, em 2012; *Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa*, em 2013; *Evidências de validade da Escala Triangular do Amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R)*, em 2013; Configuration and affective consequences of investing in romantic relationships, em 2013 *Configuration and affective consequences of investing in romantic relationships*, em 2013; *Escala de Crenças sobre Amor Romântico: indicadores de validade e precisão*, em 2014 e, no ano de 2012, publicou o livro *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*, além de sua participação com trabalhos em congressos científicos e com capítulos de livros publicados que discorrem a respeito do amor como, por exemplo, o capítulo intitulado *Interconexões entre amor, satisfação e qualidade nas relações românticas* que faz parte da obra *Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos*, publicado em 2013.

A partir desses estudos, o interesse em tematizar o amor, tem crescido cada vez mais em todo o território nacional. Este é o panorama nacional do estudo do amor no Brasil.

CAPÍTULO 3

O CONCEITO DE CONCEITO

De acordo com Ausubel (1963, citado por Lomônaco, 1997): “o homem vive num mundo de conceitos, não num mundo de objetos, eventos e situações” (p. 1). O que pode se depreender segundo a sentença desse autor é que o ser humano está imerso em um universo de conceitos. No entanto, se perguntarmos para diferentes pessoas, desde o leigo até o acadêmico de nível superior, o que elas entendem por conceito, provavelmente encontraremos respostas tanto díspares, quanto contraditórias (Lomônaco, 2002). Mas, considerando-se que este estudo investigará o conceito de amor para uma determinada amostra, é fundamental esclarecer o que se entende por conceito e, como ele será definido neste trabalho. Afinal, de acordo com Lomônaco (1997), se não compreendermos o que é o conceito, não saberemos como ele se desenvolve, quais as condições mais adequadas para que se possa ensiná-lo e como ele poderá ser compartilhado comumente pelas pessoas de um certo agrupamento ou de uma determinada cultura. A definição de conceito no Dicionário Houaiss da língua portuguesa (Houaiss e Villar, 2009) apresenta onze itens, dos quais se pretende considerar somente as seguintes acepções:

> /.../ **9** FIL. representação mental de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade **10** LING. noção abstrata contida nas palavras de uma língua para designar as propriedades e características de uma classe de seres, objetos ou entidades abstratas. (p. 510)

Assim, o que se observa é que as duas acepções, especialmente transcritas para esse trabalho, implicam simultaneamente a ideia de generalização, de busca do que há de generalizável a diferentes elementos, de modo a permitir identificações e agrupamentos sob o

mesmo nome ou rótulo, e também, a ideia de discriminação, ou seja, de modo a permitir que se possa distinguir, separar, colocar à parte certas representações de outras.

Spitzer (1975, citado por Lomônaco, 1997), em um artigo denominado *Whats is concept* (O que é um conceito), salienta que:

> Parece haver concordância geral entre psicólogos e educadores de que a formação de conceitos é o meio pelo o qual o homem ordena sua experiência; que ele representa algum tipo de agrupamento cognitivo e que ele é extremamente importante na aprendizagem humana. Todavia, afora essas concordâncias, há pouco empenho na literatura em buscar uma definição comum de conceito (p. 1)

Complementarmente aos dizeres deste autor, Medin (1989 citado por Lomônaco, 1997) conclui que, em termos de representação de conceitos, não existe consenso, entre os estudiosos. Em outras palavras, não dispomos de uma definição de conceito universalmente aceita pelos estudiosos da área.

Independentemente dessa dificuldade, pode-se afirmar com segurança que a formação e o desenvolvimento de conceitos ocorrem desde o nascimento e prosseguem durante toda a vida. Provavelmente, em função do seu valor adaptativo para a espécie, o ser humano desenvolveu, desde muito cedo, a capacidade de formar conceitos e de categorizar. É por meio de suas experiências pessoais, do que vê e sente, ou seja, é por meio da aprendizagem que o ser humano forma e modifica os seus conceitos (Flavell, 1976, citado por Lomônaco, 1997). Assim, cada ser humano vem a pensar de forma singular, vê o mundo à sua volta de forma idiossincraticamente diferente de todos os outros, tem experiências variadas e únicas e, assim, desenvolve-se singularmente durante toda a sua vida. Os seres humanos buscam incessantemente formar conceitos para incluir os objetos, fatos, eventos e pessoas com os quais lida e, caso não tenham algum conceito apropriado em seu universo de possibilidades, isto poderá ser causa de ansiedade, pois o indivíduo se defrontará com entidades que é incapaz de identificar.

Pode-se dizer que um conceito é formado quando o indivíduo elabora uma representação mental que seja capaz de abranger todos os exemplos de uma categoria (Lomônaco, 1997). Cabe, neste ponto, distinguir entre os termos conceito e categoria ou classe, frequente e erroneamente empregados como sinônimos. Consoante um entendimento que vem se formando entre os estudiosos da área entende-se por conceito um tipo específico

de representação mental, que possibilita ao organismo reduzir a complexidade do ambiente no qual está inserido (sendo esta, talvez, a sua função mais importante), enquanto o termo categoria refere-se ao conjunto de membros representados ou abrangidos pelo conceito. Assim, tal como exemplificado por Lomônaco et al. (2000), quando empregamos o rótulo gato, estamos nos referindo a uma representação mental de uma espécie de animal; quando falamos da categoria gato, estamos nos referindo ao conjunto de todos os gatos abrangidos por este conceito. Em outras palavras, pensamos com conceitos, não com categorias.

De acordo com Cazeiro (2013): "o processo de categorização ocorre por meio da comparação de um objeto, evento ou pessoa com uma representação mental armazenada na memória, ou seja, com um conceito previamente formado" (p. 48). Lakoff (1987) adverte que não existe nada mais basilar do que a dinâmica da categorização para o nosso pensamento, para a nossa percepção, para a nossa ação e para a nossa fala. Consequentemente, pode-se observar que o processo de categorização ocorre a todo o momento, na medida em que as pessoas são diária e frequentemente expostas a diferentes tipos de estímulos em seu cotidiano e devem decidir quais elementos podem ser incluídos ou devem ser excluídos como componentes de uma categoria uma vez formada (Lin & Murphy, 1997). Markman (1989) explica que a formação de categorias é um processo simplificador primordial para a interação individual com o ambiente: não apenas por facilitar o armazenamento e a recuperação da informação, mas, também, por reduzir a demanda da memória humana. Para (Medin & Ross, 1996), as funções da categorização, de acordo com a perspectiva cognitiva são: (a) classificar, que é a função que possibilita que a mente realize sua interação com o entorno; (b) dar suporte a explanações e garantir um grau de previsibilidade em relação ao futuro, o que pode ser utilizado para selecionar estratégias e comportamentos; e, (c) apoiar, do ponto de vista cognitivo, a mente, pois torna-se desnecessário reter e estocar todos os fatos e suas possibilidades, se as inferências podem ser decorrentes de informações previamente armazenadas. Consequentemente, a partir da estruturação conceitual cognitiva, organizam-se os pensamentos, os sentimentos e o comportamento humano (Iyer, 1995). Adicionalmente, a formação de conceitos possibilita o conhecimento e a exploração do mundo sensível, pois emancipa os seres humanos do contexto perceptual imediato, tornando possível que se vá além das impressões sensoriais e concretas para refletir a realidade de forma racional e abstrata (Batista, 2005; Cavalcanti, 2005).

Ilustrativamente, podem-se evidenciar algumas das inúmeras vantagens do pensar conceitual tais como:

(1) reduzir a complexidade do ambiente, permitindo-o tratar coisas diferentes como se fossem equivalentes, por pertencerem a grupos sem se perder em pormenores e nas suas particularidades. Essa redução acontece devido ao mecanismo de identificação de propriedades ou atributos definidores e à desconsideração dos acidentais. Dessa forma, identificar atributos definidores permite incluir novos exemplos em uma determinada categoria (Bruner, Goodnow & Austin, 1956; Lomônaco, 1997);

(2) possibilitar a identificação de objetos, eventos e pessoas que nos circundam e a sua organização em categorias. Ou seja, conhecer os atributos de uma classe que mantém relações de ordenação com outras permite a inferência de que esses atributos se aplicam também a outros tipos de conceitos (subordinados, supraordenados ou coordenados). Por exemplo, se uma pessoa conhece as características de um ácido (conceito supraordenado) e sabe que a aspirina (conceito subordinado) é um tipo de ácido (ácido acetilsalicílico), ela tem condições de inferir que a aspirina tem todas as características dos ácidos, além de características específicas da aspirina;

(3) reduzir a necessidade de aprendizagem constante, pois, uma vez formado um conceito de algo, não é preciso reaprendê-lo a cada vez que entrar em contato com um novo exemplar deste algo. Para tal, se uma pessoa for capaz de discriminar entre classes de diferentes elementos e de generalizar dentro de uma mesma classe de coisas, ele terá formado um conceito. Por exemplo, se uma pessoa conhecer o conceito de “triângulo” e o conceito de “vermelho”, não terá de reaprender a combinação desses elementos já conhecidos pelos indivíduos associados a um novo elemento, ou mesmo somente entre eles. Assim, para tais sujeitos seria desnecessário reaprender o conceito de “cinco triângulos vermelhos”;

(4) dirigir a ação instrumental humana, pois a decisão sobre como agir diante de um objeto ou situação está relacionada ao conceito que se tem deste objeto ou situação; por exemplo, ela tem condições de agir de forma consonante com as informações contidas no conceito em questão. Por exemplo: se uma pessoa recebe a informação de que determinado tipo de cobra é peçonhenta e conhece o conceito de peçonha, ela poderá evitar a aproximação com esse tipo de ofídio sem ter de passar pela experiência de ser picado para descobrir que ele

é venenoso. (Bruner, Goodnow, & Austin, 1956/1967; Lomônaco, 1997; Rosch, Mervis, Gray, Johnson, & Boyes-Braem, 1976; Smith & Medin, 1981).

Ainda, os autores Smith e Medin (1981) destacam que a vida psíquica seria caótica sem os conceitos, pois seria necessário lidar com os diferentes elementos com os quais o ser humano entra em contato de forma individual e exclusiva, o que sobrecarregaria o ser humano com a diversidade do que ele experimenta, impossibilitando-o de se recordar das coisas por mais do que um instante. Outrossim, seria necessário que cada objeto tivesse um nome único, tornando a linguagem consequentemente mais complexa e dificultaria ou, até mesmo, inviabilizaria a comunicação. Por conseguinte, os conceitos são fundamentais para perceber, lembrar, falar e pensar sobre os objetos e eventos do mundo (Cazeiro, 2013).

No trabalho intitulado *A Study of Thinking* (Um estudo do pensamento), publicado originalmente em 1956, Jerome Bruner, em colaboração com Jaqueline Goodnow e George Austin afirmam que o ser humano pode discriminar perceptualmente mais de sete milhões cores diferentes uma da outra e, no curso de uma ou duas semanas, entra em contato com uma razoável quantidade delas. Porém, agrupa ou categoriza essa enorme complexidade e diversidade de estímulos em apenas uma dezena de rotulações de cores. Caso contrário, se as pessoas precisassem responder singularmente a cada uma dessas tonalidades, talvez uma vida inteira não fosse suficiente para que elas aprendessem apenas o léxico que designa todas essas gradações de cores (Lomônaco, 1997).

Da mesma forma, toda a grande variedade de sabores é reduzida apenas quatro categorias: salgado, doce, ácido e amargo. Similarmente, as pessoas conseguem sentir milhares de odores diferentes, mas essa complexidade pode ser agrupada em odores agradáveis e desagradáveis. Esse processo implica em abstração e o emprego de propriedades definidoras em função das quais se realizarão os agrupamentos. Segundo a a definição de Bruner, Goodnow, & Austin (1967, citado por Lomônaco, 1997) categorizar “é tornar equivalente coisas discriminavelmente diferentes, agrupar objetos e eventos que nos rodeiam em classes, e responder a eles em função de sua inclusão como membros de uma classe e não como entidades particulares” (p. 9). Ou seja, é o mecanismo de formação de categorias que permite ao ser humano não se tornar escravo do particular ou, em outras palavras, categorizar permite às pessoas interagir com o meio ambiente reduzindo a complexidade e diversidade que lhe são inerentes (Lomônaco, 1997).

Muito embora, a formação de conceitos tenha se constituído em um dos pontos de discordância entre os principais estudiosos do desenvolvimento cognitivo, há um denominador comum a todas estas diferentes teorias: todas elas consideram o conceito como uma representação mental. O ponto de discordância entre elas consiste em hipotetizar a forma que esta representação mental assume: uma definição, um protótipo, um exemplo representativo ou uma rede de conceitos?

3.1 Teorias sobre a formação de conceitos.

Desde a época de Platão e Aristóteles, existia a preocupação com as práticas de se nomear, definir e categorizar estímulos e elementos. Assim, a natureza dos conceitos, tem sido uma das questões mais estudadas na filosofia. No campo da Psicologia os conceitos começaram a ser estudados, experimentalmente, a partir de 1920. Com o desenvolvimento desses estudos, a visão de como as pessoas representam os conceitos, sofreu modificações ao longo dos anos.

Uma vez que os conceitos são aceitos como uma representação mental, a forma de conceber esta representação é o que vai diferenciar cada uma das teorias propostas para descrever e explicar o processo de formação de conceitos. Um apanhado de ideias sobre a noção de conceito foi realizado por Lomônaco (1997), em sua tese de Livre Docência intitulada: *A natureza dos conceitos: visões psicológicas*. Nesse trabalho, o autor analisa quatro teorias ou visões (como são comumente designadas) acerca dos conceitos como as mais representativas das tentativas de explicar o processo de formação de conceitos: a visão clássica, a visão prototípica ou probabilística, a visão dos exemplares e a visão teórica, sendo esta última a mais recente. Dentre essas, a visão teórica é a abordagem que embasa este trabalho. Em virtude disso, as três primeiras teorias serão apresentadas de forma mais sucinta e a visão teórica de forma mais detalhada.

3.1.1 A visão clássica.

A primeira das teorias relacionadas ao processo de formação de conceitos, conhecida como a visão clássica, predominou por mais dois mil anos e teve como fundamento a lógica aristotélica. O primeiro estudo experimental sobre o estabelecimento de conceitos foi publicado por Clark Hull em 1920. Esse estudo foi desenvolvido dentro do referencial da teoria psicológica behaviorista e pretendeu demonstrar que um conceito consiste de características comuns a um grupo de estímulos. Diversos cartões impressos com 144 pseudoideogramas chineses eram apresentados a universitários norte-americanos, não familiarizados com esse tipo de estímulo/material, que deveriam aprender o nome de todos eles. Apesar de diferentes, os ideogramas eram reunidos em doze grupos; em cada grupo havia 12 cartas contendo ideogramas com um nome e um radical comum, que possibilitavam a sua identificação. Primeiramente, o sujeito via um caractere chinês e tentava adivinhar o seu nome, por exemplo, "yer". Em seguida, o experimentador fornecia o nome correto, e assim sucessivamente. Os caracteres que continham o mesmo radical sempre recebiam o mesmo nome, de maneira que, depois de vários pacotes de caracteres, os participantes desse estudo melhoravam seu desempenho na tarefa do reconhecimento dos ideogramas até finalmente nomear adequadamente caracteres, ainda que não os tivessem visto antes. Os resultados mostraram que, embora não soubessem identificar o radical comum e nomear corretamente a categoria, os sujeitos eram capazes de agrupar corretamente grande parte dos cartões.

Figura 2. Caracteres chineses utilizados por Hull (1920) em sua tese de doutorado sobre aprendizagem de conceitos.

A partir desse tipo de estudo, foi desenvolvida uma tradição de teoria e pesquisa que veio, posteriormente, a ser denominada visão clássica. É importante salientar que o rótulo "visão (ou concepção) clássica" só recebeu esta denominação depois que outra concepção de conceitos foi elaborada (a visão prototípica), uma vez que, até então, a visão clássica era a única teoria existente e seus pressupostos eram entendidos como óbvios, evidentes e não questionados.

Resumidamente, a principal característica da visão clássica é a pressuposição da existência de atributos definidores necessariamente comuns a todos os elementos de uma categoria sejam eles coisas, pessoas, estados ou eventos (Lomônaco, Paula, Mello, & Almeida, 2001). Assim, para esta visão, os atributos definidores de um conceito são singularmente necessários e conjuntamente suficientes para defini-lo. Segundo Lomônaco, Cazeiro e Ferreira (2006):

> Por meio do isolamento dos atributos comuns o sujeito forma uma representação, que é o próprio conceito. Ao conjunto de coisas abrangidas pelo conceito dá-se o nome de categoria. Por exemplo, pelo fato de entrarmos em contato com uma grande diversidade e variedade de seres vivos, vamos gradualmente percebendo similaridades e diferenças entre eles. Em função de tais similaridades ou atributos comuns, criam-se representações mentais que irão se constituir em conceitos tais como animais, vegetais, cães, gatos, papagaios, árvores, flores, bactérias etc. (p. 86)

Então, os elementos que compõe uma categoria são justamente aqueles elementos, que exibem as características necessárias e suficientes que definem a categoria; e os que não exibirem essas características são considerados não membros (Lima, 2010; Lomônaco, 1996). Dessa maneira, os conceitos são formados quando se tem vários membros de um grupo, e determinamos as características únicas que dividem essas partes constitutivas em classes separadas. Consequentemente, neste modelo teórico, está claramente delineado o que constitui ou não um exemplar de uma categoria, cujas fronteiras estão claramente definidas.

Collins e Quillian (1969) esclareceram que as pesquisas que discorriam acerca do tema das redes semânticas na década de 60 e 70 do século passado, evidenciaram como a teoria clássica possibilitou um procedimento simples para criar relacionamentos taxonômicos entre os conceitos. Para esta teoria, o crivo central era que os componentes de uma dada taxonomia eram relacionados por suas características necessárias e suficientes, com mais membros subordinados que estavam sendo definidos pelas mesmas características que definiam seus

superordenados, de forma polarizada e dicotômica (na base do tudo ou nada), sempre se aplicando características que vão separando elementos pelas distinções e estruturavam outros grupos. Não existem casos limítrofes ou duvidosos e os limites das categorias são muito bem definidos, ou seja, não há dúvidas quanto à inclusão ou não de novos exemplos na categoria, visto que, se o objeto apresenta os atributos essenciais do conceito, ele é nela incluído, se deixa de apresentar ainda que seja apenas um atributo, ele é dela excluído (Lomônaco, 1997; Smith & Medin, 1981). Dessa forma, a apresentação de todos os atributos definidores para dado elemento é condição necessária e suficiente para incluí-lo como membro da categoria. Consequentemente não há nenhum exemplo ou representante preferido ou preterido dentro de uma categoria, pois todos os membros gozam de uma mesma posição de igualdade. E, também, por ser uma representação sumária, o conceito não corresponderia a nenhum objeto específico, mas se aplicaria a todos os objetos que sejam considerados exemplos dessa determinada categoria.

As características definidoras da visão clássica são apontadas por Smith e Medin (1981, citado por Lima, 2010) no livro *Categories and Concepts*:

(1) as categorias são arbitrárias. Dessa forma, os elementos podem ser agrupados de um grande número de maneiras para conceber categorias, e as pessoas podem aprender a identificar ou formar essas categorias definidas pela sua cultura, pois nada no mundo ou em nosso sistema nervoso determina como devemos distribuir em grupos essas observações;

(2) as categorias têm atributos definidores ou críticos. Todos os membros de uma categoria compartilham destes atributos definidores, nenhum não membro compartilha deles, e não há sobreposição entre membros e não membros;

(3) a intensão (ou conjunto de atributos) determina a extensão de uma categoria (quais itens são membros). De forma que não faz sentido falar que uma categoria tem uma estrutura interna, com alguns itens se destacando como membros melhores do que outros itens.

Além destas características, a visão clássica fundamentava-se em três pressupostos, que, apesar de não serem os únicos utilizados pelos estudiosos da área, são os que mais foram utilizados, principalmente pelos principais trabalhos do ponto de vista da psicologia, que abordam a temática sobre conceitos de 1920 até 1970 (Smith & Medin, 1981). Esses três pressupostos são:

(1) a representação dos conceitos, que abrange uma descrição sumária da classe; cada conceito terá definições que vão caracterizá-los e determinarão se tal item pertence ou não àquela classe. Ilustrando-se, baleia é um mamífero? Para tal resposta, deve-se comparar as características de uma baleia com a representação sumária, ou conjunto de definições que a caracterizariam como um animal mamífero. Pode-se observar que os mamíferos se alimentam de leite, possuem dentes diferenciados (com incisivos, caninos, pré-molares e molares) e apresentam diafragma (uma membrana muscular que separa o tórax do abdome e que auxilia na ventilação dos pulmões); a baleia possui essas características; então, a baleia é um animal mamífero;

(2) as características definidoras de uma categoria necessitam ser tanto individualmente necessárias quanto suficientes, para poderem defini-la. Por exemplo, uma figura poligonal fechada que possui quatro lados (quadrilátero) cujos lados opostos são paralelos. Por consequência, tem ângulos opostos e lados opostos congruentes deve ser categorizada como um paralelogramo; se a medida de algum destes lados opostos for diferente, a figura não é um paralelogramo e passará a ser, por exemplo, um trapézio. Qualquer outra propriedade dos paralelogramos como, por exemplo, onde ele está desenhado, ou ainda, qual o material utilizado para desenhá-lo não importa, somente a definição dessas características anteriormente expostas determina se ele pertence ou não àquela categoria. Logo, a visão clássica implica na existência de um processo de abstração que consiste em desconsiderar as características variáveis, tais como a cor, o tamanho, o formato, a função, dentre outras características, a fim de isolar os atributos comuns presentes em todos os elementos a serem conceituados e caracterizados;

(3) categorias são agrupadas, destacando-se que a categoria subordinada possui todas as características da categoria supraordenada. Quando se diz que um objeto possui todas as características que o faz ser reconhecido como uma "orquídea", por exemplo, sabemos que ele possui, também, todas as características definidoras para "flores", para "plantas" e para ser um "ser vivo".

Apesar de a visão clássica ter tido uma grande repercussão em várias áreas do conhecimento, seus pressupostos receberam várias críticas através dos anos. Como anteriormente considerado, a visão clássica perdurou por mais de 20 séculos. Não obstante esta hegemonia temporal, ela apresenta limitações teóricas, que foram identificadas ao longo

do tempo. Lomônaco, Caon, Heuri, Santos e Franco (1996) apontam três limitações importantes para a visão clássica, quais sejam:

- *Dificuldades em especificar os atributos definidores da maioria dos conceitos naturais*: apesar da possibilidade da teoria clássica poder definir precisamente diversos conceitos, nota-se que a maioria dos conceitos cotidianos não obedece aos princípios norteadores desse modelo. A dificuldade em se especificar os atributos definidores de um conceito evidencia que existem outros fatores ligados à formação de um conceito, que não apenas a descrição sumária de características comuns. Além disso, a falta de um dos atributos de determinado conceito não inviabiliza que deixemos de identificar um exemplo como pertencente à categoria. Consideremos, por exemplo, cão e seus definidores característicos. Dessa forma, "latir", "ter o corpo coberto de pelos" e "ter quatro patas" podem ser pensados como suas características definidoras. Pois bem, mas se um cão por acaso não latir, não tiver o seu corpo coberto de pelos, ou ainda, não tiver uma das quatro patas, ele não deixará de ser um cão. Em outras palavras, nenhuma dessas características, isoladamente ou conjuntamente, parece ser necessária e suficiente para definir este e muitos outros conceitos;

- *A existência de exemplos cuja sua inclusão na categoria é incerta ou duvidosa*: alguns objetos e eventos dificilmente podem ser incluídos em uma só categoria por não apresentarem limites bem definidos. Por exemplo: "Xadrez" é um jogo ou um esporte? "Bicicleta" é um meio de locomoção ou é um brinquedo? "Gravata" é uma vestimenta ou um acessório? Estes poucos exemplos servem para ilustrar o fato de que, para algumas categorias, o limite entre o que deve ser nela incluído ou dela excluído é vago, o que contraria mais uma vez as previsões da visão clássica;

- *A diferente representatividade dos membros de uma categoria*: afirmar simplesmente que todos os exemplos de um conceito possuem a mesma representatividade, não parece se adequar à nossa percepção imediata, tampouco à realidade, posto que determinados exemplos de um conceito realmente parecem ser mais representativos do que outros. Por exemplo, "maçã", "pera", "banana", "pêssego", "laranja" e "uva" aparentemente mostram-se mais representativas do conceito de fruta do que "pitaia", "jaca", "atemoia", "abil", "tamarindo",

> “rambutão” ou mesmo “lichia”. Ou seja, intuitivamente pode-se perceber que alguns membros das categorias a representam melhor do que outros, ou são melhores exemplos do conceito, o que contraria frontalmente os pressupostos da visão clássica.

Logo, o que se pode depreender é que a visão clássica se prestava adequadamente para explicar a formação de conceitos claramente definidos, como os conceitos matemáticos e científicos, em que os atributos comuns necessários e suficientes podem ser facilmente identificados. Contudo, no que se refere a conceitos naturais, ou seja, aqueles com os quais as pessoas lidam na vida cotidiana, a visão clássica apresenta dificuldades para explicar seu processo de formação. Em suma, pode-se afirmar que o modelo clássico não explica adequadamente todo o processo conceitual, uma vez que não se pode afirmar que todos impliquem necessariamente em na conjunção de atributos necessários e suficientes. Como bem resume Lima (2007):

> apesar de estudos feitos por várias gerações de linguistas, filósofos e psicólogos, não é fácil determinar os atributos que definem a maioria dos conceitos, com a argumentação de que toda a tentativa de dividir os conceitos em atributos essenciais e autossuficientes é fundamentalmente mal concebida, pois alguns conceitos simplesmente parecem não ter nenhum atributo que os defina (p. 163).

Outra limitação da visão clássica, citada por Klausmeier (1992), é que ela considera somente os atributos intrínsecos para a definição de um conceito. Os atributos intrínsecos são as propriedades invariantes de algo observável ou que pode ser tipicamente evidenciado. Segundo este autor, nem todos os conceitos podem ser caracterizados precisamente em termos de atributos intrínsecos, pois concomitantemente existem os atributos funcionais e relacionais importantes para dada definição ocorrer. Um atributo funcional refere-se ao modo como algo funciona e para o que é utilizado, enquanto um atributo relacional diz respeito às relações entre dois ou mais itens.

A partir desse e de outros apontamentos, de acordo com Lomônaco, Cazeiro e Ferreira (2006), embora a pressuposição da existência de atributos singularmente necessários e conjuntamente suficientes para a definição de um conceito tenha sido aceita durante séculos na Filosofia e dezenas de anos na Psicologia, ela passou a ser seriamente cada vez mais questionada e impugnada. Assim sendo, somente a partir do trabalho de Eleonor Rosch, a

partir de 1970, em um célebre experimento sobre a percepção e domínio de cores foi contestada grande parte da visão clássica. Consequentemente, os conceitos passaram a ser vistos de uma nova maneira, o que gerou um corpus teórico que veio a ser conhecido como visão prototípica.

3.1.2 A visão prototípica, probabilística ou natural.

A visão ou teoria de protótipos foi proposta especificamente para explicitar as deficiências do ponto de vista de definição de atributos de sua antecessora, a teoria clássica. A mais expoente crítica advinda dos teóricos do modelo de protótipos, em relação ao modelo clássico, focava a necessidade e a suficiência das propriedades das categorias, mas não questionava a noção da representação conceitual. Por exemplo, "lobo" é a descrição que se aplica a todos os lobos, em geral. No modelo clássico, um sumário de definições de atributos é necessário para quantificar as características dos membros, como, por exemplo, "todos os lobos possuem quatro patas", “têm pelos” e “uivam”. No entanto, quando se tenta identificar os atributos definidores de um lobo, sente-se uma grande dificuldade, pois, mesmo que um lobo deixe de ter quatro patas, perca os pelos e deixe de uivar, continuará sendo um lobo. Portanto, para esses estudiosos que levantaram esses questionamentos acerca da visão clássica, existem poucas características que todos os membros de uma categoria têm. Mas, a representação de um conceito dispõe de uma lista geral de características que a maioria ou muitos dos seus membros contemplam; e este rol de atributos característicos é a descrição da categoria e não dos seus componentes em particular (Lima, 2007). Outra limitação, identificada pelos teóricos que se propuseram a fazer objeções à visão clássica, é que as categorias criadas pelos parâmetros da visão clássica serem arbitrárias, pois se supunha que as correlações entre os atributos dos estímulos tivessem a mesma probabilidade de ocorrer.

Questionamentos como os anteriores, acerca da visão prototípica derivaram principalmente dos estudos conduzidos por Eleanor Rosch e de seus colaboradores, os quais também tiveram um papel fundamental na identificação das deficiências da visão clássica. Esta psicóloga cognitiva percebeu que, até então, os estudos realizados sobre os fenômenos de categorização tinham a tendência de generalizar casos particulares. Então, Rosch dirigiu estudos na década de 70, engendrou o modelo de protótipo fundamentando-se no pressuposto de que, se no modelo clássico as categorias são definidas somente pelas características que

todos os componentes de uma determinada categoria possuem, então nenhum membro pode exemplificar a categoria mais satisfatoriamente que outro (Rosch, 1975; 1978).

Muitas pesquisas foram conduzidas para provar modelos de protótipos que se relacionam com a concepção de hierarquias na categorização humana e que lograram alguns índices de correlação importantes. Por exemplo, o trabalho pioneiro sobre categorias de nuanças de cores de Eleonor Rosch, que foi desenvolvido a partir da grande diversidade de termos para identificar cores nos diversos idiomas do planeta. Há de se evidenciar que os três primeiros artigos de Rosch (1971; 1972 a e b) foram publicados com o sobrenome do seu então marido, o antropólogo americano K. G. Heider que focou a questão do aprendizado de cores.

Sob o ponto de vista da puramente físico, sendo o espectro de cores contínuo, não é possível estabelecer exatamente onde uma cor começa e outra finaliza, posto que o espectro das cores é um gradiente contínuo de ondas eletromagnéticas. No entanto, as mais diferentes culturas possuem um número variável e um modo específico de termos para representar toda a gama de cores. E essa nomeação varia de um grupo para o outro. Por exemplo, para os esquimós, há uma diversidade de termos para as diversas variações de branco que encontram. Como cada cultura divide o espectro de cores com critérios próprios, a designação de cada cor nada tem de natural, mas parece depender de fatores simplesmente culturais. Dessa forma, corcerne aos componentes de um determinado grupo aprenderem como sua cultura divide e nomeia arbitrariamente as cores desse espectro. Contudo, os danis, povo da Papua-Nova Guiné com características dos povos da Idade da Pedra, visitados por Rosch (Rosch, 1973; 1975), nos anos de 1970, possuem apenas dois termos para representar nuanças de cores: *mola* para as coisas claras e quentes e *mili* para as coisas escuras e frias. Apresentando quarenta fichas de cores em várias tarefas, fichas que representavam quatro tipos de brilho e dez tipos de matiz, cada participante desse experimento era convidado a nomear cada uma dessas fichas. Em seguida, Rosch solicitava, numa atividade de reconhecimento, mostrava ao participante dani uma ficha-teste, e pedia-se que ele, após trinta segundos no escuro, escolhesse do conjunto das quarenta fichas, aquela que ele vira.

Em relação à tarefa de nomeação, havia uma alta concordância para os danis quais eram as cores *mili* e *mola*, pois situavam-se nas extremidades do espectro. Entretanto, nas fichas intermediárias, não havia consenso de opiniões. Na tarefa de reconhecimento, os danis

demonstraram reconhecer cores semelhantemente a outros povos, por exemplo, errando matizes próximos. Por meio desse experimento Rosch verificou que os danis reconheciam as cores muito mais pela "[...] influência de fatores cognitivos perceptivos subjacentes sobre a formação e a referência de categorias lingüísticas" (Heider, 1972, p. 20). Assim, as diferenças na estrutura da nomeação não eram acompanhadas de diferenças na maneira pela qual as cores eram armazenadas na memória e acessadas pela a recordação dos danis. Outra das conclusões que a autora chegou é que as infinitas tonalidades de cores não são equivalentes do ponto de vista da eficiência de seu processamento cognitivo: algumas são mais facilmente reconhecíveis, memorizáveis etc. que outras. Gardner (1995) ainda acrescenta que: "certas cores são 'bons' exemplos de uma cor por causa da fisiologia do nosso sistema visual humano e não por causa de práticas específicas de nomeação" (p. 364).

Os princípios norteadores da visão prototípica são bem sintetizados por Eysenck e Keane (1990):

> 1. As características dos conceitos estão baseadas na estrutura dos protótipos;
>
> 2. Não há um conjunto delimitador de atributos necessários e suficientes para determinar a inclusão de um elemento em uma dada categoria. Ainda que possa haver certa quantidade de atributos necessários, eles não são suficientes para a inclusão desse elemento;
>
> 3. Os limites das categorias são imprecisos a ponto de alguns itens poderem pertencer a mais de uma categoria, como ocorre, por exemplo, com o tomate em relação a categoria "fruto" e a categoria "vegetal";
>
> 4. Os componentes de uma categoria podem ser ordenados gradualmente de acordo com a tipicidade que possuem. Existe uma variabilidade na tipicidade entre os diversos elementos que compõe a categora;
>
> 5. A classificação dos elementos numa dada categoria é determinada pela similaridade dos atributos de um membro com o protótipo da categoria;
>
> 6. As categorias estão organizadas, segundo uma hierarquia, em três níveis: superordenados, básicos, subordinados. Por exemplo, "FRUTA", "laranja" e "laranja-lima". Segundo Rosch et al. (1978) estes níveis refletem o modo mais adequado como cada um pode dispor um conjunto de categorias.

A concepção prototípica, diferentemente da clássica, atribui aos conceitos uma natureza contínua, gradual, de tal forma que, para cada conceito, existem representantes mais ou menos típicos, e não é nítida a linha que separa os exemplares dos não-exemplares de um conceito, pois sempre podem existir casos limítrofes. Nas palavras de Rosch (1973): "as

categorias são compostas de um ‘significado nuclear’ que consiste dos ‘casos mais claros’ (melhores exemplos) da categoria, ‘circundados’ por outros membros de similaridade decrescente em relação ao significado nuclear” (p. 112). Como a concepção clássica, a prototípica identifica conceitos com conjuntos de propriedades; entretanto, nesta, as propriedades que constituem os conceitos não são necessárias e suficientes: elas constituem um protótipo, ou seja, o melhor exemplo típico, consequentemente a aplicabilidade de um conceito a uma entidade depende do grau de similaridade que existe entre a entidade e o protótipo do conceito (Oliveira, 1999). Ainda segundo este autor, em função deste grau, a entidade será um exemplar do conceito ou será caso limítrofe; será um exemplar mais ou menos típico.

Logo, a visão prototípica pressupõe que o conceito é formado pela abstração dos atributos que ocorrem com maior frequência entre os membros de uma categoria e não mais pelos elementos comuns como determinava a visão clássica. Consequentemente, ao interagirmos com vários exemplos de uma categoria, abstraímos os atributos que observamos com mais frequência e, com eles, formamos uma representação mental que abarca os demais exemplos do conceito. Essa representação mental é denominada protótipo. Em suma, o conceito é formado a partir de atributos mais prováveis, consistindo em uma representação sumária das características mais comuns à categoria (Cabral, 2011). É por meio do protótipo que o indivíduo inclui ou não um item à categoria, de acordo com a proximidade ou similaridade em relação ao protótipo. Os demais elementos estariam dispostos em um *continuum*, a depender do grau de representatividade prototípica, até que se chegasse aos elementos mais periféricos da categoria. Em outras palavras, quanto mais próximo e similar ao protótipo, mais representativo será o exemplo, e quanto mais distante do modelo do protótipo em questão, menor será a sua representatividade. Consequentemente, negam-se os atributos definidores da visão clássica que a antecedeu, e se passam a utilizar características que seriam mais frequentes para a definição da inclusão ou não de um determinado item a uma categoria. O conceito, na visão prototípica, também é dinâmico e mutável para um mesmo indivíduo, pois por ser formado a partir das características mais frequentes, o protótipo pode se alterar à medida que novos exemplares forem descobertos (Klausmeier, 1992). Isto é, o protótipo, tomado como uma representação mental é formado pela abstração das características que mais ocorrem nos exemplos de uma categoria. Uma vez formado, a

inclusão de um item na categoria dependerá da semelhança deste item com o protótipo. Comentam ainda Lomônaco et al. (2006) acerca da teoria prototípica:

> /.../ A suposição central à visão prototípica é a de que os atributos ou características não se distribuem de forma aleatória no mundo real, mas apresentam-se correlacionados. Assim, por exemplo, a presença de bicos e penas em aves é mais comum do que a de pelos e bocas. Consequentemente, na formação do protótipo de ave, os dois primeiros atributos terão precedência sobre os dois últimos. Uma vez formados os protótipos, o sujeito deles se utiliza para decidir pela inclusão ou exclusão de novos membros na categoria. Se um novo tipo de ave que o sujeito nunca viu for semelhante ao protótipo armazenado em sua memória, o sujeito não terá dúvidas em incluí-lo na categoria. Se for muito diferente, ele ficará em dúvida quanto a sua inclusão e poderá, até mesmo, excluí-lo da categoria, erroneamente. (p. 86)

E concluem que "Desta forma, a visão prototípica substitui a noção de atributos definidores pela de atributos característicos. Entende-se por característicos aqueles atributos que têm maior probabilidade de ocorrer nos exemplos dos conceitos (Lomônaco et al., 2006, p. 86).

Em suma, para a visão prototípica o princípio aglutinador de categorias é a noção de atributos correlacionados, pois ao invés de atributos definidores, como de sua teoria precedente, pressupõe-se que os atributos de um conceito são aqueles com alta probabilidade de serem encontrados em seus exemplos, mas sem a necessidade de estarem presentes em todos eles.

Contudo, alguns autores (*e.g.* Murphy & Medin, 1985, citados por Lomônaco, 1997) afirmam que, com a ocorrência de tantas correlações possíveis, fica muito difícil saber como as correlações corretas serão selecionadas. Desta forma, parece necessário algum princípio adicional que estabeleça restrições sobre a coesão das categorias. Em outras palavras, a visão probabilística tem uma grande limitação por não poder afirmar quais combinações de características formam conceitos possíveis e quais formam conceitos incoerentes e deixam de refletir a sensibilidade ao contexto que é evidente no processo de categorização humana. Logo, esta teoria não estabelece restrições sobre quais atributos devem fazer parte do conceito, e permitem a inclusão de uma grande variedade de características na sua representação o que, na prática, torná-la-ia muito pouco discriminativa.

Embora a visão prototípica tenha dado conta de explicar muitas das críticas então atribuídas à visão anterior, ela também foi questionada por vários autores, principalmente a partir da década de 80 do século passado. Lomônaco (1997) apresenta algumas delas:

1) A visão prototípica desconsidera exageradamente as informações presentes nos conceitos e também não restringe suficientemente os atributos que podem compor determinado conceito: a visão prototípica não faz restrição sobre que atributos devem fazer parte do protótipo. Isso faz com que os limites sejam muito amplos e quaisquer características possam ser listadas para um conceito, correndo-se o risco de dizer muito pouco sobre ele. Ou seja, pelo crivo prototípico pessoas, objetos e eventos são agrupados em categorias pelo fato de compartilharem características ou atributos similares. Conforme salientam Murphy e Medin (1985, citados por Lomônaco, 1997), fundamentar-se na similaridade como eixo de explicação para o processo de criação de conceitos pode levantar mais questões do que fornecer uma resposta. E isto, se deve ao fato de a noção de similaridade ser demasiadamente ampla. Um exemplo proposto por esses autores ajuda a entender este tipo de crítica. Então, qual é o divisor de águas para se incluir ou excluir atributos a fim de categorizá-los? Nas palavras de Lomônaco et al. (2006) para entender essa limitação teórica: "Não obstante a ocorrência de tantos aspectos compartilhados, eles são diferentemente categorizados em nossa cultura, mostrando que não basta à existência de atributos comuns para a criação de categorias." (p. 87). Complementarmente Murphy e Medin (1985) discutem que: "a questão é que duas entidades podem ser arbitrariamente similares ou dissimilares alterando o critério do que conta como um atributo relevante. A não ser que se possa especificar tais critérios, a afirmação de que a categorização está baseada no emparelhamento de atributos é quase inteiramente vazia" (p. 292). De acordo com Lomônaco (1997), o que esses autores quiseram salientar com esta crítica é o fato de que, sem restrições sobre o que deve ou não deve ser considerado como atributos definidores de um conceito, praticamente qualquer categorização seria possível de ser feita pelo ser humano, o que na verdade não ocorre. Todas as informações listadas não explicam o porquê de os dois exemplos formarem uma categoria. Sem uma delimitação, a concepção de protótipo fica muito ampla e, assim, pouco explicativa.

2) A visão prototípica não explica a formação de conceitos complexos a partir dos mais simples: na visão clássica, os conceitos complexos são explicados pela junção dos

atributos comuns (necessários e suficientes) de cada um dos conceitos simples. Uma vez que a visão prototípica não admite esse tipo de atributo, como explicar a formação de conceitos complexos? Se os conceitos complexos não se originam dos simples, como eles se formam? Uma possível explicação é a de que eles constituiriam outros protótipos, o que parece pouco viável à luz da economia cognitiva que regula o comportamento humano. Por exemplo, o conceito de homem implicaria um protótipo; o de homem rico, outro protótipo; o de homem rico e inteligente ainda outro protótipo e, assim, sucessivamente aumentando em muito o número de protótipos.

3) A visão prototípica não explica os efeitos de tipicidade para as mais diversas categorias: Lomônaco (1997) com base no estudo de Barsalou (1987) refere-se a uma outra limitação da visão prototípica. Em alguns tipos de categoria, a prototipicidade parece estar muito mais ligada a um ideal ou objetivo do que à frequência de atributos correlacionados. Por exemplo, no caso de alimentos permitidos em uma dieta, o baixo índice de calorias (ideal) é o que determina a prototipicidade e não à similaridade a uma média. Por exemplo, no que a alface é similar ao cereal em barra? De que forma a visão prototípica pode explicar esse fato? Fica muito difícil responder essas questões por esta abordagem se fundamentar na similaridade para explicar a formação de conceito.

4) A visão prototípica desconsidera os efeitos de contexto: a visão prototípica trata os conceitos como independentes do contexto ao qual eles estão inseridos/relacionados. Por exemplo, sungas e biquínis são roupas típicas no contexto de alguns ambientes, por exemplo, em praias, mas não para outros. Seria completamente inadequado se trajar com sungas e biquínis em uma reunião de condomínio, na celebração de um casamento ou mesmo em uma apresentação teatral. Cama é considerada um mobiliário mais típico de um quarto de dormir do que sofá. Logo, a visão prototípica não é capaz de explicar os efeitos contextuais sobre a tipicidade dos itens das categorias, a não ser que postule um protótipo específico para cada contexto, o que seria inviável, uma vez que os contextos são inúmeros e os postulados tenderiam ao infinito. Dessa forma, essa limitação também caracteriza a visão prototípica como pouco econômica.

Uma tentativa de levar em conta as limitações da visão prototípica resultou na postulação de outra teoria: a visão dos exemplares.

3.1.3 A visão dos exemplares.

De acordo com a visão dos exemplares, as categorias são representadas por seus exemplos individuais, ao invés de serem representadas de forma sumária que englobe a classe como um todo (Lomônaco, 1997). Em outras palavras, na visão dos exemplares, o indivíduo usa alguns exemplos individuais que passam a serem representativos das categorias, como no caso do professor que, ao longo de sua vida profissional tenha encontrado muitos alunos estudiosos, acabará tomando por “bom aluno” todo aquele que reúna características de seu modelo pré-formado (Lomônaco et al., 2001; Lomônaco et al., 1996; Lomônaco, 1997). Dessa forma, uma vez selecionado um ou alguns exemplos, este (s) passará (ão) a representar o conceito de "bom aluno". De maneira similar ao que ocorre na visão prototípica, novos itens serão incluídos ou excluídos da categoria em função da similaridade com exemplos da categoria previamente armazenados. Os modelos de exemplares têm em comum a ideia de que a categorização de um objeto se fundamenta na comparação daquele objeto com exemplares conhecidos da mesma categoria. Assim, para que alguém possa se decidir se um item pertence a uma categoria ou não, essa pessoa deve compará-lo a exemplos do conceito previamente armazenados em sua memória. Se o item é similar a algum dos exemplos, ele será incluído na categoria, se não o for, será excluído. Esses autores consideram como uma vantagem em relação à concepção prototípica o fato de os exemplares trazerem informações sobre todo o conjunto de valores de uma propriedade, bem como informações sobre todas as correlações entre propriedades.

Embora alguns autores que estudam conceitos, como Oliveira (1994, 1999), Gardner (1995) e Pozo (1998) não considerem a visão dos exemplares como uma abordagem em separado; pelo fato de a tratarem como uma derivação da teoria prototípica, autores como Lomônaco (1997) acreditam ser importante apresentá-la separadamente, uma vez que essa visão caracteriza conceitos de forma diferenciada das duas abordagens apresentadas anteriormente.

De acordo com Lomônaco (1997), alguns postulados dessa visão conceitual são:

1) Os exemplares representados são aqueles que compartilham algum número significativo de propriedades com outros exemplares do conceito, ou seja, exemplares

cujo escore de semelhança de família atinja ou exceda algum escore estabelecido como critério;

2) Todos os exemplares que representam o conceito (chamados exemplos típicos) são recuperados e permanecem disponíveis para comparação com o item;

3) O item será considerado como membro de um conceito se, e apenas se, puder ser suficientemente emparelhado a, pelo menos, um exemplar. A expressão suficientemente emparelhada significa que uma soma criterial de características ponderadas deve ser atingida para que o item seja incluído na categoria.

4) Uma entidade X é categorizada como um exemplo ou subconjunto do conceito Y se, e apenas se, X recuperar um número criterial de exemplares de Y, ao invés de recuperar um número criterial de exemplares de qualquer conceito contrastante.

5) A probabilidade da entidade X recuperar qualquer exemplar específico é uma função direta da similaridade entre X e esse exemplar. Portanto, quanto maior a similaridade do item aos exemplares armazenados do conceito e quanto maior sua diferença dos exemplares armazenados de conceitos contrastantes, mais precisa será a sua caracterização.

Lomônaco (1997) também discorrerá acerca das características principais dessa teoria, como as podem ser citadas a seguir:

1) A visão dos exemplares baseia seus julgamentos na similaridade. É importante ressaltar que a visão dos exemplares, da mesma forma que as visões clássicas e prototípica, é ainda uma teoria que procura explicar a formação de conceitos fundamentalmente fundamentada no fator similaridade. Logo, um item é considerado como exemplo de um conceito na medida em que ele é suficientemente similar, em aspectos relevantes, a uma ou mais representações dos exemplos que constituem o exemplo (Komatsu, 1992).

b) A visão dos exemplares admite algum grau de abstração.

c) A visão dos exemplares é sensível aos efeitos do contexto.

d) A visão dos exemplares preserva mais informações do que a visão prototípica.

Similarmente às outras visões anteriormente apresentadas, a visão dos exemplares também apresentou limitações, sendo a principal a de que a visão dos exemplares é uma teoria muito pouco econômica. De acordo com Nunes (2004) se os conceitos tivessem que ser representados por exemplos individuais, em lugar de uma única representação mental geral, estaríamos, de um lado, restringindo muito a capacidade da abstração humana e, de outro, multiplicando incomensuravelmente o número de conceitos que a pessoa deve formar no seu desenvolvimento cognitivo. E assim, se para cada conceito as pessoas tivessem que ter um exemplar, então o número de exemplares seria infinito. Por exemplo, se uma pessoa tivesse o conceito de homem, ela teria de ter um exemplar para o conceito de homem. Se uma pessoa tivesse o conceito de homem rico, ela deveria ter um exemplo de homem rico. Se uma pessoa tivesse o conceito de homem rico e bonito, ela deveria ter outro exemplar para homem rico e bonito. Se uma pessoa tivesse o conceito de homem rico, bonito e inteligente, ela deveria ter outro exemplar para homem rico, bonito e inteligente e assim indefinidamente. Há que se evidenciar que a nossa mente e os processos cognitivos a ela atrelados trabalham com um *modus operandi* econômico e, que provavelmente, não admitiriam essa complexidade desnecessária e esforços adicionais para o funcionamento cognitivo.

Como se pode depreender, nas três teorias de conceitos consideradas – a visão clássica, a visão prototípica e a visão dos exemplares – o fator similaridade exerce um papel importante, até mesmo fundamental, na explicação da formação de conceitos (Lomônaco, Cazeiro, & Ferreira, 2006). Na visão clássica, a similaridade diz respeito ao compartilhamento de atributos comuns pelos membros de uma categoria. Na prototípica, a similaridade dos exemplos, refere-se a um protótipo ou representação mental. Na visão dos exemplares, a similaridade versa sobre os exemplares do conceito. Entretanto, o papel da similaridade como elemento responsável pela criação de categorias passou a ser seriamente questionado a partir da publicação, em 1985, de um importante artigo intitulado *The role of theories in conceptual coherence* de autoria de Gregory L. Murphy e Douglas L. Medin. Neste artigo, os autores consideram insatisfatórias as abordagens categorizacionais que se fundamentam exclusivamente em correlações de similaridades e traços entre conceitos, visto que elas não são capazes de explicar adequadamente a estrutura interna dos conceitos ou a relação entre conceitos dentro de um dado domínio. A crítica maior a esta variável é a de que a noção de similaridade não é suficientemente restritiva para explicar a formação de conceitos. No dizer dos autores Murphy e Medin (1985): "A similaridade é uma noção muito intuitiva.

Infelizmente, ela é ainda mais ilusória do que intuitiva. Um problema em utilizar a similaridade para definir categorias é o de que a similaridade é flexível demais" (p. 1473, citados por Lomônaco, Cazeiro e Ferreira, 2006). Em outras palavras, sem claras restrições sobre o que deve ser considerado como similar quaisquer dois objetos podem ser considerados similares em vários aspectos, como visto anteriormente nos exemplos de computador e estetoscópio (Lomônaco, Cazeiro e Ferreira, 2006). Mas, se a similaridade não é o elemento-chave para a criação de categorias, a que fator devemos atribuir o fenômeno da coesão conceitual?

Murphy e Medin (1985, citados por Lomônaco, 1997) destacam que a coesão conceitual é aquilo que mantém os exemplos de uma categoria unidos ou coesos. Conceitos coesos são aqueles significativos, úteis, informativos dentro de um determinado contexto histórico-cultural. Nas palavras de Lomônaco et al., (2001) coesão conceitual é a resposta às perguntas: “Por que temos as categorias que temos e não outras? Ou, em outras palavras, qual a "cola" que une os diferentes itens agrupados sob um mesmo conceito? Como visto, as três teorias consideradas procuram explicar o fenômeno da coesão conceitual atribuindo-o ao fator similaridade.” (p. 162). Para Lomônaco (1997), nenhuma das três concepções anteriormente explicitadas responde apropriadamente a essas perguntas, porque elas se norteiam pelo fator da similaridade para explicar a formação de conceitos. O autor afirma que isso ocorre porque a explicação da coesão conceitual baseada na similaridade não estabelece as restrições necessárias para definir quais conceitos são e quais não são coesos. Isto é, inexistem restrições para o que pode ou não ser definido como atributo definidor, protótipo ou exemplar, quaisquer dois objetos podem ser considerados similares em alguns aspectos. E como já foram anteriormente destacadas, as três visões explicam o fenômeno da coesão conceitual com base no fator similaridade, mas este termo é muito amplo e proporcionou uma série de críticas e reflexões que levaram a uma nova teoria: a visão teórica, como veremos a seguir.

3.1.4 A visão teórica.

Diferentemente das outras abordagens, para a visão teórica o conceito não é mais visto isoladamente, mas inter-relacionado com outros conceitos que a pessoa tem do mundo. Em outras palavras, o conceito faz parte de uma rede relacional com outros conceitos, da qual deriva seu significado (Nunes & Lomônaco, 2008). Essa rede de relações é chamada teoria. De acordo com esta abordagem, nas palavras de Keil (1989): “conceitos são construídos como

tipos de coisas intrinsecamente relacionais. Eles não são entidades isoladas conectadas apenas a serviço de proposições. Nenhum conceito pode ser entendido sem alguma compreensão de como ele se relaciona com outros conceitos" (p. 1). Nesse contexto, o termo teoria não significa ou se refere a teorias acadêmicas/científicas, mas também (e, talvez, principalmente) às teorias ingênuas e aos conhecimentos que fazem parte do comum. Conforme explicam Gelman e Coley (2008), as teorias ingênuas que orientam a aquisição de conceitos não são tão formais, tampouco tão explícitas quanto aquelas utilizadas por especialistas. E, uma vez que os conceitos formam uma estrutura relacional, a mudança de um conceito ou a aprendizagem de um novo conceito altera intrinsecamente toda essa rede de relações. Essa abordagem originou-se a partir dos trabalhos de Susan Carey, em 1985, e das críticas realizadas por Murphy & Medin (1985), às visões clássica e prototípica (Oliveira, 1994, 1999; Lomônaco, 1997). No entanto, foi o psicólogo norte-americano Frank C. Keil quem, em sua obra *Concepts, kinds, and cognitive development*, publicada em 1989, sistematizou a visão teórica.

Keil (1989) considera que o fator que sustenta a coesão entre essa cadeia relacional são as relações causais existentes entre os conceitos que a compõem. Assim, em sua teoria, o autor designa este fenômeno pelo qual diferentes conceitos mantêm-se altamente inter-relacionados e mutuamente reforçados foi por ele denominado *homeostase causal*. Para a visão teórica, a inclusão e a manutenção de um conceito em uma categoria são dependentes da relação que estabelece com os demais elementos. Sendo assim, os conceitos que formam uma rede devem estar fortemente relacionados. Por esse entendimento, infere-se que é impossível modificar um atributo de uma dada estrutura sem afetar as demais. Adicionalmente, quando um conceito novo é aprendido, a representação deve ser consistente com toda essa rede de conexões intrinsecamente estruturadas.

Essas relações provêm das experiências do indivíduo, adquiridas pelo senso comum ou pelo ensino escolar. É, pois, em função das relações causais existentes entre os conceitos que a estrutura se mantém intimamente associada e adequadamente balanceada. Um exemplo, deste fenômeno pode ser observado no estudo de Lomônaco et al. (2006), no qual os autores tentaram identificar mudanças nas concepções de deficiência e reabilitação entre os alunos do primeiro e do último ano de um curso de graduação em Fisioterapia. A amostra desse estudo foi constituída por 67 alunos, que foram solicitados a escrever todas as características que lhe viessem à mente, num intervalo de um minuto e meio, diante das palavras/estímulos DEFICIÊNCIA e REABILITAÇÃO. As respostas foram analisadas visando identificar

aspectos comuns que permitissem a criação de categorias para o agrupamento dos dados. Por exemplo, uma das categorias criadas foi *Dificuldade / Incapacidade / Dependência* derivada do agrupamento de respostas evocadas pelos participantes, diante do termo/estímulo DEFICIÊNCIA.

A amostra emitiu respostas indicativas de falta, redução, limitação e dependência de outras pessoas como "falta", "ausência", "redução", "impossibilidade", "dependente" e "precisa de alguém". Pode-se observar que os atributos evocados pelos participantes diante desse estímulo formam uma categoria coesa, ou seja, nesta categoria estão listadas e organizadas determinadas características que se associam intrinsecamente e não se contradizem entre si. Ou seja, na categoria *Dificuldade / Incapacidade / Dependência* está atrelada uma série de características implícita ou explicitamente relacionadas a déficits. Enquanto, diante do termo/estímulo REABILITAÇÃO, na categoria *Melhoria da Qualidade de Vida* foram agrupadas, respostas referentes à promoção da qualidade de vida e aos sentimentos positivos resultantes do processo de reabilitação como "bem-estar", "qualidade de vida", "condições de vida", "renascimento" e "felicidade". Como se pode depreender dos exemplos apresentados a homeostase causal se revela no conjunto dessas que características não conflitam umas com as outras e se mantém em equilíbrio.

Todavia, esse equilíbrio é dinâmico, e pode ser reconfigurado pela aprendizagem de uma nova informação, dando origem a uma reorganização da rede conceitual (Lomônaco, Cazeiro & Ferreira, 2006). Por exemplo, neste mesmo estudo foi possível detectar que mudanças geradas pela aprendizagem no decorrer do curso de graduação possibilitam aos alunos uma reorganização dos conceitos como um todo, e não apenas em alguns dos seus atributos. Verificou-se, por exemplo, que os alunos ingressantes no curso de Fisioterapia dessa amostra apresentaram concepções mais assistencialistas e relacionadas ao senso comum acerca dos termos/estímulos que lhes foram apresentados; enquanto que os alunos do último ano dessa amostra emitiram respostas mais pertinentes ao aspecto técnico-científico da profissão de um fisioterapeuta.

Em estudo similar, Lomônaco et al. (2012) procuraram avaliar a concepção de responsabilidade social de gestores e empregados de algumas empresas que participam da Política Nacional de Integração da Pessoa com Deficiência. A amostra desse estudo foi constituída por 57 sujeitos, divididos em dois grupos: gestores e empregados. O grupo de

gestores foi formado por 19 profissionais de recursos humanos, e o grupo de empregados, por 38 profissionais com deficiência. Em um período de 90 segundos, os participantes desse estudo foram solicitados a escrever as associações evocadas pelas palavras RESPONSABILIDADE SOCIAL. A partir dos dados coletados e de acordo com os critérios estabelecidos para este estudo, as respostas dos sujeitos foram agrupadas em oito categorias: *preocupação com o ambiente*, *inclusão social*, *solidariedade*, *respeito*, *compromisso social*, *sentimentos e atitudes positivos*, *coletividade* e outras respostas. Os resultados permitiram identificar uma rede de conceitos associados ao conceito de responsabilidade social, tal como previsto pela visão teórica. A categoria formada *Inclusão social*, por exemplo, incluiu respostas que mencionam igualdade de direitos e oportunidades sociais entre pessoas com e sem deficiência (exemplos: "acesso igualitário", "igualdade", "justa oportunidade sobre o trabalho", "incluir"). Observa-se que este conjunto de respostas se mantém estritamente relacionado entre si, ou seja, a homeostasia causal se faz presente na organização e na inter-relação dos conceitos apresentados. Eles são termos/conceitos diferentes, mas estão bastante relacionados entre si, ou seja, eles não destoam uns dos outros. Logo, são atributos diferentes que se mantêm organizados e estão em equilíbrio.

Em suma, o que se concebe por homeostase causal, é o fato de as características agrupadas em categorias formarem uma rede e apresentarem uma coerência interna, de modo que uma não excluir ou contradizer as demais, mas formarem de uma rede de relações causais na qual os atributos dos conceitos permanecem se mantêm coesos e em equilíbrio.

Não obstante, os novos entendimentos e propostas que essa visão propiciou, ela não está isenta de críticas e seus próprios expoentes admitiram a existência de várias questões a serem resolvidas, a fim de que esta forma de se entender os conceitos seja amplamente aceita por vários especialistas que se debruçam sobre essa área. Algumas dessas dificuldades teóricas encontradas pelos estudiosos da área dos conceitos podem ser exemplificadas no que diz respeito à falta de restrições sobre as teorias, sem as quais, como a noção de similaridade, poderiam ser estimadas relações causais para quaisquer categorias (Lomônaco, 1997; Murphy & Medin, 1985). Lomônaco (1997) indica, também, a negligência do fator similaridade como uma limitação da visão teórica, pois, mesmo com as afirmações de pesquisadores da área sobre a importância da similaridade para a categorização, ela tem sido negligenciada na prática.

Não obstante, tais críticas, a visão teórica ainda parece responder melhor ao fenômeno da formação e desenvolvimento de conceitos, razão pela qual ela constituirá o marco teórico para a interpretação dos resultados do presente estudo.

3.2 Justificativa e objetivos do estudo.

Estudar cientificamente o amor é uma árdua tarefa em razão de dificuldades metodológicas e impropriedades conceituais intrinsecamente relacionadas a este tipo de investigação. Ao tratar de um tema como este se corre o risco de cair na banalidade do senso comum, na ambiguidade, no espiritualismo, na autoajuda e no sentimentalismo barato. As várias definições e teorias existentes refletem a dificuldade dos autores de conceituá-lo mais precisamente e, dessa forma, possibilitar sua diferenciação de outros sentimentos/comportamentos afins.

Pelo fato de ser um conceito tão familiar, muitos supõem que os pesquisadores da área estão de acordo sobre o que constitui o amor e como se pode mensurá-lo. Mas, isto não é o que de fato ocorre. A maioria das pesquisas sobre o amor é baseada em concepções teóricas definidas *a priori*. Usualmente o pesquisador começa definindo o que ele entende por amor, e, então, desenvolve uma escala para quantificar e/ou qualificar este sentimento. E seus resultados como não poderiam deixar de ser, tendem a concordar com o que o investigador espera encontrar.

Pelo fato de serem relativamente recentes as teorias e os estudos sobre o amor e de haverem muito poucas pesquisas empíricas sobre o que se deve entender por amor no ser humano, mormente em nosso meio, este é um campo propício à investigação científica. Assim sendo, parece justificado um estudo que tenha por diretriz identificar características que pessoas comuns atribuem com maior frequência ao amor, uma vez que seus resultados podem ajudar a conceituar empiricamente o fenômeno amoroso dado que, como visto, muito do que se propôs acerca dessa área de conhecimento são constructos predominantemente teóricos, produtos da reflexão de um enorme número de pensadores ao longo dos séculos. Tendo em mente que: 1) o conceito que as pessoas têm de amor pode ser considerado algo que se aprende e que evolui ao longo do desenvolvimento humano e 2) que o conceito de amor predominante em cada cultura e estrato social pode diferir em função do gênero, da faixa etária e do grau de escolaridade, o presente estudo se propõe aos seguintes objetivos:

a) Identificar as características mais comumente atribuídas e/ou associadas à palavra amor por sujeitos brasileiros de diferentes idades e condições sociais;

b) Verificar se há diferenças estatisticamente significantes em função das variáveis: gênero, faixa etária e grau de escolaridade.

CAPÍTULO 4

MÉTODO

4.1 Sujeitos.

Inicialmente, no delineamento original desse estudo foi pensado em constituir três grupos de sujeitos de acordo com a faixa etária e o grau de escolaridade. Seriam eles:

Grupo 1: 100 participantes (50 homens e 50 mulheres) de, pelo menos, três cidades do interior do estado de São Paulo alunos de instituições de ensino públicas e privadas, adolescentes de 14 a 17 anos, que corresponde à idade esperada para se cursar o Ensino Médio no sistema educacional brasileiro, no ensino regular.

Grupo 2: 100 participantes (50 homens e 50 mulheres) de, pelo menos, três cidades do interior do estado de São Paulo alunos de instituições universitárias de ensino públicas e privadas, na faixa etária de 18 a 30 anos.

Grupo 3: 100 participantes (50 homens e 50 mulheres) de, pelo menos, três cidades do interior do estado de São Paulo ouvintes/participantes de uma palestra gratuita conduzida pelo pesquisador e proponente deste projeto, maiores de 30 anos de idade.

Todavia, ao final da coleta de dados foi possível aumentar substancialmente o número inicialmente previsto de tal forma que a amostra total foi constituída por 600 sujeitos (390 mulheres – 65%; 209 homens – 34,83% e uma pessoa que não identificou o sexo – 0,17%), que foram distribuídos em sete grupos, a saber:

- GRUPO 1 - Adultos da cidade de São Carlos: compuseram este grupo 57 indivíduos, 26 mulheres (45,6%) e 31 homens (54,3%);
- GRUPO 2 - Adultos da cidade de São Paulo: compuseram este grupo 171 indivíduos, 118 mulheres (69%) e 53 homens (31%);

- GRUPO 3 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede privada de São Paulo: compuseram este grupo 50 indivíduos, 27 mulheres (54%) e 22 homens (44%) e uma pessoa (2%) não identificou seu gênero;
- GRUPO 4 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de São Paulo: compuseram este grupo 108 indivíduos, 80 mulheres (74,1%) e 27 homens (25,9%);
- GRUPO 5 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de São Carlos: compuseram este grupo 167 indivíduos, 101 mulheres (60,5%) e 66 homens (39,5%);
- GRUPO 6 - Alunos universitários da rede privada de São Carlos: compuseram este grupo 24 indivíduos, 17 mulheres (70,8%) e 7 homens (29,2%);
- GRUPO 7 - Alunos universitários da rede pública de São Paulo: compuseram este grupo 23 indivíduos, 22 mulheres (91,3%) e 2 homens (8,7%).

A escolha por se multiplicar os grupos se deveu ao fato de que se fosse investigado apenas três grupos, como originalmente delineado, muitas das observações descobertas poderiam se confundir. Por exemplo, quando o pesquisador realizou o desenho do experimento a fim de coletar os dados, não lhe aventou encontrar tantos alunos com uma faixa etária superior ao que ele buscava ou também quando acorreu aos locais para coletar os adultos participantes, não considerou uma adesão tão alta de pessoas de outras faixas etárias. Logo, para se evidenciar melhor os resultados obtidos, optou-se por redistribuir os participantes em sete grupos, como os anteriormente apontados. Consequentemente, a média das idades dos participantes foi de 23,82 anos (valor mínimo = 14, valor máximo = 73, desvio padrão = 11,8), sendo 34,83% do sexo masculino e 65% do sexo feminino, um entrevistado não indicou o sexo, correspondendo a 0,17% da amostra total, conforme apresentado nas Tabelas 1 e 2).

Tabela 1. Descrição geral da amostra para os sete grupos analisados.

GRUPOS	%	n
GRUPO 1 - Adultos da cidade de São Carlos	9,5	57
GRUPO 2 - Adultos da cidade de São Paulo	28,5	171
GRUPO 3 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede privada de São Paulo	8,33	50
GRUPO 4 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de São Paulo	18	108
GRUPO 5 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de São Carlos	27,83	167
GRUPO 6 - Alunos universitários da rede privada de São Carlos	4	24
GRUPO 7 - Alunos universitários da rede pública de São Paulo	3,83	23
TOTAL	100	600

Tabela 2. Idade dos entrevistados: mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

GRUPOS	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
GRUPO 1	15	73	33,82	13,82
GRUPO 2	17	60	34,63	12,59
GRUPO 3	14	17	15,84	1,00
GRUPO 4	15	21	16,63	1,08
GRUPO 5	15	19	16,57	0,89
GRUPO 6	18	42	23,65	6,80
GRUPO 7	18	34	21,17	3,73
TOTAL	14	73	23,82	11,80

Dos participantes, conforme podemos observar, as médias de idade para os grupos 1, 2, 3, 4, 5 6 e 7 são respectivamente, 33,82 (d.p.= 13,82), 34,63 (d.p.=12,59), 15,84 (d.p.= 1,00), 16,63 (d.p.= 1,08), 16,57 (d.p.= 0,89), 23,65 (d.p.= 6,80) e 21,17 (d.p.=3,73).

Como, podemos verificar, em média os grupos têm uma idade próxima do que se foi pensado originalmente para este estudo. Quanto ao grau de escolaridade dos participantes desta pesquisa, podemos observar a seguinte distribuição na Tabela 3.

Tabela 3. Escolaridade dos entrevistados: frequência absoluta e porcentagem dos níveis de escolaridade.

GRUPOS	1		2		3		4		5		6		7		NR	
	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%
GRUPO 1	0	0	4	7,02	5	8,77	14	24,56	11	19,3	12	21,05	11	19,3	0	0
GRUPO 2	1	0,58	2	1,17	1	0,58	10	5,85	51	29,82	57	33,33	40	23,39	9	5,26
GRUPO 3	0	0	0	0	50	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
GRUPO 4	0	0	0	0	108	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
GRUPO 5	0	0	0	0	167	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
GRUPO 6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	24	100	0	0	0	0
GRUPO 7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	23	100	0	0	0	0
TOTAL	1	0,17	6	1	331	55,17	24	4	62	10,33	116	19,33	51	8,5	9	1,5

Legenda: FA= Frequência absoluta. 1 - Primeiro grau incompleto; 2 - Primeiro grau completo; 3 - Segundo grau incompleto; 4 - Segundo grau completo; 5 - Terceiro grau incompleto; 6 - Terceiro grau completo; 7 - Pós-Graduação (mestrado, Doutorado ou Pós-doc); NR= Não resposta.

Dos participantes, 0,17% possuíam o primeiro grau incompleto, 1% o primeiro grau completo, 55,17% o segundo grau incompleto, 4% o segundo grau completo, 10,33 o terceiro grau incompleto, 19,33 o Terceiro grau completo e 8,5% possuíam Pós-Graduação (mestrado, doutorado ou pós-doc), sendo que 9 entrevistados não indicaram a escolaridade, correspondendo a 1,5% da amostra.

Há de se evidenciar que não houve a participação de alunos de escolas do ensino médio particulares e de alunos universitários na cidade de São Carlos, tampouco de universidades particulares em São Paulo, embora o pesquisador tivesse estabelecido contato com as respectivas diretorias e centros de coordenação de cada local, conforme procedimento e protocolos adotados nos outros locais de origem dos dados.

4.2 Material.

Cada participante utilizou um bloco de papel com duas páginas (duas metades de folhas de papel sulfite, tamanho A4, Anexo 4). Na parte superior da primeira folha, cada participante informou alguns dados pessoais (sexo e série escolar, se acaso fosse aluno, ou grau de escolaridade); na parte inferior dessa mesma página estavam impressas as seguintes instruções:

> "Estamos interessados em conhecer as características comumente associadas ao termo amor. Assim sendo, venho solicitar sua colaboração neste trabalho de pesquisa.
>
> Na parte superior da página seguinte, você encontrará a palavra amor. O que lhe pedimos é muito simples: leia o termo e, a seguir, no período de um minuto e meio, escreva no espaço em branco todas as características que lhe vierem à mente diante desse estímulo. A sua primeira impressão é muito importante, portanto, você não deve se preocupar em saber se suas respostas são adequadas ou não. O que nos interessa são suas evocações ou associações diante do estímulo apresentado.
>
> Muito obrigado por sua colaboração."

Na parte superior da segunda folha, estava impressa, em letras maiúsculas, em negrito e centralizada, a palavra AMOR. Todo o restante dessa página estava em branco.

A aplicação do instrumento foi realizada de forma coletiva. O pesquisador esclareceu as dúvidas que, porventura, foram a ele dirigidas e salientou a sua preferência pelo preenchimento da folha com palavras únicas ou com respostas curtas. Também foi informado que não havia limite no número de respostas dadas. A partir disso, os participantes tiveram 90 segundos para realizarem a tarefa. Há de se ressaltar que esta estratégia de coleta de dados não é criação do proponente de pesquisa; ela foi concebida por Lomônaco e utilizada em vários estudos (*e.g.* Lomônaco et al., 2012; Cazeiro & Lomônaco, 2011; Lomônaco & Campos, 2003; Lomônaco et al., 2006; Lomônaco, Nunes & Sano, 2004).

Findo o tempo proposto, o pesquisador recolheu cada folha, de forma aleatória, e as guardou dentro de um envelope, a fim de evitar a possibilidade de os respondentes serem identificados ou ainda de serem reveladas as respostas das pessoas que participaram dessa aplicação coletiva.

4.3 Procedimento de coleta de dados.

4.3.1 Seleção dos alunos participantes da rede pública e privada do Ensino Médio.

Recebido o parecer favorável do Comité de Ética em Pesquisa, a cujo protocolo foi atribuído a designação CAAE 40702813.8.0000.5561 (conforme pode-se verificar, no Anexo 1) pelo Comitê de Ética (CEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o pesquisador recrutou os alunos das escolas pública e privada, participantes da coleta de dados da seguinte forma:

Primeiramente foram procuradas escolas da rede estadual e privada de Ensino Médio em São Paulo e em São Carlos. Foram contatadas extraoficialmente 5 escolas públicas e 5 escolas da rede privada do Ensino Médio por meio de suas direções e coordenações de curso. Algumas declinaram de participar deste projeto de pesquisa ainda que tivesse o pesquisador enviado materiais (como o protocolo de aprovação do CEP/USP; seu projeto de pesquisa, TCLE e instrumento de coleta de dados) explicativos para que para as diretorias e as coordenações escolares compreendessem o intuito deste estudo.

A partir do momento em que o pesquisador responsável por este projeto contou com a adesão das escolas que participaram dessa pesquisa, foram então, encaminhados ofícios a essas escolas, juntamente com uma carta de apresentação do pesquisador, contendo a confirmação de seu vínculo com o Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Os objetivos do trabalho foram apresentados a todas as instituições. A partir de então foram combinados os dias e horários da aplicação dos instrumentos com os alunos participantes.

No dia combinado entre pesquisador e direção, este foi apresentar o projeto de pesquisa para os possíveis alunos participantes nas suas salas de aula. Esse procedimento visou explicar aos alunos os objetivos gerais do estudo e informá-los sobre o caráter voluntário da participação, bem como o sigilo de suas respostas e identidade. Neste momento, também foi entregue a cada um dos estudantes presentes no momento o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (Anexo 3), dirigido a seus pais e responsáveis, para todos os alunos levarem para suas casas e apresentarem para seus responsáveis, juntamente com uma carta de apresentação do pesquisador e dos objetivos deste estudo (Anexo 2) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, que foi entregue aos alunos que informaram ter idade superior a 18 anos.

Combinou-se de o pesquisador responsável por esta pesquisa retornar novamente a cada escola participante, no dia seguinte e realizar coletivamente a aplicação do instrumento de pesquisa a todos os alunos, menores de 18 anos, que tivessem trazido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por seus respectivos responsáveis e aos alunos, maiores de 18 anos, que concordassem em participar desta pesquisa e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Todos os alunos que tivessem satisfeitas essas duas condições foram transferidos para uma sala reservada, pela direção de cada escola, para a aplicação coletiva do instrumento de pesquisa. Depois de os estudantes terem entregado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), assinado pelos mesmos, e terem sido feitas as considerações introdutórias para a realização da pesquisa, como relembrar do sigilo das respostas e o anonimato dos participantes, inclusive para o próprio corpo docente e os pais dos alunos, o instrumento foi aplicado em sala de aula coletivamente. As aplicações foram supervisionadas pelo pesquisador, garantindo que as instruções e as condições fossem similares para todas as turmas participantes desse estudo.

4.3.2 *Seleção dos alunos participantes de universidades públicas e privadas.*

Um procedimento semelhante para a coleta de dados dos alunos participantes das universidades públicas e privadas foi adotado com algumas diferenças. Recebido o parecer favorável do Comité de Ética em Pesquisa (CEP), as coordenações de vários cursos de graduação foram contatadas por meio de carta informativa sobre o projeto e, depois, pessoalmente.

Após a autorização da instituição universitária para conduzir essa pesquisa nas dependências das mesmas, o pesquisador responsável compareceu no dia e hora sugeridos pelas Instituições originadoras dos dados e realizou a aplicação do instrumento de pesquisa no mesmo dia. Todos os alunos foram convidados a participar da pesquisa e aqueles que aceitaram participar efetivamente da pesquisa tiveram seus dados coletados. Ambos os grupos

(participantes e não participantes) permaneceram na mesma sala de aula. Aos alunos participantes foram informados os objetivos da pesquisa, e lhes foi garantido o anonimato, o sigilo das respostas bem como sobre sua participação voluntária. Cada participante assinou e entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido declarando formalmente sua adesão voluntária à pesquisa. Após tais providências, foi realizada a coleta de dados. As aplicações foram supervisionadas pelo pesquisador, garantindo que as instruções e as condições fossem similares em todas as turmas participantes deste estudo.

4.3.3 *Seleção dos outros participantes.*

Em São Paulo, foi proposta a realização de duas palestras, ministradas pelo proponente desta pesquisa, sobre o tema relacionamento amoroso, que ocorreu Instituto de Psicologia, dado o vínculo do pesquisador à instituição que poderia sediar a palestra em uma de suas salas.

Recebido o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, a diretoria do Instituto de Psicologia foi contatada, via ofício emitido pelo orientador do proponente dessa pesquisa, o qual foi encaminhado juntamente com a cópia do projeto de pesquisa, TCLE e instrumento de coleta de dados que informaram a necessidade de o proponente recrutar participantes nas dependências do Instituto de Psicologia.

Uma vez tendo recebido o aceite da direção do Instituto de Psicologia foram agendadas duas datas para a ocorrência das duas palestras; uma realizada na parte da manhã e outra realizada na parte da tarde em dias diferentes. As pessoas foram informadas da realização dessas palestras através da divulgação do website http://www.eventos.usp.br/?events=palestra-no-ip-discute-relacionamentos-amorosos-na-contemporaneidade.

Em São Carlos, foi proposta a realização de uma palestra, ministrada pelo proponente desta pesquisa, sobre o tema relacionamento amoroso, que ocorreu na clínica onde trabalha, dado o vínculo do pesquisador a este local e a facilidade com que esse local poderia sediar a palestra em uma de suas salas.

Uma vez tendo recebido todos os presentes nos locais destinados para a ocorrência do evento e, antes de ministrar a palestra para o qual todos os presentes tinham acorrido, o pesquisador esclareceu que gostaria de contar com a participação voluntária de todos os presentes que pudessem contribuir para a coleta de dados de sua tese de doutoramento. Os

participantes foram informados a respeito dos objetivos da pesquisa, e lhes foi garantido o anonimato e o sigilo de suas respostas. Então, cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido declarando formalmente sua adesão voluntária à pesquisa.

Ambas as aplicações foram supervisionadas pelo pesquisador, garantindo que as instruções e as condições fossem similares para todas as turmas participantes desse estudo.

4.3.4 Coleta de dados.

A coleta de dados foi coletiva. Aos sujeitos, maiores de 18 anos, que optaram em participar da pesquisa foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Aos sujeitos com idade inferior a 18 anos foi solicitado que entregassem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por seus respectivos responsáveis, declarando formalmente sua adesão voluntária à pesquisa. Após o recolhimento desses formulários, o pesquisador fez a leitura deste junto aos participantes e, informou a todas as instruções para o preenchimento desse instrumento de pesquisa. Após esta leitura, e sanadas as dúvidas de todos os participantes, os dados pessoais de cada participante foram informados. Posteriormente, foi iniciada à tarefa de escrever, no período de 90 segundos, as associações evocadas pela palavra “amor”.

CAPÍTULO 5

RESULTADOS

5.1 Procedimentos de análise dos resultados.

De posse do material coletado, todas as respostas dos participantes foram digitadas e tabuladas. Posteriormente, algumas das respostas foram desmembradas em suas partes componentes. Quando, por exemplo, um participante respondeu, mediante a sua exposição ao estímulo 'amor': "Amor, um sentimento importante e necessário. Amor ao próximo, amor de mãe e pai, amor como namorado e namorada. O amor precisa ter moradia em todos os corações do mundo inteiro. É o que falta no mundo. Amor vence a guerra"(sic). Fragmentadas as respostas, teremos sete itens ou dados a considerar, a saber: (1) amor, um sentimento importante e necessário; (2) amor ao próximo; (3) amor de mãe e pai; (4) amor como namorado e namorada; (5) o amor precisa ter moradia em todos os corações do mundo inteiro; (6) é o que falta no mundo; (7) amor vence a guerra. Esse processo de fragmentação das respostas frasais dos participantes, conjuntamente com suas respostas singulares resultou num total de 3243 respostas, que foram objeto de posterior análise e categorização.

5.2 **Criação das Categorias.**

Então, se deu a etapa de criação das categorias. As categorias inicialmente formuladas foram discutidas entre o pesquisador e seu orientador a fim de chegar-se a um consenso sobre quais itens deveriam ou não ser incluídos em cada categoria engendrada, assim como quais itens não fariam parte de nenhuma das categorias elaboradas e deveriam ser agrupadas na categoria "Outras respostas". Em sucessivas reuniões de orientação, chegou-se a ao consenso de 13 categorias, sendo a décima quarta, reservada para respostas idiossincráticas evocadas

pelos diversos participantes. Consequentemente, foram criadas, definidas e exemplificadas as categorias, tal como se segue.

5.2.1 O AMOR COMO UMA RELAÇÃO ENTRE PESSOAS ESPECÍFICAS, NÃO NECESSARIAMENTE ROMÂNTICA.

Respostas que indicam uma relação entre o respondente e uma pessoa específica, geralmente nomeada por um pronome pessoal, apelido, chamamento, abreviação ou sigla, de forma a particularizar a indicação do participante. Foram também incluídas referências a pessoas que não foram identificadas por nomes próprios, mas por alguma característica pessoal, tal como "o meu ruivo", o "meu namorado" etc. Exemplos: "você é meu melhor presente" (resposta da participante 197); "Lucas" (resposta da participante 41); "Willian" (resposta da participante 114), "CBJR" (resposta da participante 126); "Não sei bem dizer o que é, mas essa palavra me remete a uma pessoa especial, uma garota chamada Vanessa, minha namorada e talvez minha esposa" (resposta do participante 171); "B" (resposta do participante 206); "eu amo a minha 'Luiza'" (resposta do participante 207); "Pan" (resposta do participante 542); "Fernando P." (resposta do participante 600).

5.2.2 O AMOR COMO ALGO ESSENCIAL/FUNDAMENTAL AO SER HUMANO E/OU À HUMANIDADE.

Respostas que consideram o amor como algo necessário, algo fundamental, ao homem e/ou ao mundo e até mesmo, como um aspecto constitutivo da natureza humana. Exemplos: "É o que falta no mundo." (resposta do participante 6); "Apenas ame, pois é o que o mundo precisa apenas" (resposta do participante 46); "É tudo em minha vida" (resposta do participante 51); "Sem o amor o mundo será um lugar repleto de monotonia e guerra." (resposta do participante 93); "Amor é essencial" (resposta do participante 93); "Amor é tudo" (resposta do participante 266); "Sem ele, não há respeito, não há empatia, não há vida." (resposta do participante 296); "Amor é tudo" (resposta do participante 358); "Na minha experiência, amor é o fundamento de todas as ações e movimento humano." (resposta do participante 421); "Ninguém vive sem amor." (resposta do participante 430).

5.2.3 O AMOR COMO ALGO INDEFINÍVEL, INEFÁVEL, ETÉREO.

Respostas que explicitam a dificuldade de definir/conceituar o amor, visto como um fenômeno abstrato, sem uma definição específica, que não pode ser explicado ou descrito por meio de palavras. Exemplos: “Uma coisa inexplicável que a gente sente um pelo outro que se leva pela vida inteira” (resposta do participante 15); “É tudo e é nada” (resposta do ao mesmo tempo participante 17); “O amor não se pode explicar deve ser sentido” (resposta do participante 31); “É abstrato” (resposta do participante 149); “algo cientificamente inexplicável” (resposta do participante 304); “Sem definição especifica” (resposta do participante 420); “Amor pra mim é sentir algo inexplicável pela pessoa.” (resposta do participante 427); “Amor é um sentimento inexplicável que há dentro de ser humano em relação algo ou alguém.” (resposta do participante 444); “complexidade” (resposta do participante 471); “É algo que não vemos” (resposta do participante 517).

5.3.4 O AMOR COMO ALGO LIGADO A COMPONENTES SEXUAIS.

Respostas que evidenciam uma íntima relação do fenômeno amoroso explicitando elementos/componentes sexuais/genitais. Exemplos: “transa” (resposta do participante 83); “sexo” (resposta do participante 83 e de muitos outros); “buceta” (resposta do participante 83), “fuder/comer” (resposta do participante 83); “meter” (resposta do participante 83). “tesão” (resposta do participante 428); “união entre dois seres através do ato sexual” (resposta do participante 459).

5.3.5 O AMOR COMO UMA RELAÇÃO ROMÂNTICA ENTRE DUAS PESSOAS.

Respostas que indicam que o amor é o produto da união entre duas pessoas. Tais respostas geralmente salientam que o amor é um aspecto que une/vincula duas pessoas, sugerindo apego e paixão em suas descrições, o que leva a um sentimento de completude ou de complementaridade e/ou a uma sensação de união entre elas, de tal forma que elas passam a ser ver como uma só pessoa/entidade. Exemplos: “uma forma de chamar a namorada” (resposta do participante 3); “amor como namorado e namorada” (resposta do participante 6); “namoro” (resposta do participante 32); “relacionamento” (resposta do participante 256); “quando minha namorada demonstra carinho a mim” (resposta do participante 306); “ (resposta do participante); “namorado” (resposta do participante 301); “amor é a união de

dois seres em prol da mesma causa" (resposta do participante 438); "nós dóis" (resposta do participante 566); "eu e você" (resposta do participante 566).

5.3.6 O AMOR VOLTADO PARA PESSOAS DA FAMÍLIA.

Respostas que indicam que o objeto do amor são pessoas da família, tais como mães, pais, avós, filhos, irmãos etc. Exemplos: "tio" (resposta do participante 137); "primos" (resposta do participante 137); "neto" (resposta da participante 589); "nora" (resposta da participante 589); "genro" (resposta da participante 589); "marido" (resposta da participante 280); "família" (resposta do participante 14); "minha família" (resposta da participante 48); "amor de família perfeito" (resposta da participante 60); "parentes" (resposta da participante 515).

5.3.7 O AMOR VOLTADO PARA AMIGOS.

Respostas que focam a importância das relações de amizade. O objeto de amor é/são amigos (as) dos (as) respondentes. Exemplos: "amor é quando perdemos um dente e seus amigos continuam te amando do jeito que você ficou ou você é." (resposta do participante 10); "amigos" (resposta da participante 40); "bons amigos" (resposta do participante 286); "afeto por amigos" (resposta do participante 504); "amizade" (resposta da participante 39); "estar com amigos" (resposta da participante 312); "amigos verdadeiros" (resposta do participante 322); "dos amigos" (resposta do participante 357); "Meus amigos" (resposta da participante 590); "amigo companheiro" (resposta do participante 12).

5.3.8 O AMOR VOLTADO PARA ENTIDADES DIVINAS E/OU SOBRENATURAIS.

Nesta categoria estão incluídas respostas que indicam como objetos de amor entidades sobrenaturais, geralmente de caráter divino ou religioso, tais como Deus, Jesus, Nossa Senhora, a própria Igreja, versículos da Bíblia etc. Exemplos: Não há amor maior do que o do Pai Celestial" (resposta do participante 192); "O maior exemplo é Jesus, o filho de Deus que morreu lá na cruz, mestre dos mestres, o reis dos reis, em forma suma se fez, para me salvar, para me curar, me libertar, por amor a você" (resposta do participante 170); "Deus/Jesus" (resposta do participante 265); "O amor é Deus, dele vem tudo." (resposta do participante 328); "Dádiva de Deus" (resposta do participante 373); "Amor ágape" (resposta da participante 430); "Quando penso em amor, penso em Deus" (resposta do participante 444);

“Jesus é a demonstração de amor verdadeiro.” (resposta do participante 446); “O amor infelizmente está extinto no coração das pessoas, pois o verdadeiro amor só Jesus Cristo demonstrou e ensinou que sem o amor não podemos viver” (resposta do participante 573).

5.3.9 O AMOR VOLTADO PARA ANIMAIS IRRACIONAIS.

Esta categoria inclui um conjunto variado de respostas indicativas de que o objeto do amor são animais, de alguma espécie, ou de maneira geral (“animal/animais”) indicando que a resposta da pessoa convergiu para algum ser vivo, que não pessoas ou plantas. Exemplos: resposta dos participantes: 40,52 (cachorrinhos), 119, 144 (animais de estimação), 150, 210, 212, 221 (amar os animais), 225 (amor é uma paixão por uma determinada coisa, pessoa ou animal) 262, 274, 285, 301 (cachorro), 313 (cachorro), 314 (animais-cachorro), 378 (animais), 405, 491, 504, 525, 540 (cachorro), 540 (papagaio), 569 (natureza, plantas, animais).

5.3.10 O AMOR VOLTADO PARA SERES INANIMADOS.

Esta categoria inclui um conjunto variado de respostas indicativas de que o objeto do amor do participante são seres inanimados (p. ex. flores), objetos (p. ex. dinheiro), situações (viver na natureza) ou eventos (p. ex. viagens), obras de artes e/ou literárias (p. ex. ‘Mario Quintana’). Exemplos: “desenho animado” (resposta do participante 174); “academia” (resposta do participante 277); “teatro” (resposta do participante 122); “música” (resposta do participante 12); “jogar xadrez” (resposta do participante 323); “Brasil” (resposta do participante 211); “Netflix” (resposta do participante 250); “mundo” (resposta do participante 380); “pediatria” (resposta do participante 126); “Mário Quintana” (resposta do participante 600).

5.3.11 O AMOR DIRIGIDO A SI MESMO.

Respostas indicativas de que o objeto do amor é a própria pessoa e expressa autovalorização. Exemplos: “eu” (resposta do participante 88); “poder ser quem eu sou” (resposta do participante 320); “se gostar” (resposta do participante 62); “ter amor a própria vida” (resposta do participante 221); “amar também é se amar” (resposta do participante 221); “amar a si mesmo.” (resposta do participante 252); “o amor é um sentimento que pode se expressar tanto com outras pessoas quanto a si próprio,” (resposta do participante 294); “si

mesmo” (resposta do participante 405); “se bastar” (resposta do participante 487); “é importante se amar em 1° lugar.” (resposta do participante 516).

5.3.12 O AMOR COMO FONTE DE EMOÇÕES, ATITUDES E COMPORTAMENTOS POSITIVOS.

Respostas indicativas de que o amor implica ou está relacionado a um conjunto variado de sentimentos, atitudes e comportamentos que visam o bem-estar e à satisfação/qualidade de vida do ser humano. Também foram incluídas nesta categoria respostas indicativas de que o amor motiva o ser humano a realizar ações adequadas e/ou adotar determinadas atitudes positivas. Exemplos: “afinidade” (resposta do participante 375), “dedicação” (resposta da participante 398), “amor”/“amar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 269 e da participante 428, respectivamente), “abraço(s)”/”abraçar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 525 e da participante 143, respectivamente), “empatia” (resposta da participante 250), “cumplicidade” (resposta do participante 355), “paciência” (resposta da participante 386), “compreensão”/ “compreender” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 34 e do participante 374, respectivamente), “intimidade” (resposta do participante 569), “beijo(s)”/“beijar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 164 e da participante 143, respectivamente), “paixão”/“apaixonar-se”/“apaixonado”/“se apaixonar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 148, da participante 298, do participante 188 e da participante 302, respectivamente).

5.3.13 O AMOR COMO FONTE DE EMOÇÕES, ATITUDES E COMPORTAMENTOS NEGATIVOS.

Respostas indicativas de que o amor implica ou está relacionado a um conjunto variado de sentimentos, atitudes e comportamentos que não estão relacionados ao bem-estar e à satisfação/qualidade de vida do ser humano, mas sim a falta desses elementos. Também foram incluídas nesta categoria respostas indicativas de que o amor motiva o ser humano a realizar ações inadequadas e/ou a adotar determinadas atitudes negativas. Exemplos: “choro” (resposta da participante 12), “dor” (resposta da participante 157); melancolia (resposta da participante 157), “suicídio” (resposta do participante 83), (resposta do participante 83), “me matar” (resposta do participante 83) “morte súbita” (resposta do participante 83), “overdose”

(resposta do participante 83), “quero morrer” (resposta do participante 83), “ingratidão” (resposta da participante 450), “solidão” (resposta da participante 509).

5.3.14 OUTRAS RESPOSTAS.

Respostas idiossincráticas, com conteúdos diferentes de todas as outras categorias listadas anteriormente. Exemplos: “planejamento” (resposta do participante 23), “momentos” (resposta da participante 47), “sonhos” (resposta da participante 52), “amor é um sentimento inesquecível” (resposta do participante 109), “coração bate forte” (resposta do participante 110), “Amor traz paz, mas também traz dor” (resposta da participante 117), “saudade” (resposta da participante 123), “sacrifício” (resposta da participante 140), “opiniões diferentes” (resposta da participante 248),” Onde está o meu amor?”, ou ainda, “Quem será com quem se parece?” (ambas as respostas foram emitidas pelo participante 361), “exclusividade” (resposta do participante 370).

5.2 Juízes.

A partir da criação, definição e exemplificação das categorias, o rol de respostas foi, então, lido diversas vezes pelo pesquisador e por outros cinco juízes (a saber: o orientador deste trabalho, o proponente deste estudo, um matemático, uma bibliotecária e um psicólogo – esses três últimos escolhidos por conveniência), no intuito de identificar aspectos comuns que permitam a inserção das respostas de cada participante nesta ou naquela categoria para o posterior agrupamento dos dados. Adotou-se um número ímpar de juízes a fim de evitar eventuais situações de empate ou impasse. Esse trabalho de interpretação às cegas e seu consequente agrupamento às categorias formuladas ocorreu de maneira independente pelos cinco juízes. Pesquisadores e profissionais geralmente usam o termo confiabilidade entre juízes como uma expressão genérica para a consistência das respostas obtidas por diferentes avaliadores para os quais se encaminham um determinado conjunto de dados. Dessa maneira, ao contrário da confiabilidade entre juízes, a concordância entre juízes é uma medida da consistência entre o valor absoluto das classificações dos avaliadores (Graham, Milanowski & Miller, 2012). De acordo com Matos (2014), a concordância entre os juízes mede com que frequência dois ou mais avaliadores atribuem exatamente a mesma classificação. Ainda, de acordo com este autor, a confiabilidade entre os avaliadores mede a semelhança relativa entre dois ou mais conjuntos de classificações. Para este estudo a confiabilidade das respostas entre

os juízes foi de 92,5 %, indicando uma alta consistência entre as categorias criadas para este estudo e as respostas que compuseram cada categoria.

5.4 Análise estatística dos resultados.

Para a análise dos resultados foi utilizado o *Software* R (R Development Core Team, 2016). Este *software* foi criado em 1996 e é um ambiente computacional específico para análise estatística e sua licença é gratuita. Está disponível para download através do site http://cran.r-project.org. Sendo um software livre, o R recebe atualizações dos usuários por meio de pacotes. Para a realização dos cálculos estatísticos foi utilizada a versão 3.3.1 do Software R.

Os dados deste estudo foram registrados em escala ordinal, uma vez que foi analisada a relação entre as respostas de cada um dos entrevistados, as quais foram posteriormente categorizadas. Neste sentido, optou-se pelo uso de métodos estatísticos não paramétricos, uma vez que - devido ao comportamento dos dados coletados - as suposições clássicas da estatística paramétrica não podem ser assumidas, ou seja, normalidade ou igualdade de variâncias do modelo de análise e/ou tamanhos de amostras muito pequenos. Os métodos não paramétricos utilizados foram o Teste de Kruskal-Wallis e o Coeficiente de Correlação Linear de Spearman, descritos a seguir.

5.4.1 O Teste de Kruskal-Wallis.

O teste de Kruskal-Wallis é um teste não paramétrico, também chamado de análise de variâncias por postos ou ordenações. Esse teste é utilizado para comparar três ou mais populações. Ele é usado para testar a hipótese nula de que todas as populações possuem funções de distribuição iguais contra a hipótese alternativa de que ao menos duas das populações possuem funções de distribuição diferentes. O teste de Kruskal-Wallis é o análogo ao teste F utilizado na ANOVA 1 fator. Enquanto a análise de variância dos testes paramétricos depende da hipótese de que todas as populações em confronto são independentes e normalmente distribuídas, o teste de Kruskal-Wallis não coloca nenhuma restrição sobre a comparação.

Para aplicarmos o teste de Kruskal-Wallis, primeiramente devem-se determinar os postos de todas as *n* observações, sem desconsiderar a divisão em grupos. Os postos são

determinados de tal forma que a menor observação receberá a posição 1, a segunda menor receberá a posição 2 e assim por diante, até a maior observação, que deverá receber a posição *n*. Após a determinação dos postos das observações, devemos calcular a soma R_i dos postos para cada tratamento e estabelecermos as hipóteses, conforme apontado a seguir:

Teste: H_0: A resposta é a mesma para todos os k grupos;

H_A: A resposta não é a mesma para todos os k grupos.

A estatística H para o teste de Kruskal-Wallis é dada por:

$$H = \frac{\frac{12}{N(N+1)} \sum_{i=1}^{k} n_i \left(R_i - \frac{N+1}{2}\right)^2}{1 - \frac{\sum_{i=1}^{g} t_j^3 - t_j}{N^3 - N}}$$

A distribuição da estatística H para amostras pequenas e valores não muito elevados de k, pode ser encontrada em tabelas específicas. No entanto, para amostras suficientemente grandes a distribuição de H pode ser aproximada pela distribuição qui-quadrado com $(k-1)$ graus de liberdade, ou seja, $H \sim \chi^2_{(k-1)}$. Neste sentido, o teste de Kruskal-Wallis é um teste estatístico unilateral à esquerda.

5.3.2 O Coeficiente de Correlação de Spearman.

O coeficiente de correlação linear de Spearman mensura a intensidade da relação entre variáveis ordinais. Utiliza-se apenas a ordem das observações, em vez do valor observado. Deste modo, este coeficiente não é sensível a assimetrias na distribuição, nem à presença de observações discrepantes, não exigindo, portanto que os dados provenham de duas populações normais.

Uma possível fórmula para calcular o coeficiente de correlação de Spearman

(σ) é dada por:

$$\sigma = 1 - \frac{6\sum_{i=1}^{n} d_i^2}{n(n^2-1)}$$

Sendo, d_i = a diferença entre cada posto de valor correspondentes de x e y, e *n* = o, número dos pares dos valores.

O coeficiente de correlação de Spearman varia entre -1 e 1. Quanto mais próximo estiver destes extremos, maior será a associação entre as variáveis. O sinal negativo da correlação significa que as variáveis variam em sentido contrário, isto é, as categorias mais elevadas de uma variável estão associadas a categorias mais baixas da outra variável.

5.4.3 *Análise descritiva dos resultados.*

Retomando-se o que foi apontado na seção método, para evidenciar melhor os resultados obtidos, optou-se por distribuir os participantes em sete grupos e não em três grupos, como os anteriormente apontados, pois as correlações entre idade e grupos foram moderadas (r=0, 698, p> 0,000) e a correlação entre os dados idade e escolaridade foi forte (r=0, 758, p> 0,000). Esses dados indicam que quanto maior a idade, maior a escolaridade dos participantes.

Quanto à frequência de citação de respostas, a Figura 2 apresenta, por meio de um gráfico de barras verticais, a distribuição da das respostas para cada uma das 14 categorias de amor criadas e avaliadas para este estudo. Pode-se observar, para todas as categorias, ausência de resposta por parte de vários participantes. As categorias 12 e 14 apresentam, comparadas às demais, maiores frequências. Esse resultado estatístico pode ser observado nos histogramas, Figuras 3 e 4. Como pode ser observado, em todas as categorias analisadas o número de sujeitos que não a indicaram (zero respostas) é bastante significativo. Na verdade, em todas elas, o número de sujeitos que não assinalou nenhuma resposta à categoria foi sempre maior do que os que a assinalaram.

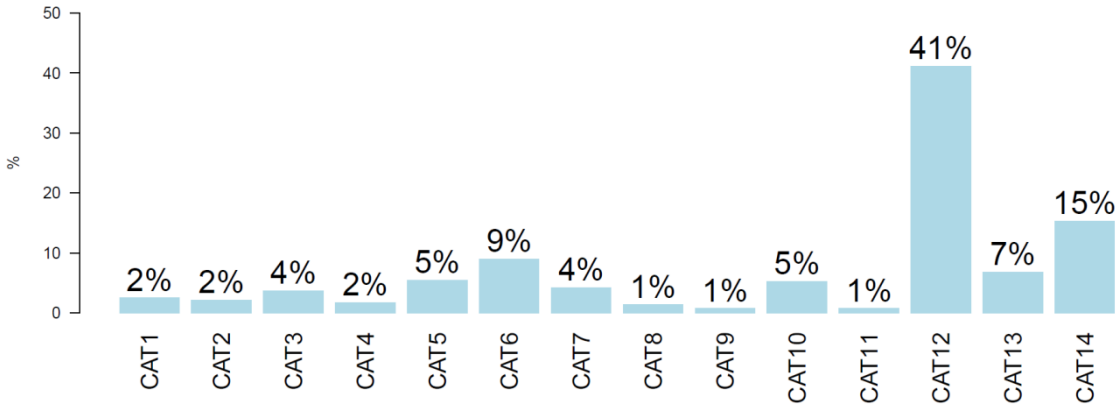

Figura 3. Porcentagem de respostas em cada uma das categorias.

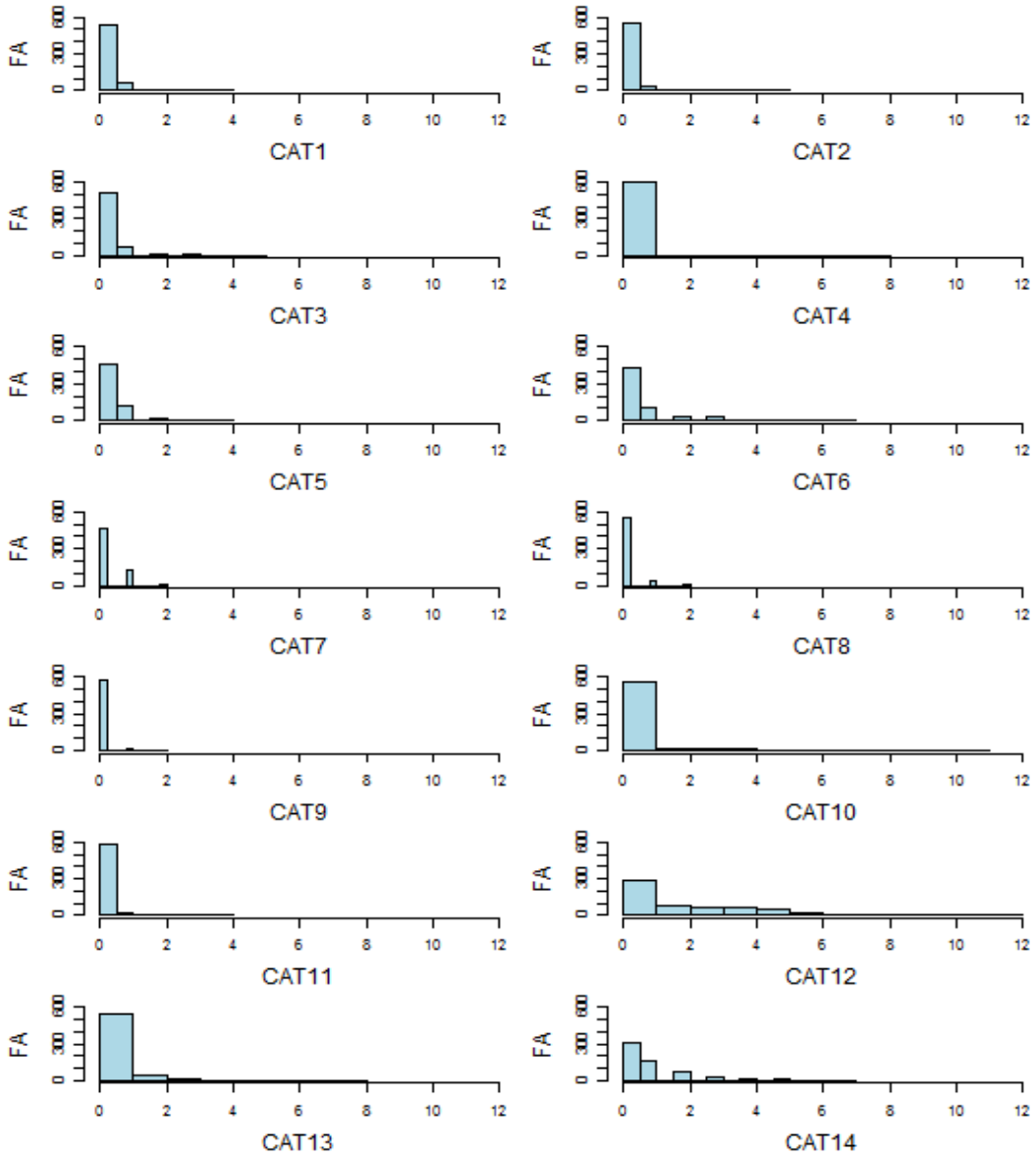

Figura 4. Histogramas para cada uma das categorias de amor.

A Tabela 4 apresenta as estatísticas gerais para as categorias de amor. As Tabelas 5-11 apresentam tais descrições para os sete grupos analisados, como pode se observar a seguir.

Tabela 4. Categorias de amor para toda a amostra (TOTAL): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	4	0,14	0,40
CAT2	0	5	0,12	0,45
CAT3	0	5	0,20	0,56
CAT4	0	8	0,09	0,43
CAT5	0	4	0,30	0,58
CAT6	0	7	0,49	0,94
CAT7	0	2	0,23	0,43
CAT8	0	2	0,07	0,28
CAT9	0	2	0,04	0,20
CAT10	0	11	0,28	0,91
CAT11	0	4	0,04	0,25
CAT12	0	12	2,22	2,30
CAT13	0	8	0,37	0,93
CAT14	0	7	0,83	1,14

Pelo o que se pode observar na Tabela 4, a maior parte dos respondentes, em média, indicou termos que foram posteriormente enquadrados e considerados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,22 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos). Observa-se, também, que as menores citações correspondem para as categorias 9 (O amor voltado para animais irracionais) e 11 (O amor dirigido a si mesmo), ambas com 0,04 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essas categorias.

Tabela 5. Categorias de amor para o Grupo 1 (ADULTOS/SÃO CARLOS): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	4	0,18	0,6
CAT2	0	1	0,09	0,29
CAT3	0	3	0,25	0,58
CAT4	0	1	0,05	0,23
CAT5	0	2	0,23	0,46
CAT6	0	7	0,72	1,31
CAT7	0	2	0,25	0,47
CAT8	0	1	0,09	0,29
CAT9	0	1	0,02	0,13
CAT10	0	11	0,46	1,58
CAT11	0	1	0,09	0,29
CAT12	0	10	2,28	2,58
CAT13	0	3	0,14	0,52
CAT14	0	5	0,84	1,28

Pelo o que se pode observar na Tabela 5, a maior parte dos respondentes do Grupo 1, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,28 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 9, com 0,02 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essa categoria.

Tabela 6. Categorias de amor para o Grupo 2 (ADULTOS/SÃO PAULO): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	2	0,08	0,31
CAT2	0	3	0,14	0,45
CAT3	0	5	0,21	0,62
CAT4	0	2	0,06	0,26
CAT5	0	2	0,17	0,42
CAT6	0	3	0,25	0,61
CAT7	0	1	0,12	0,32
CAT8	0	2	0,08	0,31
CAT9	0	1	0,02	0,13
CAT10	0	3	0,11	0,43
CAT11	0	1	0,02	0,15
CAT12	0	12	2,89	2,74
CAT13	0	8	0,33	0,99
CAT14	0	7	1,12	1,44

Pelo o que se pode observar na Tabela 6, a maior parte dos respondentes do Grupo 2, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,89 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 9, com 0,02 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essa categoria.

Tabela 7. Categorias de amor para o Grupo 3 (ESCOLA PARTICULAR/COLEGIAL/SÃO PAULO): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	1	0,16	0,37
CAT2	0	2	0,08	0,34
CAT3	0	5	0,28	0,81
CAT4	0	1	0,02	0,14
CAT5	0	3	0,54	0,84
CAT6	0	4	0,7	1,04
CAT7	0	2	0,42	0,54
CAT8	0	0	0,0	0,0
CAT9	0	1	0,1	0,3
CAT10	0	4	0,52	1,2
CAT11	0	1	0,04	0,2
CAT12	0	7	2,18	1,85
CAT13	0	2	0,16	0,47
CAT14	0	3	0,68	0,91

Pelo o que se pode observar na Tabela 7, a maior parte dos respondentes do Grupo 3, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,18 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 8 (O amor voltado para entidades divinas e/ou sobrenaturais), com 0 respostas.

Tabela 8. Categorias de amor para o Grupo 4 (ESCOLA PÚBLICA/COLEGIAL/SÃO PAULO): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	2	0,19	0,41
CAT2	0	5	0,13	0,61
CAT3	0	3	0,24	0,56
CAT4	0	1	0,12	0,33
CAT5	0	4	0,37	0,72
CAT6	0	3	0,40	0,72
CAT7	0	1	0,19	0,39
CAT8	0	2	0,07	0,30
CAT9	0	1	0,04	0,19
CAT10	0	4	0,28	0,80
CAT11	0	2	0,06	0,28
CAT12	0	8	1,65	2,02
CAT13	0	5	0,35	0,80
CAT14	0	5	0,79	1,04

Pelo o que se pode observar na Tabela 8, a maior parte dos respondentes do Grupo 4, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 1,65 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 11, com 0,06 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essa categoria.

Tabela 9. Categorias de amor para o Grupo 5 (ESCOLA PÚBLICA/SÃO CARLOS/COLEGIAL): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	3	0,14	0,43
CAT2	0	4	0,11	0,46
CAT3	0	2	0,16	0,42
CAT4	0	8	0,16	0,69
CAT5	0	2	0,34	0,56
CAT6	0	7	0,62	1,10
CAT7	0	1	0,27	0,45
CAT8	0	1	0,10	0,30
CAT9	0	1	0,04	0,19
CAT10	0	6	0,27	0,77
CAT11	0	1	0,01	0,11
CAT12	0	7	1,74	1,73
CAT13	0	8	0,57	1,14
CAT14	0	4	0,63	0,84

Pelo o que se pode observar na Tabela 9, a maior parte dos respondentes do Grupo 5, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 1,74 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 9, com 0,04 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essa categoria.

Tabela 10. Categorias de amor para o Grupo 6 (UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PARTICULAR/SÃO CARLOS): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	1	0,17	0,38
CAT2	0	1	0,04	0,20
CAT3	0	0	0,00	0,00
CAT4	0	2	0,08	0,41
CAT5	0	1	0,25	0,44
CAT6	0	3	0,83	1,17
CAT7	0	1	0,42	0,50
CAT8	0	1	0,04	0,20
CAT9	0	2	0,17	0,48
CAT10	0	4	0,79	1,38
CAT11	0	0	0,00	0,00
CAT12	0	7	2,21	2,28
CAT13	0	3	0,29	0,75
CAT14	0	2	0,62	0,71

Pelo o que se pode observar na Tabela 10, a maior parte dos respondentes do Grupo 6, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,21 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que as menores citações correspondem para as categorias 3 (O amor como algo indefinível, inefável, etéreo) e 11, às quais não foram emitidas nenhuma resposta, para serem posteriormente alocadas para essas categorias.

Tabela 11. Categorias de amor para o Grupo 7 (UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PÚLICA/SÃO PAULO): mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	1	0,09	0,29
CAT2	0	1	0,09	0,29
CAT3	0	2	0,13	0,46
CAT4	0	0	0,00	0,00
CAT5	0	1	0,26	0,45
CAT6	0	2	0,35	0,65
CAT7	0	2	0,26	0,54
CAT8	0	0	0,00	0,00
CAT9	0	1	0,04	0,21
CAT10	0	5	0,26	1,05
CAT11	0	4	0,17	0,83
CAT12	0	9	3,35	2,21
CAT13	0	4	0,39	0,94
CAT14	0	5	0,74	1,18

Pelo o que se pode observar na Tabela 11, a maior parte dos respondentes do Grupo 7, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 3,35 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que as menores citações correspondem para as categorias 4 (O amor como algo ligado a componentes sexuais) e 8, às quais não foram emitidas nenhuma resposta, para serem posteriormente alocadas para essas categorias.

Há de se evidenciar que em todos os grupos pesquisados a categoria 12 apresentou uma expressividade, em termos de frequência de citação de respostas maior, em comparação com todas as outras categorias.

Posteriormente, foi conduzido o Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre os sete grupos analisados. Os resultados podem ser observados na Tabela 12, a seguir.

Tabela 12. Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre os sete grupos analisados.

Variável	**Estatística**			
	g.l	**X^2 crítico**	**H observado**	**Sig.**
CAT1	6	12,59	9,5	0,149
CAT2	6	12,59	2,5	0,867
CAT3	6	12,59	7,6	0,270
CAT4	6	12,59	12,4	0,053
CAT5	6	12,59	17,1	**0,009***
CAT6	6	12,59	24,2	**0,000***
CAT7	6	12,59	28,5	**0,000***
CAT8	6	12,59	7,9	0,247
CAT9	6	12,59	12,9	0,050
CAT10	6	12,59	18,7	**0,005***
CAT11	6	12,59	10,7	0,097
CAT12	6	12,59	27,6	**0,000***
CAT13	6	12,59	23,7	**0,001***
CAT14	6	12,59	9,9	0,127

*Diferença significante ao nível de 5%.

As Tabelas 13 e 14 apresentam as médias e os desvios- padrão, em função dos grupos e das categorias consideradas.

Tabela 13. Média e desvio-padrão, por grupo, das categorias de 1 a 7.

GRUPO	CAT1	CAT2	CAT3	CAT4	CAT5	CAT6	CAT7
ADULTOS / SÃO CARLOS 1	0,18 (0,60)	0,09 (0,29)	0,25 (0,58)	0,05 (0,23)	0,23 (0,46)	0,72 (1,31)	0,25 (0,47)
ADULTOS/SÃO PAULO 2	0,08 (0,31)	0,14 (0,45)	0,21 (0,62)	0,06 (0,26)	0,17 (0,42)	0,25 (0,61)	0,12 (0,32)
ESCOLA PARTICULAR/COLEGIAL/SÃO PAULO 3	0,16 (0,37)	0,08 (0,34)	0,28 (0,81)	0,02 (0,14)	0,54 (0,84)	0,70 (1,04)	0,42 (0,54)
ESCOLA PÚBLICA/COLEGIAL/SÃO PAULO 4	0,19 (0,41)	0,13 (0,61)	0,24 (0,56)	0,12 (0,33)	0,37 (0,72)	0,40 (0,72)	0,19 (0,39)
ESCOLA PÚBLICA/SÃO CARLOS/COLEGIAL 5	0,14 (0,43)	0,11 (0,46)	0,16 (0,42)	0,16 (0,69)	0,34 (0,56)	0,62 (1,10)	0,27 (0,45)
UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PARTICULAR/SÃO CARLOS 6	0,17 (0,38)	0,04 (0,20)	0,00 (0,00)	0,08 (0,41)	0,25 (0,44)	0,83 (1,17)	0,42 (0,50)
UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PÚLICA/SÃO PAULO 7	0,09 (0,29)	0,09 (0,29)	0,13 (0,46)	0,00 (0,00)	0,26 (0,45)	0,35 (0,65)	0,26 (0,54)
KW	9,5	2,5	7,6	12,4	17,1	24,2	28,5
p-valor	0,149	0,867	0,270	0,053	**0,009**	**0,000**	**0,000**

Tabela 14. Média e desvio-padrão, por grupo, das categorias de 8 a 14.

GRUPO	CAT8	CAT9	CAT10	CAT11	CAT12	CAT13	CAT14
UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PÚLICA/SÃO PAULO	0,00 (0,00)	0,04 (0,21)	0,26 (1,05)	0,17 (0,83)	3,35 (2,21)	0,39 (0,94)	0,74 (1,18)
UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PARTICULAR/SÃO CARLOS	0,04 (0,20)	0,17 (0,48)	0,79 (1,38)	0,00 (0,00)	2,21 (2,28)	0,29 (0,75)	0,63 (0,71)
ESCOLA PÚBLICA/SÃO CARLOS/COLEGIAL	0,10 (0,30)	0,04 (0,19)	0,27 (0,77)	0,01 (0,11)	1,74 (1,73)	0,57 (1,14)	0,63 (0,84)
ESCOLA PÚBLICA/COLEGIAL/SÃO PAULO	0,07 (0,3)	0,04 (0,19)	0,28 (0,80)	0,06 (0,28)	1,65 (2,02)	0,35 (0,80)	0,79 (1,04)
ESCOLA PARTICULAR/COLEGIAL/SÃO PAULO	0,00 (0,00)	0,10 (0,30)	0,52 (1,20)	0,04 (0,20)	2,18 (1,85)	0,16 (0,47)	0,68 (0,91)
ADULTOS/SÃO PAULO	0,08 (0,31)	0,02 (0,13)	0,11 (0,43)	0,02 (0,15)	2,89 (2,74)	0,33 (0,99)	1,12 (1,44)
ADULTOS / SÃO CARLOS	0,09 (0,29)	0,02 (0,13)	0,46 (1,58)	0,09 (0,29)	2,28 (2,58)	0,14 (0,52)	0,84 (1,28)
KW	7,9	12,9	18,7	10,7	27,6	23,7	9,9
p-valor	0,247	0,050	**0,005**	0,097	**0,000**	**0,001**	0,127

Conforme se pode observar na Tabela 12, 13 e 14 as categorias que apresentam diferenças estatisticamente significantes, ao nível de 5%, são: Categoria 5 (KW = 17,1; p=0,009), Categoria 6 (KW = 24,2; p=0,000), Categoria 7 (KW = 28,5; p=0,000), Categoria 10 (KW = 18,7; p=0,005), Categoria 12 (KW = 27,6; p=0,000) e Categoria 13 (KW = 23,7; p=0,001). Relacionando essas diferenças significantes, por grupos, com os seus respectivos valores para média e desvio-padrão, tal como podemos observar nas Tabelas 13 e 14, nota-se que para, as situações compreendidas e definidas como categorias 1, 2, 3, 4, 8, 9, 11 e 14, não ocorreram diferenças significantes entre os grupos, ou seja, todos os grupos apresentam uma similaridade de pensamento em relação a esses atributos do conceito de amor. Há que se

evidenciar que quanto maior o valor KW, maior é a evidência que existe diferença entre os grupos. Logo, a categoria 7, com 28,5 de KM é a que mais se diferencia entre todos os grupos, por ter sido mais pensada e citada. Em segundo lugar, a categoria 12, com 27,6 de KW foi a mais pensada e citada entre todos os grupos. Em outras palavras, as respostas que compuseram posteriormente as categorias 7 e 12 foram pensadas e citadas de forma bastante diferenciada entre todos os grupos considerados.

Quando se analisa a categoria 5 (O amor como uma relação romântica entre duas pessoas), é possível afirmar que os grupos consideram diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto romântico. Podemos observar por meio do gráfico de box-plots, a seguir, que os alunos do Ensino Médio (tanto de São Paulo, como de São Carlos), tanto de escola pública ou da escola de Ensino Médio e particular recrutados para a pesquisa, assinalam frequentemente e mais do que os universitários e adultos pesquisados, respostas pertinentes à categoria 5. Por outro lado, é interessante observar que o menor número de respostas referentes a esta categoria ocorreu nos grupos de adultos. Graficamente podemos representar essa diferença estatisticamente significante na Figura 5. Há que se evidenciar que os círculos vazios correspondem às respostas desviantes (outliers)

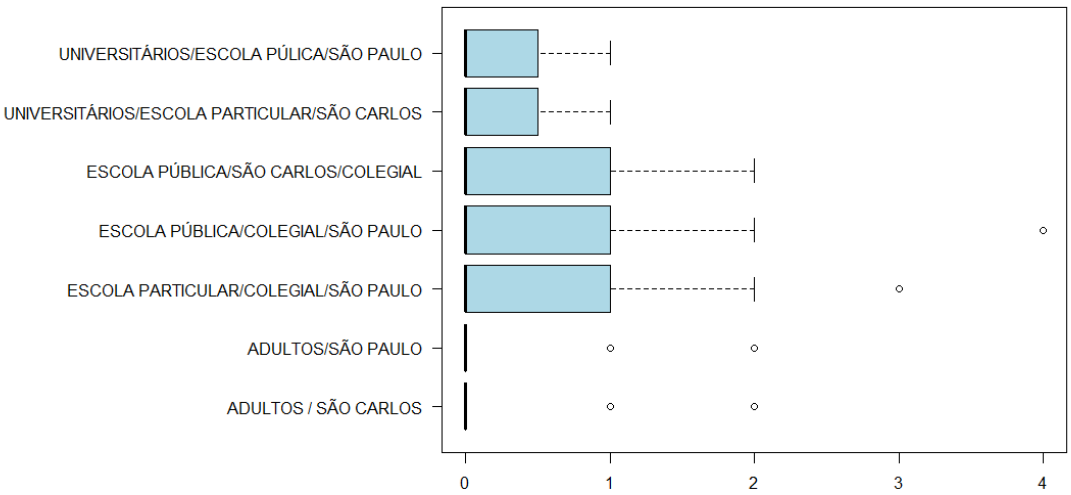

Figura 5. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT5.

No que diz respeito à Categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), pode-se observar novamente a ocorrência de um comportamento estatisticamente significante para esses grupos. Pode-se afirmar que o Grupo 6 (alunos universitários da rede privada de São Carlos) emitiram com uma maior frequência respostas relacionadas à categoria 6. Podemos também observar que os grupos 1, 3, 5, 4, 7 e 2 citam cada vez menos o estímulo amor

relacionado a esse conjunto de características. Graficamente podemos representar essa diferença estatisticamente significante na Figura 6.

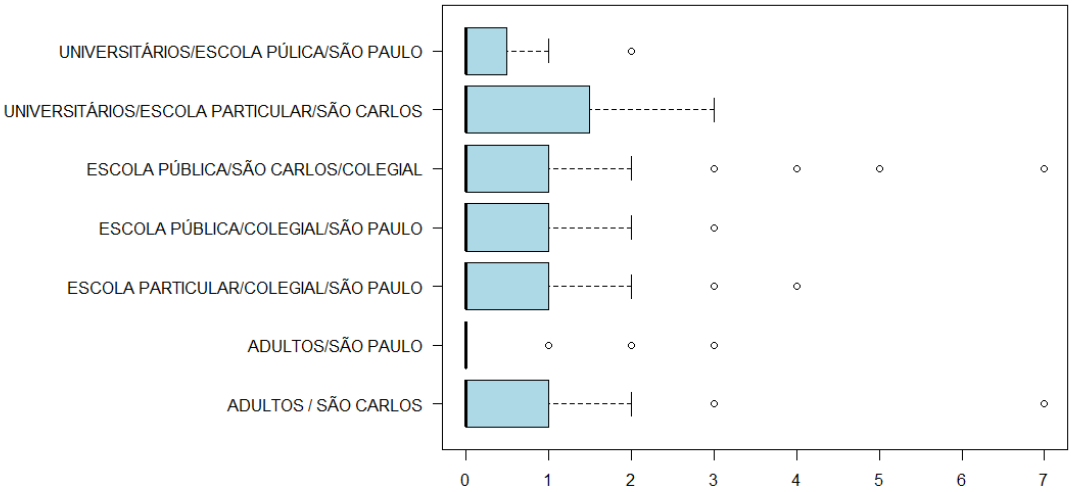

Figura 6. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT6.

Podemos observar por esses box-plots que os alunos universitários da cidade de São Carlos (Grupo 6), citam mais do que todos os universitários e adultos pesquisados, respostas pertinentes à categoria 6. Por meio dessa representação gráfica também se pode verificar que os Grupos 3, 4, 5 e 1, apresentaram respostas relacionadas com a categoria 6 um número semelhante de vezes. Note que o 'número de vezes' para as categorias é dado pelo eixo x do box-plot. Assim, os universitários/particular/São Carlos citaram, de uma forma geral, mais vezes a categoria 6.

No que diz respeito à Categoria 7 (O amor voltado para amigos), pode-se observar novamente a ocorrência de diferenças estatisticamente significantes entre os grupos. Pode-se afirmar que ambos os Grupos 3, 5 e 6 (alunos do Ensino Médio de uma escola da rede privada de São Paulo, alunos da Escola Pública colegial de São Carlos e alunos universitários da rede privada de São Carlos, respectivamente) citam com maior frequência respostas incluídas na categoria 7. Podemos observar também que os grupos 7, 1, 4 e 2 (adultos da cidade de São Paulo) citam cada vez menos o estímulo amor relacionado a esse conjunto de características. Graficamente podemos representar essas diferenças estatisticamente significantes na Figura 7.

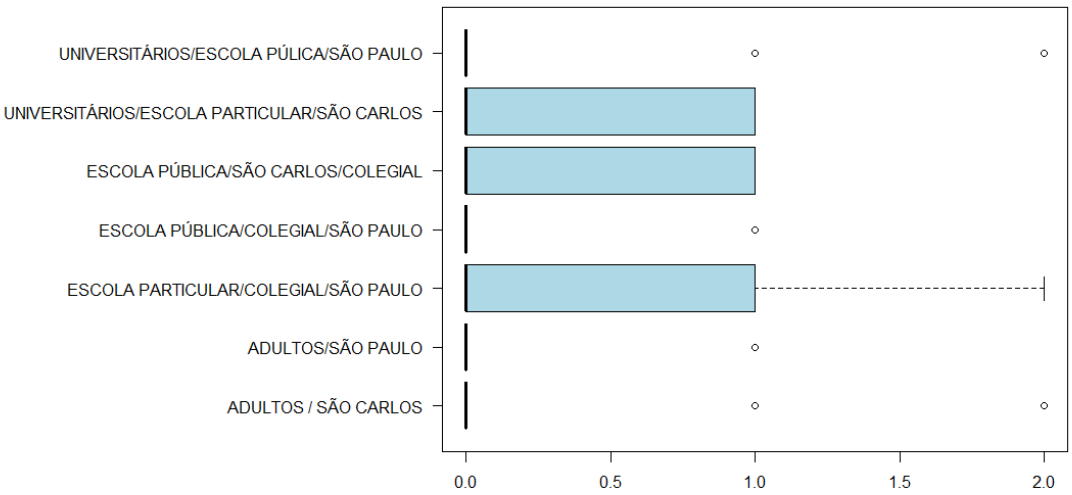

Figura 7. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT7.

Podemos observar por esses box-plots que os participantes dos grupos 6, 5 e 3, citam mais do que todos os outros grupos, respostas pertinentes à categoria 7. Por meio dessa representação gráfica também pode se assumir que os Grupos 1, 2, 4 3 7, recrutados para este estudo, não citam o amor relacionado com a categoria 6 um número similar de vezes.

No que diz respeito à Categoria 10 (O amor voltado para seres inanimados), pode-se observar novamente a ocorrência de diferenças estaticamente significantes entre os grupos. Pode-se afirmar que o Grupo 6 (alunos universitários da rede privada de São Carlos) citam com uma maior frequência, respostas relacionadas com o que se definiu para classificar as respostas que compuseram a categoria 10. Posteriormente, podemos observar que os grupos 3, 1, 4, 5, 7 e 2 citam cada vez menos o estímulo amor relacionado a esse conjunto de características. Graficamente podemos representar essa diferença na Figura 8.

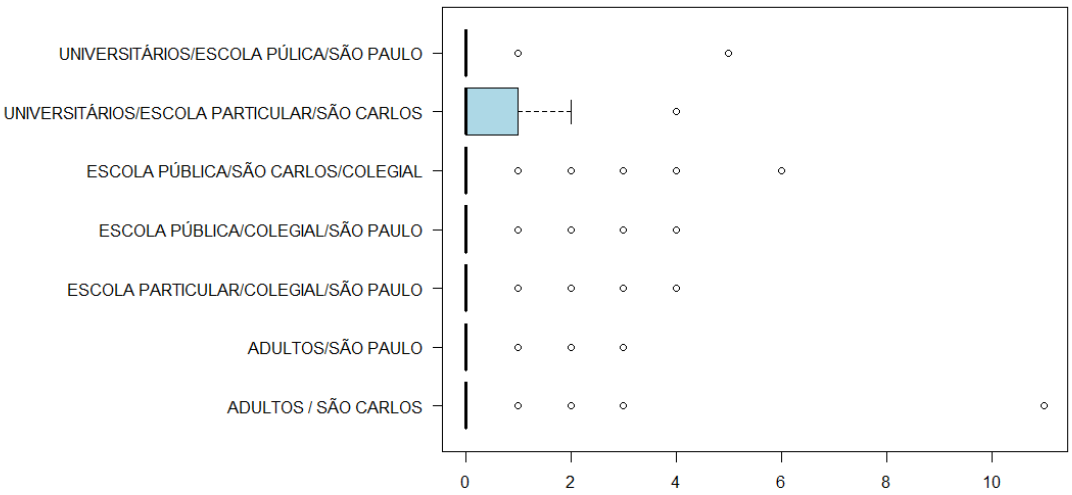

Figura 8. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT10.

Podemos observar por esses box-plots que os participantes do grupo 6, recrutados para a pesquisa, citam mais frequentemente do que todos os outros grupos respostas que foram pertinentes para a categoria 10.

No que diz respeito à Categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), pode-se observar novamente a ocorrência de diferenças estatisticamente significantes entre grupos. Pode-se afirmar que o Grupo 7 (alunos universitários da rede pública de São Paulo) citam com uma maior frequência respostas relacionadas à categoria 12. Também é possível observar que os grupos 2, 1, 6, 3, 5 e 4 citam cada vez menos o estímulo amor relacionado a esse conjunto de características. Graficamente podemos representar essa diferença estatisticamente significante tal como pode ser observado na Figura 9.

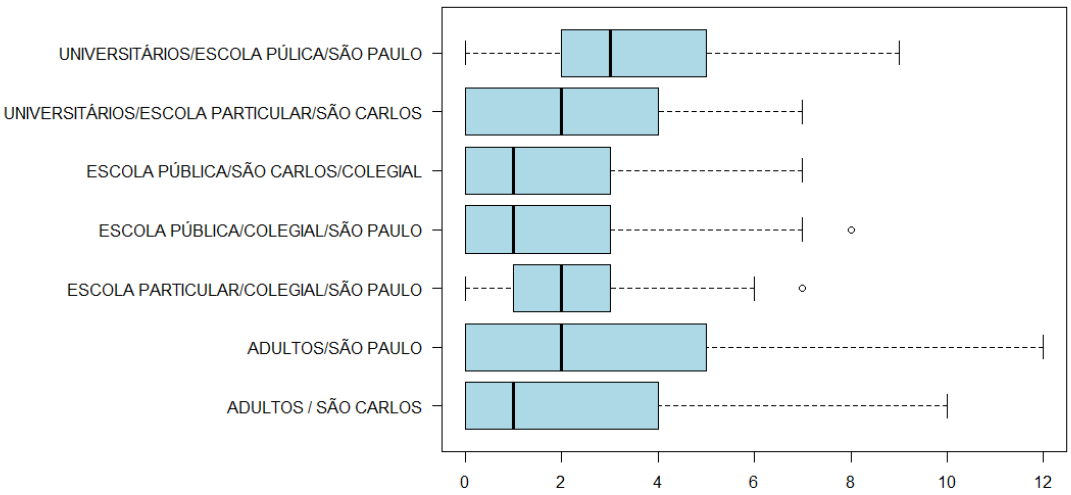

Figura 9. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT12.

Podemos observar por esses box-plots que existe grande variabilidade entre os 7 Grupos. Em suma, o grupo de universitários da escola pública de São Paulo assinalou um maior número de vezes respostas referente à categoria 12. Neste gráfico existe um pequeno indicativo descritivo em que os indivíduos de São Paulo, em comparação com os participantes de São Carlos, citaram um maior número de vezes tal categoria. Nota-se esse fato por meio da comparação da distribuição do Grupo 1 x Grupo 2, Grupo 5 x Grupo 3 e Grupo 6 x Grupo 7.

Por fim, no que diz respeito à Categoria 13 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), pode-se observar novamente a ocorrência de diferenças estatisticamente significantes entre esses grupos. Graficamente podemos representar essa diferença na Figura 10.

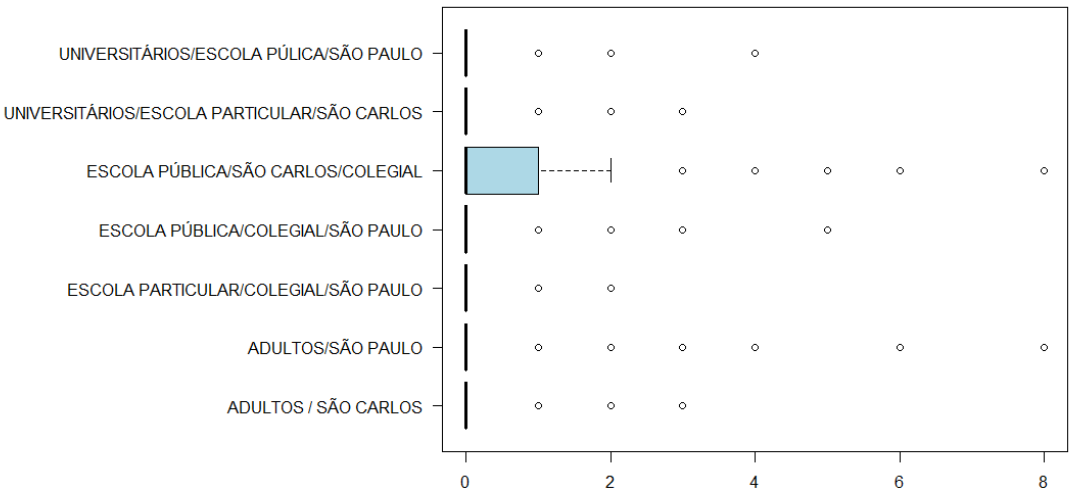

Figura 10. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT13.

Podemos observar por esses box-plots que os participantes do grupo 4, assinalam mais frequentemente do que todos os outros grupos, respostas pertinentes à categoria 13.

Também foi conduzido um teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes em função do sexo indicado dos participantes, tal como pode ser observado na Tabela 15.

Tabela 15. Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferença significante entre os sexos.

		Estatística		
Variável	**g.l**	**X^2 crítico**	**H observado**	**Sig.**
CAT1	1	3,83	3,4	0,064
CAT2	1	3,83	0,2	0,692
CAT3	1	3,83	0,3	0,557
CAT4	1	3,83	17,4	**0,000***
CAT5	1	3,83	1,8	0,180
CAT6	1	3,83	7,8	**0,005***
CAT7	1	3,83	4,8	**0,029***
CAT8	1	3,83	0,0	0,917
CAT9	1	3,83	7,1	**0,008***
CAT10	1	3,83	1,8	0,181
CAT11	1	3,83	0,2	0,635
CAT12	1	3,83	17,2	**0,000***
CAT13	1	3,83	0,4	0,521
CAT14	1	3,83	0,7	0,415

*Diferenças significantes ao nível de 5%.

Tabela 16. Média e desvio-padrão, por sexo, da contagem das categorias de amor para as categorias de 1 a 7.

SEXO	CAT1	CAT2	CAT3	CAT4	CAT5	CAT6	CAT7
Feminino	0,16 (0,46)	0,13 (0,48)	0,21 (0,60)	0,05 (0,22)	0,32 (0,59)	0,56 (1,01)	0,26 (0,45)
Masculino	0,09 (0,28)	0,10 (0,39)	0,17 (0,47)	0,18 (0,65)	0,26 (0,56)	0,35 (0,79)	0,17 (0,38)
KW	9,5	2,5	7,6	12,4	17,1	24,2	28,5
p.valor	0,064	0,692	0,558	**0,000**	0,180	**0,005**	**0,029**

Tabela 17. Média e desvio-padrão, por sexo, da contagem das categorias de amor para as categorias de 8 a 14.

SEXO	CAT8	CAT9	CAT10	CAT11	CAT12	CAT13	CAT14
Feminino	0,07 (0,28)	0,05 (0,23)	0,31 (0,97)	0,04 (0,27)	2,52 (2,43)	0,39 (0,99)	0,87 (1,21)
Masculino	0,07 (0,28)	0,01 (0,15)	0,23 (0,77)	0,04 (0,19)	1,67 (1,92)	0,33 (0,82)	0,75 (1,01)
KW	7,9	12,9	18,7	10,7	27,6	23,7	9,9
p.valor	0,917	**0,008**	0,181	0,635	**0,000**	0,521	0,415

Podem-se observar nas tabelas 15, 16 e 17 as categorias que apresentam diferenças estatisticamente significantes em função do sexo, são: Categoria 4 (KW = 12,4; p>0,000), Categoria 6 (KW = 24,2; p>0,005), Categoria 7 (KW = 28,5; p>0,029), Categoria 9 (KW = 12,9; p>0,008) e Categoria 12 (KW = 27,6; p>0,000). Relacionando essas diferenças significantes, em função do sexo dos participantes da pesquisa, com os seus respectivos valores para média e desvio-padrão, tal como podemos observar nas tabelas 15 e 16, podemos observar que para as situações compreendidas e definidas como categorias 1, 2, 3, 5, 8, 10, 11, 13 e 14, não existe diferença significante entre os grupos masculino e feminino, ou seja, os sexos indicados pensam da mesma forma no tocante aos atributos considerados. No entanto, quando se analisa a categoria 4 (O amor como algo ligado a componentes sexuais), podemos dizer que os grupos entendem diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto erotizado. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais erotizada, vai acontecer mais para os homens, quase quatro vezes mais.

No que concerne à categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), podemos dizer que as mulheres citam (e, provavelmente entendem) diferentemente e mais frequentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto familiar. E esse comportamento da amostra de atribuição de respostas vai predominar mais entre as mulheres do que entre os homens.

No que concerne à categoria 7 (O amor voltado para amigos), podemos dizer que os grupos masculino e feminino concebem diferentemente o amor ligado a esse aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, dessa forma, vai acontecer mais entre as mulheres do que entre os homens.

No que concerne à categoria 9 (O amor voltado para animais irracionais), podemos dizer que os grupos masculino e feminino citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor relacionado a esse aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, dessa forma, vai acontecer cinco vezes mais para os as mulheres do que para os homens.

No que concerne à categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), podemos dizer que os grupos apresentam diferenças no tocante a este aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, dessa forma, vai acontecer mais vezes para os as mulheres do que para os homens.

Também foi conduzido um teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferença significante em função de três faixas etárias consideradas, a saber: até 17 anos, de 18 a 30 anos e acima de 30 anos. Os resultados desse teste podem ser verificados na Tabela 18, a seguir.

Tabela 18. Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre as faixas etárias.

		Estatística		
Variável	**g.l**	**X^2 crítico**	**H observado**	**Sig.**
CAT1	2	5,99	5,5	0,063
CAT2	2	5,99	0,1	0,935
CAT3	2	5,99	0,2	0,904
CAT4	2	5,99	5,3	0,07
CAT5	2	5,99	12,5	**0,002***
CAT6	2	5,99	12,5	**0,002***
CAT7	2	5,99	8,6	**0,013***
CAT8	2	5,99	6,3	**0,043***
CAT9	2	5,99	2,5	0,293
CAT10	2	5,99	2,7	0,259
CAT11	2	5,99	1,7	0,421
CAT12	2	5,99	11,8	**0,003***
CAT13	2	5,99	5,3	0,071
CAT14	2	5,99	5,1	0,079

*Diferença significante ao nível de 5%.

Tabela 19. Média e desvio-padrão, em função da faixa etária, para as categorias de amor 1 a 7.

FAIXA ETÁRIA	CAT1	CAT2	CAT3	CAT4	CAT5	CAT6	CAT7
Até 17 anos	0,17 (0,43)	0,12 (0,52)	0,20 (0,54)	0,08 (0,27)	0,40 (0,68)	0,60 (1,02)	0,27 (0,45)
De 18 a 30 anos	0,13 (0,46)	0,11 (0,41)	0,22 (0,62)	0,15 (0,68)	0,23 (0,46)	0,44 (0,85)	0,23 (0,45)
Acima de 30 anos	0,07 (0,26)	0,10 (0,36)	0,18 (0,51)	0,04 (0,24)	0,17 (0,40)	0,34 (0,91)	0,14 (0,35)
KW	5,5	0,1	0,2	5,3	12,5	12,5	8,6
p.valor	0,063	0,936	0,904	0,07	**0,002**	**0,002**	**0,013**

Tabela 20. Média e desvio-padrão, em função da faixa etária, para as categorias de amor 8 a 14.

FAIXA ETÁRIA	CAT8	CAT9	CAT10	CAT11	CAT12	CAT13	CAT14
Até 17 anos	0,08 (0,29)	0,05 (0,22)	0,30 (0,83)	0,03 (0,19)	1,84 (1,92)	0,38 (0,82)	0,67 (0,91)
De 18 a 30 anos	0,03 (0,21)	0,05 (0,24)	0,30 (0,88)	0,06 (0,36)	2,51 (2,42)	0,37 (1,00)	1,04 (1,44)
Acima de 30 anos	0,10 (0,33)	0,02 (0,13)	0,25 (1,13)	0,04 (0,20)	2,83 (2,78)	0,32 (1,08)	0,85 (1,10)
KW	6,3	2,5	2,7	1,7	11,8	5,3	5,1
p.valor	**0,043**	0,293	0,259	0,421	**0,003**	0,071	0,079

Como se pode observar nas tabelas 18, 19 e 20, as categorias que apresentam uma diferença estatisticamente significante em função da faixa etária, são: Categoria 5 (KW = 12,5; p>0,002), Categoria 6 (KW = 12,6; p>0,002), Categoria 7 (KW = 8,6; p>0,013) e Categoria 12 (KW = 11,8; p>0,003). Relacionando essas diferenças significativas, em função do sexo indicado pelos participantes da pesquisa, com os seus respectivos valores para média e desvio-padrão, tal como podemos observar nas tabelas 19 e 20, podemos observar que para as situações compreendidas e definidas como categorias 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 13 e 14, não existe diferença significante entre os grupos, ou seja, as três faixas etárias indicadas não diferem na atribuição de atributos ao conceito de amor. No entanto, quando se analisa a categoria 5 (O amor como uma relação romântica entre duas pessoas), podemos dizer que os

grupos etários diferem quanto ao atributo aspecto romântico. E esse comportamento da amostra de atribuir ao estímulo amor atributos românticos, vai acontecer mais para as pessoas na faixa etária até 17 anos; depois menos para as pessoas na faixa etária de 18 a 30 anos, e por último, são as pessoas acima de 30 anos que citam menos respostas relacionadas com o amor romântico. Em outras palavras, conforme os dados observados, quanto à medida que a pessoa fica mais velha, ela vai descaracterizando o amor de um possível aspecto romântico.

Para a categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), os dados indicam que os grupos etários citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto familiar. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais voltada para aspectos familiares, vai acontecer mais para as pessoas na faixa etária até 17 anos; depois menos para as pessoas acima de 30 anos e, por último, são as pessoas na faixa etária de 18 a 30 anos que citam menos respostas relacionadas com o amor familiar.

Para a categoria 7 (O amor voltado para amigos), os dados indicam que os grupos etários citam diferentemente o estímulo amor ligado a aspectos relacionados à amizade. E esse comportamento da amostra de caracterizar o amor em termos de amizade, vai acontecer mais para as pessoas que na faixa etária até 17 anos; depois menos para as pessoas na faixa etária de 18 a 30 anos e, por último, são as pessoas acima de 30 anos que atribuem menos respostas relacionadas com o amor em seu possível aspecto relacionado com a amizade.

Para a categoria 8 (O amor voltado para entidades divinas e/ou sobrenaturais), os dados indicam que os grupos etários citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto familiar. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais sobrenatural, vai acontecer mais para as pessoas acima de 30 anos, posteriormente para as pessoas que possuem faixa etária até 17 anos; depois menos para as pessoas que possuem faixa etária de 18 a 30 anos, que são as pessoas que menos citam respostas relacionadas com o amor com essa possível característica a ser relacionada com o termo amor.

Para a categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), também ocorreram diferenças significantes entre os grupos. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos, vai acontecer mais para as pessoas acima de 30 anos,

posteriormente para as pessoas na faixa etária de 18 a 30 anos, e, por último, com um menor grau de citação para as pessoas na faixa etária até 17 anos. Em outras palavras, conforme os dados observados, quanto mais o tempo de vida de uma pessoa possui, maior a possibilidade de ela caracterizar o amor como uma fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos.

Também foi conduzido um teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes, em função do grau de escolaridade dos participantes, a saber: até o primeiro grau completo, primeiro grau completo, segundo grau incompleto, segundo grau completo, terceiro grau incompleto, terceiro grau completo e pós-graduação. Os resultados desse teste podem ser verificados na Tabela 21, a seguir:

Tabela 21. Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre níveis de escolaridade.

		Estatística		
Variável	**g.l**	**X^2 crítico**	**H observado**	**Sig.**
CAT1	6	12,59	5,8	0,442
CAT2	6	12,59	6,2	0,397
CAT3	6	12,59	9,9	0,128
CAT4	6	12,59	7,5	0,277
CAT5	6	12,59	14,6	**0,024***
CAT6	6	12,59	13,2	**0,041***
CAT7	6	12,59	8,1	0,228
CAT8	6	12,59	2,8	0,839
CAT9	6	12,59	2,8	0,829
CAT10	6	12,59	8,7	0,191
CAT11	6	12,59	6,6	0,357
CAT12	6	12,59	26	**0,000***
CAT13	6	12,59	13,2	**0,040***
CAT14	6	12,59	13,6	**0,034***

*Diferença significante ao nível de 5%.

Tabela 22. Média e desvio-padrão, por escolaridade, da contagem das categorias de amor 1 a 7.

ESCOL.	CAT1	CAT2	CAT3	CAT4	CAT5	CAT6	CAT7
Primeiro grau incompleto	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	1,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
Primeiro grau completo	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,50 (0,84)	0,00 (0,00)	0,17 (0,41)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
Segundo grau incompleto	0,16 (0,41)	0,11 (0,50)	0,20 (0,54)	0,12 (0,53)	0,38 (0,66)	0,55 (0,98)	0,26 (0,45)
Segundo grau completo	0,17 (0,48)	0,17 (0,38)	0,04 (0,20)	0,08 (0,28)	0,04 (0,20)	0,83 (1,17)	0,17 (0,38)
Terceiro grau incompleto	0,05 (0,22)	0,19 (0,57)	0,21 (0,52)	0,06 (0,25)	0,23 (0,46)	0,35 (0,75)	0,16 (0,37)
Terceiro grau completo	0,10 (0,31)	0,09 (0,32)	0,23 (0,68)	0,04 (0,24)	0,23 (0,46)	0,39 (0,80)	0,24 (0,47)
Pós Graduação	0,20 (0,66)	0,06 (0,31)	0,16 (0,50)	0,06 (0,31)	0,18 (0,43)	0,41 (1,15)	0,14 (0,35)
KW	5,8	6,2	9,9	7,5	14,6	13,2	8,1
p.valor	0,442	0,398	0,128	0,277	**0,024**	**0,041**	0,228

Tabela 23. Média e desvio-padrão, por escolaridade, da contagem das categorias de amor 8 a 14.

ESCOL.	CAT8	CAT9	CAT10	CAT11	CAT12	CAT13	CAT14
Primeiro grau incompleto	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
Primeiro grau completo	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	2,50 (1,38)	0,00 (0,00)	0,17 (0,41)
Segundo grau incompleto	0,07 (0,27)	0,05 (0,21)	0,31 (0,85)	0,04 (0,20)	1,77 (1,86)	0,43 (0,96)	0,70 (0,93)
Segundo grau completo	0,08 (0,28)	0,04 (0,20)	0,21 (0,66)	0,08 (0,28)	2,50 (2,60)	0,08 (0,41)	0,50 (0,88)
Terceiro grau incompleto	0,13 (0,42)	0,03 (0,18)	0,05 (0,28)	0,02 (0,13)	2,84 (3,02)	0,42 (1,05)	0,95 (1,15)
Terceiro grau completo	0,04 (0,20)	0,05 (0,26)	0,33 (0,93)	0,04 (0,38)	2,85 (2,51)	0,37 (1,01)	1,06 (1,45)
Pós-Graduação	0,08 (0,27)	0,00 (0,00)	0,43 (1,63)	0,08 (0,27)	3,14 (2,69)	0,18 (0,65)	1,20 (1,54)
KW	2,8	2,8	8,7	6,6	26,0	13,2	13,6
p.valor	0,839	0,829	0,191	0,357	**0,000**	**0,040**	**0,034**

Pelos resultados apresentados nas tabelas 21, 22 e 23, as categorias que apresentam diferenças estatisticamente significantes, em função da faixa etária, são: Categoria 5 (KW = 14,6; p>0,024), Categoria 6 (KW = 13,2 p>0,041), Categoria 12 (KW = 26; p>0,000), Categoria 13 (KW = 13,2; p>0,040) e Categoria 14 (KW = 13,6; p>0,034). Relacionando essas diferenças em função do grau de escolaridade dos participantes da pesquisa, com os seus respectivos valores para média e desvio-padrão, tal como podemos observar nas tabelas 22 e 23, podemos observar que, para as situações compreendidas e definidas como categorias 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10 e 11, não existe diferença significante entre os grupos. No entanto, quando, se analisa a categoria 5 (O amor como uma relação romântica entre duas pessoas), podemos dizer que os grupos citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto romântico. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais romântica, vai ocorrer mais frequentemente entre os que têm o segundo grau incompleto, depois menos respostas relacionadas a este aspecto vão ocorrer entre os que têm o terceiro grau completo e o terceiro grau incompleto, pois empatam em frequência de citação de respostas, em média. Posteriormente, pessoas que tem pós-graduação, e por último, citarão menos respostas que posteriormente compuseram a categoria 12 pelas pessoas que tem o primeiro grau completo, pois não houve nenhuma resposta das pessoas com o primeiro grau incompleto de instrução que citaram quaisquer respostas que foram posteriormente consideradas pertinentes para compor a categoria 12.

Para a categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), os dados indicam que os grupos citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto familiar. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais familiar, vai acontecer de ser citado mais frequentemente para as pessoas que possuem o segundo grau completo, depois menos citado pelas pessoas que possuem o segundo grau incompleto, depois será menos citado pelas pessoas que têm pós-graduação, depois será menos citado pelas pessoas que tem o terceiro grau completo, e por último, será menos citado ainda pelas pessoas que tem o terceiro grau incompleto, já que as pessoas que tem até o primeiro grau completo, não citaram quaisquer respostas relacionadas a essa categoria.

Para a categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), os dados indicam que os grupos atribuem diferentemente atributos ao estímulo amor ligados a esse aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor,

como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos, vai acontecer mais para as pessoas que possuem pós-graduação, posteriormente será menos citado pelas pessoas que possuem o terceiro grau completo, depois menos citado pelas pessoas com o terceiro grau incompleto, depois será menos citado, com a mesma frequência, tanto pelas pessoas que possuem o segundo grau completo quanto pelas pessoas que possuem o primeiro grau completo e, por último, pelas pessoas que possuem o segundo grau incompleto.

Para a categoria 13 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos), os dados indicam que os grupos citam diferentemente atributos ao estímulo amor ligados a esse aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos, vai acontecer mais para as pessoas que possuem segundo grau incompleto, posteriormente será menos citado pelas pessoas que possuem o terceiro grau incompleto, depois menos citado pelas pessoas com o terceiro grau completo, depois pelas pessoas que possuem pós-graduação e, por último, pelas pessoas que tem o segundo grau completo.

Na categoria 14 (Outras respostas), os dados indicam que os grupos citam diferentemente respostas muito específicas, particulares, idiossincráticas. Este aspecto e mais comum em que possuem pós-graduação, posteriormente será menos citado pelas pessoas que possuem o terceiro grau completo, depois pelas pessoas com o terceiro grau incompleto, por pessoas que possuem o segundo grau incompleto, pelas pessoas que possuem o segundo grau completo, e, por último, pelas pessoas que tem o primeiro grau completo.

Por fim, foi realizado o cálculo do coeficiente de correlação linear de Spearman entre as categorias de amor e a idade a fim de verificar a dependência linear entre tais categorias e idade de uma forma direta, ou seja, verificar se os indivíduos associam de forma crescente ou descrente as categorias de amor com relação ao aumento ou diminuição da idade. A Tabela 24 exibe os resultados e o nível de significância para esse conjunto de dados.

Tabela 24. Coeficiente de Correlação Linear de Spearman para verificação de tendência linear significante entre as categorias de amor e a idade.

Variável	Correlação Linear de Spearman	Sig.
CAT1	-0,10	**0,02***
CAT2	0,01	0,81
CAT3	-0,02	0,63
CAT4	-0,04	0,32
CAT5	-0,14	**0,00***
CAT6	-0,17	**0,00***
CAT7	-0,12	**0,00***
CAT8	-0,01	0,85
CAT9	-0,08	0,05
CAT10	-0,07	0,09
CAT11	0,05	0,23
CAT12	0,15	**0,00***
CAT13	-0,09	**0,03***
CAT14	0,08	0,05

*Diferenças significantes ao nível de 5%.

Em função dos resultados apresentados na Tabela 24, notamos correlações significantes, porém fracas, entre a idade e as categorias de amor 1, 5, 6, 7, 12 e 13. Nota-se que há uma correlação positiva e significante apenas com relação à categoria 12, ou seja, quanto mais velhos os indivíduos, mais eles citam aspectos posteriormente considerados abrangidos pelo que foi definido para compor a categoria 12. Do mesmo modo, quanto mais velhos os indivíduos, menos eles citam as categorias 1, 5, 6, 7 e 13.

A Figura 11 exibe os gráficos de dispersão entre a idade e as categorias de amor, sendo cada ponto do gráfico indicando um ou mais indivíduos. Neste sentido, justifica-se a fraca correlação linear entre tais variáveis, uma vez que existe um comportamento muito variável e pouco linear entre elas.

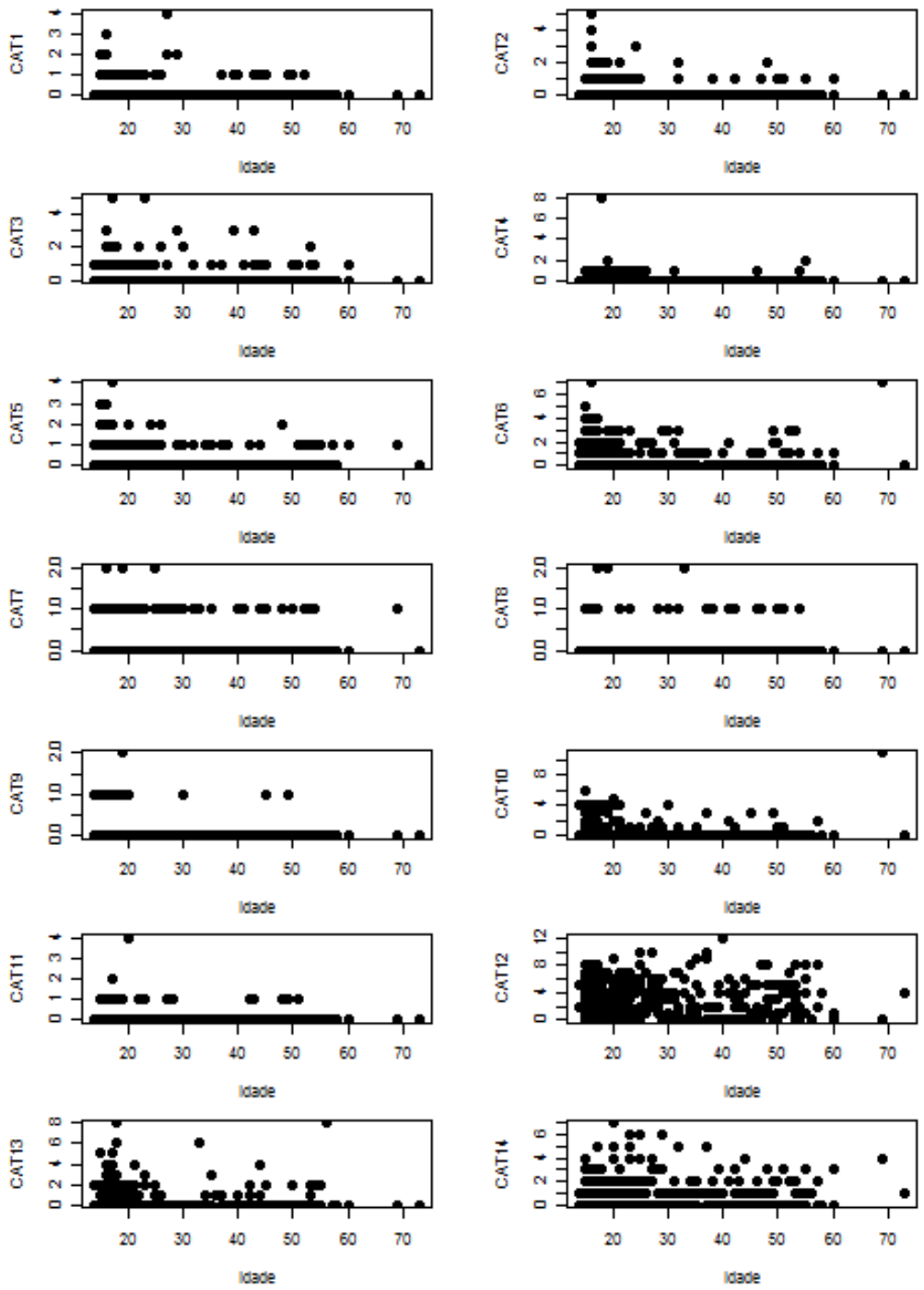

Figura 11. Gráfico de dispersão entre as Categorias de Amor e a Idade.

Tabela 25. Correlação de Spearman entre as Categorias de Amor.

	CAT1	CAT2	CAT3	CAT4	CAT5	CAT6	CAT7	CAT8	CAT9	CAT10	CAT11	CAT12	CAT13	CAT14
CAT1	r=1	-0,07	-0,05	-0,03	**0,08**	**0,15**	**0,14**	0,00	0,03	**0,17**	0,05	-0,05	**-0,09**	-0,01
	p=0	0,08	0,23	0,47	**0,04**	**0,00**	**0,00**	0,95	0,42	**0,00**	0,23	0,18	**0,02**	0,87
CAT2		1	0,06	-0,06	-0,05	**-0,13**	**-0,12**	-0,01	0,00	-0,07	-0,02	**-0,18**	**-0,13**	-0,04
		0	0,12	0,12	0,27	**0,00**	**0,00**	0,88	0,95	0,09	0,64	**0,00**	**0,00**	0,38
CAT3			1	-0,07	-0,03	**-0,14**	**-0,18**	-0,02	-0,08	**-0,13**	-0,03	**-0,11**	-0,06	-0,03
			0	0,10	0,44	**0,00**	**0,00**	0,55	0,04	**0,00**	0,50	**0,01**	0,17	0,49
CAT4				1	**0,11**	0,05	**0,09**	-0,05	0,04	0,07	-0,02	**0,09**	**0,18**	0,05
				0	**0,01**	0,23	**0,03**	0,19	0,33	0,09	0,64	**0,02**	**0,00**	0,22
CAT5					1	**0,18**	**0,11**	0,01	0,05	0,08	-0,04	**0,09**	0,03	0,07
					0	**0,00**	**0,01**	0,87	0,22	0,05	0,28	**0,02**	0,48	0,08
CAT6						1	**0,52**	**0,23**	**0,26**	**0,40**	0,03	-0,02	-0,01	-0,09
						0	**0,00**	**0,00**	**0,00**	**0,00**	0,41	0,57	0,88	0,03
CAT7							1	**0,19**	**0,23**	**0,34**	0,01	**0,15**	**0,11**	-0,08
							0	**0,00**	**0,00**	**0,00**	0,77	**0,00**	**0,01**	0,05
CAT8								1	0,01	**0,12**	0,02	-0,08	-0,06	-0,01
								0	0,73	**0,00**	0,58	0,05	0,12	0,75
CAT9									1	**0,23**	0,06	0,00	-0,04	-0,03
									0	**0,00**	0,14	0,94	0,34	0,40
CAT10										1	**0,08**	-0,04	0,01	0,05
										0	**0,04**	0,34	0,83	0,25
CAT11											1	-0,01	-0,07	0,06
											0	0,86	0,07	0,17
CAT12												1	**0,18**	-0,05
												0	**0,00**	0,22
CAT13													1	**0,12**
													0	**0,00**
CAT14														1
														0

Além disso, foi realizado o cálculo do coeficiente de correlação linear de Spearman entre as categorias de amor a fim de verificar a dependência linear entre as respostas entre tais categorias, ou seja, verificar se quando um indivíduo cita uma determinada categoria, também cita de forma crescente ou decrescente outra categoria de amor. A Tabela 25 apresenta tais resultados e, por meio dela, pode-se constatar que existe uma dependência significante e linearmente moderada maior entre as categorias de amor 6 e 7 (r=0,52), em relação a todas as outras categorias. Em outras palavras, há uma tendência de quem cita respostas que se enquadrarão na categoria 6, citar também respostas que se enquadrarão na categoria 7.

CAPÍTULO 6

DISCUSSÃO

Este trabalho buscou: (1) identificar as características mais comumente atribuídas e/ou associadas à palavra amor por sujeitos brasileiros de diferentes idades e condições sociais e (2) verificar se há diferenças estatisticamente significantes em função das variáveis sexo, faixa etária e grau de instrução. Os resultados/dados desta pesquisa sugeriram ao autor a análise e a discussão dos aspectos a seguir apresentados. Certamente fosse outro o autor deste trabalho, outros aspectos poderiam ter sido considerados e/ou enfatizados em função da história de vida e/ou fundamentação teórica do pesquisador. No presente caso, tal discussão reflete, como não poderia deixar de ser, meu percurso como teórico e pesquisador das relações amorosas e pretende contribuir, ainda que modestamente, para uma melhor compreensão do fenômeno amoroso e de seus desdobramentos para o desenvolvimento humano e interpessoal.

6.1 Contribuições da visão teórica para a análise e discussão dos dados.

Como anteriormente considerado na parte inicial deste estudo, optou-se pela a visão teórica para análise dos resultados, na medida em que o conceito, dentro dos pressupostos dessa teoria, nunca pode ser analisado isoladamente, uma vez que faz parte de uma rede de relações com outros conceitos, da qual deriva seu significado (Nunes & Lomônaco, 2008). Consequentemente, o significado de um conceito é derivado dos conceitos que a ele estão relacionados.

Primeiramente, é importante ressaltar que os resultados desse estudo confirmam outros muitos estudos realizados no Brasil e em várias partes do globo terrestre (Jankowiak, Shen, Yao, Wang, & Volsche, 2015; Mouton & Montijo, 2015; Munck & Kronenfeld, 2016; Pilishvili & Koyanongo, 2016; Fehr & Russell, 1991) que indicam que o fenômeno amoroso é um conceito

complexo, multifacetado e multidimensional. No entanto, alguns estudos (como podem ser citados Fehr & Russell, 1984; Fehr & Russell, 1991; Fehr, 1988; 1993; 1994; 1999; 2001; 2006; Regan, Kocan, & Whitlock, 1998; Shaver, Wu, & Schwartz, 1991), com objetivos semelhantes aos deste, foram conduzidos e analisados de acordo com os pressupostos da visão prototípica, visão essa que, como vimos, tem sido sujeita a um grande número de críticas em função de suas limitações, tal como considerado na fundamentação teórica deste trabalho. Não obstante tal divergência epistemológica, constata-se que categorias muito semelhantes às nossas foram encontradas por parte desses pesquisadores. Por exemplo, Fehr e Russell (1991), em *The concept of love viewed from a prototype perspective* (O conceito de amor visto de uma perspectiva prototípica), conduzem uma série de seis estudos nos quais puderam ser identificadas vinte manifestações de amor dos participantes, a saber: amor materno, amor paterno, amor entre irmãos sejam homens ou mulheres estes (no estudo original: *sibling love*), amizade, amor fraterno (no estudo original: *fraternal love*), amor romântico, amor entre irmãos homens (no estudo original: *brotherly love*), amor entre irmãs (no estudo original: *sisterly love*), amor familial (no estudo original: *familial love*), amor de afeição (no estudo original: *affection love*), amor de compromisso (no estudo original: *committed love*), amor pela humanidade, amor espiritual, amor apaixonado (no estudo original: *passionate love*), amor próprio, amor sexual, amor patriótico, amor pelo trabalho, amor pelos animais, gamação/ paixão cega (no estudo original: *infatuation*). A língua inglesa permite pormenorizar alguns termos, por exemplo, para designar um amor exclusivamente para irmãos homens, outro para irmãs, outro para irmãos e irmãs. No presente estudo optamos por considerar desnecessária tal subdivisão, até mesmo, porque em território brasileiro, no qual foi conduzida essa pesquisa, não há esta diferenciação.

Um aspecto crucial para avaliar a pertinência da visão teórica na interpretação dos resultados é verificar se ocorre ou não o fenômeno que Keil (1989) denominou de *homeostasia causal* e que é fundamental em sua perspectiva teórica. Tal termo designa um estado no qual os diferentes conceitos associados a um conceito nuclear ou central convergem num mesmo sentido, ou seja, não apresentam divergências ou oposições entre si, mas formam um sistema coerente (às vezes, denominado de "teoria"). Será que este fenômeno pode ser identificado nos resultados deste estudo?

Pensamos que sim, pois, das treze primeiras categorias consideradas (a categoria "Outras Respostas" não será incluída nesta análise específica), em 12 delas pode-se observar o fenômeno da homeostasia causal, uma vez que todas as categorias criadas apontam na direção do amor como

uma emoção positiva ainda que dirigida para diferentes e variados objetos (família, animais, flores, pessoas, Deus etc.) e com pesos diferentes (tal como representado pela porcentagem de respostas expressas pela Figura 3). Tal aspecto é particularmente notado na categoria 12, que considera o amor como uma fonte de emoções positivas.

Em outras palavras, os aspectos identificados nessas doze primeiras categorias parecem se manter em estado equilíbrio uns com os outros, sem contradições ou oposições aparentes entre os conceitos associados que constituem a rede ou sistema (ou "teoria") referente ao amor. São estas relações encontradas entre os conceitos que possibilitam a coesão do sistema, conferindo-lhe um caráter de totalidade ou globalidade. E, nesse todo coeso, mudanças em uma das partes, provocam mudanças no todo. E, uma vez que os diferentes atributos de um mesmo conceito se nos apresentam-se altamente inter-relacionados, é impossível mudar um atributo sem afetar os outros que fazem parte dessa rede conceitual (Lomônaco, Cazeiro, & Ferreira, 2006). Decorre deste aspecto que, à medida que se desenvolvem, as pessoas vão modificando seus conceitos de acordo com suas experiências amorosas, uma vez que as novas informações interagem com essa rede conceitual já formada e provoca uma ruptura no sistema, levando a sua reorganização. Ou seja, assim como apontam Lomônaco, Cazeiro e Ferreira (2006), "a rede de interconexões entre os conceitos (ou seja, a "teoria") vem a sofrer mudanças e a se transformar no decorrer de novas aprendizagens" (p. 88).

Este aspecto pode ser observado neste estudo quando comparamos falas das pessoas mais velhas e/ou com maior grau de instrução, pois, provavelmente, tais pessoas por terem tido mais experiências, estímulos ou mesmo conhecimentos instrumentais ao longo de sua vida, emitiram um maior número de associações neste ou naquele sentido. Por exemplo, enquanto pessoas mais jovens, neste estudo emitiram respostas relacionando o amor a aspectos mais românticos; pessoas de maior idade e/ou grau de instrução emitiram mais respostas relacionadas ao amor enquanto um aspecto relacionado a elementos positivos, tais como os que foram descritos na categoria 12. Então, pode-se inferir que o fenômeno dinâmico da homeostasia causal está presente na formulação do conceito de amor e é alterado por fatores como experiências novas, aprendizagens diversas do desenvolvimento humano e fatores como idade.

Um aspecto destoante dessa análise é o da categoria 13, que concebe o amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos e cuja frequência percentual foi de 7%, não muito alta, mas bastante superior ao de algumas outras categorias. Como interpretar esta aparente dissonância nos resultados?

Embora a explicação para tal aparente contradição não seja claramente evidente, é possível formular algumas hipóteses na tentativa de compreendê-la, ainda que deva estar claro que são apenas especulações fundamentadas na historiografia do amor apresentada na primeira parte deste trabalho.

Como visto anteriormente, uma das contribuições que pode ter influenciado o amor como algo próximo ao descrito na categoria 13, foram o amor cortês da Idade Média, o ultrarromantismo do século XIX ou mesmo influência do cinema americano. Elementos como a idealização e o sofrimento pelo inatingível ser amado e mesmo aspectos como dramas entre casais, sofrimento amoroso, pessimismo afetivo, negativismo interpessoal e desilusão amorosa, puderam ser encontrados nas respostas emitidas pelos participantes. Ou seja, da possível influência trovadores medievais à Hollywood, o ideário daquilo que se pode considerar negativo ou até mesmo indesejável pela maioria das pessoas, talvez seja, senão um norteador nas escolhas afetivas que as pessoas adotam na hora de selecionar um parceiro e elaborar a sua relação. Quiçá, para tais pessoas, "Sofro, logo existo" seja um princípio que venha a reger suas relações afetivo-sexuais e a forma de vivenciar essas experiências concernentes ao fenômeno amoroso, tal como já apontava o mestre medieval São Tomás de Aquino em sua *Suma Teológica*. Em outras palavras, seja pelo seu histórico de vida, seja pelos diversos acontecimentos que a pessoa pode experimentar ao longo desse decurso, dramas amorosos e pessoais podem ser considerados requisitos para um relacionamento profícuo e duradouro, pois podem ser encarados como testes que edificam relacionamentos mais fortes. Dessa forma, se considerarmos essa perspectiva, pode-se considerar que, pelo fato desses dramas amorosos serem percebidos como inerentes ao fenômeno amoroso, eles não deveriam ser considerados como inerentemente negativos. Infelizmente, sob o exercício de certo estoicismo, a educação maltrata diligentemente as paixões em lugar de enobrecê-las (Almeida, 2008).

Um exemplo ilustrativo do que foi aventado é o caso do ciúme que foi uma resposta bastante evocada por muitos respondentes deste estudo e que, aparentemente, poderia ser pensada como um aspecto negativo. Para grande parte das pessoas, como atestam os estudos de Mullen & Martin (1994), há uma relação estreita entre o amor romântico, relacionamentos amorosos e o ciúme. Mesmo para outros teóricos tais como Ferreira-Santos, 1998; Leonel, 1993; Mathes, 1991; Pittman, 1994; Salazar, Couto, Gonçalves, & Pereira, 1996 e White & Mullen, 1989, há a possibilidade de haver algum aspecto neutro, ou ainda positivo no ciúme, no sentido de ele acarretar a aproximação do casal, como uma estratégia útil para se lidar com uma situação

ameaçadora. Já para o senso comum, e, sobretudo, para a cultura brasileira, percebe-se a manutenção de um ambiente favorável às atitudes ciumentas. Isto é, os parceiros se veem na obrigação de demonstrar ciúme como prova de amor (Ferreira-Santos, 1998). De fato, principalmente no contexto brasileiro, muitas pessoas que são alvas do ciúme do (a) parceiro (a), dependendo do grau e de acordo com seus históricos de vida, sentem-se lisonjeados em granjear este tipo de atenção para elas mesmas (Almeida, Rodrigues, & Silva; Almeida & Lourenço, 2011; Almeida, 2012; Almeida & Vanni, 2013). Ou seja, em contexto brasileiro, as atitudes de ciúme são benquistas pelas pessoas, servem de termômetro do relacionamento. Enfim, se a resposta ciúme puder ser assim relativizada, talvez outras respostas também possam, reduzindo assim a frequência de alocação de alguns termos que, por, possivelmente, serem redistribuídos para a categoria 1 e redistribuindo-os para a categoria 14, eliminando-se ou, pelo menos, reduzindo bastante o percentual de respostas atribuídas à categoria 13.

6.2 Entendimentos do amor relacionados ao sexo dos participantes.

De acordo com muitos teóricos a sociedade contemporânea fundamentada em características de liquidez afetiva (Bauman, 2009), caracteriza os relacionamentos afetivo-sexuais embasados em uma visão epicurista do amor associado ao prazer (não necessariamente sensível e sexual) (Del Priore, 2006). Os dados desse estudo evidenciam essa relação, mas não de uma maneira tão forte como apontam as premissas teóricas e talvez mais especulativas. De fato, esta pesquisa aponta: (1) que existe uma correlação baixa, mas significante quando as mulheres citam aspectos românticos (tais como os descritos pela categoria 5); (2) que os homens citam o amor relacionado mais a elementos sexuais (tais como os descritos pela categoria 4); (3) que existe uma correlação baixa, mas significante quando as pessoas citam aspectos românticos (tais como os descritos pela categoria 5) e aspectos sexuais (tais como os descritos pela categoria 4) relacionados ao estímulo amor a aspectos hedonísticos; (5) que mulheres evidenciam mais em suas falas características positivas do estímulo amor (tais como as descritas pela categoria 4) do que os homens.

Sob uma perspectiva evolutiva, Buss (1988) propôs que o amor funcionalmente foi um comportamento selecionado para: (1) atrair um companheiro, (2) reter esse companheiro, (3) reproduzir com o companheiro, e (4) investir parentalmente na descendência resultante e, por isso, homens e mulheres apresentam algumas diferenças. No entanto, como se pode intuir, homens e

mulheres apresentam diferenças comportamentais que vão além de mecanismos evolutivos de reprodução e da manutenção da espécie; que não podem ser explicadas apenas pelas origens sociais e culturais (Berry, Poortinga, Segall, & Dasen, 1992). Essas características também são um produto de diferenças biológicas (Hatfield & Rapson, 2002; Sprecher & Toro-Morn, 2002; Santos-Iglesias, Calvillo & Sierra, 2013) e psicológicas (Almeida & Madeira, 2014; Dosch, Rochat, Ghisletta, Favez, & der Linden, 2015), que atuam como agentes de diferentes configurações de relacionamento romântico e na forma de se conceber o amor em suas mais diversas representações.

Como se pode observar neste estudo, homens são mais propensos a relacionar amor com sexo do que as mulheres e as mulheres associam mais frequentemente o amor a romance e a elementos a ele pertinentes. Este apontamento coaduna com um grande aporte teórico que indica que, em termos de interesse sexual, os homens parecem estar mais interessados nos aspectos sexuais e associam o estímulo amor, mais frequentemente do que as mulheres, a elementos eróticos ou genitais, tais como os abrangidos pela a categoria 4 desse estudo, pensando mais frequentemente no tópico e relatando um maior número de fantasias sexuais (Baumeister, Catanese, & Vohs 2001; Beck, Bozman, & Qualtrough, 1991; Carvalho, & Nobre, 2011 a e b; Hendrick, Hendrick, Foote, & Slapion-Foote, 1984; Janssen, 2011; Murray, 2014; Sierra, Perla, & Santos-Iglesias, 2011; Sierra et. al., 2014).

Em compensação quando o assunto é família, as mulheres parecem se importar mais com essa referência e com os conteúdos a ela relacionados (por exemplo, animais irracionais) como se pode observar nesse estudo. Geralmente, as mulheres são mais propensas a pensar no amor associado ao comprometimento emocional, à experiência de ser desejada pelo o parceiro e aos componentes de segurança que este possa lhe transmitir (Buss, 1989; 2000; 2003; Cimbalo & Novell, 1993; Meana, 2010; Murray, 2014; Murray & Milhausen, 2012 a e b), enquanto os homens estão mais acostumados a desempenhar papéis de nutrir e ser responsáveis pela família financeiramente. Logo, nossos resultados confirmam esses estudos que evidenciam um maior interesse do sexo feminino com questões como família e relacionar o amor aos mais variados elementos que evoquem este estímulo. Em outras palavras, homens e mulheres valorizam diferentes aspectos da família, mas os homens passam a se preocupar mais com essa questão quando já fazem parte de uma unidade familiar. Este dado confere com a literatura (*e.g.* Matos,

2008) que evidencia a grande importância que as mulheres atribuem a suportes mais estáveis como o que as relações familiares podem proporcionar.

É sabido por muitos estudos (como podem ser citados: Gilman et al., 2008; Souza & Duarte, 2013; Souza & Hutz, 2008, 2012) que se relacionar com o ser amado e com amigos são o principal indicador de bem-estar na vida de alguém. No que diz respeito às amizades, diferentemente do que se toma como certo pelo senso comum, as mulheres parecem lembrar mais da amizade enquanto uma possível manifestação do amor do que os homens. Em outras palavras, as amizades são importantes, mas especialmente para as mulheres. Estudos como os de Fehr & Broughton (2001), Warde e Tampubolon (2002) e Hendrick & Hendrick (2005) dão suporte a tal constatação e vão além, ao apontarem que as mulheres valorizam mais as amizades do que os homens. A amizade entre as mulheres parece ser fundamentalmente diferente da amizade entre homens. Estudos (como os conduzidos por Mendelson & Aboud, 2003; Souza & Hutz, 2007 b) sugerem que as amizades entre mulheres são de melhor qualidade do que entre homens, mais íntimas, próximas e divertidas, envolvendo maior satisfação e trocas afetivas. Complementarmente a essa discussão, Dunbar (http://library.fora.tv/2010/02/18/Robin_Dunbar_How_Many_Friends_Does_One_Person_Need) aponta que as mulheres têm relacionamentos muito mais intensos, assemelhando-se a relações românticas.

Há de se ressaltar que neste estudo foi observada uma correlação moderada (0,52) e significante (p>0,000) entre as categorias 5 e 6, o que é coerente com esses apontamentos teóricos anteriores, pelo o fato de, provavelmente, os participantes dessa pesquisa considerarem família e amigos, respectivamente, seu entorno mais próximo que pode produzir validação, apoio e suporte social. Esses dados resgatam e confirmam a importância do Modelo do Comboio Social. Segundo a teoria do comboio social (Kahan & Antonucci, 1980), as pessoas passam pela vida cercadas por comboios sociais: relacionamentos sociais dentre os quais círculos de amigos próximos e de familiares com os quais elas podem contar para auxílio, proteção, socialização, apoio emocional, instrumental, para bem-estar e para apoio social e as quais elas, por sua vez, também oferecem assistência, interesse e ajuda. Essas pessoas são significativas e importantes para a saúde psicológica dos indivíduos.

No que diz respeito ao pensamento laico de as mulheres associarem e, talvez, cultivarem uma visão mais romântica do amor, os resultados deste estudo se contrapõem a vários estudos (como Hendrick & Hendrick, 1997; Spreacher & Metts, 1989; Weaver & Ganong, 2004) que apontam intuitivamente que mulheres são mais emocionais e, portanto, fazem frequentemente uma quantidade de associações maiores do que os homens entre amor e romance. Esses estudos indicam que os homens têm uma visão até mais romântica do amor do que as mulheres. Em uma medida chamada de “escala de crenças românticas”, que pede para pessoas avaliarem o quanto elas concordam com declarações como: "Só haverá um amor verdadeiro por mim" e "Se eu amo alguém, eu sei como fazer a relação dar certo”, o sexo masculino apresentou uma maior pontuação. Além disso, homens também seriam mais propensos do que as mulheres a acreditar na noção romântica de amor à primeira vista.

Para dar sentido a essas diferenças de gênero aparentemente contra intuitivas, os autores que defendem a posição de as mulheres associarem mais romanticamente o amor a romance, recorrem à psicologia evolutiva. Os autores se fundamentam na premissa de que as mulheres tendem a ser mais pragmáticas quando procuram um companheiro (Harrison & Shortall, 2011). Em outras palavras, os homens são mais propensos a sentir que o amor deve desenvolver-se lentamente e serem cautelosos antes de promoverem um vínculo afetivo sexual em um relacionamento a médio ou a longo prazo - uma atitude menos romântica. De acordo com a teoria evolutiva elaborada por David Buss, dentre outros expoentes, as mulheres devem ser mais seletivas ao escolher companheiros porque, por necessidade biológica, elas devem investir mais em se tratando dos cuidados oferecidos pela sua maternagem. Autores como Buss, & Schmitt (1993) mostram que, como os homens têm pelo menos o potencial biológico de ter muitos, muitos mais filhos do que mulheres, uma vez que as mulheres devem passar nove meses gestando e os homens só precisam dedicar alguns minutos do seu tempo e ejacularem para se tornarem pais, o que significa que uma abordagem mais cautelosa e menos romântica do amor é mais adaptável para as mulheres do que para os homens - e que as mulheres em nosso passado ancestral que tomaram a abordagem cuidadosa ao amor foram mais bem-sucedidas em passar ao longo do tempo seus genes e, portanto, essas tendências vieram a se constituir em um legado comportamental para as gerações futuras (Rubin, Peplau, & Hill, 1981).

6.3 Entendimentos do amor no decorrer do desenvolvimento humano e a questão da idade dos participantes.

No que tange as mais variadas manifestações que este conceito pode assumir encontramos o amor romântico, que seria aquele que se estabelece por suas necessidades afiliativas e de dependência, paixão, idealização, absorção e exclusividade entre duas pessoas em um vínculo geralmente estável (Branden, 1988; Driscoll et al, 1972). Ademais, Branden (1988) evidencia algumas necessidades implicadas na relação amorosa, dentre elas a de companhia humana, alguém para compartilhar valores, sentimentos, interesses e objetivos, bem como de suporte emocional, tendo alguém devotado ao bem-estar, um aliado face aos desafios da vida, e a de autoconsciência e autodescoberta, obtidas mediante o processo de intimidade e confrontação com outro ser humano.

Os resultados obtidos nesse estudo confirmam a teoria que as pessoas consideram que o amor é um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos relacionados muitas vezes à felicidade do ser humano, conforme apontam cientificamente Almeida & Mayor (2006). Como pudemos observar, em todos os grupos etários pesquisados, a categoria 12 apresentou uma frequência de apontamentos maior do que todas as outras, o que condiz com a teoria de que, amar alguém, em primeira análise, significa reconhecer uma pessoa como fonte real ou potencial para a própria felicidade (Ingenieros, 1910/1968; Simmel, 1993). De fato, o amor constitui um elo, não necessariamente relacionado à satisfação e/ou a gratificação pessoal, mas sim às situações, pessoas, objetos, que têm importância para as pessoas que nos cercam.

Maturana (1998) atesta que o amor passa a ser uma das maiores fontes de socialização do ser humano, contribuindo para o desenvolvimento humano visto que inclui as relações de proximidade, cooperação, respeito e colaboração, logo, podemos dizer que é um dos fundamentos mais importantes para o homem. Ainda, de acordo com Maturana (1998), é o modo de vida hominídeo o que tornou possível a linguagem, e foi o amor, como a emoção que constituiu o espaço de ações em que se estabeleceu o modo de viver hominídeo, a emoção central na história evolutiva que deu origem a espécie. Outros autores como Braz (2006) são categóricos ao afirmar que “sem amor os seres humanos não formariam vínculos. Sem vínculos não formariam os sistemas sociais, sem estes não haveria socialização genuína dos seres humanos e, por fim, a evolução estaria comprometida” (sem página, online). Esse vínculo incomparável e singular (que

também recebe a denominação amor) participou ativamente do surgimento da pessoa humana como criatura psicológica e social, segundo Morin (1969) e May (1973).

Como se pode observar nesse estudo, verificou-se uma homogeneidade nas respostas, o que sinaliza um processo cognitivo e analítico parecido em alguns grupos diante do estímulo amor. Por exemplo, pode-se observar que com o passar do tempo as pessoas abandonam referencias românticos anteriores, tal como definido e delimitado pela categoria 5, para conceituar e compreender esse fenômeno como algo descrito e delimitado pela categoria 12. O que se pode constatar quando se observa mais atentamente a existência de uma correlação positiva e significante apenas com relação à categoria 12, enquanto, categorias como a 5, com o passar da idade são menos citadas. Em outras palavras, as pessoas que anteriormente possuíam uma compreensão conceitual e um sistema de referência amoroso predominantemente romântico, passam a encarar o amor, com o passar do tempo com novos critérios e considerá-lo, uma fonte de emoções positivas, não necessariamente românticas. Com o passar do tempo, das interações afetivas e, porque também não dizer das decepções que as pessoas terão ao longo de seu ciclo vital, sua concepção sobre amor e relacionamento amoroso, também diferirá. É mais provável então que uma pessoa com mais de 30 anos se preocupe mais com aspectos funcionais do relacionamento como arranjar um namorado, noivo, marido ou mulher para se casar, nutrindo ou não sentimentos como a paixão que estão relacionados ao romance, comparando-se com grupos de faixa etária menor que 30 anos, para os quais o amor e a paixão são elementos imprescindíveis para o relacionamento ocorrer. Em outras palavras, muitas são as motivações que encaminham uma pessoa a ter um relacionamento de longo prazo, como um matrimônio ou um morar juntos, para além das questões defendidas e descritas por um crivo romantizado, tais como os referenciais que serviam de baluarte para o trovadorismo medieval ou mesmo o movimento literário romântico.

Este estudo também verificou que as pessoas fazem mais associações entre o estímulo amor e elementos religiosos na primeira e na terceira faixa etárias estudadas. Sendo que menores são as associações produzidas pelos respondentes de 18 a 30 anos, que, talvez, estejam centrando-se, ainda que temporariamente, em algumas outras tarefas e atividades do desenvolvimento humano.

Há de se presumir que a amizade venha a diferir conforme a etapa do desenvolvimento humano em que nos encontramos. Nas fases primeiras da vida, a pessoa não tinha restrições para

sua interação com os amigos. Paulatinamente, com o passar do tempo e das relações interpessoais que essa venha a consolidar cada pessoa vai se tornando mais criteriosa com aqueles os quais quer conviver (Borsa, 2013). Dessa forma, pode-se assumir que, em média, a quantidade de amigos diminui com a entrada na idade adulta e o envolvimento em romance estável, casamento, surgimento de filhos e dedicação ao trabalho (Carbery & Buhrmester, 1998). Autores contemporâneos como Laura L. Carstensen desenvolveram uma teoria para explicar esse efeito. Essa teoria é conhecida como Teoria da Seletividade socioemocional.

De acordo com a teoria da seletividade socioemocional, as pessoas tendem a diminuir sua rede de relações sociais e seu envolvimento social, mas a qualidade das relações e do engajamento é mantida por meio de um processo de seleção. Os fundamentos dessa teoria foram propostos por Carstensen (1991), para explicar o afastamento social, o declínio nas interações sociais e o declínio na intensidade e na variedade das respostas emocionais dos idosos, cujas teorias clássicas da atividade (Havighurst & Albrecht, 1953) e do afastamento (Cummings & Henry, 1961) apontavam como consequências naturais do envelhecimento. Assim, de acordo com os pressupostos dessa teoria, os adultos e, sobretudo, os idosos investiriam em relações significativas, que envolvem proximidade afetiva, descartando aquelas que lhes são perturbadoras ou que lhes exige recursos emocionais adicionais (Carstensen & Turk-Charles, 1994). Tendem a escolher atividades nas quais se sentem mais competentes, menos ameaçados, mais parecidos com seus pares etários, ou cujo desempenho favoreça a autoestima e a auto eficácia. Tendem a abandonar atividades sociais que lhes oferecem menos possibilidades de desembocar nesses desfechos. No processo de seletividade socioemocional, os idosos tendem a relacionar-se com pessoas que lhe ofereçam conforto emocional ao invés de investir na busca de informações e no status social. Como vimos nesta pesquisa, embora o número de participantes idosos não tenha sido expressivo, pode-se observar que com o passar da idade as pessoas vão tendo algumas tendências, como por exemplo, valorizar mais as amizades, quando abaixo dos 17 anos, do que aqueles que estão acima dos 30 anos. Em suma, nossos resultados confirmam o que a teoria da sócio seletividade aponta em seus pressupostos.

6.4 Entendimentos do amor no decorrer do tempo e a questão do grau de instrução dos participantes

Para além do fator idade, que está relacionado a um maior número de experiências vividas, sejam elas positivas ou negativas, o grau de escolaridade de uma pessoa também influencia a nossa forma de conceituar vários fenômenos a nossa volta. Embora não se possa estabelecer uma correlação entre grau de instrução e idade, pode-se presumir que, dadas às exigências da sociedade contemporânea, nos locais onde os participantes foram recrutados para este estudo e a competitividade na alocação de pessoas cada vez mais especializadas nos diversos setores e cargos da sociedade, que exista alguma relação entre idade e grau de instrução. No caso, costumeiramente pensa-se que quanto maior for a idade, provavelmente maior será o seu grau de instrução. E quanto maior for o grau de instrução, maior serão possivelmente as associações realizadas pelas pessoas para os diversos conceitos que possuem. Ainda assim, verdade é que independentemente do grau e da qualidade da escolarização, as pessoas formulam conceitos, a partir de sua experiência cotidiana. Partindo-se desses pressupostos, pode-se aventar que o conceito de amor é um fenômeno que pode ser influenciado pelo fator escolaridade.

De fato, pode-se observar neste estudo que diversas associações significantes foram feitas de acordo com que o grau de instrução que as pessoas declararam possuir. Por exemplo, pode-se observar pelos resultados obtidos que pessoas que estão cursando o segundo grau incompleto adotam concepções românticas e as verbalizem, em média, frequentemente mais do que as pessoas com escolaridades maiores, que provavelmente se encontram em uma faixa etária superior à que elas se encontram.

Outra questão importante levantada pela literatura que tematiza as idiossincrasias encontradas nas relações românticas é a proposta por Aloni & Bernieri (2004). Os autores levantaram a hipótese de que pode haver diferenças na constituição de esquemas formulados sobre o amor de acordo com diferentes modalidades de relação romântica. Por essa perspectiva, a experiência individual e o conhecimento do objeto de interesse influenciam as representações cognitivas das pessoas. Apesar da falta de consenso na literatura, os autores afirmam que as pessoas mais velhas, geralmente são mais experientes em relação ao amor e desenvolvem esquemas cognitivos mais ricos sobre o fenômeno. Pode-se observar no nosso estudo que, em geral, as pessoas das faixas etárias mais altas são aquelas que expressam um maior número de citações idiossincráticas (tais como as descritas e abarcadas pela categoria 14) sobre o amor em

relação a faixas etárias mais jovens. Paralelamente a essa observação também se pode observar que pessoas com um grau de instrução maior, como ter uma pós-graduação, significantemente consideram o amor como um aspecto tipicamente positivo (tal como descrito e abarcado pela categoria 12).

6.5 Propinquidade.

De acordo com a maior parte de estudiosos dessa área, são apreciadas e valorizadas mais aquelas pessoas que vivem ou moram perto de nós. A esse efeito dá-se o nome de propinquidade que faz referência à proximidade física ou psicológica entre pessoas. Propinquidade pode significar proximidade física, parentesco entre pessoas ou semelhança de natureza entre as coisas. Preferiu-se usar o termo propinquidade no referente estudo, por serem muitas formas de interação possíveis na atualidade, inclusive as virtuais, as quais não se atêm a espaços físicos ou geográficos. Embora, esse estudo não tenha se proposto a analisar esse fenômeno, pode-se detectá-lo inferencialmente, como se mostrará mais à frente. Levando-se em consideração que a questão da propinquidade não foi um dos objetivos dessa pesquisa, mas foi identificada, considera-se então oportuna, uma introdução, ainda que sumária desse fenômeno.

Desde o final da década de 50 do século passado, estudos como os de Festinger, Schachter & Back (1959) e de Zajonc (1968), demonstraram que, quanto maior a exposição e a interação com determinado estímulo, maior a probabilidade de se vincular a ele e melhor é a qualidade dessa interação. Enquanto Zajonc realizou seu experimento utilizando caracteres chineses e também retratos de pessoas, apresentando estes estímulos às pessoas por 10, 20 e 25 vezes, Rodrigues e Boschi (1971, citados por Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2002) replicaram o experimento de Zajonc com participantes brasileiros e acrescentaram duas outras intensidades de frequência 40 e 60 vezes. Os resultados confirmam os de Zajonc para as frequências de até 25 vezes. Embora seja inadequado generalizar estes dados para a situação interpessoal, percebe-se, entretanto que, pelo menos, o início das amizades pode ser facilitado pela frequência de contatos puramente visuais (tal como nos experimentos anteriormente citados). Daí em diante, o fenômeno da propinquidade adquire características próprias e diversas do que foi considerado nos experimentos citados.

Desta forma, em geral, gosta-se mais das pessoas que estão próximas umas das outras porque interagem mais frequentemente entre si. Nossos resultados validam essas observações tais

como os estudos conduzidos por Fischer e Shavit (1995), ou mesmo, ou de Granovetter (1983) que amigos próximos tendem a ter mais ligações uns com os outros do que amigos mais distantes.

Uma simples e mera exposição, ou seja, quanto mais se vê uma pessoa, mesmo que não fale com ela, mais se gosta dela. Este é um efeito muito poderoso, e, se assim não fosse, não seria tão largamente utilizado pelos publicitários. Fica claro que a mera exposição funciona desde que não se tenha uma atitude negativa face àquela pessoa e, mesmo assim, há exceções. A convivência rotineira com algumas pessoas pode gerar mais atrito e desinteligências, do que o seu oposto (Almeida, 2004). Ainda assim, ao que tudo indica, a geografia parece influenciar fortemente as histórias de amor e as relações de amizade. Os dados dessa pesquisa corroboram esses estudos acerca de propinquidade quando, por exemplo, apontam uma correlação significantemente moderada entre as citações de palavras e termos que foram posteriormente categorizados como associados com os conteúdos amigos e família, quando os participantes dessa pesquisa foram solicitados a lembrarem de palavras relacionadas ao amor.

Para explicar esse efeito da propinquidade, Rodrigues, Assmar e Jablonski (2002) realizam um levantamento científico de hipóteses acerca desse fenômeno, a saber:

– *Conveniência*: levando-se em consideração que o ser humano comporta-se inerentemente por um princípio econômico de energia (lei do mínimo esforço) é muito mais cômodo envidar esforços para a manutenção de contatos com alguém que está próximo. Dessa forma, os custos envolvidos na superação do problema da distância física entre pessoas que se gostam desaparecem na situação de proximidade, tornando a relação interpessoal mais gratificante;

– *Familiaridade:* o fato de encontrar-se com uma pessoa frequentemente conduz a uma procura, ao menos, de relações amistosas com a mesma, principalmente devido à convivência entre as mesmas. Duas pessoas que moram no mesmo andar de um prédio, por exemplo, têm uma maior propinquidade que aquelas vivendo em andares diferentes, tal como duas pessoas com convicções políticas possuem uma propinquidade maior que aquelas cujas convicções podem diferir grandemente;

– *Diminuição da ansiedade perante o desconhecido:* presumivelmente, o ser humano possui mecanismos de prevenção contra o novo, o diferente, o fora do comum. Assim, o contato repetido reduz as ansiedades e demais desconfortos. A proximidade também significa que as pessoas que se gostam podem frequentar-se amiúde e acumular experiências satisfatórias que reforçam o próprio contato e consequentemente o relacionamento.

– *Oportunidade de maior conhecimento mútuo, resultando em uma maior capacidade de predição do comportamento:* essa característica beneficia o desenvolvimento do ser humano no que diz respeito à integração entre si e o entorno no qual se encontra inserido por favorecer a aquisição de informações que subsidiam a predição do comportamento futuro, promovendo vínculos de confiança (por meio do histórico de relações), intimidade, cooperatividade, adesão interpessoal e socialização, reafirmando a estabilidade do grupo. Decorrente desse aspecto pode-se observar uma maior probabilidade de se atribuir mais características positivas e julgar as ações do entorno próximo como mais favoráveis;

– *Simples familiaridade, decorrente da frequência dos encontros:* desde o início estudos de Zajonc (1968), bem como o de Rodrigues e Boschi (1971, citados por Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2002) mostraram que as pessoas tendem a desenvolver sentimentos mais positivos em relação a objetos que lhes são apresentados mais vezes. Os dados do presente estudo também fortalecem esse conhecimento. Considerando o porte das cidades sede da coleta (São Paulo – grande porte) e (São Carlos – médio porte), podem-se aventar, com alguma segurança, diferenças nas oportunidades de convivência entre as pessoas destas cidades. Talvez por isso, pessoas de uma cidade de médio porte como São Carlos, citem mais vezes do que pessoas de São Paulo palavras relacionadas à família como sinalizam nossos resultados.

A título de informação para o leitor, São Carlos é um município brasileiro localizado no interior do estado de São Paulo, na região Centro-Leste, e a uma distância rodoviária de 230 quilômetros da capital paulista. Com uma população recenseada (em 2010) em 221.950 habitantes, distribuídos em uma área de unidade territorial, em 2015, de 1.136,907 km², de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Diferentemente da cidade São Carlos a cidade de São Paulo (situada dentro do estado de São Paulo) é um município brasileiro, capital do estado de São Paulo e principal centro financeiro, corporativo e mercantil da América do Sul.Com uma população recenseada (em 2010) em 11.253.503 habitantes, distribuídos em uma área de unidade territorial, em 2015, de 1.521,110 km², de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo o nono maior em extensão territorial. De toda a área do município, 968,3248 km² são de áreas urbanas, sendo a maior área urbana do país.

6.6 Considerações finais

O amor é não é um fenômeno simples. Ao longo da história humana ele tem sido entendido e definido de múltiplas maneiras. O que as pessoas acreditam que o amor é? Quais são seus atributos e características? Que tipos ou exemplos do amor melhor o representam? Apesar de sua evidente importância e onipresença em nossa vida, o termo amor é frequentemente utilizado de forma indiscriminada pelas pessoas, levando a variadas e diferentes concepções do que ele seja. Logo, pesquisar a respeito da temática amorosa nos impele a um reposicionamento ante esse fenômeno conhecido desde a nossa mais tenra idade, com o qual crescemos e, por vezes, vivenciamos diariamente, mas não refletimos suficientemente sobre o seu real significado. Há que se evidenciar que, pesquisar, discorrer ou falar de amor é uma façanha árdua. Corre-se o risco de cair na banalidade, na ambiguidade, no espiritualismo ou até mesmo no sentimentalismo. E como poderia haver uma afirmação veemente de validade universal no que diz respeito ao amor, levando-se em consideração a pluralidade de idiossincrasias (muitas delas provavelmente contaminadas pelo etnocentrismo), que tentam estabelecer uma primazia na definição do que o amor realmente é. Também é fato que as concepções de amor certamente evoluíram e continuam a evoluir ao longo do tempo em função do contexto histórico no qual está inserido. Neste sentido, acreditamos que os achados deste estudo podem ajudar a obter uma melhor compreensão do amor enquanto um fenômeno psicológico, na medida em que dados empíricos mais objetivos puderam ser coletados nesta área em que reina o subjetivismo.

Como se pode constatar nesse estudo, o amor é um fenômeno plural e multidimensional que inclui as mais variadas expressões e que se modifica ao longo do tempo em função de fatores tais como sexo, idade e nível de instrução, considerados neste estudo. Consequentemente, o amor pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes em diferentes culturas e momentos históricos. Embora outros estudos no passado tenham se proposto a definir o amor e a descrevê-lo de acordo com critérios próprios, este trabalho, de forma original, procurou não partir de definições apriorísticas, considerando toda a expressão de amor possível e não hegemônica sobre as demais, tal como propõe Lee (1988) dentre outros. Um estudo como este que contou com uma amostra de 600 sujeitos, identificou 14 categorias, analisou sete grupos e mais de três mil respostas, é singular tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos.

Todavia, ainda que este estudo tenha propiciado muitos dados e achados a respeito do tema, há que se evidenciar que seus resultados, embora obtidos de uma amostra significativa de

sujeitos, não podem ser automaticamente generalizados para outros grupos e amostras, uma vez que se refere a apenas duas cidades brasileiras e não foi possível, por razões práticas, principalmente de ordem econômica, constituir uma amostra representativa do nosso país.

Desta forma, sugere-se e espera-se que outras pesquisas na área, similares ao presente estudo, venham a ser realizadas, ampliando e diversificando as amostras e/ou investigando aspectos ou variáveis não consideradas neste trabalho. Por exemplo, futuros pesquisadores poderiam considerar outras amostras nacionais e internacionais, ocidentais e orientais com o intuito de comparar os resultados obtidos, levando-se em consideração o desenho do método utilizado para este estudo, de tal forma a corroborar seus resultados e/ou sugerir interpretações e análises teóricas alternativas.

REFERÊNCIAS[3]

Abbagnano, N. (1970). *Dicionário de filosofia*. São Paulo, SP: Mestre Jou.

Agostinho, Santo. (1999). *Confissões*. São Paulo, SP: Nova Cultural.

Almeida, T. (2008). O percurso do amor romântico e do casamento através das eras. *Psicopedagogia Online*. Recuperado de http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1041

Almeida, T. (2012). O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? *Estudos de Psicologia* (*PUCCAMP), 29*, 489-498.

Almeida, T., Del Vecchio, T. C., & Lourenço, M. L. (2015). O desenvolvimento das relações amorosas: do início do século XX até os dias de hoje. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos*: *o antes, o durante... e o depois*. (Vol. 3, pp. 51-90). São Paulo, SP: Polo Books.

Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2011). Ciúme romântico: um breve histórico, perspectivas, concepções correlatas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos. *Revista de Psicologia* (*Fortaleza), 2*, 18-32.

Almeida, T., & Madeira, D. (2014). *Enigmas do amor*. São Paulo, SP: Polo Books.

Almeida, T., & Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Org.), *Ciência do comportamento: conhecer e avançar*. (Vol. 5, pp. 99-105). Santo André, SP: Esetec.

[3] De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

Almeida, T., & Oliveira, H. C. (2007). A importância e a banalização do amor no cotidiano. In 5*o Jornada APOIAR: saúde mental nos ciclos da vida* (pp. 127-142). São Paulo, SP: Vetor/ IP-USP.

Almeida, T., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia (Natal), 13* (1), 83-90.

Almeida, T., & Vanni, G. (2013). *Amor, ciúme e infidelidade: como estas questões afetam sua vida*. São Paulo, SP: Letras do Brasil.

Almeida, T. (2014). O amor sob a ótica fenomenológica-existencial. In *Anais do 1º Congresso Internacional Pessoa e Comunidade: Fenomenologia, Psicologia e Teologia* e 3º Colóquio Internacional de Humanidades e Humanização da Saúde (pp. 762-778). São Paulo, SP: IPUSP.

Aloni, M., & Bernieri, F. J. (2004). Is love blind? The effects of experience and infatuation on the perception of love. *Journal of Nonverbal Behavior, 28*(4), 287-295.

Amaral, J. F. (s.d.). *O casamento na idade média: a concepção de matrimônio no livro da intenção (c. 1283) e nos exemplos do livro das maravilhas (1288-1289) do filósofo Ramon Llull.* Recuperado de http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/O_Casamento_na_Idade_Media.pdf

Antelme, R. S., & Rossin, S. (1999). *Sacred sexuality in ancient Egypt: the erotic secret of forbidden papyru*. Rochester, VT: Inner Traditions International.

Araújo, E. (2000). *O escrito para eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília, DF: UNB.

Araújo, L. M. (1995). *Estudos sobre erotismo no antigo Egipto*. Lisboa, Portugal: Colibri.

Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão, 22*(2), 70-77.

Arendt, H. (1978). *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.

Ariès, P. (1986). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.

Ariès, P. (1987). O amor no casamento. In P. Ariès & A. Béjin (Orgs), *Sexualidades ocidentais* (pp.153-162). São Paulo, SP: Brasiliense.

Aron, A., Fisher, H., Mashek, D. J., Strong, G., Li, H., & Brown, L. L. (2005). Reward, motivation, and emotion systems associated with early-stage intense romantic love. *Journal of Neurophysiology, 94*, 327-337.

Assoun, P. L. (1978). *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.

Azevedo, T. (1986). *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática.

Bassanezi, C. (2006). Mulheres dos anos dourados. In: M. Del Priore (Org.), *Histórias de mulheres no Brasil* (pp. 607-639). São Paulo: Contexto.

Batista, C. G. (2005). Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*(1), 7-15.

Batten, M. (1995). *Estratégias sexuais: como as fêmeas escolhem seus parceiros*. (R. Mendes, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos.

Bauman, Z. (2009). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Baumeister, R. F., Catanese, K. R., & Vohs, K. D. (2001). Is there a gender difference in strength of sex drive? Theoretical views, conceptual distinctions, and a review of relevant evidence. *Personality and Social Psychology Review, 5*, 242-273. doi: 10.1207/S15327957PSPR0503_5

Beck, J. G., Bozman, A. W., & Qualtrough, T. (1991). The experience of sexual desire: psychological correlates in a college sample. *Journal of Sex Research, 28*(3), 443-456.

Berks, J. (2009). *Crazy in love: concepts of morbid love in western medicine from 1951 to the present*. Albany, Nova Zelandia: Massey University.

Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P.R. (1992). *Cross-cultural psychology: research and applications*. Cambridge (UK): Cambridge University Press.

Bittencourt, R. N. (2012). Do amor socrático ao amor líquido. *Revista Húmus, 6*, 41-55.

Bittencourt, R. N. (2013). As contingências do amor e a dissolução da alteridade amorosa no capitalismo afetivo. *Cadernos Zygmunt Bauman*, *3*(6), 2-40.

Bittencourt, R. N. (2014). O amor coisificado pela sociedade de consumo e suas implicações nas relações humanas. *Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias, 1*(1), 65-81.

Blanc, C. (2010). *Uma breve história do sexo*. São Paulo, SP: Gaia.

Bloch, R. H. (1995). *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.

Bloom, A. (1993). *Amor e amizade*. São Paulo, SP: Mandarim.

Bonnassie, P. (1985). *Dicionário de história medieval.* Lisboa, Portugal: Dom Quixote.

Borsa, J. C. (2013). O papel da amizade ao longo do ciclo vital. *Psico-USF*, *18*(1), 161-162. doi: https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000100017

Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London, UK: Tavistock.

Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas para a teoria do apego*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Bradbury, T. N., & Karney, B. R. (2010). *Intimate relationships*. New York, NY: W. W. Norton.

Braz, A. L. N. (2006). Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. *Psicologia para América Latina*, *5*, Recuperado de http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2006000100006&lng=pt&nrm=iso

Brown, P. (1990). *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Bruner, J. S., Goodnow, J. J., & Austin, G. A. (1967). *A study of thinking.* New York, NY: Wiley.

Buss, D. (1988). Love acts: the evolutionary biology of love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 100-118). New Haven, CT: Yale University Press.

Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mating preferences: evolutionary hypothesis tested in 37cultures. *Behavioral and Brain Sciences, 12*, 1-49.

Buss, D. M. (2000). *A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. (M. Campelo, trad., 3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Buss, D. M. (2003). *The evolution of desire: strategies of human mating*. New York, NY: Basic Books.

Buss, D. M., & Schmitt, D. R. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review, 100*, 204-232.

Byrne, D., London, O., & Reeves, K. (1968). The effects of physical attractiveness, sex, and attitude similarity on interpersonal attraction. *Journal of Personality, 36*, 259-271.

Gelman, S. A., & Coley, J. D. (2008). Language and categorization: the acquisition of natural kind terms. In S.A. Gelman & J. P. Byrnes. (Orgs.), *Perspectives on language and thought: interrelations in development* (pp.146-196). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Bystronski, B. (1992). *A liberação dos costumes e suas conseqüências sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais.* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre.

Bystronski, B. (1995). Teorias e processos psicossociais da intimidade interpessoal. In A. Rodrigues (Org.), *Psicologia social para principiantes: estudo da interação humana.* (pp. 59-90). Petrópolis, RJ: Vozes.

Cabecinhas, R. (2002). Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. In As Ciências da Comunicação na Viragem do Século. *1o Actas do Congresso de Ciências da Comunicação.* (pp. 407-418). Lisboa, Portugal: Veja.

Cabral, C. P. (2011). *Avaliação de um recurso técnico na aprendizagem de conceitos por crianças cegas: um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Canevaro, A. (2002). Terapia trigeracional para as simbioses do casal. In M. A. Andolfi. *A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional.* (pp. 79-98). Porto Alegre, RS: Artmend.

Carstensen, L. L. (1991). Socioemotional selectivity theory: social activity in life-span context. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics, 11*, 195-217.

Carstensen, L. L., Turan, B., Scheibe, S., Ram, N., Ersner-Hershfield, H., Samanez-Larkin, G. R., … Nesselroade, J. R. (2011). Emotional experience improves with age: evidence based on over 10 years of experience sampling. *Psychology and Aging, 26*(1), 21-33.

Carstensen, L. L., & Turk-Charles, S. (1994). The salience of emotion across the adult life course. *Psychology and Aging, 9*, 259-264.

Carvalho, J., & Nobre, P. (2011a). Predictors of men's sexual desire: the role of psychological, cognitive-emotional, relational, and medical factors. *Journal of Sex Research, 48*, 254-262. doi: 10.1080/00224491003605475

Carvalho, J., & Nobre, P. (2011b). Biopsychosocial determinants of men's sexual desire: testing an integrative model. *Journal of Sexual Medicine, 8*, 754-763.

Carvalho, J. C. P. (1997, aug.). Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. *Interface, 1*(1).

Casey, J. (1992). *A história da família*. (S. Bath, trad.). São Paulo, SP: Ática.

Cazeiro, A. P. M. (2013). *Um estudo sobre o domínio de conceitos básicos por crianças com paralisia cerebral e por crianças pré-escolares em função da forma de avaliação*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Cazeiro, A. P. M, & Lomônaco, J. F. B. (2011). Formação de conceitos por crianças com paralisia cerebral: um estudo exploratório sobre a influência de atividades lúdicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso), 24*, 40-50.

Chapman, G. (1997). *As cinco linguagens do amor*. São Paulo, SP: Artmed.

Chauí, M. (1995). *Espinoza, uma filosofia da liberdade*. São Paulo, SP: Moderna.

Chauí M. (1999). *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinoza.* São Paulo, SP: Cia. das Letras.

Chaves, J. (1994). *Ficar com: um novo código entre os jovens*. Rio de Janeiro, RJ: Revan.

Cimbalo, R. S., & Novell, D. O. (1993). Sex differences in romantic love attitudes among college students. *Psychological Reports, 73,* 15-18.

Cloninger, C. R. (2006). The science of well-being: an integrated approach to mental health and its disorders. *World Psychiatry, 5,*71-76.

Copplestone, T. (1997). *Vida e obra de Hieronymus Bosch*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.

Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico.* (5a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco.

Costa, W. D., & Diez, C. L. F. (2012). A relação eu-outro na educação: abertura à alteridade. In *Anais do 9o ANPEDSUL: Seminário de Pesquisa da Região Sul*. (pp. 1-11). Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul.

Crespo, M. (2012). El amor como motivo ético en la fenomenología de Edmund Hursserl. *Anuario Filosófico, 45*(1), 15-32.

Cronbach, L. J. (1996). *Fundamentos da testagem psicológica.* (5a ed.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Cummings, E. S., & Henry, W. E. (1961). *Growing old: the process of disengagement*. New York, NY: Basic Books.

Damásio, A. (2003). *Looking for Spinoza: joy, sorrow, and the feeling brain*. Orlando, FL: Harvest Books.

De Boni, L. A. (1983). *Obras escolhidas de São Boaventura*. (Edição bilíngue latim/ português). Porto Alegre, RS: Est/ Sulina/Ucs.

Del Priore, M. D. (2006). *História do amor no Brasil*. (2ª ed.). São Paulo: Contexto.

Demeny, P., & McNicoll, G. (Eds.) (2003). *Encyclopaedia of Population*. New York, NY: Macmillan.

Descartes, R. (1983). *As paixões da alma*. São Paulo, SP: Abril Cultural.

DIC Prático Michaelis. (1998). (CD-ROM -Versão 5.1). São Paulo, SP: Melhoramentos.

Dion, K. L., & Dion, K. K. (1988). Romantic love: individual and cultural perspectives In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love*. (pp. 264-289). New Haven, CT: Yale University Press.

Dosch, A., Rochat, L., Ghisletta, P., Favez, N., & Van der Linden, M. (2015). Psychological factors involved in sexual desire, sexual activity and sexual satisfaction: a multi-factorial perspective. *Archives of Sexual Behavior*, *45*(8), 2029-2045 doi: 10.1007/s10508-014-0467-z

Doucet-Bon, L. V. (1975). *Mariage dans les civilisations anciennes*. Paris, France: Albin Michel.

Duarte, R. I. S. (2012). *Do amor e do desamor: variedades de experiências de ruptura e reparação e regulação de necessidades na aliança amorosa de casais* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Duby, G. (1990a). *Idade Média, idade dos homens do amor e outros ensaios*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Duby, G. (1990b). (Org). *História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Duby, G., & Ariès, P. (1990). *História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras.

El-Qhamid, & Toledano, J. (2006). *Erotismo y sexualidad en el antiguo Egipto*. Barcelona, Espanha: Folio.

Evangelista, P. (2010). *Paixão e sentido na clínica fenomenológico-existencial*. Palestra proferida no Espaço Sabina Cultural, Sorocaba, SP, em 20/01/2010. Recuperado de https://www.yumpu.com/pt/document/view/12527837/paixao-e-sentido-na-clinica-fenomenologico-existencial/3

Eysenck, M.W., & Keane, M.T. (1990). *Cognitive psychology: a student's handbook*. London: Laurence Erlbaum Associates.

Ezcurdia, J. (2008). Imanência e amor na filosofia de Espinoza. *Cadernos Espinosanos 19*, 11-19.

Fehr, B. (1988). Prototype analysis of the concept of love and commitment. *Journal of Personality and Social Psychology, 55*(4), 557-579.

Fehr, B. (1993). How do I love thee? Let me consult my prototype. In S. Duck (Ed.), *Understanding relationship processes*: (Vol. I., cap, pp. 87-120). Newbury Park, CA: Sage.

Fehr, B. (1994). Prototype-based assessment of laypeople's views of love. *Personal Relationships, 1*, 309-331.

Fehr, B. (1999). Lay people's conceptions of commitment. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*, 90-106.

Fehr, B. (2001). The status of theory and research on love and commitment. In G. J. O. Fletcher & M. S. Clark (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: interpersonal process* (pp. 331-356). Oxford, UK: Blackwell.

Fehr, B. (2006). A prototype approach to studying love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 225-246). New Haven, CT: Yale University Press.

Fehr, B., & Broughton, R. (2001). Gender and personality differences in conceptions of love: An interpersonal theory analysis. *Personal Relationships, 8*, 115-136.

Fehr, B., & Russell, J. A. (1984, sep.). Concept of emotion viewed from a prototype perspective. *Journal of Experimental Psychology: General, 113*(3), 464-486. Recuperado de http://dx.doi.org/10.1037/0096-3445.113.3.464

Fehr, B., & Russell, J. A. (1991). The concept of love viewed from a prototype perspective. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*(3), 425-438.

Ferreira, A. B. H. (1999). *Século XXI: novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Ferreira-Santos, E. (1998). *Ciúme, o medo da perda*. São Paulo: Editora Ática.

Fischer, C. S., & Shavit, Y. (1995). National differences in network density: Israel and the United States. *Social Networks, 17*, 129–145.

Fisher, H. (1995). *Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*. Rio de Janeiro, RJ: Eureka.

Fisher, H. (2006). *Por que amamos*. Rio de Janeiro, RJ: Record.

Fisher, H., Aron, A., & Brown, L. L. (2005). Romantic love: an fMRI study of a neural mechanism for mate choice. *Journal of Comparative Neurology, 493*, 58-62.

Fromm, E. (2002). *A arte de amar*. Lisboa, Portugal: Pergaminho.

Gandillac, M. (1990). O amor na Idade Média. In A. Novaes (Org.), *O desejo*. (pp. 197-208). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Giddens, A. (1990). *The consequences of modernity*. Cambridge, UK: Polity Press.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: Unesp.

Gilman, R., Huebner, E., Tian, L., Park, N., O'Byrne, J., Schiff, M., & Langknecht, H. (2008). Cross-national adolescent multidimensional life satisfaction reports: Analyzes of mean scores and response style differences. *Journal of Youth and Adolescence, 37*, 142-154.

Gilson, E. (1995). *A filosofia na idade média*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Gleizer, M. A. (2005). *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Granovetter, M. (1983). The strength of weak ties: A network theory revisited. *Sociological Theory, 1,* 201–233.

Graziano, L. A (2005). *Felicidade revisitada: um estudo sobre o bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Greenblatt, S. (2005). *Will in the world: how Shakespeare became Shakespeare*. Londres, Inglaterra: Pimlico.

Grimal, P. (1991). *Amor em Roma*. (H. F. Feist, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Gutman, G. (2009). Amor celeste e amor terrestre: o encontro de Alcibíades e Sócrates em O banquete, de Platão. *Revista Latino-americana de Psicopatologias, 12* (3), 539-552.

Harlow, H. F., & Harlow, M. K. (1965). The affectional systems. In A. M. Schrier, H. F. Harlow & F. Stollnitz (Eds.), *Behaviourof nonhuman primates: modern research trends,* (p. 287-334). NewYork, NY: Academic Press.

Harrison, M. A., & Shortall, J. C. (2011). Women and men in love: Who really feels it and says it first? *The Journal of Social Psychology, 151*(6), 727-736. doi:10.1080/00224545.2010.522626

Hatfield, E., & Rapson, R. L. (2002). Passionate love and sexual desire. Cross-cultural and historical perspectives. In A. Vangelisti, H. T. Reis & M. A. Fitzpatrick (eds.), *Stabillity and changes in relationships*. (pp. 306-324). Cambridge, England: Cambridge University Press.

Havighurst, R. J., & Albrecht, R. (1953). *Older people.* New York, NY: Longmans.

Heer, F. (1976). *The medieval word: Europe 1100-1350.* Nova York, NY: Mentor Book.

Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1992). *Romantic love*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

Hendrick, C., & Hendrick, S. (1997). Love and Satisfaction. In R. Stenberg, M. Hojjat, *Satisfaction in close relationships*. (pp. 56-78). NY: The Guilford Press.

Hendrick, S., & Hendrick, C. (2005). Love. In C.R. Snyder & S. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 472–484). Oxford, UK: University Press.

Hendrick, S., Hendrick, C., Slapion-Foote, M. J., & Foote, F. F. (1985). Gender differences in sexual attitudes. *Journal of Personality and Social, 1*, 177-195.

Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão, 21*(3), 58-69.

Heuzé, P. (Pref.). (1994). In Ovídio. *L'art d'aimer.* (pp. 5-12). Paris, França: Les Belles Lettres.

Highwater, J. (1992). *Mito e sexualidade*. São Paulo, SP: Saraiva.

Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Hove, U.K: Psychology Press.

Hintz, H. C. (2008). Questões afetivas versus questões financeiras na relação conjugal. In R. M. S. Macedo (Org.), *Terapia familiar no Brasil na última década*. (pp. 376-382). São Paulo, SP: Roca.

Hobsbawm, E. (2003). Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras.

Houaiss, A., & Villar, M. S. (2009). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Huffman, K., Vernoy, M., & Vernoy, J. (2003). *Psicologia*. São Paulo, SP: Atlas.

Hunt, M. (1959). *The natural history of love.* New York, NY: Knopf.

Hunt, M. (1963). *História Natural do Amor*. São Paulo: Ibrasa.

Hunt, M. (1974). *Sexual behavior in the 1970's*. New York, NY: Playboy Press.

Hursserl, E. (2012). *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenologia.* Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.

Ingenieros, J. (1968). *O que é o amor***.** (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Gráfica Editora Laemmert.

Introna, L., & Ilharco, F. (2004). The ontological screening of contemporary life: a phenomenological analysis of screens. *European Journal of Information Systems*, *13*(3), 221-234.

Introna, L., Ilharco, F., & Fäy, E. (2008). *Phenomenology, organization and technology*. Lisboa, Portugal: Universidade Católica Editora.

Iyengar, S. (2015). *A arte da escolha*. Belo Horizonte, MG : Unicult.

James, W. (1991). *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo, SP: Cultrix.

Jankowiak, W. R., & Fischer, E. F. (1992). A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*, *31*(2), 149-157.

Janssen, E. (2011). Sexual arousal in men: a review and conceptual analysis. *Hormones & Behavior*, *59*(5), 708-716. doi: 10.1016/j.yhbeh.2011.03.004

Jankowiak, W., Shen, Y., Yao, S., Wang, C., & Volsche, S. (2015). *Investigating love's universal attributes: A research report from China*. Cross-Cultural Research, 49, 4(7), 422–436. doi: 10.1177/1069397115594355

Johnson, R. A. (1987). She: a *chave do entendimento da psicologia feminina.* São Paulo, SP: Mercuryo.

Joppert, R. (1979). *O alicerce cultural da China*. Rio de Janeiro, RJ: Avenir.

Kahn, R. L. & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life course: Attachment, roles, and social support. In Baltes P. B., O. Brim. (Eds.), *Life-span development and behavior* (Vol. 3, pp. 254–283). New York: Academic Press.

Kaminsky, G. (1990). *Spinoza: la política de las pasiones*. Barcelona, Espanha: Gedisa.

Kehl, M. R. (2006). As duas décadas dos anos 70. In A. Risério. Anos 70: das trajetórias (pp. 31-37). São Paulo: Iliminuras

Keil, F. C. (1989). *Concepts, kinds, and cognitive development*. Cambridge, MA: MIT Press.

Kierkegaard, S. (2007). *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco.

Klein, D. F., & Lebowitz, M. (1983). *The chemistry of love*. Boston, MA: Little, Brown & Co.

Kockelmans, J. J., & Kisiel, T. J. (1970). *Phenomenology and the natural sciences* (Northwestern University Studies in Phenomenology and Existential Philosophy). Evaniston, ILL: Northwestern University.

Konder, L. (2007). *Sobre o amor*. São Paulo, SP: Boitempo.

Kreeft, P. (1990). *Summa of the summa:* e*ssential passages of Aquinas*. San Francisco, CA: Ignatius Press.

Lakoff, G. (1987). *Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind.* Chicago, IL: University of Chicago Press.

Lauand, J. (1999). La filosofía de S. Tomás de Aquino y nuestro lenguaje cotidiano. *Mirandum (USP),2* (4), 35-52.

Lázaro, A. (1996). *Amor: do mito ao mercado*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.

Lê Goff, J. (1984). *A civilização do Ocidente medieval* (Vol. 2.). Lisboa, Portugal: Editorial Estampa.

Lê Goff, J. (1995). *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Lee, J. A. (1977). *The colors of love*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.). *The Psychology of love* (pp. 38-67). New Haven, CT: Yale University Press.

Lejarraga, A. L. (2002). *Paixão e ternura, um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará.

Lejarraga, A. L. (2005). Sobre a ternura, noção esquecida. *Interações, 10*(19), 87-102.

Leonel, M. L. N. (1993). Inveja e ciúme: Os vilões desmitificados. *Viver Psicologia, 17*, 35-37.

Levi, G., & Schimitt, J. C. (Org.). (1996). *História dos jovens: da antigüidade à era moderna*. São Paulo, SP: Cia das Letras.

Lévinas, E. (2007). *Ética e infinito*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Levine, S. B. (1988). Intrapsychic and individual aspects of sexual desire. In S. R. Leibrum & R. C. Rosen (Orgs.), *Sexual desire disorders*. (pp 21-44). New York, NY: The Guilford Press.

Lévi-Strauss, C. (1976). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lima, G. A. B. O. (2007). Categorização como um processo cognitivo. *Ciências & Cognição, 11*, 156-167.

Lima, R. D., & Almeida, T. (2013). Relações poliamorosas: quando o amor se multiplica. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois.* (Vol.1, pp. 375-390). São Carlos, SP: Compacta.

Lins, R. N. (2012a). *O livro do amor: da Pré-história à Renascença*. (Vol. 1). Rio de Janeiro, RJ: Best Seller.

Lins, R. N. (2012b). *O livro do amor: do Iluminismo à atualidade.* (Vol. 2). Rio de Janeiro, RJ: Best Seller.

Lloyd, G. (1996). *Spinoza and the ethics*. London, UK: Routledge.

Lomônaco, J. F. B. (1997). *A natureza dos conceitos: visões psicológicas.* (Tese de Livre-docência). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lomônaco, J. F. B. (2002). Concept-set: uma tecnologia educacional para o ensino de conceitos. In M. C. R. A. Joly (Org.), *A tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem*. (pp. 143-162). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Lomônaco, J. F. B., & Campos, K. C. L. (2003). O protótipo do psicólogo organizacional: um estudo exploratório com graduandos de um curso de psicologia. *Boletim de Psicologia, 53*(118), 75-87.

Lomônaco, J. F. B., Caon, C. M., Heuri A. L., Santos, D. M., & Franco, G. T. (1996). Do característico ao definidor: um estudo exploratório sobre o desenvolvimento de conceitos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 12*(1), 51-60.

Lomônaco, J. F. B., Capovilla, A. G. S., Costa, C. E, Albernaz, J. M., Souza, M. A. D., & Aguiar, R. M. (2000). Desenvolvimento de conceitos: o paradigma das descobertas. *Psicologia Escolar e Educacional, 4*(2), 31-39.

Lomônaco, J. F. B., Cazeiro, A. P. M., & Ferreira, A. M. (2006). Concepções de deficiência e reabilitação: um estudo exploratório com graduandos de fisioterapia. *Psicologia Escolar e Educacional, 10*(1), 83-97.

Lomônaco, J. F. B., Nunes, S. S., & Sano, W. T. (2004). Concepções de cegueira de estudantes de um curso de psicologia. *Boletim de Psicologia, 54*(120), 23-46.

Lomônaco, J. F. B., Pardal, C. C., Ulasowicz, C., Quinelato, P. T., Villagran, P. A. B., & Zampieri, T. C. R. C. (2012). Conceito de responsabilidade social e gestores e empregos. *Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso), 32*, 220-233.

Lomônaco, J. F. B., Paula, F. V., Mello, C. B., & Almeida, F. A. (2001). Desenvolvimento de conceitos: o paradigma das transformações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 17*(2), 161-168.

Lystra, K. (1989) *Searching the heart: women, men, and romantic love in nineteenth-century America.* New York, NY: Oxford University Press.

Macedo, J. R. (2002). *A mulher na Idade Média*. São Paulo, SP: Contexto.

MacFarlane, A. (1989). *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

MacFarlane, A. (1990). *História do casamento e do amor: Inglaterra - 1300/1840*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Macherey, P. (1994). *Introduction à l'éthique de Spinoza*. Paris, France: PUF.

Malinowski, B. (1955). *Sex and repression in savage society*. New York, NY: Meridian Books.

Malinowski, B. (1970) *La vie sexuelle des sauvages du nord-ouest de la Mélanésie*. Paris, France: Payot.

Malinowski, B. (1983). *A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das ilhas Trobriand*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.

Manniche, L. (1987). *A vida sexual no antigo Egito*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Marazziti, D., Akiskal, H. S., Rossi, A., & Cassano, G. B. (1999). Alteration of the platelet serotonin transporter in romantic love. *Psychological Medicine, 29*, 741-745.

Marazziti, D., & Canale, D. (2004). Hormonal changes when falling in love. *Psychoneuroendocrinology, 29*, 931-936.

Markman, E. M. (1989). *Categorization and naming in children: Problems of induction*. Cambridge, MA: MIT Press.

Marlowe, F. (2000). Good genes and paternal care in human evolution. *Behavioral and Brain Sciences, 23*, 611-612.

Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York, NY: Harper Row.

Maslow, A. H. (1975). Uma teoria da motivação humana. In Y. Balcão, & L. L. Cordeiro (Orgs.), *O comportamento humano na empresa* (pp. 337-366). Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Maslow, A. H. (1976). *El hombre autorrealizado: hacia una psicología del ser.* (2a ed.). Barcelona, España: Kairós.

Maslow, A. H. (1999). *La personalidad creadora*. Barcelona, España: Kairós.

Mathes, E. W. (1992). *Jealousy: The psychological data*. Lanham, Maryland: University Press of America.

Matos, R. (2009). Fatores de fixação em cidades intermediárias e percepção dos habitantes. In *Anais do 6º Encontro Nacional sobre Migrações*. Belo Horizonte, MG, ABEP

Matos, D. A. S. (2014, set. /dez.). Confiabilidade e concordância entre juízes: aplicações na área educacional. *Estudos em Avaliação Educacional, 25* (59), 298-324.

May, S. (2011). *Love: a history*. London, UK: Yale University Press.

Meana, M. (2010). Elucidating women's (hetero)sexual desire: definitional challenges and content expansion. *Journal of Sex Research, 47*, 104-122. doi: 10.1080/00224490903402546

Melo, J. R. (1992). *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo, SP: Contexto.

Menandro, P. R. M., Rölke, R. K., & Bertollo, M. (2005). Concepções sobre relações amorosas / conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. *Psicologia Clínica, R.J. ,17* (2), 81-100.

Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. Em: *Canadian Journal of Behavioural Science 31*(2): 130-132.

Meneses, P. (2000). Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. *Síntese- de Filosofia, 27* (88), 245-254.

Messas, G. (2014). Psicoterapia e psicopatologia fenomenológica [Resenha do livro Clínica do Lebenswelt de A. Tatossian & V. Moreira]. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea, 3* (1), 157-165.

Money, J. (1986). *Lovemaps.* New York, NY: Irvington Publishers.

Montet, P. (1989). *O Egito no tempo de Ramsés*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Mouton, A. R., & Montijo, M. N. (2017). Love, passion, and peak experience: A qualitative study on six continents. *Journal of Positive Psychology*, *12*(3), 263-280.

Mullen, P. E., & Martin, J. (1994). Jealousy: A community study. *British Journal of Psychiatry, 164,* 35-43.

Munck, V. C., & David B. Kronenfeld, D. B. (2016). Romantic love in the United States: Applying cultural models theory and methods. Open Sage, 1-17.

Murray, S. H. (2014). A qualitative exploration of men's experiences of sexual desire in heterosexual long-term relationships. (Doctor of Philosophy, Ph.D.). University of Guelph, Guelph, CA.

Murray, S. H., & Milhausen, R. R. (2012a). Sexual desire and relationship duration in young men and women. *Journal of Sex & Marital Therapy, 38,* 28-40. doi: 10.1080/0092623X.2011.569637

Murray, S. H., & Milhausen, R. R. (2012b). Factors impacting women's sexual desire: examining long-term relationships in emerging adulthood. *Canadian Journal of Human Sexuality, 21*, 101-115.

Murstein, B. I. (1988). A taxonomy of love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 13-37). New Haven, CT: Yale University Press.

Mysliwiec, K. (2004). *Eros on the Nile*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

Newman, F. X. (1968). *The meaning of courtly love*. Albany, NY: State University of New York Press.

Noblecourt, C. D. (1994). *A mulher no tempo dos faraós*. São Paulo, SP: Papirus.

Nunes, R. (1979). A escolástica. In *História da educação na Idade Média* (pp. 243-286). São Paulo, SP: EDUSP.

Nunes, S. S. (2004). *Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nunes, S. S., & Lomônaco, J. F. B. (2008). Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento. *Psicologia Escolar e Educacional (Impresso), 12*(1), 119-138.

Odent, M. (2000). *A cientificação do amor*. São Paulo, SP: Terceira Margem.

Oliveira, M. B. (1994). Rumo a uma teoria dialética de conceitos. In P. Abrantes (Org.), *Epistemologia e cognição*. (pp. 25-69). Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília.

Oliveira, M. B. (1999). *Da ciência cognitiva à dialética*. São Paulo, SP: Discurso.

Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2005). Resiliência na rua: um estudo de caso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*(2), 187-195.

Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2007). Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia, 17*(36), 9-20.

Paris, G. (1883). Études sur les romans de la table ronde: Lancelot du Lac, II: le conte de la charrette. *Romania, 12*, 459-534.

Parker, H. N. (1992). Love"s cody anatomized: the ancient erotic handbooks and the rhetoric of society. In A. Richlin (Ed.), *Pornography and representation in Greece and Rome* (pp. 90-111). Oxford, UK: Oxford University Press.

Palchykov, V., Kaski, K., Kertesz, J., Barabasi, A.L., & Dunbar, R.I.M. (2012). Sex differences in intimate relationships. Scientific Reports 2, 370-

Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC.

Philippe, M.-D. (1999). *O amor: na visão teológica, filosófica e mística*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.

Pilão, A. C., & Goldenberg, M. (2012). Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Ártemis, 13*, 62-71.

Pilishvili T. S., Koyanongo E. (2016). The representation of love among Brazilians, Russians and Central Africans: A comparative analysis. *Psychology in Russia: State of the Art, 9*(1), 84-97.

Pittman, F. (1994). Mentiras privadas: A infidelidade e a traição na intimidade. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

R Development Core Team (2016). *R: a language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing. Recuperado de URL https://www.R-project.org/.

Ramalho, E. F. (2005) *Par Perfeito: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos*. (Dissertação de Mestrado) - Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, Rio de Janeiro.

Ramboux, C. (1985). *Trois analyses de I 'amour: Catulle, poesies; Ovide, les amours; Apulee, le conte de Psyche.* Paris, France: Les Belles Lettres.

Regan, P., Kocan, E., & Whitlock, T. (1998). Ain't love grand! A prototype analysis of romantic love. *Journal of social and Personal Relationships, 15*, 411-420.

Roazzi, A., Federicci, F. C. B., & Wilson, M. (2001). A estrutura primitiva da representação social do medo. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*(1), 57-72.

Robson, A. J., & Kaplan, H. L. (2003). The evolution of human life expectancy and intelligence in hunter-gatherer economies. *The American Economic Review, 93* (1), 150-169.

Rocha, E. (1994). *O que é etnocentrismo*. (Coleção Primeiros Passos, 11a ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.

Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.

Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2002). *Psicologia social*. Petrópolis: Vozes.

Rogers, C. (1951). *Client-centered therapy: its current practice, implications and theory.* Boston, MA: Houghton Mifflin.

Rougemont, D. (1988). *O amor e o ocidente*. (P. Brandi & E. B. Cachapuz, trads.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.

Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, *16*, 265-273.

Rubin, Z. (1973). *Liking and loving: an invitation to social psychology*. New York, NY: Holt, Rinehart & Winston.

Hill, C. T., Peplau, L. A., & Rubin, Z. (1981). Differing perceptions in dating couples. *Psychology of Women Quarterly, 5*(3), 418-434.

Salazar, A., Couto, V. D., Gonçalves, L., & Pereira, C. A. (1996). Ciúme: uma questão de dosagem. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumo de comunicações científicas*, XXVI Reunião Anual de Psicologia (p. 140). Ribeirão Preto: SBP.

Santos-Iglesias, P., Calvillo, G., & Sierra, J. C. (2013). A further examination of Levine's model of sexual desire. *Psychology & Sexuality, 4*, 34-45.

Sartre, J.-P. (1976). *L'Être et le Néant*. Paris, França: Gallimard.

Sartre, J.-P. (1997). *O ser e o nada*: *ensaio de ontologia fenomenológica*. (P. Perdigão, trad., 5a ed.). Petrópolis. RJ: Vozes.

Scheler, M. (1994). *Da reviravolta dos valores*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Scheler, M. (1996). *Ordo amoris.* Madrid, Espanha: Caparrós.

Seligman, M. (1998). Building human strength: psychology's forgotten mission. *APA Monitor, 29*(1), 1.

Seligman, M. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive terapy. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 3-9). New York, NY: Oxford University Press.

Seligman, M. (2009). *Felicidade autêntica: usando a psicologia positiva para a realização permanente.* Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *American Psycholist, 55(*1), 5-14.

Shakespeare, W. (1998). *Romeu e Julieta.* Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.

Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: the integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 264-292). New York, NY: Yale University.

Shaver, P. R., Wu, S., & Schwartz, J. C. (1991). Cross-cultural similarities and differences in emotion and its representation: a prototype approach. *Review of Personality and Social Psychology, 13*, 175-212.

Schoepflin, M. (2004). *O amor segundo os filósofos*. Bauru, SP: Edusc.

Sierra, J. C., Perla, F., & Santos-Iglesias, P. (2011). Culpabilidad sexual en jóvenes: influencia de las actitudes y la experiencia sexual. *Revista Latinoamericana de Psicología, 43,* 73-81.

Sierra, J. C., Vallejo-Medina, P., Santos-Iglesias, P., Moyano, N., Granados, M. R., & Sánchez-Fuentes, M. M. (2014). Funcionamiento sexual en personas mayores: influencia de la edad y de factores psicosexuales. [Sexual functioning in older people: Influence of age and psychosexual variables]. *Revista Internacional de Andrologia, 12,* 64-70.

Silva, D. Z., & Pereira, C. A. A. (2005). O papel da consistência ideal: percepção no bem-estar subjetivo em relacionamentos íntimos. *Psico, 36*(2), 181-188.

Silva, J. G. (2012). Espaço das representações sexuais e eróticas no Egito Antigo. *Revista Espacialidades, 5*(4). Recuperado de: http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v5n4/Josiane.pdf

Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. (R. C. Costa, trad.). São Paulo, SP: Artmed.

Soares, G. B. (1997). *Refúgio no mundo sem coração*: *um estudo sobre o amor na obra de Rousseau*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Medicina Social, UERJ. Rio de Janeiro.

Soares, J. (2010). *A fenomenologia do amor no filme: de repente Califórnia*. Recuperado de http://casofilosofico.blogspot.com.br/2010/12/fenomenologia-do-amor-no-filme-de.html

Sousa, L. M., Batista, R. D. C., & Taumaturgo, E. R. (2010). *Eu-Tu: uma fenomenologia do amor*. Recuperado de https://psicologado.com/abordagens/humanismo/eu-tu-uma-fenomenologia-do-amor

Souza, E. L. L. (2012). Espinosa, Deleuze e Guattari: o desejo como metamorfose. *Alegrar, 1*, 1-15.

Souza, E. L. L. (2013). Spinoza e o sentido. *Revista Conatus, 7*, 19-29.

Souza, L. K., & Duarte, M. G. (2013). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 29*(4), 429-436. doi: https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722013000400009

Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2007). Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *Psico (PUCRS), 38*, 125-132.

Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo, 13*(2), 257-265. doi: https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200008

Souza, L. K., & Hutz, C. S. (Org.). (2012). *Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Spinoza, B. (1954). *Oeuvres complètes*. Paris, France: Pléiade.

Sprecher, S. & Metts, S. (1989). Development of the 'Romantic Beliefs Scale' and examination of the effects of gender and gender-role orientation. *Joumal of Social and Personal Relationships, 6*, 387 411.

Sprecher, S., & Toro-Morn, M. (2002). A study of men and women from different sides of Earth to determine if men are from mars and women are from venus in their beliefs about love and romantic relationships. *Sex Roles, 46*, 131-147.

Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review, 93*, 119-135.

Sternberg, R. J. (1988). Triangulating Love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love.* (pp. 119 - 138). New Haven, CT: Yale University Press.

Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Psychology, 27*, 313-335.

Susin, L. C., Fabri, M., Pivatto, P. S., & Souza, R. T. (Orgs.). (2003). *Éticas em diálogo: Lévinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.

Tomás de Aquino, São. (2003). *Suma Teológica*. (Vols, 1-5). São Paulo, SP: Loyola.

Tannahill, R. (1983). *O sexo na história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Torrel, J.-P. (2004). *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. São Paulo, SP: Loyola.

Trauncker, C. (1995). *Os deuses do Egito*. Brasília, DF: UNB.

Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (ed.), *Sexual selection and the descent of man, 1871-1971*. (pp 52-95). Chicago, IL: Aldine.

Tyldesley, J. (1995). *Daughters of Isis: women of Ancient Egypt*. New York, NY: Penguin Books.

Vainfas, R. (1986). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo, SP: Ática.

Valiente, S., Varona, L., & Orozco, I. (2011). Morir de amor. *Norte de salud mental, 9*, (41), 27-30.

Varella, D. (2014). *Longevidade irresponsável*. Recuperado de http://drauziovarella.com.br/envelhecimento/longevidade-irresponsavel/

Vincent, L. (2005). *Por que nos apaixonamos: como a ciência explica os mistérios do amor*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.

Warde, A., & Tampubolon, G. (2008), "Social capital, networks and leisure consumption*". The Sociological Review, 50* (2), 155-180.

Watson, W. (1969). *China antiga*. Lisboa, Portugal: Verbo.

Weitzman, G., Davidson, J., & Phillips, R.A. (2010). *What psychology professionals should know about polyamory*. New York, NY: National Coalition for Sexual Freedom Inc.

Weaver, S., & Ganong, L. (2004). The factor structure of the Romantic Beliefs Scale for African. Americans and European Americans. *Journal of Social and Personal Relationships,21*, 171-185.

Westermarck, E. (1934). *Histoire du marriage: la promiscuité primitive: la valeur de la virginité.* Paris, France: Mercvre de France.

White, G. L., & Mullen, P. E. (1989). *Jealousy: Theory, research, and clinical strategies.* New York: Guilford.

Wright, R. (2006). *O animal moral: porque somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista; a fidelidade está em nosso DNA?* Rio de Janeiro, RJ: Elsevier.

Yalom, M. (2001). *A história da esposa*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Yunes, M. A. M. (2003) Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo, 8*, (n.spe), 75-84.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES[4]

Almeida, T. (2003). *O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

Almeida, T. (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia* (Fortaleza), *22*, 15-2.

Almeida, T. (2007). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Almeida, T. (2013). Os processos de apaixonamento e de enamoramento: curso, evolução e benefícios físicos e psicológicos para o ser humano. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol. 1, pp. 103-116). São Carlos, SP: Compacta.

Almeida, T. (Org.). (2013). *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois.* (Vol. 1). São Carlos, SP: Compacta.

Almeida, T. (Org.) (2014). *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois.* (Vol. 2). São Paulo, SP: PoloBooks.

Almeida, T. (Org.). (2015). *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois.* (V. 3). São Paulo, SP: PoloBooks.

Almeida, T., & Madeira, D. (2011). *A arte da paquera: inspirações à realização afetiva*. São Paulo, SP: Letras do Brasil.

[4] Referências adicionais dos textos citados, mas diretamente não consultadas/utilizadas para a realização desse estudo.

Almeida, T., & Madeira, D. (2013). A paquera em Marte e em Vênus. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol. 1, pp. 33-67). São Carlos, SP: Compacta.

Almeida, T., & Schlösser, A. (2014). Romantic jealousy and love infidelity correlations. *Current Urban Studies, 2*, 212-219.

Andrade, A. L. (2011). *Relacionamentos românticos: modelos de qualidade e satisfação em relacionamentos de casal.* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória.

Andrade, A. L., & Cassepp-Borges, V. (2013). Considerações teóricas e práticas sobre a qualidade em relacionamentos amorosos. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, F. K. Miguel, L. F. Carvalho & J. M. H. Bueno (Orgs.), *Atualização em avaliação e tratamento das emoções*. (pp. 113-124). São Paulo, SP: Vetor.

Andrade, A. L., & Garcia, A. (2009). Attitudes and beliefs about love: brazilian version of The Love Styles Scale. *Interpersona: an International Journal on Personal Relationships, 3*, 89-100.

Andrade, A. L., & Garcia, A. (2012). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos - Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica (Impresso), 25*, 634-643.

Andrade, A. L., & Garcia, A. (2014). Escala de crenças sobre amor romântico: indicadores de validade e precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 14*, 63-71.

Andrade, A. L., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Predictors of global satisfaction in romantic relationships. *Revista de Psicologia: Teoria e Prática, 11*, 143-156.

Andrade, A. L., Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da escala triangular do amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R). *Psico-USF (Impresso), 18*, 501-510.

Andrade, A. L., & Silva, P. O. M. (2013). Configuration and affective consequences of investing in romantic relationships. *Psicologia e Saber Social, 2*, 217-228.

Andrade, A. L., & Wachelke, J. R. (2011). The association of structural configurations of romantic relationships with beliefs about couple relationships: a social representations study. *Anales de Psicología, 27*, 834-842.

Andrade, A. L., Wachelke, J. R., Andreani, M., Gomes, M. A., Accorsi, M., Scatamburlo, N., & Cruz, R. (2006). Perceived determinants of success and failure in romantic relationships (resumo expandido). In Garcia, A. (Org.), *Relacionamento interpessoal: estudos e pesquisas*. (pp. 120-122). Vitória, ES: UFES.

Assumpção Junior, F. B., & Almeida, T. (Orgs.) (2008). *Sexualidade, cinema e deficiência*. São Paulo, SP: Livraria Médica Paulista.

Barsalou, L. W. (1987). The instability of graded structure: implications for the nature of concepts. In U. Neisser (Ed.), *Concepts and conceptual development: ecological and intellectual factors in categorization* (pp. 101-140). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Boaventura de Bagnoregio, São. (1985). Itinerário da mente para Deus. In São Boaventura de Bagnoregio. *Obras Escolhidas*. (L. A. de Boni, J. Jerkovic, Frei S. Schneidertrads., pp. 205-219). Caxias do Sul, RS: Sulina.

Brandti, J. A., & Silva, A. A. (2010). A conversação no contexto das relações assimétricas no trabalho organizado. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho (USP), 13*, 43-58.

Bruner, J. S., Goodnow, J. J., & Austin, G. A. (1967). *A study of thinking.* New York, NY: Wiley.

Cassep-Borges, V. (2006). *Escala triangular do amor de Sternberg no Brasil: tradução, validação de conteúdo e propriedades psicométricas.* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

Cassep-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília.

Cassepp-Borges, V., & Andrade, A. L. (2013). Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa. *Estudos de Psicologia (UFRN), 18*, 631-638.

Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2011). Características psicométricas da relationship assessment scale. *Psico-USF, 16*, 255-264.

Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012a). Estudo nacional dos atributos psicométricos da escala triangular do amor de Sternberg. *Paidéia, 22*, 21-31.

Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012b). Sternberg´s triangular love scales national study of psychometric attributes. *Paidéia, 22*, 21-31.

Cassep-Borges, V., & Pasquali, L. (2013). Amor: múltiplas perspectivas. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, F. K. Miguel, L. F. Carvalho, & J. M. H. Bueno (Orgs.), *Atualização em avaliação e tratamento das emoções*. (pp. 71-93). São Paulo, SP: Vetor.

Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2014). A redução de itens como uma alternativa para a escala triangular do amor. *Psicologia, 28*, 11-20.

Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2009). Versión reducida de la escala triangular del amor: características del sentimiento en Brasil. *Interamerican Journal of Psychology, 43*, 30-38.

Castilho, J. M., & Lomônaco, J. F. B. (1990, jan.). Comparação da eficácia de três procedimentos instrucionais no ensino de um conceito de física. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *42* (3), 19-37.

Cavalcanti, L. S. (2005). Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. *Cad. Cedes*, Campinas, *25*(66), 185-207.

Cheng S. T., & Chan, A. C. M. (2006). Relationship with others and life satisfaction in later life: do gender and widowhood make a difference? *Journals of Gerontology: Psychological Sciences, 61B* (1), 46-53.

Collins, A. M. & Quillian, M.R. (1969). Retrieval time from semantic memory. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 8, 240-247.

Conover, W. J. (1980). *Practical nonparametric statistics*. (2a ed.). New York, NY: John Wiley & Sons.

Cruz, R. M., Wachelke, J. R., & Andrade, A. L. (Orgs.). (2012). *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos.* São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Fernandes, F. A. D., Borges, J. A., Miranda, S. L., Dias, A. C. A., Rodrigues, A. G., & Silva, A. A. (2007). Adote um idoso: uma proposta de intervenções breves fundamentadas no princípio da escuta ativa e da empatia. In *Seminário de iniciação científica: destaques 2006*. (p. 211-226). Belo Horizonte, MG: PUC Minas.

Fernandes, F. A. D., Borges, J. A., Rodrigues, A. G., & Silva, A. A. (2009a). Adoção afetiva: um elo de ligação entre idosos asilados e a sociedade. In A. L. F. Dias, A. C. P. M. Passareli, F. L. Melo & M. A. S. Morais (Orgs.), *Ciência do comportamento: conhecer e avançar*. (pp. 184-193). Santo André, SP: Esetec.

Fernandes, F. A. D., Borges, J. A., Rodrigues, A. G., & Silva, A. A. (2009b). Adote afetivamente um idoso: uma proposta de intervenções breve fundamentadas nos princípios do ouvir ativo e da empatia. In W. Lobato, C. V. S. Sabino & J. F. Abreu (Orgs.), *Destaques 2007: Seminário de Iniciação Científica*. (pp. 453-481). Belo Horizonte, MG: PUC Minas.

Finger, I. (2008). A abordagem conexionista de aquisição da linguagem. In R. M. Quadros, I. Finger (Ed.), *Teorias de aquisição da linguagem*. (pp.147-168). Santa Catarina: Ed. UFSC.

Flavell, J. H. (1976). O desenvolvimento de conceitos. In P. H. Mussen (Org.), *Carmichael: psicologia da criança*. (M. H. S. Patto, trad., pp. 1-130). São Paulo, SP: EPU/ EDUSP.

Gardner, H. (1995). *A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva*. São Paulo: Edusp.

Gelman, S. A., & Coley, J. D. (2008). Language and categorization: the acquisition of natural kind terms. In S.A. Gelman & J. P. Byrnes. (Orgs.), *Perspectives on language and thought: interrelations in development* (pp.146-196). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Goklanky, I. M. (2007). *The improving state of the world*: why we're living longer, healthier, more comfortable lives on a cleaner planet. Washington, D. C.: Cato Institute.

Graham, M., Milanowski, A., & Miller, J. (2012). *Measuring and promoting inter-rater agreement of teacher and principal performance ratings*. Washington, DC: Center for Educator Compensation Reform.

Heidegger, M. (2007). *Nietzsche*. (Vol.1). Rio de Janeiro, RJ: Forense.

Heider, E. R. (Rosch). (1971). “Focal” Color. Areas and the Development of Color Names. *Developmental Psychology, 4*, 447-455.

Heider, E. R. (Rosch). (1972 a). Probabilities, sampling, and ethnographic method: The case of Dani colour names. *Man, 7* (3), 448-466.

Heider, E. R. (Rosch). (1972 b). *Universals in color naming and memory. Journal of Experimental Psychology, 93*, 10-20.

Hursserl, E. (1973). *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Texte aus dem Nachlass*. (Sulla fenomenologia dell'intersoggettività. Testi dal lascito). Zweier Teil: 1921-1928. Den Haag, Netherlands: Nijhoff.

Kaplan, H. Hill, K. Lancaster, J., & Hurtado, A. M. (2000). A theory of human life history evolution: diet, intelligence and longevity. *Evolutionary Anthropology, 9* (4), 156-185. doi:10.1002/1520-6505(2000)9:4<156::AID-EVAN5>3.0.CO;2-7.

Kelly, G. (1955). *The psychology of personal constructs*. New York, NY: Norton.

Klausmeier, H. J. (1992). Concept learning and concept teaching. *Educational Psychologist, 27*(3), 267-286.

Komatsu, L. (1992). Recent views of conceptual structure. *Psychological Bulletin, 112*, 500-526.

Lin, E. L., & Murphy, G. L. (1997). Effects of background knowledge on object categorization and part detection. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance, 23*(4), 1153-1169.

Luijpen, W. (1973). *Introdução à fenomenologia existencial*. São Paulo, SP: Edusp.

Martins, P. O., Andrade, A. L., & Cassepp-Borges, V. (2013). Interconexões entre amor, satisfação e qualidade nas relações românticas. In A. Garcia, J. H. Wilson & F. N. Pereira (Orgs.), *Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos*. (pp. 7-20), Vitória, ES: UFES.

Matos, D. A. S. (2015, set. /dez.). Confiabilidade e concordância entre juízes: aplicações na área educacional. *Estudos em Avaliação Educacional, 25*(59), 298-324.

Maturana, H. (1998). *Da biologia à psicologia*. (J. Acuña, trad., 3a ed). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Maturana, H. R., & Varela, F. J. (2001). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.* (H. Mariotti e L. Diskin, trads.). São Paulo, SP: Pala Athenas.

May, R. (1973). *Eros e repressão: amor e vontade*. (A. Weissemberg, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Medin, D. L. (1989). Concepts and conceptual structure. *American Psychologist*, *44*(12), 1.469-1.481.

Medin, D. L., & Ross, B. H. (1996). *Cognitive psychology*. Forth Worth: Harcourt Brace College Publishers.

Medin, D. L., & Shoben, E. J. (1988). Context and structure in conceptual combination. *Cognitive Psychology, 20*, 158-190.

Montagú, A. (1969). *Que és el hombre*. Buenos Aires, AR: Paidós.

Montagú, A (1981). *El sentido del tato a comunicación humana a través de la piel*. Madri, España: Aguilar.

Morin. E. (1979). *O enigma do homem, para uma nova antropologia*. (F. C. Ferro, trad., 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Murphy, G. L. & Medin, D. L. (1985). The role of theories in conceptual coherence. *Psychological Review, 92*(3), 289-316.

Poersch, J. M. P. (2005). A new paradigm for learning language: connectionist artificial intelligence. *Linguagem & Ensino, 8*(1), 161-83.

Pozo, J. I. (1998). *Teorias Cognitivas da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Rodrigues, A. G., Miranda, S. L., & Silva, A. A. (2006). Habilidade de ouvir ativamente: descrição dos comportamentos envolvidos. In *Iniciação Científica: Destaques 2005.* (pp. 345-358). Belo Horizonte, MG: PUC Minas.

Rodrigues, A. G., & Silva, A. A. (2011). O comportamento empático do psicólogo: ajuda ou atrapalha o sucesso terapêutico? *Polêmica, 10*, 406-415.

Rosch, E. (1973). Natural categories. *Cognitive Psychology, 4*, 328-350.

Rosch, E. (1975). Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General, 104*, 192-233.

Rosch, E., Mervis, C. B., Gray, W. D., Johnson, D. M., & Boyes-Braem, P. (1976). Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology, 8*, 382-452.

Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. Reprinted in: Margolis, E. and Laurence, S. (Eds.) (1999). Concepts: Core readings. Cambridge, MA: MIT Press.

Rosch, E., Mervis, C. B. et al. (1976). Basic objects in natural categories. Cognitive Psychology, 8, 382-439.

Silva, A. A. (1982). *Julgamento de pessoas desconhecidas*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Silva, A. A. (1987). *Julgamento de expressões faciais de emoções*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Silva, A. A. (1990). Expressões faciais de emoções: um modelo para categorizar os estudos realizados nesta área. In *Etologia: de homens e animais*. (pp. 189-198). São Paulo, SP: Edicon.

Silva, A. A. (1998a). *Expressões faciais de emoções. Psicologia e odontologia: uma abordagem integrada*. (pp. 145-155). São Paulo, SP: Santos.

Silva, A. A. (1998b). Timidez para iniciar um relacionamento amoroso. *Psicologia Argumento, 16*(23), 85-102.

Silva, A. A. (1998c). Therapie cognitive de l'inhibition amoureuse. *Le Journal des Psychologues*, 36-39.

Silva, A. A. (2001). *O mapa do amor*. São Paulo, SP: Gente.

Silva, A. A. (2002). Pequenos motivos, grandes romances. In N. Garcia (Org.), *Da sedução ao casamento.* (pp. 13-14). São Paulo, SP: Caras.

Silva, A. A. (2006). O conteúdo da vida amorosa de estudantes universitários. *Interação em psicologia, 10*, 301-312.

Silva, A. A. (2009). *Relacionamento amoroso*. São Paulo, SP: Publifolha.

Silva, A. A., & Martinez, M. (2005). *Para viver um grande amor*. São Paulo, SP: Gente.

Silva, A. A., Chiapetti, N., Serbena, C. A., & Hasse, M. (2002). *Fantasias sexuais em acadêmicos de pós-graduação.* Recuperado de https://www.yumpu.com/pt/document/view/12863377/fantasias-sexuais-em-academicos-de-pos-graduacao-utp

Silva, A. A., Mayor, A. S., Martinez, M., Almeida, T., & Oliveira, L. M. (2005). Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever. *Interação em Psicologia, 9*(2), 297-311.

Silva, A. A., Paula, S. A., & Xavier, A. G. (2003). Estilos de amor X Estilos de apego: uma relação possível? *Revista da Universidade Vale do Verde, UNICOR, 6*(1), 20-26.

Silva, P. O. M., Andrade, A. L., & Cassepp-Borges, V. (2013). Interconexões entre amor, satisfação e qualidade nas relações românticas. In A. Garcia, J. E. Pereira & F. Nogueira (Orgs.), *Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos*. (pp. 7-20). Vitória, ES: UFES.

Smith, E. E., & Medin, D. L. (1981). *Categories and concepts*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Spitzer, D. (1975). What is concept. *Educational Technology, 15*, 36-39.

Tajfel, H. C. (1981). *Human groups and social categories*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Thorndike, E. L. (1911). *Animal intelligence*. New York, NY: Macmillan.

Vasconcellos, L. R., Silva, A. A., & Magna, L. (1998). Simulação de flerte e amizade: uma análise perceptivo-auditiva de emissões vocais. In M. Behlau (Org.), *Laringologia e voz hoje*. (p. 253-254). Rio de Janeiro, RJ: Revinter.

Wachelke, J. F. R., & Andrade, A. L. (2012a). O universo das medidas psicológicas na avaliação de relacionamentos amorosos. In R. M. Cruz, J. F. R. Wachelke & A. L. Andrade. *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. (cap. 2). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Wachelke, J. F. R., & Andrade, A. L. (2012b). Satisfação no relacionamento amoroso e bem-estar psicológico. In R. M. Cruz, J. F. R. Wachelke & A. L. Andrade. *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos.* (cap. 5, pp. 79-98). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., & Cruz, R. M. (2006). Factorial relationship satisfaction scale: validation process and prediction of global relationship satisfaction (Resumo expandido). In A. Garcia (Org.), *Relacionamento interpessoal: estudos e pesquisas*. (pp. 117-119). Vitória, ES: UFES.

Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Natividade, J. C., & Cruz, R. M. (2012). Satisfação no contexto dos relacionamentos amorosos. In J. R. Wachelke & A. L. Andrade. *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. (cap. 4). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da escala fatorial de satisfação em relacionamentos e predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF, 12,* 221-225.

Wachelke, J. F. R., Faggiani. R. B., Andrade, A. L., Natividade, J. C., & Cruz, R. M. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF, 9,* 11-18.

Warde, A., & Tampubolon, G. (2008), "*Social capital, networks and leisure consumption". The Sociological Review, 50* (2), 155-180.

Xavier, A. G., & Silva, A. A. (2006). O ouvir ativo: uma habilidade social esquecida. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Orgs.), *Ciência do comportamento: conhecer e avançar*. (pp. 66-77). Santo André, SP: Esetec.

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) emitido pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP)

GERIR PESQUISA

Para cadastrar um novo projeto, clique aqui: Nova Submissão Para cadastrar projetos aprovados anteriores à Plataforma Brasil, clique aqui: Projeto anterior

BUSCAR PROJETO DE PESQUISA:

Título do Projeto de Pesquisa:

CAAE:

Pesquisador Responsável:

Última Modificação:

Tipo de Projeto

Selecione

Palavra-chave:

« SITUAÇÃO DA PESQUISA

- [x] Marcar Todas
- [x] Aprovado
- [x] Em Apreciação Ética
- [x] Em Edição
- [x] Em Recepção e Validação Documental
- [x] Não Aprovado - Não Cabe Recurso
- [x] Não Aprovado na CONEP
- [x] Não Aprovado no CEP
- [x] Pendência Documental Emitida pela CONEP
- [x] Pendência Documental Emitida pelo CEP
- [x] Pendência Emitida pela CONEP
- [x] Pendência Emitida pelo CEP
- [x] Recurso Submetido ao CEP
- [x] Recurso Submetido à CONEP
- [x] Recurso não Aprovado no CEP
- [x] Retirado
- [x] Retirado pelo Centro Coordenador

Buscar Projeto de Pesquisa | Limpar

LISTA DE PROJETOS DE PESQUISA:

Tipo	CAAE	Versão	Pesquisador Responsável	Comitê de Ética	Instituição	Origem	Última Apreciação	Situação	Ação
P	40702813.8.0000.5561	1	Thiago de Almeida	5561 - USP- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo	UNIVERSIDADE DE SAO PAULO	PO	PO	Aprovado	

Anexo 2 – Carta de apresentação dirigida aos pais e responsáveis dos alunos participantes da coleta (rede pública e privada)

São Paulo, 20 de abril de 2016

Senhores pais e responsáveis,

Meu nome é Thiago de Almeida, psicólogo regularmente matriculado no curso de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade de São Paulo, pelo Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, orientado pelo Prof. Dr. José Fernando Bittencourt Lomônaco, do mesmo Departamento do IPUSP. O motivo da minha procura é que eu necessito desenvolver um projeto de pesquisa como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor. Neste sentido, gostaria que fosse considerada a possibilidade e a sua permissão para que o (a) seu (sua) filho possa participar do desenvolvimento deste estudo que estou conduzindo na unidade escolar, em que o (a) seu (sua) filho (a) está regularmente matriculado (a).

Gostaria de apresentar brevemente o meu projeto para os senhores. Eu venho desenvolvendo a minha tese de doutorado sobre a noção de amor entre adolescentes, universitários e adultos. Nesse sentido, necessito avaliar como esses três grupos de pessoas conceituam ou concebem o fenômeno amoroso. O meu projeto de pesquisa foi aprovado pela Comissão de Ética do IPUSP e já estou em condições de passar à parte prática do trabalho, que consiste em uma única aplicação coletiva de um simples e rápido instrumento de pesquisa por meio do qual os participantes serão solicitados a associar a palavra AMOR, num curto intervalo de 90 segundos, a palavras e/ou frases que lhe ocorram durante este lapso de tempo.

Há de se ressaltar que, desde que haja a sua autorização, por escrito e a concordância de seu (sua) filho (a), assentindo por escrito, em participar dessa pesquisa, haverá essa coleta de dados contando com as respostas que ele (a) poderiam me fornecer. Os alunos participantes dessa pesquisa serão informados de que os dados coletados serão considerados de forma grupal, garantindo-se o anonimato, assim como a opção por responder ou não ao instrumento em apreço, sem quaisquer prejuízos. Saliento, também, que as datas e horários, pertinentes à intervenção, serão previamente combinadas, de forma a não acarretar quaisquer problemas à rotina da escola e/ou aprendizado dos alunos participantes.

Como pesquisador responsável por este estudo, tendo a experiência de ter desenvolvidos outros estudos com adolescentes e adultos, como poderão conferir acessando meu web site: www.thiagodealmeida.com.br e estou certo de que tais procedimentos não violam quaisquer preceitos éticos na pesquisa, uma vez que os alunos participantes serão informados do objetivo do estudo e terão total liberdade de optarem por sua participação. Além disso, seu anonimato será garantido e os dados serão sempre analisados de forma global, nunca particularizados.

Informo que os dados obtidos serão utilizados com finalidade exclusivamente científica, ficando resguardadas a identidade escolar e dos alunos participantes, condicionando esta liberação à cessão de um exemplar do trabalho, a ser doado para a biblioteca da unidade escolar na qual o (a) seu (sua) filho (a) está matriculado (a), uma vez concluído este estudo.

Coloco-me à disposição para maiores informações necessárias e agradeço a atenção dispensada a minha solicitação. Qualquer que seja a vossa resposta ao meu pedido será acolhida com gratidão. Em caso de permitirem que o (a) seu (sua) filho (a) participe desse projeto de pesquisa, pedirei a gentileza de assinar o Termo de Consentimento Livre esclarecido (TCLE) que contém informações complementares ao que foi aqui exposto, pois passarei amanhã recolhendo esses termos assinados e aplicando a pesquisa nos alunos. Deixarei os meus contatos para que o (a) senhor (a) possa me encaminhar para sanar quaisquer eventuais dúvidas. Meu celular é [redacted]. Meu *e*-mail é XXXXXXXX. Para qualquer outra informação, o

(a) senhor (a) poderá confirmar a aprovação deste projeto através do acesso à Plataforma Brasil (site: http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf) e a inserção do protocolo CAAE 40702813.8.0000.5561 ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (E-mail: ceph.ip@usp.br Telefone: 11- 3091-4182.

Cordialmente,

(Psicólogo: CRP 06/75185).

Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento do participante da pesquisa (maior de 18 anos).

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento do participante da pesquisa (maior de 18 anos).

Esta pesquisa consta de uma única conversa com cada participante, de forma coletiva. O estudo tem por objetivo, reunir algumas informações sobre o que os participantes pensam a respeito do conceito 'amor'. Esta pesquisa também irá futuramente relacionar os dados dos testes com a literatura que estuda este tema. É necessário também dizer, que esta pesquisa foi planejada de maneira que ocorra o mínimo de riscos aos participantes da mesma, para que elas não sejam agredidas de quaisquer formas e dessa maneira, não ocorra nenhuma possibilidade de riscos e/ou danos físicos, psíquicos, morais, intelectuais, sociais, culturais ou espirituais e também para que as pessoas aqui pesquisadas. É garantido, por meio desta pesquisa: (1) que não serão identificados os participantes e suas famílias de origem; (2) o sigilo das informações coletadas; (3) a privacidade para realizar a coleta; (4) o acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados a esta pesquisa para eliminar quaisquer dúvidas que possam vir a surgir. Mesmo assim, fica garantido a todos os que quiserem participar desta pesquisa, abandonar e/ou desistir do projeto, tão logo se sintam, de alguma forma, constrangidos e ou prejudicados, sob quaisquer aspectos, em sua integridade e/ou dignidade. Fica também esclarecido, que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), será informado de todos os efeitos contrários ou fatos importantes que mudem o curso normal da pesquisa.

Desde já agradeço pela colaboração e tempo dispensados.

(Psicólogo: CRP 06/75185).

Algumas considerações iniciais

- Esta coleta de dados terá a duração aproximada de 90 (noventa) segundos.
- Serão escolhidas para participarem da pesquisa somente as pessoas que atenderem todos os critérios de recrutamento bem como os de exclusão da mesma.
- As pessoas com o perfil esperado pela pesquisa e seus responsáveis legais que consentirem em participar dela deverão assinar este documento que sinaliza que ambas consentem com sua participação.
- Os participantes selecionados, bem como seus responsáveis legais, deverão responder todos os instrumentos da entrevista de forma escrita ou verbalmente, que será gravada.

- Não há respostas certas ou erradas. Dessa forma, você pode ser o mais sincero possível ao responder questões que lhe serão destinadas.
- As informações aqui obtidas destinam-se apenas para fins acadêmicos e científicos, e serão mantidas no mais absoluto sigilo, ou seja, são de caráter estritamente confidencial. Portanto, os participantes estarão livres para responderem de acordo com as suas próprias opiniões, pois estará preservada sua identidade, bem como o conteúdo de suas respostas.
- Deixa-se claro que nenhuma das perguntas tem caráter constrangedor ou de alguma forma ofensivo. Mesmo assim, **você estará livre para abandonar o experimento a qualquer momento, sem necessidade de justificativa.**
- Ao término da análise das informações, os participantes e seus responsáveis terão o direito de saber, se acaso isto lhes interessar, o resultado final da pesquisa. Para tal, disponibilizo meu e-mail: XXXXXXXX e também meu celular: [redacted] e o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (11) 3097-0529 situado à Av. Professor Mello Moraes, 1721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SPE-mail: ceph.ip@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182.
- Uma das vias devidamente assinadas pelo pesquisador responsável pela condução desta pesquisa e pelos participantes e responsáveis legais ficará em poder do próprio autor da pesquisa e outra será entregue para os participantes ou seus responsáveis legais.

Novamente agradeço sua colaboração e coloco-me a sua disposição para sanar quaisquer dúvidas.

Eu, _____ declaro concordar voluntariamente com a realização desta pesquisa, neste estabelecimento de ensino nos termos acima assinalados.

_____, _____ de 2016.

_____

Assinatura do (a) responsável pelo participante da pesquisa

Anexo 4 - Termo de Assentimento do participante da pesquisa (maior de 18 anos)

Termo de Assentimento do participante da pesquisa (menor de 18 anos).

Esta pesquisa consta de uma única conversa com cada participante, de forma coletiva. O estudo tem por objetivo, reunir algumas informações sobre o que os participantes pensam a respeito do conceito 'amor'. Esta pesquisa também irá futuramente relacionar os dados dos testes com a literatura que estuda este tema. É necessário também dizer, que esta pesquisa foi planejada de maneira que ocorra o mínimo de riscos aos participantes da mesma, para que elas não sejam agredidas de quaisquer formas e dessa maneira, não ocorra nenhuma possibilidade de riscos e/ou danos físicos, psíquicos, morais, intelectuais, sociais, culturais ou espirituais e também para que as pessoas aqui pesquisadas. É garantido, por meio desta pesquisa: (1) que não serão identificados os participantes e suas famílias de origem; (2) o sigilo das informações coletadas; (3) a privacidade para realizar a coleta; (4) o acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados a esta pesquisa para eliminar quaisquer dúvidas que possam vir a surgir. Mesmo assim, fica garantido a todos os que quiserem participar desta pesquisa, abandonar e/ou desistir do projeto, tão logo se sintam, de alguma forma, constrangidos e ou prejudicados, sob quaisquer aspectos, em sua integridade e/ou dignidade. Fica também esclarecido, que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), será informado de todos os efeitos contrários ou fatos importantes que mudem o curso normal da pesquisa.

Desde já agradeço pela colaboração e tempo dispensados.

(Psicólogo: CRP 06/75185).

Algumas considerações iniciais

- Esta coleta de dados terá a duração aproximada de 90 (noventa) segundos.
- Serão escolhidas para participarem da pesquisa somente as pessoas que atenderem todos os critérios de recrutamento bem como os de exclusão da mesma.
- As pessoas com o perfil esperado pela pesquisa e seus responsáveis legais que consentirem em participar dela deverão assinar este documento que sinaliza que ambas consentem com sua participação.
- Os participantes selecionados, bem como seus responsáveis legais, deverão responder todos os instrumentos da entrevista de forma escrita ou verbalmente, que será gravada.
- Não há respostas certas ou erradas. Dessa forma, você pode ser o mais sincero possível ao responder questões que lhe serão destinadas.

- As informações aqui obtidas destinam-se apenas para fins acadêmicos e científicos, e serão mantidas no mais absoluto sigilo, ou seja, são de caráter estritamente confidencial. Portanto, os participantes estarão livres para responderem de acordo com as suas próprias opiniões, pois estará preservada sua identidade, bem como o conteúdo de suas respostas.
- Deixa-se claro que nenhuma das perguntas tem caráter constrangedor ou de alguma forma ofensivo. Mesmo assim, **você estará livre para abandonar o experimento a qualquer momento, sem necessidade de justificativa.**
- Ao término da análise das informações, os participantes e seus responsáveis terão o direito de saber, se acaso isto lhes interessar, o resultado final da pesquisa. Para tal, disponibilizo meu e-mail: [redacted] e também meu celular: [redacted] e o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (11) 3097-0529 situado à Av. Professor Mello Moraes, 1721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SPE-mail: ceph.ip@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182.
- Uma das vias devidamente assinadas pelo pesquisador responsável pela condução desta pesquisa e pelos participantes e responsáveis legais ficará em poder do próprio autor da pesquisa e outra será entregue para os participantes ou seus responsáveis legais.

Novamente agradeço sua colaboração e coloco-me a sua disposição para sanar quaisquer dúvidas.

Eu, _____ declaro concordar voluntariamente com a realização desta pesquisa, neste estabelecimento de ensino nos termos acima assinalados.

_____, _____ de 2016.

_____

Assinatura do (a) participante da pesquisa

_____

Assinatura do (a) responsável pelo participante da pesquisa

Anexo 5 – Instrumento de pesquisa para a coleta de dados

Identificação: _____ Sexo: M ( ) F ( )

Idade: _____

Grau de escolaridade: ( ) 1º Grau incompleto ( ) 1º Grau completo ( ) 2º Grau incompleto ( ) 2º Grau completo ( ) 3º Grau incompleto ( ) 3º Grau completo ( ) Pós Graduação (mestrado ou doutorado)

Estamos interessados em conhecer as ideias comumente atribuídas ao termo amor. Assim sendo, venho solicitar sua colaboração neste trabalho de pesquisa.

Na parte superior da página seguinte, você encontrará a palavra amor. O que lhe pedimos é muito simples: leia o termo e, a seguir, no período de um minuto e meio, escreva no espaço em branco todas as características que lhe vierem à mente diante desse estímulo. A sua primeira impressão é muito importante, portanto, você não deve se preocupar em saber se suas respostas são adequadas ou não. O que nos interessa são suas evocações ou associações diante do estímulo apresentado.

Muito obrigado por sua colaboração.

Thiago de Almeida

AMOR